



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

RICARDO BELINI MUFFATO DE SOUZA

**PEDAGOGIA DO CRIME: narrativas de jovens oprimidos
pela criminalidade**

São João del-Rei/MG

Fevereiro - 2020

RICARDO BELINI MUFFATO DE SOUZA

**PEDAGOGIA DO CRIME: narrativas de jovens oprimidos
pela criminalidade**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção ao título
de Mestre em Educação pela Universidade
Federal de São João del-Rei.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Bruna Sola da Silva
Ramos

São João del-Rei/MG

Fevereiro - 2020

RICARDO BELINI MUFFATO DE SOUZA

**PEDAGOGIA DO CRIME: narrativas de jovens oprimidos
pela criminalidade**

Banca examinadora:

Prof.^a. Dra. Bruna Sola da Silva Ramos – Orientadora
Universidade Federal de São João Del-Rei - MG

Prof.^a. Dra. Luciana Ferreira Barcellos – Titular
Universidade Federal de São João Del-Rei - MG

Prof. Dr. Atualpa Luiz de Oliveira – Titular
Universidade Federal de São João Del-Rei - MG

São João del-Rei/MG

Fevereiro - 2020

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S729p Souza, Ricardo Belini Muffato de.
Pedagogia do Crime : Narrativas de jovens
oprimidos pela criminalidade / Ricardo Belini
Muffato de Souza ; orientadora Bruna Sola da Silva
Ramos. -- São João del-Rei, 2020.
233 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Processos Socioeducativos e Práticas Escolares) --
Universidade Federal de São João del-Rei, 2020.

1. Pedagogia do Crime. 2. Juventude. 3.
Criminalidade. 4. História Oral. I. Ramos, Bruna Sola
da Silva, orient. II. Título.

A todos que buscam um mundo mais humano, justo e igualitário.

Aos que se inquietam com as mais variadas realidades de opressão e violência e acreditam que podemos ser agentes de transformação social.

Aos que creem ser possível traçar um novo caminho e minimizar a dor, o sofrimento e a desigualdade.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e ao seu filho unigênito, meus guias espirituais, que me deram saúde, força e capacidade cognitiva para imergir neste trabalho e alcançar o objetivo proposto, mesmo diante de várias adversidades pessoais e profissionais que surgiram no caminho.

Aos meus pais, Belini (in memorian) e Maria Ângela (professora primária), verdadeiros exemplos de vida e de educadores em família. Registro aqui meu orgulho eterno e gratidão por eu ter sido fruto de um amor tão lindo, puro e verdadeiro.

Aos meus amados filhos, Maria Eduarda e Pedro Henrique, o meu perdão pelos momentos de ausência em razão do trabalho e Mestrado. Creio que um dia entenderão que este sacrifício traz em si, unicamente, um propósito de bem.

À minha família, em especial às minhas irmãs Ângela e Fernanda, meus agradecimentos por sermos tão unidos nos propósitos do bem.

A todos os Professores e amigos do curso na UFSJ, que durante esses anos de convívio acadêmico compartilharam seus conhecimentos e experiências em prol da Educação. Externo minha gratidão também aos amigos do grupo de estudo (GECDIP) e a todos servidores que são parte desse belíssimo processo escolar.

Ao meu amigo de infância, Prof. Atualpa do IF Sudeste, mentor embrionário da ideia de trabalharmos a pedagogia do crime, propondo uma pesquisa que relacionasse educação e segurança pública.

À Profa. Eliete Santiago e Profa. Luciana, partes desta história, meu carinho e profunda admiração.

À minha orientadora, Prof^a. Bruna Sola, a quem carinhosamente venho a chamar de “Mestre”, por ter acreditado e lapidado todo o trabalho, sempre com muita paixão, serenidade e sabedoria. O magistério bate forte em seu coração e transcende em forma de amor puro pelos seus olhos a cada encontro com seus alunos. Meu muito obrigado por me apresentar à Paulo Freire, meu significativo registro último, principal referencial desta pesquisa sobre juventude e criminalidade, sempre com seus ensinamentos que transpassam da educação escolar para a educação de vida.

RESUMO

O presente trabalho estuda o fenômeno denominado “pedagogia do crime”, um movimento de aliciamento e cooptação de jovens em situação de vulnerabilidade, através de atos de enganação e falsa generosidade, para inseri-los em organizações criminosas, tornando-os mão de obra do crime organizado para o cometimento de delitos, em especial o tráfico de drogas, roubos e homicídios. Essa pesquisa, desenvolvida na região do Campos das Vertentes, traça o perfil do jovem que se envolve com as práticas criminosas tomando como referência as seguintes dimensões juvenis: família, escola, territorialidade, grupos de sociabilidade, lugar social ocupado, territorialidade e trabalho. E esse perfil é bem categórico ao mostrar que a pedagogia do crime está falando do sujeito jovem do sexo masculino, pobre da periferia, oriundo de uma família desestruturada e que abandonou a escola no ensino fundamental ao se envolver com grupos criminosos. A análise dessas dimensões, assim como outras falas que narram a vida desses jovens, emerge da história oral de vida desses sujeitos denominados colaboradores, que oferecem suas narrativas à ciência na busca do entendimento desse movimento que se sustenta em atos de opressão, violência e profunda desumanização. Nesse sentido, para melhor compreensão desse fenômeno social, tem-se como referencial teórico Paulo Freire, que está presente em toda a pesquisa dialogando a Pedagogia do Oprimido com as narrativas orais e as percepções do pesquisador, através de um processo de denúncias, anúncios e propostas de um inédito viável.

Palavras-chave: Juventude. Criminalidade. História oral. Pedagogia do crime

ABSTRACT

The present work studies the phenomenon called “crime pedagogy”, a movement to attract and co-opt young people in a vulnerable situation, through acts of deceit and false generosity, to insert them in criminal organizations, making them labor of the organized crime for the commission of crimes, especially drug trafficking, theft and homicide. This research, carried out in the Campos das Vertentes region, traces the profile of young people who engage in criminal practices taking as reference the following youth dimensions: family, school, territoriality, sociability groups, occupied social place, territoriality and work. And this profile is quite categorical in showing that the pedagogy of crime is talking about the young male subject, poor from the periphery, from an unstructured family and who dropped out of elementary school when he became involved with criminal groups. The analysis of these dimensions, as well as other statements that narrate the lives of these young people, emerges from the oral life history of these subjects called collaborators, who offer their narratives to science in search of understanding this movement that is sustained in acts of oppression, violence and profound dehumanization. In this sense, for a better understanding of this social phenomenon, Paulo Freire has as his theoretical reference, which is present throughout the research dialoguing the Pedagogy of the Oppressed with the oral narratives and the researcher's perceptions, through a process of complaints, announcements and proposals of an unprecedented viable.

Keywords: Youth. Crime. Oral history. Pedagogy of crime.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Brasil: número de homicídios de jovens por UF (2006 a 2016)	61
Tabela 2 – Brasil: proporção de óbitos causados por homicídios em 2016	63
Tabela 3 – Brasil: quantidade de homicídios tentados e consumados em São João del-Rei	65
Tabela 4 – Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por sexo	66
Tabela 5 – Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por sexo	66
Tabela 6 – Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por faixa etária .	66
Tabela 7 – Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por faixa etária ..	66
Tabela 8 – Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por escolaridade	67
Tabela 9 – Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por escolaridade	67
Tabela 10 – Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por cor da pele	68
Tabela 11 – Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por cor da pele	68
Tabela 12 – Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por sexo	68
Tabela 13 – Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por faixa etária	68
Tabela 14 – Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por escolaridade	69
Tabela 15 – Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por cor da pele	69

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Brasil: número e taxa de homicídios (2006 a 2016)	58
Gráfico 2 – Brasil: taxa de homicídios de jovens homens por UF.....	62
Gráfico 3 – São João del-Rei: homicídios na faixa etária de 15-29 anos	65
Figura 1 – Taxa de homicídios segundo a ONU (2000 a 2012)	58

SUMÁRIO

As narrativas primeiras	12
1. O comofazer	21
1.1 A história oral na pesquisa e nesta pesquisa	24
1.2 A história oral de vida	29
1.2.1 A história oral temática	33
1.3 A escolha dos colaboradores.....	34
1.4 As fontes orais e escritas	34
2. Juventude e o envolvimento com a criminalidade	40
2.1. A juventude e suas múltiplas significações	41
2.2 As juventudes no Brasil: contextualizando a história da década de 50 até o período contemporâneo	48
2.2.1 A dimensão juvenil na atualidade	53
2.3 Os índices da “juventude perdida”	58
3. A Pedagogia do crime	74
3.1 A pedagogia do oprimido em Freire e suas relações com a pesquisa	76
3.2 As dimensões juvenis nos primeiros laços de interação social	83
3.2.1 A desestrutura familiar.....	83
3.2.2 A escola	95
3.3 As dimensões juvenis na socialização intermediária	101
3.4 Morreu pela honra do crime - morreu por causa de vinte reais	110
3.4.1 Ô Cabo. O senhor já passou fome?	112
3.4.2 Os maior manda e os menor faz	118
3.4.3 Fui lá na intenção de matar algum deles, não tinha alguém específico	126
3.4.4 Brigas que acontecem no morro e causa morte é tudo por causa de menina, bebida e droga	132
3.4.5 Tentativa de homicídio contra mim foi umas cinco	136
3.5 As pedagogia da esperança na pedagogia do crime	141
3.5.1 Os sonhos	141
3.5.2 A força da mulher que é mãe e pai	142
3.5.3 Dormi bandido e acordei crente	144
3.5.4 Os anúncios no inédito viável	146
4. As histórias se fecham	150
Referências	154
Apêndices	159

AS NARRATIVAS PRIMEIRAS

A pesquisa em desenvolvimento coloca em evidência a história oral de vida de jovens infratores imersos no ambiente criminal no município de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas numa perspectiva de entender o fenômeno criminalidade, violência e mortalidade juvenil pela voz do próprio sujeito ativo deste trabalho. Em perspectiva dialógica, relacionamos essas narrativas com algumas importantes reflexões anunciadas por Paulo Freire acerca dessa temática. As histórias, apesar de individuais, nos trazem características comuns que denotam a vivência desses sujeitos em ambientes tomados por marcações como a exclusão, violência, o terror, a opressão e a desumanização. Falamos ainda de jovens com identidades bem definidas em termos de classe social, poder econômico, território e capital cultural.

Este envolvimento precoce com o crime acaba destruindo milhares de vidas juvenis e conduzem outros milhares de indivíduos a fazerem parte do que chamamos de *juventude perdida*. De acordo com a oralidade dos próprios sujeitos deste trabalho, é sabido que esta relação com o ambiente criminal leva a caminhos bem definidos como a cadeia ou a própria morte. Estes jovens estão cientes, mas longe de estarem conscientes. Assim, não há como deixar de se indignar e buscar respostas aos *porquês*, tentando identificar razões para os questionamentos que nos intrigam. Por que tantas mortes? O envolvimento desses jovens com o crime é uma opção ou um ato de opressão?

Em que pese não se tratar ainda do objetivo principal dessa pesquisa, estas e muitas outras indagações pretendemos trazer a esta proposta dialógica em que a oralidade de jovens infratores nos permite aprofundar na compreensão do diagnóstico causa-efeito deste fenômeno juventude e criminalidade. Consoante a esta proposta, os ensinamentos freireanos nos permitirá enxergar um pouco além do que essas vozes, marcadas pela doutrinação bancária de reprodução e alienação, possam nos transmitir.

Neste diálogo, é preciso marcarmos os sujeitos que contribuirão com a construção desta pesquisa, sendo relevante iniciarmos pelo idealizador deste trabalho, o sujeito pesquisador. Vamos conhecer ainda os primeiros passos, as concepções iniciais, e o território onde ela está sendo desenvolvida.

A minha história é de um acadêmico policial militar, nascido e criado em um dos bairros/territórios investigados em São João del-Rei, cuja história poderia, com grande probabilidade, estar sendo a do sujeito investigado (colaborador). A maioria

dos sujeitos desta pesquisa tem hoje a idade que eu tinha há vinte anos atrás, tendo percebido nesse lapso temporal de lá pra cá, muitas vidas se perderem para a morte, muitos outros presos e alguns incapacitados fisicamente, seja por consequência de violência armada, seja por sequelas de drogas.

A minha mãe, professora primária; meu pai, comerciante. Estudei sempre em escolas públicas, me formei, e fui para a Engenharia onde não me encontrei. Fui para o Exército Brasileiro na busca da estabilidade do serviço público e cinco anos depois deixei a Força para servir à Polícia Militar de Minas Gerais - PMMG, de onde hoje eu falo. Nesse caminho me graduei em Direito e atuo como professor nas formações internas à PMMG, oportunidade que me aproximei da Educação durante a pós-graduação em Didática e Trabalho Docente.

A cidade escolhida é a que eu nasci, passei minha juventude, e hoje resido com minha família. Trata-se de um município com aproximadamente 100.000 habitantes e que apresenta um contexto histórico de tráfico de drogas que vem desde a década de 1960 e 1970, principalmente neste bairro onde eu cresci. Pessoas de outras cidades buscavam droga aqui e o comércio foi gerando lucros. A disputa por espaços de venda de drogas se potencializou a partir dos anos 2000, coincidentemente no mesmo período em que o auge de homicídios assolou a cidade, com motivações causadas principalmente pelo tráfico e disputas entre grupos de bairros que acabaram se rivalizando ainda mais a cada novo homicídio.

O meu ingresso na Polícia Militar aconteceu em 2005, um dos *anos auge* desta guerra juvenil, em que dezenas de homicídios consumados foram realizados e outras dezenas de tentativas aconteceram também. Os relatos de policiais à época narram diversas ocorrências com tiros, chegando a três homicídios distintos numa noite em que, muitas vezes, se dispunha apenas de uma ou duas equipes de serviço. A criação do 38º Batalhão da Polícia Militar neste mesmo ano trouxe aportes consideráveis em termos de recursos humanos e logística.

A violência sempre foi destoante quando comparamos São João del-Rei e as demais cidades vizinhas do mesmo porte e que pertencem a mesma mesorregião como Lavras, Barbacena e Conselheiro Lafaiete. Mesmo essas cidades apresentando maior número de habitantes, os índices de homicídios em São João sempre foram maiores, sendo este fator considerado pelas autoridades locais, como o maior problema de segurança pública deste município.

À Polícia Militar, instituição que hoje represento, cabe a missão constitucional máxima de preservação da ordem pública através da atividade de polícia ostensiva. Reza o art. 144 da Constituição Federal (BRASIL, 1988) que “às polícias militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública”. Em semelhante sintonia, a Constituição Estadual de Minas Gerais, em seu Art. 142 inciso I, descreve com maior propriedade as funções da PM e expressa de forma literal a função preventiva da polícia.

Art. 142 – A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros Militar, forças públicas estaduais, são órgãos permanentes, organizados com base na hierarquia e na disciplina militares e comandados, preferencialmente, por oficial da ativa do último posto, competindo:

I – à Polícia Militar, a **polícia ostensiva de prevenção criminal**, de segurança, de trânsito urbano e rodoviário, de florestas e de mananciais e as atividades relacionadas com a preservação e restauração da ordem pública, além da garantia do exercício do poder de polícia dos órgãos e entidades públicos, especialmente das áreas fazendária, sanitária, de proteção ambiental, de uso e ocupação do solo e de patrimônio cultural; (MINAS GERAIS, 1989).

É com esse viés da polícia de prevenção que almejo, após aprofundar o conhecimento da narrativa desses jovens imersos no crime, entender o que se passa no âmbito criminal a partir da visão do próprio jovem envolvido neste meio. Quais caminhos levam esses jovens ao envolvimento com os grupos criminosos? Saber o que cativa e alicia esses jovens talvez nos forneça subsídios e elementos suficientes para conseguir propor soluções que minimizem a desgraça dessas mortes e o sofrimento dessas pessoas.

Hoje possuo a função de comando da polícia militar neste município e demonstro minha insatisfação em ver semelhantes do meu território nesta situação. Indignado com esta fatídica realidade da juventude perdida, me vejo em condições de tentar transformar esta realidade, como educador e chefe de polícia; do local para o global. Trata-se, portanto, da pesquisa como ato político e responsivo, onde as implicações acadêmicas apresentam um chamamento social muito forte e procuram transformar uma realidade que nos indigna.

Nesta perspectiva preventiva, iniciei em 2018 um projeto voltado à minimização de conflitos interpessoais entre jovens de bairros rivais, sendo que nessa perspectiva conseguimos, através de uma prévia investigação, levantar ameaças contra a vida e impedir que elas realmente acontecessem. Estes jovens

foram convocados ao quartel e neste encontro provemos os diálogos entre estes grupos rivais, na sala de aula da Polícia Militar, com tópicos relacionados à humanização, responsabilidade social, tomada de decisão e controle da impulsividade. São demonstrações dialógicas como essas que nos permitem enxergar, mesmo prematuramente, que educação e segurança devem caminhar juntas em prol da vida e da dignidade humana.

Neste encontro foi realizada uma entrevista em particular com cada jovem sobre a situação conflituosa e suas causas. Identificado o problema, quase sempre algo de simples resolução, o encontro acontece entre os grupos e dialogamos sobre as maneiras de se superar as lides, o valor humano do indivíduo e a importância de se pensar criticamente antes de agir irresponsavelmente influenciado pelo grupo. Esta iniciativa não me seria tão clara se eu não tivesse encontrado e me identificado com os ensinamentos freireanos de humanização, altruísmo e amorosidade no espaço acadêmico. São pequenos gestos de mediação de conflitos que fazem estes jovens cegos pela patologia do crime enxergarem uma solução dialógica para os problemas enfrentados.

No papel principal desta pesquisa temos os jovens envolvidos e aliciados pelo ambiente criminal. São aqueles das classes desprivilegiadas, que residem em locais mais carentes e marcados pela precariedade do espaço, pelo desfavorecimento econômico e severa vulnerabilidade social. Estes sujeitos nos emprestam suas histórias de maneira altamente receptiva quando apresentamos a esses colaboradores que um dos intuitos da pesquisa seria identificar os porquês desse problema para tentar minimizar a desgraça e ajudar com que outros jovens não rumem no mesmo caminho do infortúnio.

Estes jovens foram escolhidos por figurarem continuamente em ocorrências policiais e terem praticado delitos de alta comoção social e emprego de violência como o homicídio, roubo à mão-armada e tráfico ilícito de substâncias entorpecentes. São aqueles também intitulados como membros de grupos criminosos que possuem desafeto com outros por litígios pessoais ou provocados pelo próprio tráfico. Para melhor conhecermos estes sujeitos, usamos as suas próprias narrativas orais marcadas pelos seus comportamentos delituosos que nos ajudam a entender os bastidores do crime, como as atividades são organizadas, as tarefas distribuídas, de que forma acontece a preparação dos neófitos, tudo isso que

aqui denominamos como **pedagogia do crime**, na qual ousamos dizer que é uma derivada específica da pedagogia do oprimido.

São histórias que derivam da opressão para o delito, da exclusão para o crime, da desumanização para a brutalidade da morte. São histórias marcadas pela degradação social, pelas condições precárias, indignas, pela vulnerabilidade sociocultural, pela realidade desumanizante em que vivem e pela violência num contexto amplo. São narrativas de jovens que nasceram e cresceram em comunidades estigmatizadas pela pobreza e que o tráfico e a violência fazem parte de suas vidas o tempo todo. Outras indagações surgem e nos inquietam: Como não servir ao crime se o sujeito cresceu dentro dele?

Soma-se a isto o modelo social do capital em que o *ter* sobrepuja o *ser* e o valor humano passa a ser mensurado pelo seu poder de consumo; onde a concepção de vida juvenil é definida por signos materiais e quem tem posse consegue pertencer a esta categoria social. Mas e quem não tem acesso? A violência da sociedade voltada para o consumo aliada à extrema desigualdade social nos mostra a dureza dessa realidade em que a vida dos jovens se apresenta de forma descartável.

Nesta imersão oral à vida juvenil é que se pretende alcançar ***o principal objetivo desta pesquisa que consiste em identificar, através das narrativas orais, como acontece o fenômeno ao qual denominamos de pedagogia do crime***, que vai desde o aliciamento primeiro para o crime, perpassa por diversos delitos até culminar no envolvimento pleno com a atividade, caracterizando um sujeito extremamente violento, desumano e opressor.

A pedagogia do crime que aqui falamos não se propõe a tratativa de uma simples técnica bancária de reprodução de atos infracionais e alienação, mas a concepção maior de um movimento de recrutar, de ensinar e aprender pelo convívio, pela enganação da falsa generosidade coberta por uma ideologia opressora de que o futuro daquele jovem está neste ambiente criminal, uma vez que a vida lhe proporcionou apenas este caminho.

Objetiva ainda, dentre estas narrativas orais, evidenciar as temáticas denominadas de dimensões juvenis, a fim de situar cada um dos sujeitos deste trabalho nas relações que os influenciam diretamente no modo de ser jovem na atualidade em que vivemos. Assim como Paulo Freire trabalhou os temas geradores no processo de alfabetização, indo ao encontro as realidades locais, as temáticas

das dimensões juvenis são relevantes para entender essas influências nos ambientes que estes jovens estão inseridos. Trata-se de uma aproximação da história oral temática dessa pesquisa aos temas geradores de Freire, por considerarmos o tema como elemento fundamental.

Desta feita, tratamos de maneira evidenciada a dimensão da escola na vida destes jovens por considerarmos que a progressão no educandário faz uma diferença muito grande no grau de vitimização desses sujeitos. Isto posto, esta deferência à escola é válida uma vez que segundo ensinamentos esculpidos por Moretti (2005) em sua pesquisa,

[...] um aumento de um ano em média nos anos de escolaridade reduz o homicídio e agressão em quase 30%, roubo de veículos em 20%, incêndio intencional (vandalismo) em 13% e roubo/furto em 6%. Este resultado final é surpreendente e não é facilmente explicado por modestos modelos econômicos sobre padrão de crime. (MORETTI, 2004, p. 160)

Como se pode evidenciar, a evasão escolar é um dos quesitos que aumenta significativamente a questão da vulnerabilidade juvenil. Os jovens que abandonam o ambiente escolar ou são alijados desse ambiente apresentam maiores chances de enveredar para o crime e de ser morto em razão disto. A escola é apenas uma das dimensões juvenis com as quais trabalhamos para tentar compreender a grandiosidade do conceito de juventude.

Portanto, para alcançarmos os objetivos aqui tratados, essa pesquisa busca a proposta dialógica anteriormente anunciada. Em primeira análise revivemos os conceitos de juventude ou juventudes, em suas várias facetas, modos e dimensões juvenis. Em seguida, as narrativas orais de vida entram em cena evidenciando toda a história desses jovens, com ênfase no envolvimento com a criminalidade e no modo como as atividades se desenvolvem nesse ambiente. Noutra momento, estas considerações e experiências de vida dialogam com a experiência do pesquisador como policial e acadêmico em educação e dialoga com Paulo Freire na riqueza dos seus trabalhos, especialmente com a pedagogia do oprimido.

Os primeiros passos textuais iniciam-se pelo **comofazer**. Esta tratativa foi colocada em prioridade sequencial por entendermos a necessidade de informar preliminarmente *como*, *com quem* e *onde* desenvolveremos a presente pesquisa. Neste momento é que definimos o “*como*” por intermédio da metodologia da história

oral, fonte elementar para este trabalho em sua vertente específica da história oral de vida e também da história oral temática.

Definimos que os sujeitos que aqui relatam suas histórias são os próprios jovens envolvidos diretamente com a criminalidade, identificados por suas reiteradas práticas de crimes considerados violentos ou de alta reprimenda social. O território em análise são os municípios de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas, onde o homicídio e tráfico de drogas são considerados como graves problemas de segurança pública local.

Em seguida apresentamos o capítulo que trata de **juventude e criminalidade**, no qual se apresentam diversas variáveis conceituais para juventude numa abordagem que engloba vários campos da ciência em momentos históricos distintos. Preocupamo-nos ainda em contextualizar a evolução histórica de juventude no Brasil a partir da década de 50 até a contemporaneidade. Nestes percalços, ênfase é prestada à questão das dimensões juvenis, importantes fatores que influenciam o modo de ser jovem atualmente e são os indicadores trabalhados diretamente no diálogo com a história oral temática. Noutro momento deste capítulo escancaramos os dados estatísticos que revelam o estado de caos que vive a juventude pobre e excluída do nosso país. São dados alarmantes que remontam a gravidade de um problema que a cada ano majora seus índices impactantemente negativos.

Em seguida apresentamos o capítulo da **pedagogia do crime**, momento em que as vozes dos jovens infratores dialogam com as denúncias e anúncios concebidos por Paulo Freire e são mediadas pela experiência do pesquisador. Neste momento as entrevistas são categorizadas pelas dimensões juvenis e outras características a fim de melhorar a compreensão das relações.

As entrevistas aqui produzidas nos permitem fazer apontamentos interessantes e que permitem identificar na literatura de Pedagogia do Oprimido as suas derivações com a pedagogia do crime. O que se pode adiantar é que as relações prementes entre desumanização, violência e opressão aparecem em ambos contextos em situações de nítida congruência.

Por fim, vale deixar registrado que o desenvolvimento cognoscente deste pesquisador na área do Direito e da segurança pública, por si só, não me deixam à vontade para falar que a responsabilização penal destes jovens infratores são a única saída para manutenção da ordem pública. Em um jargão próprio da atividade

policial, ousou aventar que com esta atitude estaremos combatendo apenas as consequências e não as causas. É como se tivéssemos buscando a solução com os remédios e não com a vacina.

Aí surge a importância da educação nesse processo, não apenas para se fazer ouvir a voz destes jovens, mas também devolver-lhes a visão pela transformação e libertação; para lhes trazer a esperança de que a vida vale a pena ser vivida.

Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só: meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar.

(Clarice Lispector)

1. O COMOFAZER

Esta sessão propõe apresentar os caminhos que estão sendo percorridos nesta pesquisa, ao encontro das memórias e das histórias de jovens envolvidos com a criminalidade no município de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas. A oralidade em questão vem explorar, além da história de vida desses sujeitos, alguns aspectos determinantes como o contexto social em que vivem, as principais dimensões que envolvem a condição juvenil e, de forma especial, como acontece o processo de envolvimento criminal.

Neste íterim, esta trajetória apresenta um foco específico que busca problematizar algumas das principais questões: **Qual é a história de vida desses jovens inseridos no ambiente criminal? Quais relações podemos estabelecer entre juventude e criminalidade? Como os sujeitos se envolvem ou são envolvidos em tais práticas? Como acontecem e se desenvolvem as relações de ensino-aprendizagem no ambiente criminal? Como as dimensões juvenis afetam cada um desses jovens?**

Na busca de elucidações para os questionamentos acima apresentados, vale ressaltar que foi necessária a submissão da presente pesquisa ao Conselho de Ética da Universidade, através da apresentação de um projeto e dados relativos à pesquisa junto à plataforma Brasil. Vide Apêndice F.

Antes dos passos metodológicos propriamente ditos, vale situar que a metodologia se apresenta neste momento para que, desde já, se conheça e se estabeleça os métodos científicos desta pesquisa, baseada essencialmente em uma conjectura dialógica onde a voz do sujeito principal reverbera em todos os demais capítulos. Dialoga com as definições de juventude, dialoga com a experiência profissional do pesquisador, dialoga com os ensinamentos freireanos em sua propositura acerca da pedagogia do oprimido.

Em sequência, oportuno apresentar como surgiu a ideia desta pesquisa e as lapidações que a proposta inicial recebeu até o conteúdo manifesto neste trabalho. Num primeiro momento, o estudo seria sobre as evidências da *pedagogia do crime* observadas a partir do filme *Cidade de Deus*¹, obra baseada em fatos reais e que

¹ O filme retrata o crescimento do crime organizado na Cidade de Deus, uma favela que começou a ser construída nos anos 1960, e se tornou um dos lugares mais perigosos do Rio de Janeiro no começo dos anos 1980. Para contar a trajetória deste lugar, o filme narra a vida de diversos personagens e eventos que vão sendo entrelaçados no decorrer da trama, tudo pelo ponto de vista

traz o cotidiano de jovens envolvidos com a criminalidade na cidade do Rio de Janeiro. O segundo recorte desse trabalho traria uma análise específica do município de São João del-Rei, com a utilização de questionários, análises dos registros criminais destes jovens e entrevistas estruturadas. Para dialogar com toda essa conjuntura, entre juventude e criminalidade, teríamos Paulo Freire com o seu vasto conhecimento capaz de atravessar os campos de educação e alcançar uma amplitude social bem mais complexa.

No entanto, afastou-se a obra *Cidade de Deus* e optou-se por focar os trabalhos desta pesquisa na vivência do real, diretamente com os jovens deste município, com a utilização da pesquisa qualitativa e intermédio do recurso metodológico da *história oral de vida*. Esta iniciativa surgiu a partir da necessidade de se conhecer melhor os sujeitos deste estudo e foram opções consensuais do pesquisador e sua orientadora, com uma proposta que permite refletir profundamente os aspectos da relação jovem-criminalidade na estrutura social da nossa região. Permanece como principal referencial a teoria freireana em diálogo com a história desses jovens.

Sobre o autor desta pesquisa, vale reafirmar que esta dissertação traz a apresentação, a análise e a interpretação sob dois aspectos preponderantes: o de acadêmico em Educação e também o de profissional na área de *segurança pública*². Sobre a consolidação deste momento, Meihy e Holanda (2017, p. 20) nos orientam que “o autor precisa deixar claro ao leitor qual é o lugar de onde fala, porque seu texto é uma construção baseada nos referenciais sociopolítico-profissionais e empíricos de seus diferentes papéis sociais”.

Neste diapasão, a pesquisa qualitativa se apresenta como necessária a esta investigação uma vez que se trata de estudos que interpretam a vida individual e também coletiva, além de avançar para uma análise do contexto social brasileiro. Sob a concepção de estudiosos da metodologia científica, temos que:

[...] na **abordagem qualitativa**, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda - ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social, interpretando-os sob a

do narrador, Buscapé, um menino que cresceu em um ambiente muito violento, porém, encontra chances de não ser fisgado pela vida do crime. (Wikipédia, 2018)

² Atualmente o pesquisador é servidor público e encontra-se como Oficial da Polícia Militar de Minas Gerais, no posto de Capitão PM. É o responsável por coordenar as atividades de policiamento ostensivo na cidade de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas, locais da pesquisa.

perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação. (MINAYO, 2008)

Dentro da pesquisa qualitativa, revelou-se interessante a condução da pesquisa sob a égide da *história oral*, numa possibilidade de se explorar as vozes dos sujeitos e a busca do sentido que eles trazem para suas vidas. Esta ferramenta metodológica se materializa em caráter repleto de subjetividade e encontra-se presente de forma vívida no contexto atual de nossa sociedade. Na concepção de Meihy e Holanda (2017, p. 116), a história oral “é uma prática de apreensão de narrativas destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato”.

Nesse contexto, as abordagens qualitativas da história oral de vida e da história oral temática apresentam-se como um recurso apropriado para a elaboração de estudos interpretativos, os quais são utilizados para estabelecer relações referentes à experiência social de uma pessoa e também de grupos.

Para construção da parte interpretativa e analítica, este estudo se fundamenta na teoria proposta por Paulo Freire. Esta opção considera a amplitude de propostas utilizadas por este autor em suas obras sobre a educação, expandindo suas análises para as relações sociais, políticas, econômicas e históricas vivenciadas em nosso país. O olhar de Freire, como um escritor de referência, que reflete e discute sobre a categoria educação, sem dúvidas enriquece o campo teórico e metodológico das pesquisas qualitativas que têm interesse pelos estudos sobre as questões sociais em evidência no nosso país.

Em complemento à teoria de base proposta, para a contextualização de juventude, este trabalho conta com as principais contribuições de Luís Antônio Groppo, Juarez Dayrell e Marília Potes Sposito, importantes nomes que tratam da relação contemporânea entre jovens e educação em nosso país. Ao longo da pesquisa com os sujeitos jovens, algumas categorias afloram e fica a necessidade de se buscar sustentação teórica para tal, momento em que destacamos o estudo das dimensões juvenis e suas relações afetadas ao comportamento do modo de ser jovem.

Destarte, frisa-se que o objetivo principal deste trabalho é compreender o fenômeno que trata do envolvimento de jovens com a criminalidade, desde sua história inicial de socialização, até o aliciamento e a completa imersão nesse

ambiente. Para tanto, optou-se por conduzir esta pesquisa através da abordagem metodológica da história oral, onde se busca na história do próprio sujeito as respostas das problematizações aqui evidenciadas. No interior desta categoria, nos posicionamos especialmente através da história oral de vida do sujeito, buscando conhecer as histórias apresentadas pelos próprios jovens que vivenciam essa realidade.

Em caráter mais restrito, avança-se também pela técnica da história oral temática, focando especialmente o relacionamento da atividade delituosa com algumas variáveis temáticas específicas denominadas de “dimensões juvenis³” que serão detalhadas no capítulo seguinte.

No tópico a seguir, descreve-se a opção pela história oral como metodologia a ser utilizada nesta pesquisa, percorrendo a história oral de vida e temática por intermédio da realização de entrevistas narrativas.

1.1 A história oral na pesquisa e nesta pesquisa

A história oral surge para o mundo científico no século XIX, sob olhares que demonstravam desconfiança e, até mesmo, certo desprezo. Alberti (2005, p.32) nos assevera que era factível e notório o preconceito advindo por parte das ciências positivistas, as quais durante muito tempo diminuíram estas teorias e as encaravam como *outsiders*⁴. Assim, a história oral era considerada como uma prática desviante, sem rigor científico, uma vez que não havia documentos escritos que pudessem comprovar sua validade. Este estigma foi amenizado apenas na segunda metade do século XX, quando a pesquisa qualitativa começa a receber valorização e reconhecimento na comunidade acadêmica.

Na atualidade, é divergente a opinião de autores, mas a discussão nos mostra a história oral sob três vertentes distintas: como disciplina, como técnica de pesquisa e metodologia, sendo que sob este último enfoque é que se desenvolve o presente trabalho. Assim, dos diversos conceitos de história oral estudados, um dos que melhor encontra sustentação dessa categoria como metodologia é a proposta de Meihy e Holanda, que o definem como:

³ Segundo os autores, o conceito de juventude ou juventudes na atualidade é muito amplo e algumas dimensões precisam ser analisadas para definir de qual tipo de jovem estamos falando. São as dimensões do lugar social ocupado, família, escola, território, sociabilidade, trabalho e tempo.

⁴ É aquele que não se enquadra no seu meio, que vive à margem das convenções sociais e determina seu próprio estilo de vida, através de suas crenças e valores. Alberti (2005, p.32).

[...] um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY & HOLANDA, 2017, p. 15)

Ainda sob a perspectiva de uma conceituação de método, Lang *et al* (1998) entendem o significado da história oral “como uma abordagem metodológica em que há o envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, procurando desvendá-lo a partir dos relatos orais dos sujeitos envolvidos”. Em passagem bem particular, prefiro substituir a terminologia objeto de estudo por sujeito em estudo, ressaltando assim a significância do humano.

O potencial desenvolvimento e aprimoramento da história oral aconteceram com as experiências marcantes registradas na escola de Chicago⁵. No entanto, a sua modernização acontece de fato em 1948, na Universidade de Columbia em Nova York, sendo fundamental para este passo o uso das tecnologias da época, especialmente o rádio e gravador. (MEIHY E HOLANDA, 2017, p. 103)

Sua expansão, ao longo das décadas de 60 e 70, é favorecida por uma postura transformadora e militante, bem ao estilo freireano de pensar conscientemente a libertação. Com essa propositura, “a história oral se afirmava, assim, como instrumento de construção de identidade de grupos e de transformação social – uma história oral militante” (FERREIRA, 1994, p. 4).

Em seu trabalho traduzido em Ferreira (2017), François apresenta uma análise bastante interessante sobre o assunto ao argumentar que o surgimento da história oral é oriundo das lutas de (re) afirmação no campo científico. Na concepção da autora, a história oral se constituiu em conflito à história oficial, dominante e acadêmica, apresentando critérios de inovação pela atenção especial que esse método dá aos dominados, silenciados e excluídos da história, ganhando a denominação de uma “outra história” ou “*história vista de baixo*”.

⁵ Esse nome é dado a um grupo de professores e pesquisadores da Universidade de Chicago, que surgiu nos Estados Unidos nos anos 20 e durante algumas décadas do início de século XX, trazendo uma série de contribuições à sociologia, psicologia social e ciências da comunicação.

Em nosso país, temos a consolidação desta metodologia após a Fundação Getúlio Vargas ter fundado o programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC-FGV) em 1973, no Rio de Janeiro. No início dos seus trabalhos, as pesquisas do CPDOC eram direcionadas a colher depoimentos da elite política nacional. No entanto, encontram-se hoje em seu acervo diversos documentos alusivos à memória da história nacional e também de personalidades de diferentes situações sociais, culturais e históricas. Atualmente, a história oral é utilizada amplamente por diferentes áreas das ciências humanas.

Em 1994 ocorre a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), o que impulsionou os trabalhos na área com diversas produções e consequentes publicações. Na atualidade, esta associação participa ativamente da realização de seminários e com divulgações de pesquisas nacionais e internacionais realizadas através desta metodologia.

Há de se ressaltar a contribuição teórica dos autores Verena Alberti (2005), José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, 2007 e 2017), Fabiola Holanda e Marieta Moraes de Ferreira (1994 e 2017) que subsidiam o aporte teórico necessário ao desenvolvimento deste trabalho. Os pensamentos destes renomados autores comungam em diversos pontos e consistem na base teórica para a metodologia desta pesquisa. Sobre essa observação, surge uma interessante contribuição de Antônio Torres Montenegro que nos mostra que “o lugar de destaque ocupado pela história oral na produção do conhecimento acadêmico no Brasil, nos últimos dez anos, nos colocou internacionalmente em uma posição singular” (MEIHY E HOLANDA, 2017, p. 109).

Podemos destacar a ênfase dos autores em mostrar que a metodologia da história oral possui como principal recurso a sua identificação como uma “nova história”, se propondo a buscar fatos de uma memória e dar voz a uma história que muitas vezes foi calada nos espaços sociais e educacionais. São registros que se valem de narrativas, destacando experiências vividas por pessoas comuns e um coletivo geralmente marginalizado no meio social, propondo transformar suas memórias em história. Desta maneira as fontes orais se transformam em documentos escritos e ocorre a formalização da história oral.

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm: os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, os "derrotados". Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (FERREIRA, 1994, p.8)

A estes indivíduos esquecidos como sujeitos e que se propõe ouvir a voz nesta pesquisa, tratados por Ferreira como *excluídos* e por Revelli como *derrotados*, Paulo Freire os significa com outras caracterizações que à frente no texto aparecerão com muita clareza. São os infortunados e oprimidos, os “demitidos da vida” e os “esfarrapados do mundo”.

Na concepção de Alberti (2005, p. 23), “a história oral privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. Sob a análise de Ferreira (1994, p. 9-10), a autora avalia o desenvolvimento da história oral em duas concepções: a primeira aponta que os depoimentos deste tipo de metodologia têm a função de preenchimento de lacunas da documentação escrita; a segunda visa ao *estudo de representações*, concedendo importância para as relações entre memória e história.

Assim, a história oral, nesta pesquisa, tem o propósito de trazer essas representações de jovens diretamente envolvidos com o ambiente criminal e construir as suas histórias a partir dos seus próprios relatos. São as lacunas das vozes excluídas e silenciadas com a oportunidade de serem ouvidas claramente em sua oralidade até então inaudíveis. São as histórias buscando identificar as influências internas e externas da configuração social que permeia os jovens neste processo e que fazem com que o envolvimento criminal seja mais que uma escolha e sim uma das ramificações de um sistema injusto e desigual.

Como ponto central nesta pesquisa temos as entrevistas do tipo narrativa, as quais são denominadas como fontes primárias para a coleta de dados e são utilizadas também para responder os objetivos pretendidos por este trabalho. Tem-se ainda as fontes secundárias, dentre as quais destacamos os Boletins de Ocorrências Policiais, ora denominado como REDS⁶ e os processos judiciais dos crimes cometidos por esses jovens.

Neste prisma, para captação das experiências vividas por jovens envolvidos com a criminalidade, torna-se premente a identificação dos participantes, primeiramente, pela análise das fontes secundárias. Os jovens selecionados são

⁶ REDS - Registro de Eventos de Defesa Social

aqueles que apresentam comportamento marcado por alto índice de reincidência de atos infracionais ou crimes, especialmente aqueles que trazem maior comoção social como o homicídio e o roubo (subtração de um bem alheio mediante violência ou grave ameaça, sendo comum nessa prática o uso de armas) caracterizados atualmente como *crimes violentos*, assim como o tráfico de substâncias entorpecentes, crime comum no cotidiano desses jovens antes de cometer os ilícitos caracterizados como violentos.

Diante desta identificação e posterior seleção, acontece a coleta de parâmetros primários de investigação, por intermédio da exploração da memória individual de cada entrevistado sobre a matéria de interesse a esta pesquisa. O estudo do individual acaba por “permitir o conhecimento do fenômeno social mais amplo por onde se firma a memória coletiva” (MEIHY, 2005). Sobre isto, o autor mencionado destaca que:

[...] mais do que a soma das memórias individuais, a memória coletiva é um fenômeno construído pela força de fatores externos que circunstanciam um determinado grupo, marcando sua identidade. A memória coletiva é reconhecida no cruzamento de temas comuns – identidade – das narrativas individuais (p. 64).

As memórias individuais tornam-se fundamentais para compreender não apenas aqueles sujeitos, mas é válida para interpretar todo o comportamento daquele grupo. Com este entendimento torna-se clara a interpretação de vários autores que defendem que “a história oral é sempre social”, uma vez que é na vida social, na vida em comunidade, na relação entre *eu* e *nós* que as pessoas existem e se relacionam. Meihy (2005, p. 28) defende que “as experiências de cada um são autênticas e se relacionam às demais por meio da construção de uma identidade comum”. Meihy e Holanda (2017, p. 78) defendem a importância social da história oral enfatizando o seu conhecimento como ação de fomento as ações políticas decorrentes da determinação de certos problemas sociais, sendo o envolvimento dos jovens com a criminalidade um desses fatores.

Por fim, Meihy e Holanda (2017, p. 85) categorizam a História Oral em três gêneros narrativos principais: *história oral de vida*, *história oral temática* e *tradição oral*. Para esta pesquisa nos interessa precipuamente a história oral de vida, consolidada na narrativa da experiência geral de vida de uma pessoa e a história

oral temática, enfatizando as entrevistas pelos aspectos das dimensões juvenis e do envolvimento criminal de forma reincidente. Nesta metodologia, a imagem deste indivíduo, cuja trajetória é significativa para a compreensão dos objetos da pesquisa, é analisada num esforço para compreender interações entre os comportamentos individuais e os processos coletivos.

Desta feita, através da história de vida, uma das maneiras de se viver a história oral, juntamente com a temática acima exposta, se vai à busca da subjetividade ao que foi vivido e experienciado pelos jovens inseridos no ambiente criminal, marcando essas pessoas dentro de uma conjuntura que, em sua quase totalidade, é caracterizada por experiências de exclusão, pela opressão de um sistema social falido e pela extrema vulnerabilidade social.

1.2 A história oral de vida

Como um dos tipos de história oral, a *história de vida* ou *história oral de vida*, como defende Meihy (2005), é um dos métodos narrativos da história oral. O pesquisador nos lembra ainda que este gênero da história oral foi oficializado na Escola de Chicago, mas seus princípios são bem mais antigos, entre os anos 354-430, quando Santo Agostinho já utilizava dessa metodologia para escrever suas *Confissões*⁷.

Nas lições de Silva e Barros (2010, p. 71) tem-se que a história oral de vida se consolida com a narrativa da experiência de vida de uma pessoa. Complementam a significação expondo que esta metodologia busca analisar e registrar o relato oral de pessoas que possuam uma trajetória significativa para a compreensão de eventos e práticas culturais e históricas, buscando desvendar interações entre processos individuais e coletivos.

Sobre esta metodologia, Meihy e Ribeiro (2011, p. 82) apresentam as seguintes contribuições ao significarem que história oral de vida é:

[...] gênero bastante cultivado e com crescente público. Trata-se de narrativa com aspiração de longo curso - daí o nome "vida" - e versa sobre aspectos continuados da experiência de pessoas. Trata de um tipo de narração com começo, meio e fim, em que os momentos extremos - origem e atualidade - tendem a ganhar lógica explicativa.

⁷ **Confissões** é o título de um livro autobiográfico escrito por Agostinho de Hipona e relata a sua vida antes de se tornar cristão e sua conversão.

A subjetividade é a grande marca da história oral de vida. Frank Kermode, citado por Meihy e Holanda (2017) é objetivo ao afirmar que é inviável às narrações de histórias de vida o conceito de uma *verdade honesta*. Em particular, essa metodologia é inspirada em fatos, mas admite silêncios, distorções, omissões e, até mesmo, delírios, por isso ganha caráter sensorial e improvável. (MEIHY e HOLANDA, 2017, p. 34).

Ao se falar em história oral de vida, o principal tópico de estudos consiste na evocação da memória para a transmissão do vivido por meio das narrativas que a constituem. Mas não só as palavras dizem algo, pois nesse tipo de pesquisa também devem ser considerados os esquecimentos, os silêncios, as reiteraões, o comportamento, a linguagem não verbal e as comparações com fontes imagéticas e escritas. Tudo isso comporá os dados a serem interpretados e analisados. (SILVA e BARROS, 2010, p. 71)

Nesta pesquisa, o jovem envolto pelo ambiente criminal narra sua vida e torna-se um interlocutor, estabelecendo uma relação de cooperação com a pesquisa e criando assim uma relação dialógica com o pesquisador. Esta metodologia de trabalho adota o termo colaborador em substituição a entrevistado, deixando o participante de ser considerado um objeto de conhecimento para ser um co-condutor do registro de sua história.

Conforme procedimentos metodológicos específicos, os jovens colaboradores e seus responsáveis legais (caso sejam menores de idade) passam por uma *pré-entrevista*, na qual se realiza a aproximação entre pesquisador e os pesquisados. Nesta etapa são esclarecidos os objetivos da pesquisa, os locais dos encontros são selecionados, colhe-se a manifestação e as condições relatadas pelos escolhidos em participar do trabalho e acontece o preenchimento dos termos de responsabilidade.

A primeira pré-entrevista com um dos colaboradores selecionados nos mostrou que a condição de policial-militar do pesquisador, aparentemente, não influenciou na busca das informações relevantes ao trabalho. O local escolhido pelo colaborador foi uma residência familiar onde sua mãe trabalha como empregada doméstica. Outros jovens passaram pelo mesmo procedimento e pode-se perceber que as narrativas fluíram de maneira satisfatória, aparentemente sem omissões. Caso houvesse dificuldade com os demais colaboradores, seria necessário trazer a

esta pesquisa o apoio das técnicas metodológicas presentes na *zona muda das representações sociais*⁸.

Há de se registrar que as primeiras tentativas de diálogo não foram bem sucedidas, talvez pelo receio do jovem pensar que a finalidade da narrativa seria de denunciá-lo ou incriminá-lo. A ruptura deste estigma acontecia quando o pesquisador passou a incluir na pré-entrevista a narrativa de uma síntese da sua própria história de vida, em que a infância e adolescência aconteceram também em bairro marcado por condições sociais precárias e de extrema vulnerabilidade.

Num segundo momento acontece a **entrevista** propriamente dita, com a gravação da história de vida dos colaboradores. Meihy & Holanda (2011) asseveram que “essa etapa requer bastante estudo e planejamento, pois, além de ser o início do vínculo com aquele que dará substância ao estudo, é momento em que se reúnem informações para que se consiga manter um diálogo fluente”. Na história de vida, recomenda-se que as entrevistas sejam livres e abertas, sendo condenado o uso de perguntas fechadas e questionários, permitindo assim entrada em território de difícil acesso como a vida privada, visões subjetivas e construção de afetos (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p. 82).

A entrevista, por seu turno, é o ponto central do estudo, a qual deve ser caracterizada por um ambiente afável, de modo que a pessoa possa narrar sua história sem constrangimentos. Ainda que em interação, as interferências do(a) pesquisador(a) precisam ser mínimas. É a hora e a vez do(a) colaborador(a) expressar-se, o qual deve estar em condições para abordar situações pessoais, para falar de seus sentimentos, sonhos e desejos. Nesse momento, é fundamental esclarecê-lo(a) sobre a importância de sua contribuição, bem como explicar as etapas do projeto e os cuidados éticos adotados. (MEIHY, 2005, p. 60)

Este momento específico da entrevista na história oral de vida consiste no segundo encontro com o jovem colaborador. Trata-se de um momento de construção livre da história do sujeito em que a narrativa se inicia desde a sua concepção de vida e finaliza com o *status quo*. Neste momento acontece expressão

⁸ São espaços de representações que embora sejam comuns a um determinado grupo e nele partilhadas, não se revelam facilmente nos discursos diários e, ainda mais, nos questionários de investigação, pois são consideradas como não adequadas em relação às normas sociais vigentes. (MENIN, 2005, p.43)

oral de forma livre e espontânea, em que os assuntos são escolhidos e desenvolvidos pelo próprio orador.

Por fim, a **pós-entrevista** que consiste no trabalho deste pesquisador na organização e tratamento das entrevistas que foram registradas. Meihy e Holanda (2017, p. 155) apontam três procedimentos quais sejam: *transcrição*, *textualização* e a *transcrição*. O primeiro procedimento, autoexplicativo, consiste no rigoroso e exaustivo processo de passagem inicial do oral ao escrito; do gravador ao papel. A textualização tem como objetivo possibilitar uma melhor compreensão da narrativa, por intermédio de rearranjos das normas gramaticais bem como a supressão de partículas desnecessárias. Já a transcrição se refere à inclusão de elementos extratextos na composição das narrativas dos colaboradores, recriando o contexto da entrevista.

Alberti (2005) descreve estes três procedimentos citados acima, respectivamente, como: *transcrição*, *conferência de fidelidade da transcrição* e *copidesque*. Por fim, o processo se encerra com a validação do documento final pelos jovens colaboradores e autorização para divulgação do relato oral.

As falas dos jovens entrevistados denotam as suas concepções e interpretações dos signos revelados quando eles vivenciaram determinados fatos e que continuam fazendo parte das suas lembranças. Desta feita, “lembrar é um desafio fundamental. A memória se constitui assim em artifício político-social para marcar os elementos identitários de uma comunidade” (MEIHY, 2005, p. 51).

A utilização da história oral de vida nesta pesquisa busca a ampliação de informações do cotidiano de jovens envolvidos com a criminalidade, de forma a fazer emergir na premente discussão as vozes, de um lado, que até não se manifestavam ou apresentavam pouca interação face às diversificadas reprimendas sociais. Ouvir e entender esses jovens, analisar as influências que os transformam, discutir sua visão de mundo, torna-se essencial quando se procura compreender o envolvimento desses sujeitos em reiteradas práticas criminais.

Por fim, este método possui como matéria a memória, potencializando o entendimento de vastas dimensões da existência como os processos relacionais, subjetivos, simbólicos, históricos e seus contextos sociais. Nesta guisa, a pesquisa com jovens privilegia o sentido do crime como fenômeno social, compreendendo-o pelo seu processo e pela experiência humana envolvida, mais que pela explicação de seus eventuais resultados.

1.2.1 A história oral temática

Em desenvolvimento à categorização temática, tem-se que Marita Sturken, citada por Meihy e Ribeiro (2011, p. 88) defende que a história oral temática, caracterizada por metodologia ou técnica, é a que mais se aproxima das soluções comuns nas diversas áreas do conhecimento acadêmico, equiparando-se às fontes escritas. Assim, a subjetividade tão presente na história de vida perde um pouco de consistência, permitindo ampliar a possibilidade de diálogos entre o documento oral e as demais fontes documentais.

Esta técnica temática parte de um assunto específico e previamente estabelecido, sendo esclarecido pelo colaborador aquilo que ele presenciou de determinado acontecimento. Diante de seu caráter específico, admitem-se roteiros ou questionários, os quais são fundamentais quando se procuram detalhes de ações históricas (MEIHY e RIBEIRO, 2011, p. 89).

Em geral, a história oral temática é usada como metodologia ou técnica e, dado o foco temático precisado no projeto, torna-se um meio de busca de esclarecimentos de situações conflitantes, polêmicas, contraditórias. A exteriorização do tema, sempre dado a priori, organiza a entrevista que deve se render ao alvo proposto. (MEIHY e HOLANDA, 2017, p. 39)

Com este propósito, quanto mais informações preliminares se dispõe destes jovens envolvidos com a criminalidade, mais profundamente se consegue emergir em suas vidas e, indubitavelmente, conseguir as respostas para os questionamentos formulados. Assim, o fato do pesquisador possuir elementos da trajetória do colaborador contribui para aprofundar nos temas tratados e serve ainda como elemento norteador para o desenvolvimento do trabalho oral.

Nesta guisa, importante nesta etapa saber o que se quer explorar em temas, que no nosso caso eram as experiências no crime e as dimensões juvenis. Por isso, a experiência policial e as análises das ocorrências e processos judiciais se tornam uma importante ferramenta preliminar acerca da temática crime; bem como o estudo completo da teoria sobre juventude deve ter sido bem completo para se buscar as principais considerações acerca das dimensões juvenis.

No trabalho efetivo de campo desta pesquisa, a história oral temática consistiu no terceiro encontro com o colaborador, sendo considerado o último, pois não houve necessidade de complementação das narrativas anteriores. Neste

momento foram direcionadas temáticas ao sujeito orador que desenvolveu sua oralidade com base nas propostas de assuntos lançados.

Desta forma, eis a história oral como princípio metodológico fundamentador desta pesquisa e a história oral de vida como gênero narrativo proposto. Dentro do trabalho de entrevista, a técnica de história oral temática ganha também espaço, a fim de focar o trabalho para a problematização da pedagogia do crime e com vistas a diminuir a amplitude do critério de subjetividade que possa vir a ocorrer em razão da oralidade do colaborador na história de vida geral.

A exposição teórica da metodologia utilizada neste trabalho finaliza-se com o projeto em si, essencial para a operação em história oral. Em síntese, este planejamento busca responder às três situações que orientam este método: *com quem? como? por que?*

O primeiro questionamento, “*com quem?*” é arguido como o grupo de jovens, especialmente aqueles menores de idade, em idade escolar, e que cometem reiteradas faltas consideradas como crimes de relevante comoção social. O segundo item, “*como?*”, basicamente, é respondido por intermédio de toda a análise desenvolvida neste capítulo e que, resumidamente, consiste na produção de entrevistas formuladas pelos preceitos metodológicos da história oral de vida e com utilização também das técnicas temáticas, ambos dialogando com o pesquisador e Freire.

Acerca da terceira indagação, “*por que?*”, fundamenta-se a importância de se descobrir a vida desses jovens através das histórias contadas por ele mesmos, em pormenores detalhes, especialmente sob os pontos focais e íntimos desta pesquisa: como acontece as atividades criminais e as variáveis sociais que afetam o jovem envolvido com a criminalidade. Considera-se, assim, que os relatos de histórias de vida permitem revelar, por meios das experiências pessoais e sociais, as trajetórias e os processos vivenciados por jovens que convivem com a atividade criminosa.

1.3 A escolha dos colaboradores

Como essa investigação é sobre as relações de jovens com a atividade criminosa, logo, se espera buscar nesse público as respostas para alguns questionamentos propostos. Nesse entendimento, Alberti (2005, p. 33) defende que, como “uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes”, a história oral se

desenvolve por intermédio de entrevistas gravadas com determinadas pessoas que contribuem para o objetivo pesquisado.

Nesse propósito, a importância da escolha da entrevista do tipo narrativa toma força devido à peculiaridade do estudo que se realiza, recorrendo à memória sobre o processo de construção da identidade desses jovens e das situações vividas e proporcionadas desde a sua infância até hoje.

Para a definição dos colaboradores a serem entrevistados, além das análises dos REDS, recorreu-se ao conhecimento policial do pesquisador sobre aqueles jovens que apresentavam reiteradas faltas graves ou despontavam no meio social como um sujeito a ser acompanhado com mais cuidado em razão das diversas faltas. Esta seleção preliminar contou também com a colaboração de algumas autoridades do sistema de defesa social do município de São João Del-Rei os quais indicaram nomes de jovens relacionados ao perfil pretendido.

Dos nomes relacionados, estabeleceu-se um universo de 10 jovens que foram selecionados como promissores à pesquisa e aventados como prováveis colaboradores. Todos os selecionados foram submetidos a uma pré-entrevista com o pesquisador e os dados desse público compõem o Apêndice - A desta pesquisa.

Como o conceito de juventude, trabalhado no capítulo a seguir, traz as possibilidades de o colaborador apresentar-se em condição de menoridade⁹, e dessa forma este indivíduo estar em incapacidade relativa ou absoluta para os atos da vida civil, tornou-se, portanto, a autorização de pais e/ou responsáveis legais para a participação neste trabalho, conforme Apêndice – C, e também do termo de consentimento livre e esclarecimento, Apêndice - B.

Nos casos envolvendo esses colaboradores de menoridade, o pesquisador se preocupou em formalizar um ofício a Vara da Infância e Juventude desta Comarca, conforme Apêndice - D. O teor deste documento cita o escopo deste trabalho, sendo que o Juiz Titular¹⁰ manifestou-se favoravelmente quanto à importância da pesquisa e consentiu a participação de menores desde que não haja ofensas aos dispositivos legais vigentes. O magistrado garantiu ainda a consulta aos processos judiciais dos menores envolvidos, se necessário.

⁹ **Menoridade** é o “status” da pessoa natural nascida que não conte 18 (dezoito) anos de vida completos.

¹⁰ Exmo. Juiz de Direito da Vara de Infância e Juventude, Dr. Flávio Mondaini.

Considerando que Alberti (2005, p. 36) expõe que a escolha de entrevistados na história oral deve seguir critérios qualitativos, destes 10 jovens pré-entrevistados, apenas 04 foram selecionados para a entrevista narrativa do trabalho de história oral de vida. Além dos critérios acima elencados, a seleção levou ainda um caráter de vontade e disponibilidade de participação na pesquisa, além de fatos como a não condição de preso e/ou internado por medida judicial. A título de exemplo, dois pré-entrevistados, escolhidos para a pesquisa, não puderam participar em razão de terem sido presos durante o trabalho e manifestarem que não queriam mais participar.

Ademais, buscou-se ainda que este critério seletivo possa abarcar jovens de comunidades diferentes, procurando identificar se o processo desses jovens, mesmo em espaços diferentes, apresenta características similares.

Foi também a partir da leitura e das orientações de Alberti (2005) que aconteceu uma primeira entrevista realizada como “teste” ou “piloto” dos instrumentos de captura de áudio e também da metodologia ora empregada. A importância deste momento caracterizou-se como fundamental para minimizar uma preocupação que era premente, qual seja: a fala espontânea e aberta de um jovem envolvido com a criminalidade a um pesquisador policial. O colaborador ajudou a testar o instrumento e fornecer elementos para a continuidade das demais entrevistas.

1.4 As fontes orais e escritas

As fontes orais consistem nas próprias entrevistas dos quatro jovens selecionados, conforme Apêndice G. No primeiro encontro é proposta a fala livre sobre a história de vida de cada um dos sujeitos e na segunda entrevista acontece a passagem para a tematização baseada nas várias dimensões juvenis.

O diálogo inicial das entrevistas no primeiro dia foi elaborado a partir da seguinte questão: ***considerando o objetivo da pesquisa é analisar o envolvimento de jovens com o crime, analisando desde o seu envolvimento inicial até a atualidade, qual é a sua história de vida?***

No segundo momento aconteceu a pergunta das temáticas, conforme roteiro da entrevista formulado no Apêndice - E.

Sobre a entrevista em história oral, Montenegro (1992, p. 149) assegura que, preliminarmente, antes da entrevista “deve haver um esclarecimento ao colaborador

para que haja compreensão do por que, para que e para quem ele está registrando suas memórias”. Após estas explicações e os acertos necessários, caso haja, parte-se para a entrevista propriamente dita.

Após as entrevistas, citou-se objetivamente um panorama de como aconteceram os preparativos, os diálogos mais marcantes, as memórias, principais lembranças, gestos, inquietações, as sensações, as confluências, divergências, as gravações, relações com o diário de campo, o tempo das entrevistas, etc.

Após o exaustivo processo da passagem do oral para o escrito, as entrevistas passaram pelo processo de transcrição e, posteriormente, aconteceu a validação pelos entrevistados. Optou-se por manter o mais fiel possível as falas dos nossos colaboradores, inclusive com gírias e palavras ofensivas, como forma de procurar o máximo de autenticidade. Os nomes de pessoas e lugares receberam significações de personagens, atores e locais do filme Cidade de Deus e também da própria comunidade que fica na zona oeste do Rio de Janeiro.

Acerca das **fontes escritas**, Meihy e Holanda (2017, p. 128), anunciam que a história oral pode ser *pura* ou *híbrida*. A primeira consiste na proposta de um acervo ou uma espécie de banco de vozes de narradores que se cruzam e promovem uma discussão polifônica, sempre dentro da oralidade. Já a história oral híbrida parte para um diálogo com outros tipos de fontes ou documentos, desfocando relativamente do subjetivo e propondo uma objetividade temática.

Neste trabalho optamos pela história oral híbrida vez que acolhemos como fonte escrita para análise todo o histórico de envolvimento destes jovens em ocorrências policiais, especialmente nos crimes violentos. Após a análise de cada um desses REDS, consignamos se esse fato se transformou em um processo judicial e se tal instrumento poderia nos ampliar as informações sobre o envolvimento desses jovens.

Com a capitulação desses documentos, num prévio estudo da vida desses jovens, é que se partiu para as fontes orais, descaracterizando assim o ato como uma simples conversa e transformando essa metodologia num processo dialógico. Acerca dessa passagem, torna-se importante o que nos ensina Alberti (2005, p. 90) ao falar do colaborador: “conhecer sua biografia permite melhor compreender o relato de sua experiência, seu discurso e suas referências mais particulares”.

Por conseguinte, após as entrevistas, a nossa pesquisa partiu para o capítulo denominado de **pedagogia do crime** que é a fase de análise de todas essas

fontes, utilizando as histórias de vida em dialogicidade à teoria freireana e as considerações do pesquisador, buscando o pleno entendimento do fenômeno. Os procedimentos desta análise decorrem dos preceitos referenciados: a pré-análise, a exploração do material, seleção das categorias temáticas, tratamento dos resultados obtidos e interpretação. (BARDIN, 2007).

Desde que planejada e previamente determinada, como parte de um todo, a análise deve integrar o processo de desenvolvimento da proposta, mas em sua fase final, depois de constituídos os documentos derivados de entrevistas e estabelecidos os critérios de diálogos com outras séries documentais. (MEIHY e HOLANDA, 2017, p.130-131)

Assim, encerrado este processo analítico, os temas narrativos que apresentam maior relevância foram constituídos e estabelecidos em categorias que formam o escopo deste procedimento investigativo.

Sobre esta distribuição em categorias, vale trazer os ensinamentos de Kant, citado por Meihy e Holanda (2017), ao propor que a boa análise “implica no regresso do todo às suas partes constitutivas de maneira que a análise não se torne a divisão racional das entrevistas, mas a definição dos seus temas relevantes”. (MEIHY e HOLANDA, 2017, p.132)

Findada as exposições metodológicas, a pesquisa rumo para a significação juvenil em suas mais variadas propostas. A começar pelas definições, o caminho segue por uma análise histórica até chegar ao período contemporâneo onde são trabalhadas as dimensões juvenis, importante temática trabalhada na oralidade das histórias dos sujeitos desta pesquisa.

(...) não acreditamos que a juventude seja produtora de violência. As novas gerações, mais que fatores determinantes da situação de nossa sociedade, são um resultado da mesma, espelho onde a sociedade pode descobrir suas esperanças de futuro e também seus conflitos, suas contradições e, por que não, seus próprios erros.

Waiselfisz (2014)

2. A JUVENTUDE E O ENVOLVIMENTO COM A CRIMINALIDADE

A proposta deste capítulo consiste inicialmente em pensar a juventude de uma maneira mais abrangente, considerando as proposições conceituais oficiais que a determinavam e determinam, além dos aspectos históricos, políticos e sociais que a influenciam. Com o desenvolvimento do trabalho, estas discussões mais amplas se estreitam e a clarividência da juventude formatada pela história oficial deixa claro que existem várias portas ocultas e becos de subúrbios a se explorar. E são por estes caminhos tortuosos e desviantes que se pretende direcionar a pesquisa a fim de se alcançar e conhecer os principais atores deste trabalho: os jovens envolvidos com a criminalidade.

Para isto, o primeiro momento desta pesquisa vem especificar os mais variados conceitos e categorias que buscam analisar sistematicamente a temática juventude. Surge daí diversas contribuições edificadas nos últimos tempos e que trazem importantes argumentações teóricas para este trabalho. Ainda nesta contextualização conceitual, destacamos as importantes contribuições das ciências sociais e humanas, com ênfase nas construções sociológicas sobre juventude.

A seguir, uma breve contextualização histórica oficial do perfil do jovem brasileiro nas últimas décadas, enfatizando as características mais marcantes de cada etapa temporal até o encerramento da centúria passada. Já no século XXI, a análise histórica ganha um caráter mais específico e vem categorizar as juventudes desta época em razão das mais diversificadas dimensões juvenis, trazendo elementos significantes para o entendimento das influências que cercam esta categoria social.

Noutro momento, a pesquisa traz nas publicações de segurança pública algumas informações relevantes sobre os jovens brasileiros, seja em autoria delitiva ou mesmo nos aspectos de vitimização juvenil, em que se destacam os assustadores índices de violência juvenil em nosso país. Ao evoluir as discussões sobre o assunto em pauta, surgem as contribuições teóricas sobre o perfil do jovem infrator, relacionando substancialmente este público específico a toda estrutura social, política, econômica e histórica que o cerca.

Assim, com as proposituras teóricas aqui expostas, buscamos evidências para algumas indagações que julgamos importante trazer às claras. O que caracteriza um indivíduo jovem na nossa sociedade atual? Quais variáveis afetam

diretamente esse grupo juvenil? Quais as relações dos jovens com a segurança pública em nosso país? Quais as principais características dos jovens envolvidos com a criminalidade? Questões como essas, resultantes da minha experiência profissional e acadêmica junto ao público jovem, inspiraram a construção deste capítulo. A seguir tratamos da parte conceitual do principal pilar da nossa pesquisa: a juventude.

2.1 A juventude e suas múltiplas significações

As discussões acerca de juventude são divergentes, complexas e permeadas de atravessamentos das mais diferentes ciências, onde se destacam as pesquisas das áreas Humanas, Médicas, Psicológicas, Jurídicas e Sociais, todas elas contribuindo para buscar explicações e significações sobre o fenômeno em pauta. Essa assertiva vem reforçar a importância do assunto em desenvolvimento e mostra que o debate heterogêneo, amplo e democrático sempre enriquece as discussões acadêmicas e contribui para o aprimoramento humano.

Nesse desafio de conceituações, o que se pretende não é simplesmente apontar a linha que se deve ou pretende seguir, mas distinguir as definições que foram evidenciadas em algum momento da história nas comunidades científicas de suas áreas. É o momento de buscar a evolução da teoria conceitual em seu caráter histórico.

Ao iniciar pela análise das Ciências Médicas, Groppo (2016, p. 11) destaca a existência de uma forte relação do termo juventude com o processo natural da puberdade¹¹, acrescentando que grande parte dos autores relacionava essa terminologia com as transformações fisiológicas apresentadas pelo indivíduo. Nesse entendimento, a juventude apresentava conexa relação com o período de desenvolvimento sexual do indivíduo, caracterizado basicamente pelo início da capacidade de procriação.

No final do século XIX e início do século XX, as Ciências Biológicas também influenciaram conceitos científicos sobre juventude, os quais se relacionavam diretamente com a criminalidade, tomando como referência o estudo apresentado

¹¹ Processo que leva o corpo humano à maturidade sexual ou fertilidade, culminando na capacidade de reprodução.

por *Cesare Lombroso*¹². Este pesquisador defendia que o crime possuía, além das predisposições sociais, uma origem biológica que poderia ser identificada a partir da anatomia e do processo de formação dos sujeitos jovens. O autor considerava assim que o crime poderia nascer com o indivíduo e, conseqüentemente, o sujeito autor deveria ser tratado como doente. Bernardo (2008) relata um trecho sobre os debates da época, alusivos à juventude e delinquência.

(...) Lombroso associava o comportamento infantil ao do seu criminoso nato. Em sua principal obra, o autor apresentava “as provas convincentes” desta sua teoria, demonstrando que as crianças possuíam cada uma das atitudes que caracterizariam o criminoso: a cólera, a vingança, o ciúme, a mentira, a falta de sendo moral e de afeição [...] a crueldade [...] a preguiça e a ociosidade [...] o uso da gíria, a vaidade, o alcoolismo e o jogo [...] a predisposição à obscenidade, a imitação e a falta de previdência. (BERNARDO, 2008, p.75)

Nesta concepção, se determinava a predestinação dos sujeitos para a criminalidade, pontuando a composição biológica da criança e do jovem como fator responsável para o envolvimento com a prática criminal. Apesar de ter exercido influência mundial entre criminologistas e juristas à época, a doutrina *lombrosiana* evidentemente perdeu espaço para as teorias mais recentes, mas foi a precursora da ciência autônoma hoje denominada de Criminologia¹³ (BERNARDO, 2008).

As percepções de Groppo (2016, p. 11) sobre juventude na Psicologia também apontam para um enfoque naturalista, assim como a Medicina e a Biologia. Os primeiros estudos surgiram em 1904 com a obra *Adolescence*, de Granville Stanley Hall e buscaram centralizar as discussões sobre juventude nas mudanças de tempo, comportamento e de personalidade marcados pela fase da adolescência. No entanto, as pesquisas mais recentes da área apresentam uma tendência conceitual mais voltada para o sujeito construído socialmente, evidenciando a

¹² Cesare Lombroso nasceu na Itália em 1835, formando-se em Medicina na Universidade de Pavia. Em 1876 publicou sua primeira obra sobre criminologia, onde faz-se presente "O Homem Delinquente". Suas obras abrangem diversas áreas como antropologia, sociologia criminal psicologia, criminologia, filosofia e medicina. Os seus estudos ficaram conhecidos como antropologia criminal. As ideias defendidas por Lombroso acerca do "criminoso nato" preconizavam que, pela análise de determinadas características somáticas seria possível antever aqueles indivíduos que se voltariam para o crime.

¹³ A criminologia é o conjunto de conhecimentos a respeito do crime, da criminalidade e suas causas, da vítima, do controle social do ato criminoso, bem como da personalidade do criminoso e da maneira de ressocializá-lo. Etimologicamente o termo deriva do latim *crimino* (crime) e do grego *logos* (estudo), seria portanto o "estudo do crime".

relação juventude e adolescência com traços interpretativos que deixam o conceito de juventude de certa forma bem mais abrangente que o de adolescência, conforme se pode observar no excerto a seguir.

Há distinção entre juventude e adolescência, no que se refere aos aspectos social, cultural e emocional. O termo juventude tem um sentido dinâmico e coletivo, e nos remete a um segmento populacional que faz parte de uma determinada sociedade, ao passo que a adolescência nos conduz a um aspecto mais relacionado ao plano individual e demarcado cronologicamente (LEITE, 2014, p. 37)

Em outro contexto científico, o das Ciências Jurídicas, em especial o direito brasileiro, constata-se que a referenciação de juventude é apresentada sob a ótica da delimitação de faixas etárias, estabelecendo os conceitos de criança, adolescente e jovem, através de legislações próprias e distintas¹⁴. O dispositivo normativo brasileiro classifica como criança os indivíduos com até os 12 anos incompletos e adolescente seria aquele entre 12 e 18 anos incompletos. Em sequência, acima de 18 anos estão as pessoas consideradas adultas e aquelas classificadas com 60 anos ou mais são consideradas idosas.

Em classificação mais atual no direito brasileiro, juventude vem definida na Lei 12.852 de 2013, como aquele grupo de indivíduos com idade entre 15 e 29 anos. Acerca destas observações legais, Groppo (2016, p.10) assevera que o “Direito interpreta parte das práticas sociais e do imaginário coletivo, dividindo a transição da infância à maturidade em adolescência e juventude”.

Contudo, há de se convir que não existe uma convenção oficial entre os países que defina de forma rígida os limites etários desta etapa situada entre a infância e a maturidade. Assim, diferentes organizações internacionais aplicam limites etários distintos para classificar o complexo conceito de juventude. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Internacional da Juventude (OIJ) consideram jovens as pessoas naturais entre 15 a 24 anos e adolescente aqueles entre 10 a 19 anos. Já o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) não apresenta distinções entre adolescente/jovem, estabelecendo o parâmetro etário para essa classificação àqueles quem tem de 15 a 19 anos.

¹⁴ A Lei Federal 8.069/1990 dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei 12.852/2013 vem instituir o Estatuto da Juventude.

(LEITE, 2014).

Evoluindo para outra área de conhecimento, nota-se que ciências como a Sociologia e Antropologia enfatizam o conceito de juventude sob o enfoque do desenvolvimento social. Assim, a realidade da juventude não é tão somente da ordem natural como assinalado pelas outras ciências já referenciadas anteriormente, mas principalmente da construção histórica e social. Dessa forma, a simples limitação da faixa etária ou a fase biológica da vida do sujeito não se tornam suficientes para definir essa terminologia que é, simultaneamente, uma representação sociocultural e uma situação social. A percepção de Groppo (2016) resume adequadamente esse entendimento ao descrever que juventude é

[...] uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO, 2016, p.7).

Esta proposta conceitual foi discutida também por Bourdieu (1983) quando o autor defendeu a correlação de juventude com outras categorias tais como gênero, classe social, etnia, religião, nacionalidade, condição geográfica, grau de desenvolvimento econômico, momento histórico, dentre outros fatores. Acrescenta o autor que juventude é uma construção social, um objeto de manipulação, suscetível a variações e determinada através das lutas entre as gerações e que cada cultura possui códigos específicos que determinam juventude. Assim, o que é jovem ou velho para um, pode não ser para outro. Falar de jovens e juventude não é tratar uma unidade social com características comuns e naturais, pois são fatos construídos socialmente e em diferentes sociedades (BOURDIEU, 1983, p. 113).

Em razão dessa amplitude conceitual e de significações, especialmente formatada pela grande variedade de definições sustentadas em várias ciências, autores como Dayrell (2007), Novaes (2003), Alvim (2002) e Abramo (2008) destacam o termo “juventudes” no plural ao invés de juventude, evitando que se relacione o conceito erroneamente à classificação etária e se pense a categoria sem considerar amplamente o campo em que ela se situa (LEITE, 2014).

A construção sociológica percebe que a juventude está incutida na construção social e varia entre indivíduos e culturas distintas. São as várias juventudes que se distinguem pelo sexo, classe social, poder econômico, raça, territórios, interesses,

estilos, expectativas, ideais, enfim, pelas suas múltiplas distinções. Não se pode assimilar uma juventude única, singular e homogênea, pois os jovens são muitos e se diferenciam, sejam eles pobres, ricos, playboys, rappers, militantes, militares, infratores etc. Na verdade, não seria possível pensar a categoria juventude sem considerar o contexto que a envolve e quem são especificamente os jovens de que se fala e de onde se fala (LEITE, 2014).

Importante frisar que dos conceitos científicos apresentados até o momento, percebem-se caminhos que tratam sobre o tema fundamentados em interpretações patológicas e universalizantes e outros caminhos que levam a abordagens mais contemporâneas que compreendem juventude em sua diversidade e amplitude. As concepções são amplas e variam conforme critérios sociais, históricos e políticos, abarcando sempre as fundamentações teóricas em que foram construídas. Vale deixar claro que estes estudos não são lineares, dependentes, nem evolutivos (LEITE, 2014).

Avançando ao campo científico da Educação, as pesquisas sobre juventude brasileira ganham forte referencial de Marília Pontes Sposito, autora que apresenta grande dedicação à matéria em trabalhos individuais¹⁵ e também em produções coletivas¹⁶, abrangendo assuntos como as concepções de juventude e as relações dos jovens com a escola, Estado e família.

Outro importante nome, Juarez Dayrell (2002 e 2007), também contribui para o debate de forma individual e com a participação de outros autores¹⁷, dando ênfase às relações do jovem com a escola e as nuances dessa específica fase de socialização. Este pesquisador ganha distinção neste trabalho ao ser referenciado por estudos sobre gangues e violência juvenil, sendo considerado um baluarte do Observatório da Juventude¹⁸ na Universidade Federal de Minas Gerais. A pesquisadora Miriam Abramovay (2002, 2005 e 2010) também destaca em suas pesquisas matérias focadas na violência juvenil.

As autoras Corti e Souza (2004) desenvolveram um trabalho específico sobre a conceituação de juventude na Educação e consentiram que as significações desta

¹⁵ Sposito (1994, 1997, 2003 e 2010).

¹⁶ Sposito e Carrano (2003); Sposito e Galvão (2004) e Sposito e Souza (2006).

¹⁷ Dayrell, Gomes e Leão (2010) e Dayrell, Leão e Reis (2011).

¹⁸ O Observatório da Juventude da UFMG é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação (FaE), com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG. Desde 2002, o OJ vem realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens da região metropolitana de Belo Horizonte, além de ajudar a promover o debate em torno desse universo.

terminologia apresentam uma forte tendência da corrente sociológica. A juventude vem se apresentar como “um tempo social constituído por identidades individuais e sociais, em que se atribuem sentidos à experiência social e às transformações físicas e psíquicas ocorridas” (LEITE, 2014, p. 47). Dessa maneira, cada sujeito afetado pelas suas experiências históricas e pelas relações construídas acaba constituindo um modo singular de viver essa fase da vida.

As autoras enriquecem a compreensão ao distinguir juventude de adolescência, permitindo reconhecer suas peculiaridades e ampliar a compreensão sobre os sujeitos jovens, suas necessidades e interesses. Segundo as autoras:

[...] a juventude é, sobretudo, uma construção social e não um processo natural. Sendo assim, é muito variável. Isso quer dizer que ela não consiste apenas numa fase do ciclo biológico, representada por uma idade cronológica e por certos estados fisiológicos como a maturidade do aparelho reprodutor, mas vai muito além disso. Ser jovem implica possuir determinadas características e exercer certos papéis sociais (CORTI; SOUZA, 2004, p. 18).

A contribuição de Dayrell (2003, p. 42) aponta para a necessidade de se reconhecer a juventude como um grupo social e compreender o seu conceito a partir da perspectiva da diversidade, chamando a atenção para os diversos “modos de ser jovem”. A juventude constitui um momento e não apenas uma passagem, assumindo uma importância em si mesma e rompendo com a ideia de que exista um conceito universal deste termo. Desse modo, a juventude é uma categoria socialmente construída, o que significa dizer que

Ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais (...), culturais (...), de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mudanças sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem. (DAYRELL 2007, p. 4)

Nesta propositura, pensar em juventude requer a avaliação de um enorme coletivo variável e de complexa assimilação, que desmistifica as conceituações puramente naturais, biológicas e constrói-se como uma categoria social atravessada pelas diversas condições que a relacionam e a transformam. Para Dayrell, Nogueira

e Reis (2011), não há uma única juventude que possa ser encontrada em estado puro.

Assim, há de se considerar as juventudes como construções sociais envoltas pelas variadas condições de etnia, gênero, cultura, classe social, raça, religião, moradia, e tantas outras que vão desvendar os elementos de sintonia e de diferenciação entre eles. Como asseguram Dayrell e Carrano (2014, p. 112), “as distintas condições sociais e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de se vivenciar a juventude”. Sobre a complexidade do tema, as contribuições desses autores que nos asseveram que:

[...] no cenário recente, em face das mudanças sociais, os jovens vêm se constituindo como sujeitos socioculturais, segundo uma complexa e dinâmica teia de relações. Desdobra-se, a partir daí, duas vias: a primeira é marcada pela impossibilidade de se debater a juventude como uma categoria constituída por um tipo exclusivo de jovem; e a segunda, pela possibilidade de se pensar este público considerando as diferentes maneiras pelas quais vive a juventude. (p. 118)

A esta evolução conceitual ainda se espera evidenciar aquela advinda e vivenciada pelo próprio sujeito. A busca concebida a partir do saber do sujeito é uma postura que possibilita uma proximidade muito forte e amplia o conhecimento que define a vida e o cotidiano daquela pessoa. Jovchelovitch (2011) chama a atenção que este tipo de postura que valoriza o sujeito não é comum nas frentes de pesquisa. Segundo a autora,

(...) estamos imersos em uma história permeada por dominação, exclusão e desvalorização do outro e, portanto, percebê-lo como pessoa de direitos e reconhecer suas perspectivas, isto é, os diferentes lugares de onde os sujeitos falam e se posicionam, são ações que implicam legitimar as diferenças e diversidades de conhecimentos e esta não é uma tarefa fácil. (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 76)

Assim, ao se propor a discussão entre as juventudes, seus sujeitos diretamente participantes, e relacioná-los com os contextos sociais, políticos e econômicos que os permeiam, acaba a pesquisa tomando o caminho da concepção dialógica, permitindo com que as estruturas de conhecimento sejam baseadas no diálogo e na comunicação com o sujeito. Essa aproximação fornece condições para a construção de um conhecimento compreensivo e íntimo, que não separe o pesquisador do sujeito, mas o una pessoalmente ao que se estuda.

(JOVCHELOVITCH, 2011).

Neste viés, vale revalidar as juventudes por intermédio dos seus sujeitos sociais, significantes de sua própria existência e realidade, com suas experiências e seus modos de vida, tornando os jovens produtores de conhecimento e plenamente capazes de construir sua história. Na intenção de possibilitar novas interpretações e conhecimentos sobre a grande área de pesquisa *juventude*, este estudo apresenta seu enfoque no jovem completamente envolvido pela criminalidade, assim identificados pelas suas reiteradas práticas de atos delituosos na cidade de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas. Suas vozes surgem à tona para ampliar os conceitos anteriormente experienciados e significar a juventude pela oralidade do próprio sujeito envolto pelo ambiente criminal.

Com esta premissa encerramos este item com a percepção de que a juventude não pode ser definida a partir de critérios exclusivamente biológicos, psicológicos, jurídicos ou unicamente sociológicos, mas sim da inter-relação entre essas diferentes ciências. As “juventudes” são muitas e são mais do que simples conceitos e terminologias; as suas definições e indefinições, acadêmicas ou leigas, demonstram seu inacabamento e as várias amplitudes de entendimento.

Bem-vindas são as contribuições científicas diversas sobre juventude, as quais podem aqui ser confrontadas e desafiadas pelo conhecimento produzido pela história desses jovens negados, oprimidos e que também oprimem. São as vozes, até então excluídas, pronunciando o mundo juvenil e colocando uma nova visão à parte das histórias dita como oficiais. Trata-se de uma oportunidade para que esses jovens sejam considerados como possuidores de historicidade e legítima parte do seu mundo.

A seguir tratamos da história da juventude em nosso país, enfim, julgamos importante que para trazer a história dos nossos jovens é preciso falar da história das juventudes que influenciaram o nosso espaço.

2.2 As juventudes no Brasil: contextualizando a história da década de 50 até o período contemporâneo

A propositura de discussão sobre a história de vida de jovens infratores nos leva inicialmente a trazer conceitos e descrever as múltiplas definições atreladas às juventudes. Necessário se faz ainda trazer a contextualização das juventudes que

marcaram épocas do nosso país em seus diferentes momentos históricos, buscando caracterizar os principais fatores que as distinguiam naquele período, as principais formas culturais da época e, de forma especial, marcar a reprodução de atos considerados socialmente como desviantes.

Já a análise contemporânea é aqui construída por intermédio das suas dimensões juvenis, contextualizando as diversas variáveis que afetam essa complexa categoria social que é a juventude e a transformam. Portanto, é com esta formatação que se inicia e se desenvolve esse item.

As juventudes sempre marcaram gerações na nossa história e produziram grandes influências em suas épocas, cada qual com suas aspirações, comportamentos e estilos, deixando marcas comportamentais que podem ser facilmente identificadas e caracterizadas pelas narrativas oficiais. Importante salientar que estas distinções sócio históricas muitas vezes surgiam e classificavam os comportamentos juvenis por intermédio de fatos que eram tratados como verdadeiros “problemas sociais”.

Sobre esta passagem, Vianna (2003, p.11) assevera que a partir da década de 1950 o modo de viver dos jovens passou a ser considerado ao mesmo tempo como problema e paixão social. Esta metade do século é caracterizada também pela construção de uma identidade própria dessa fase juvenil como jamais se viu em outro momento da história, impulsionado principalmente pela força do cinema oriunda dos Estados Unidos. Por essas razões se delimita a segunda metade do século passado como marco inicial das investigações históricas aqui tratadas sobre juventude no Brasil.

A cultura jovem domina o mercado na década de 1950 e traz à memória histórica os anos dourados e sua juventude transviada impulsionada pelo *rock'n'roll*, relacionando a imagem do jovem ao rebelde com jaquetas de couro, carros esportivos e lambretas. Marca o tempo de arriscadas disputas de corrida de carro após o uso de bebidas alcoólicas (BORELLI *et al*, 2008).

Em seus relatos, Abramo (1997) destaca que o problema social da época era “uma predisposição generalizada para a transgressão e a delinquência, quase que inerente à condição juvenil, corporificadas na figura dos rebeldes sem causa” (p. 65). Este período foi considerado também como o tempo de grandes nomes políticos como Fidel Castro e “Che” Guevara, ambos conhecidos como jovens transgressores e líderes de movimentos revolucionários que atravessaram as fronteiras de seus

países, lutando cada qual por suas idealizações.

A história avança para a década de 1960 e início dos anos 1970 e nesse período, Abramo (1997) caracteriza a juventude brasileira como crítica e revolucionária, marcando seu momento pelas fortes manifestações questionadoras que buscavam mudanças da ordem social estabelecida. Este momento histórico traz uma grande visibilidade à juventude estudantil que tinha como referência fundamental os alunos universitários, secundaristas e jovens de classe média. Os ideais defendidos pela classe juvenil geralmente consistiam em manifestações culturais irreverentes e estruturados questionamentos políticos, buscando a transformação do mundo e uma nova sociedade mais igualitária.

Como se percebe, a juventude citada nos relatos históricos até este momento é apenas aquela composta pelas classes que dispunham de prestígio e reconhecimento social. Oliveira (2006, p. 15) faz questão de ressaltar que os jovens menos abastados não asseguraram lugar nas histórias oficiais da época, ficando literalmente alijados. O mesmo autor relata que os jovens das camadas sociais menos favorecidas “não eram reconhecidos, talvez dificilmente tenham sido lembrados como juventude”.

O movimento *hippie* era uma marca do comportamento jovem da época e surgiu para contrapor a forte censura e as rígidas proibições da década de 1970. Este movimento buscava no modo de vida simples a fuga do convencional e da ostentação de riquezas, manifestando atos de indignação às ordens sociais severamente impostas pelo governo da época (BORELLI *et al*, 2008).

Ao se falar da década de 1980, a história se encarrega de trazer a contextualização política à discussão, com o marco da mudança de um regime mais controlador para um modelo mais democrático. No entanto, Abramo (1997) expõe que aquela juventude aguerrida e transformadora de 1970, marcada fortemente pelo movimento estudantil, perdeu força e se apresentava de forma indiferente aos assuntos públicos, demonstrando características mais individualistas e fortemente consumistas.

Quiroga e Neto (2000) arguem que dessa juventude com pouco engajamento surgiu no cenário das cidades alguns movimentos como os *punks*, os quais se distinguiam dentre as juventudes pelo comportamento agressivo, manifestado de forma real e simbólica.

Naquele contexto social da época, a figura dos jovens moradores de rua

aparece com mais força, iniciando toda a problemática relacionada à pobreza e à exclusão, surgindo um novo personagem da nossa juventude denominado de *pivete*¹⁹. Por intermédio das mais variadas pressões sociais, o jovem deixa de ser unicamente o estudante e surgem olhares para outras juventudes brasileiras, especialmente os jovens infratores.

O destaque a essa juventude pobre e urbana vem principalmente na manifestação cultural do *hip-hop*, praticada pelos jovens das periferias das grandes cidades brasileiras, os quais eram geralmente considerados como violentos e perigosos. Apesar de terem surgido na década de 1970, esses grupos ganharam visibilidade na década seguinte, com seus bailes e músicas caracterizadas por forte sentimento de violência e injustiça social (QUIROGA e NETO, 2000).

Nos trabalhos acadêmicos sobre juventude dos anos 1980, percebe-se a preocupação em realizar uma etnografia dos novos grupos e lugares que estão sendo ocupados, os quais vão formando novas redes de sociabilidade. Na educação as produções começam a investir na análise da relação do jovem com a sexualidade e também na moralidade associada à vida social (MAFFESOLI, 2000).

A década de 1990 vem desconstruir a imagem do jovem apático e desinteressado dos anos de 1980, trazendo novamente o envolvimento político pela intervenção dos jovens *caras pintadas*²⁰, principais atores históricos da época. Os jovens são os responsáveis diretos pelo *impeachment* do então Presidente da República do Brasil, Fernando Collor de Melo. Segundo Abramo (1997), a visibilidade juvenil muda completamente e ganha o caráter de envolvimento e transformação social. Aos jovens pobres, novamente a história oficial lhes traz o destaque de atos relacionados à violência e ao vandalismo, tais como o surgimento dos arrastões²¹, o aparecimento das gangues, a reunião de galeras e o *surf* ferroviário.

Nessa década, a crise nos países desenvolvidos refletiu em elevados índices

¹⁹ Criança que rouba ou trabalha para ladrões e que geralmente vive na rua.

²⁰ Caras-pintadas foi o nome pelo qual ficou conhecido o movimento estudantil brasileiro realizado no decorrer do ano de 1992 que teve, como objetivo principal, o impeachment do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello. O movimento baseou-se nas denúncias de corrupção que pesaram contra o presidente e, ainda, em suas medidas econômicas impopulares, e contou com a adesão de milhares de jovens em todo o país. O nome "caras-pintadas" referiu-se à principal forma de expressão e símbolo do movimento: as cores verde e amarelo pintadas no rosto dos manifestantes.

²¹ Arrastão é uma tática de roubo coletivo urbano presenciada primeiramente na década de 1980 na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. O caso mais famoso de arrastão aconteceu em 18 de outubro de 1992 na praia de Ipanema e teve repercussão internacional.

de desemprego e precarização das relações de trabalho em nosso país, acirrando a desigualdade e agravando problemas sociais como a fome, pobreza, violência urbana, criminalidade e saúde pública. Paralelamente a isto, emergem em todo país movimentos culturais como o *rap* e o *funk*, os quais trazem em suas letras algumas dessas radicais mudanças. Nesta mesma década aconteceu o fenômeno da “onda jovem”, o que acabou por provocar um significativo crescimento da população juvenil nesse período (ALENCAR, 2008).

Diferentemente dos idos de 1950 e 1960, em que o debate acadêmico focava as perspectivas dos jovens escolarizados e de classe média, as produções científicas do final do século passaram a indicar preocupações com as classes menos favorecidas, evidenciando assuntos como a preocupação acerca da evasão escolar de jovens e a dificuldade de acesso deste público ao mercado de trabalho.

Outra grande evidência que marcou este período histórico foi a preocupação com crianças e adolescentes em situação de risco, causando sensibilização social e mobilização acerca da defesa dos direitos sociais básicos para esse segmento. Esta discussão resultou em um importante momento com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), definindo em lei estas categorias como possuidoras de direitos especiais. Novo avanço acontece no início do século XXI com a alteração da maioridade civil, ampliando a percepção da juventude e a consequente preocupação sobre essa categoria.

Por estas considerações, torna-se perceptível como a história juvenil em nosso país nos admite enxergar percepções e interpretações sociais absolutamente opostas. De um lado está a proeminência dos jovens politizados da classe média dos anos de 1960, estudantes idealistas e comprometidos com as causas políticas e sociais do Estado; de outro a evidência na situação de risco, jovens envolvidos com a criminalidade e meninos de rua. Conforme análise de Abramo (2005) sobre o último quarto do século passado:

O foco da preocupação ficou centrado na questão das crianças e adolescentes em situação de risco [...] a percepção da juventude para além da adolescência em risco, numa direção, e para além de outros setores de classe média, em outra direção, é mais recente, emergindo com mais força de uns dez anos pra cá (p. 39).

Enfim se avança ao século XXI e, neste cenário, os jovens vivenciam e são afetados por aceleradas e constantes mudanças sociais, tornando-se mais complexa

a análise aqui proposta. Os acessos às informações são ampliados e as discussões sobre essa categoria social sobressaem agora sobre “os diferentes modos como a condição de juventude é ou pode ser vivida” (ABRAMO, 2005, p. 44).

Leão (2014) complementa Abramo ao acrescentar que estes múltiplos modos de se viver a juventude da atualidade significam compreender que esta categoria vai se constituindo de acordo com as mais diversificadas realidades sociais e históricas vivenciadas pelos sujeitos. Em abordagem semelhante, Dayrell (2009) significa essas diversas configurações com a denominação de condição juvenil, enfatizando que a análise deste conceito se torna interessante para entender o comportamento dos jovens infratores no panorama atual, enfatizando sobremaneira o aspecto da desigualdade social como uma de suas dimensões.

Perante outras configurações impressas no tempo e no espaço, nas relações sociais provocadas pelas grandes transformações socioculturais do mundo ocidental, a condição juvenil se manifesta de diversas maneiras, nas mais variadas dimensões, marcadas, no nosso país, por intensos recortes nas desigualdades sociais, culturais e étnicas. (DAYRELL, 2009, p. 77)

Assim, diante desses importantes afetamentos que marcam a complexa temática da juventude, vale ampliar o entendimento das condições juvenis e suas variadas dimensões, situando seu espaço na análise contemporânea. Ao se considerar a importância dessas dimensões é que se passa a discutir o panorama da juventude atual no item a seguir.

2.2.1 A dimensão juvenil na atualidade

Na perspectiva de uma construção contemporânea sobre juventude, este trabalho se sustenta com a contribuição dos estudos realizados por Abramo (2008), Sposito (2003), Dayrell (2007) e Pais (2003).

Avançando à análise histórica proposta anteriormente, os autores acima citados buscam consolidar a amplitude do conceito juventude no período contemporâneo, analisando as condições que diretamente influenciam a categoria juventude. Estas dimensões juvenis servem de referência ainda para balizar a construção temática da história oral de vida dos jovens desta pesquisa, as quais são consideradas em capítulo específico sobre a pedagogia do crime, por intermédio de análises temáticas aos discursos apresentados.

Vale expor que esta análise em forma de dimensões não apresenta qualquer formalidade hierárquica ou linear. São variáveis que atuam de forma relacional ou complementar. No capítulo da pedagogia do crime, as relacionamos em categorias que marcam especialmente a fase de socialização inicial vinculada (autonomia restrita do sujeito) e a fase de socialização secundária construída pelo sujeito com maior autonomia na construção de suas relações.

A dimensão inicial proposta por Dayrell (2007) que constitui a condição de juventude é o **lugar ocupado socialmente** pelo sujeito, aqui marcado de forma evidente pelo autor na abismal distinção socioeconômica entre os diversos grupos de jovens existentes em nosso país. Assim, aos lugares ocupados por jovens das camadas mais populares, atores principais desta pesquisa, se percebe a limitação de acesso a bens de consumo, o carregado estereótipo de violência e pobreza e as menores expectativas de vida futura.

Esta dimensão propõe ainda contextos juvenis diferentes que acabam por interferir diretamente na trajetória de vida a ser percorrida e nos sentidos que atribuem à vivência da juventude. O lugar social aqui marcado possui ainda forte influência de outras três importantes e tradicionais dimensões que constituem a juventude: a família, a escola e o trabalho.

Considerada como um dos primeiros ambientes socializantes, **a família** é uma das dimensões que tem a função de transmitir as regras sociais, a cultura e os valores para a nova geração. Os ensinamentos de Dayrell sobre família aqui engrandecem ao enaltecer que:

[...] como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. (DAYRELL, 2007, p. 153)

Há de se ressaltar que, com o advento da sociedade moderna, as diversas transformações sociais, tecnológicas e econômicas acabaram por provocar grandes transformações na relação entre jovens e a instituição familiar, notadamente com a ampliação de referenciais para esses jovens viverem sua experiência juvenil e construir seus próprios significados sociais. Apesar dos constantes conflitos entre

antigos valores e o estabelecimento de novas relações, permanece a substancial relevância do papel social e afetivo da família na juventude.

As pesquisas de Abramo (2008) e Dayrell (2007) asseveram ainda que a família original é considerada como uma instância capital na vida dos jovens mesmo na busca da independência pela inserção no trabalho ou na constituição de novo núcleo familiar. Na concepção de Abramo (2008, p. 60), a família de origem é percebida como “estrutura central para poder viver a vida enquanto jovem, como referência afetiva, como referência ética e comportamental e para o próprio processo de amadurecimento” e tem na figura materna o maior elo de confiança.

Outra dimensão, a **escola**, aparece também como uma das dimensões que influenciam diretamente na condição jovem do ser. Apesar dos registros históricos apontarem que durante algumas décadas o acesso à escola era para determinados tipos de juventudes, tomando por referência especialmente o lugar social ocupado pelo sujeito, após os anos 1970, sob forte influência freireana, acontece o processo de ampliação da escolarização que expande o acesso dos jovens de camadas populares à escola (SPOSITO, 2005).

Assim, o contexto escolar está presente na realidade dos jovens brasileiros e esta dimensão juvenil se faz presente na história de vida desses sujeitos, com episódios e personagens pertencentes ao âmbito da escola. Nesse sentido, essa importante fase de socialização se tornou espaço e tempo da constituição de experiências próprias, trazendo consigo uma marcante e tradicional importância na constituição da condição de juventude. Dayrell (2007, p.151) acrescenta que desde os anos 1970, “a escola, aliada com o trabalho, tornou-se uma alternativa para muitos jovens pobres na busca por novas aspirações e modos de vida, através de uma possibilidade de inserção ocupacional mais qualificada”.

Esta leitura acaba relacionando também **o trabalho** como fator dimensional da condição de juventude da maioria dos brasileiros, especialmente aqueles pertencentes às camadas populares e que precisam trabalhar para prover ou complementar a renda familiar ou mesmo subsidiar a própria manutenção de garantia da sua experiência juvenil. De acordo com Abramo (2008), a dimensão do trabalho ganha mais relevância aos jovens menos favorecidos, pois existe neste fator laborativo uma das claras possibilidades de se prover mudanças e alcançar um lugar social mais digno e reconhecido. De igual valia, o trabalho oferta ainda certa

autonomia em relação à família, seja no sentido de independência financeira, seja na possibilidade de acessar bens valorizados por esta categoria social.

Especialmente em nosso país, Sposito (2005) considera que o trabalho assegura a milhares de jovens viverem a condição juvenil, uma vez que o recurso oriundo desta prática, seja ela formal ou não, assegura as garantias mínimas de condições de acesso ao lazer e consumo. Esta reflexão aduz que o trabalho para esses jovens surge como mediação efetiva e simbólica, permitindo com que esses jovens vivam a juventude.

Outro fator importante, **a sociabilidade**, se apresenta como fator relacional nos espaços de lazer e diversão em que os jovens promovem interação com os seus pares e acaba apresentando substancial interferência na condição de juventude. Por ocupar grande parte do tempo livre dos jovens, Abramo (2008) chama a atenção para o espaço dedicado pelos jovens às atividades de lazer e diversão, considerando-o como um potencial momento de desenvolvimento das relações de sociabilidade.

A autora complementa que, ressalvadas as variações de idade e gênero, existe uma homogeneidade de aspirações sobre o que os jovens gostam ou gostariam de fazer no tempo livre, mas existe uma lacuna entre esses desejos e as reais condições. Acrescenta ainda que o momento da sociabilidade lazer é aquele menos regulador, diferente das dimensões da escola, trabalho e família, constituindo assim num campo no qual o jovem busca novas referências e identidades.

Nesta análise, os grupos de amigos se configuram como uma das mais importantes referências de socialização para os jovens, os quais buscam alternativas diversas de se afirmarem diante do mundo adulto. Na concepção de Dayrell (2007, p. 1111), estes grupos “constituem o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros”.

Vale acrescentar que as relações de sociabilidade praticadas entre os jovens promovem movimentos constantes de aproximação e afastamento entre diferentes turmas, com definições dos mais próximos ou “mais chegados” e daqueles mais distantes ou ditos “conhecidos”. Na percepção de Dayrell (2007), a sociabilidade interage com outras dimensões ao não se manifestar apenas nos espaços de lazer e diversão, mas também nas instituições, como na escola, no trabalho e outros, principalmente nos espaços e tempos de intervalos. Assevera o autor seu

posicionamento ao “afirmar que a sociabilidade, para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e principalmente, de identidade” (DAYRELL, 2007, p. 1111).

A contribuição de Abramo (2008, p.25) nos mostra que os jovens desenvolvem relações de sociabilidades ao construírem as experiências cotidianas, vindo a “estruturar novas referências e identidades individuais e coletivas”. Há de se evidenciar a variedade e velocidade dos meios de comunicações, especialmente a internet, que contribuem para o amplo acesso a diversas realidades. Estas oportunidades acabam por promover transformação na constituição das identidades, fazendo surgir outras novas. Para compreender o conceito da sociabilidade, Dayrell (2007) assim se posiciona:

[...] A sociabilidade tende a ocorrer em um fluxo cotidiano, seja no intervalo entre as “obrigações”, o ir-e-vir da escola ou do trabalho, seja nos tempos livres e de lazer, na deambulação pelo bairro ou pela cidade. Mas, também, pode ocorrer no interior das instituições, seja no trabalho ou na escola, na invenção de espaços e tempos intersticiais, recriando um momento próprio de expressão da condição juvenil nos determinismos estruturais (DAYRELL, 2007, p. 1111).

Outra importante dimensão a ser considerada é a da **territorialidade**, que apresenta sua distinção no sentido dos variados espaços e tempos específicos, os quais permitem que as juventudes se façam e refaçam nos processos de construção de suas identidades, sejam elas coletivas ou individuais. Este processo se constrói através das relações sociais e suas complexas trocas experienciais, “nos sentidos e significados atribuídos à experiência de ser jovem, pertencente a um lugar e a um grupo social, num determinado tempo histórico” (DAYRELL, 2007, p. 181)

Acerca da dimensão territorial, Dayrell (2007) contribui de forma bastante didática ao relacionar os espaços com o critério de sociabilidade.

O espaço, a partir dos sentidos atribuídos pelos jovens que nele vivem e convivem e ressignificado pelas relações, vai se transformando em lugar, os espaços físicos se tornam espaços sociais. Um bom exemplo para ilustrar essa dimensão é a periferia, que não se reduz ao aspecto da precariedade e/ou ausência de equipamentos públicos básicos e da violência, ela é ressignificada como lugar de interações afetivas e simbólicas, de memória. A rua, a praça, as esquinas, os becos etc. se tornam espaços de sociabilidade. (p. 182)

O elemento do **tempo** aparece como uma dimensão juvenil capaz de influenciar o contexto juvenil. O tempo presente ganha uma significação predominante em relação às demais variáveis temporais, sem muitos incômodos do passado e com poucas preocupações futuras. O contexto de incertezas, aliado às estruturas sociais mais volúveis, faz com que os jovens vivenciem uma experiência marcada por crescentes instabilidades e inconstâncias (DAYRELL, 2007).

Em especial caracterização dessa condição juvenil, temos a vivência desses jovens em um tempo moderno em que a tecnologia da informação o acompanha o tempo todo, construindo as relações sociais e caracterizando o presente como a sociedade do consumo.

Nessa perspectiva contemporânea, as contribuições teóricas aqui objetivadas nos ajudam a entender que os diferentes modos de ser jovem encontram-se diretamente relacionados aos diversos processos de socialização vivenciados pelo sujeito. Assim, torna-se perceptível que a juventude atual acondiciona um caráter de pluralidade e abarca uma série de estratificações de acordo com a construção adquirida em cada uma dessas dimensões que a completam.

Dentre essas múltiplas caracterizações juvenis, tem-se a dos jovens infratores, sujeitos colaboradores deste estudo em que essas dimensões serão analisadas na busca de uma identidade entre elas. Portanto, as propostas de história oral temática desses jovens tomam por base as dimensões juvenis aqui tratadas.

A seguir passa-se a expor os números que apontam dados catastróficos da realidade de extrema violência do nosso país, especialmente da juventude perdida brasileira.

2.3 Os índices da “juventude perdida”

Neste item pretende-se contextualizar em dados estatísticos e informações alguns aspectos da segurança pública que se relacionam à temática da juventude em nosso país, com intuito primordial de se escancarar a gravidade do problema. Ao passo que foi feito nos itens anteriores, partindo do contexto geral para o local, espera-se iniciar com dados mais gerais até chegar aos apontamentos específicos da cidade de São João del-Rei e Santa Cruz de Minas, referências territoriais para esta pesquisa.

Como referência de elementos, buscou-se dados produzidos nos trabalhos anuais denominados Mapa da Violência e Atlas da Violência, os quais referenciam a verdadeira crise civilizatória que o nosso país vivencia. Já os dados locais, estes foram produzidos pelo banco de dados da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais (PMMG). Acerca da caracterização *juventude perdida*, que em homenagem a Waiselfisz emprestamos a titulação deste subtítulo, vale trazer as observações feitas pelo autor:

O drama da juventude perdida possui duas faces. De um lado a perda de vidas humanas e do outro lado a falta de oportunidades educacionais e laborais que condenam os jovens a uma vida de restrição material e de anomia social, que terminam por impulsionar a criminalidade violenta. (WASELFISZ, 2014, p. 25)

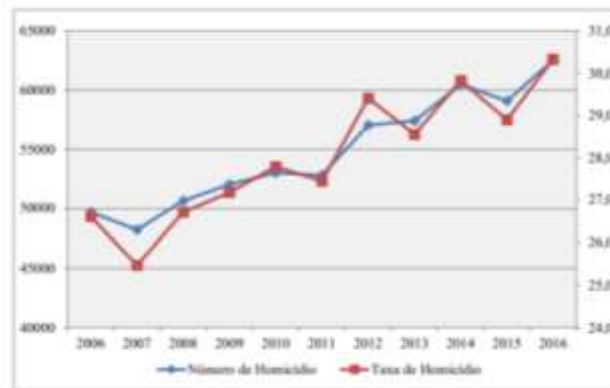
Como sedimentado anteriormente no capítulo de metodologia, não se busca com esta pesquisa caracterizar todo e qualquer envolvimento de jovens com a criminalidade e sim a sua relação específica com determinadas infrações penais. Para tanto, esta análise pretende trabalhar com aqueles crimes caracterizados como violentos²², por serem considerados de maior gravidade e afetarem de maneira mais contundente o convívio social. O delito de homicídio ganha ênfase aqui por ser considerado atualmente como uma das principais causas de extermínio da juventude brasileira.

Em análise aos dados consolidados pelo *Atlas da Violência*²³ do ano de 2018, importante documento sobre segurança pública em nosso país, percebe-se que o Brasil, ano a ano, vem superando recordes de número de homicídios, alcançando a marca histórica de 62.517 homicídios em 2016, segundo informações do Ministério da Saúde (MS). Este quantitativo equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada grupo de 100 mil habitantes, correspondente a 30 vezes a taxa da Europa. Vale ressaltar que pela primeira vez na história o Brasil atinge esse fatídico índice.

²² Recebem esta caracterização os crimes cometidos com emprego de violência: latrocínio, homicídio, roubo, estupro e sequestro.

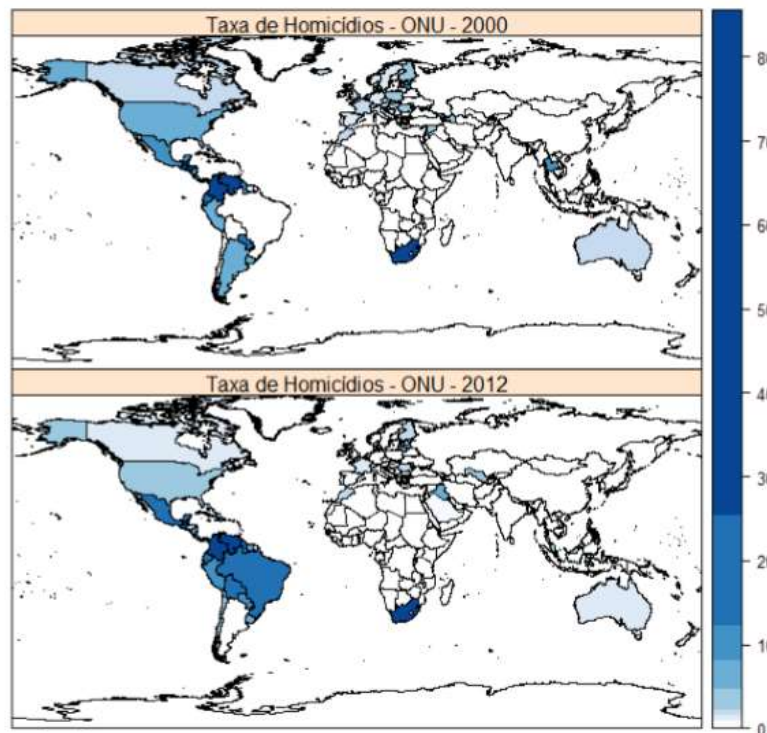
²³ Trabalho produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) que buscam analisar diversos indicadores para compreender o processo de acentuada violência no país.

Gráfico 1. Brasil: número e taxa de homicídio (2006 e 2016)



Em uma análise global contemporânea, percebe-se que os países situados no continente americano reúnem as maiores taxas de homicídios do mundo. Das catorze maiores taxas, treze estão nesse continente, com uma concentração mais evidente nos países latino-americanos. A figura a seguir relaciona essa evidência tomando como parâmetro uma visão panorâmica do ano 2000 e outra do ano de 2012, dez anos após, mostrando o retrocesso do nosso país neste importante medidor de desenvolvimento social.

Figura 1 - Taxa de Homicídios segundo a ONU (2000 a 2012)



Os países Belize, El Salvador, Bahamas, Colômbia e Brasil apresentam as cinco maiores taxas de homicídios conforme dados da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2012. Lamentavelmente, o nosso país evidenciou no século XXI uma expansão da violência que o caracterizou como uma das nações mais violentas do planeta (ATLAS, 2018).

Estes elevados índices de violência letal ainda se agravam quando se traz à análise os jovens do nosso país. Sem surpresas em relação aos *Atlas* anteriores, aumentou-se em 2016 o número de homicídios contra a juventude brasileira e as taxas são perceptivelmente alarmantes. Ao se considerar neste quadro de violência apenas o grupo de jovens entre 15 e 29 anos, a taxa de homicídio por 100 mil habitantes chega a 142,7, ou seja, 4,7 vezes a taxa geral do país que se apresenta como uma das piores do mundo.

Em seu trabalho denominado *Mapa da Violência 2014 - Os jovens do Brasil* – um estudo focado exclusivamente na juventude brasileira, Waiselfisz (2014) assevera uma radical mudança histórica nas causas de mortes de jovens em nosso país. As epidemias e doenças que nas décadas de 1960 e 1970 eram responsáveis por grande parte dessas mortes, deram lugar às denominadas causas externas²⁴, especialmente os homicídios e acidentes de trânsito.

Os dados do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Ministério MS também acentuam esse significativo agravamento ao apontar que em 1980 as causas externas já eram responsáveis por 50% de mortes do público jovem no Brasil. Em 2011, essas causas externas, também denominadas pelo autor como mortalidade violenta²⁵, se elevaram de forma drástica e já são responsáveis por mais de 71% dos óbitos juvenis.

Segundo Waiselfisz (2014), o incremento dos homicídios nessas causas externas de mortes juvenis é notório a partir dos 13 anos e se estende até os 21 anos, onde se percebe um progressivo declínio. Nessa faixa jovem, o autor destaca que no Brasil “são taxas de homicídio que nem países em conflito armado conseguem alcançar”.

²⁴ As causas externas remetem a fatores independentes do organismo humano, fatores que provocam lesões ou agravos à saúde que levam à morte do indivíduo.

²⁵ Terminologia utilizada para referenciar a somatória das mortes por homicídios, suicídios e acidentes de transporte.

Outro dado histórico de suma relevância extraído do *Mapa da Violência 2014* e que nos aduz a significar com maior ênfase a grave situação dos homicídios contra jovens é que nos idos de 1980, as mortes no trânsito eram bem superiores às causadas por homicídios. A partir de 1990, o fenômeno se inverteu e os homicídios ultrapassaram vertiginosamente os óbitos em acidentes fazendo com que em 2000, os números de homicídios fossem 52,7% maiores.

A situação reverbera o caráter alarmante no momento em que o comparativo é proposto entre o público jovem e os não jovens. No período de 1980 a 2012, 29% de todas as mortes de jovens ocorreram em razão de homicídios, ao passo que este índice no público não jovem foi de 2%. Ao centrar os dados na região sudeste e na última década do estudo proposto por Waiselfisz (2002 a 2012), tem-se que a maior polarização dos índices de homicídio está na região sudeste do país. Enquanto São Paulo apresentou uma queda expressiva e sistemática de mais de 50% destes crimes, o estado de Minas Gerais apresentou um crescimento de 52,3% neste mesmo período.

A relação entre juventude e homicídios ainda consegue consignar patamares ainda mais abissais quando se restringe a pesquisa apenas aos jovens do sexo masculino. Dos 33.590 jovens assassinados em 2016, 94,6% foram do sexo masculino, número que representa um acréscimo de 7,4% em relação ao ano anterior. Isto perfaz que para cada 10 vítimas de homicídio no Brasil, 09 são desta subpopulação de homens jovens.

Em consideração à década 2006-2016, evidencia-se que o Brasil apresentou aumento de 23,3% no número de jovens mortos nesse período, com destaque negativo para a variação anual verificada de 2011 para 2012 (acrécimo de 9,6%) e de 2015 para 2016 (aumento de 7,4%). As taxas de homicídios entre jovens são discrepantes entre os Estados e notoriamente heterogênea em nosso país, com concentração dos piores índices nas regiões norte e nordeste.

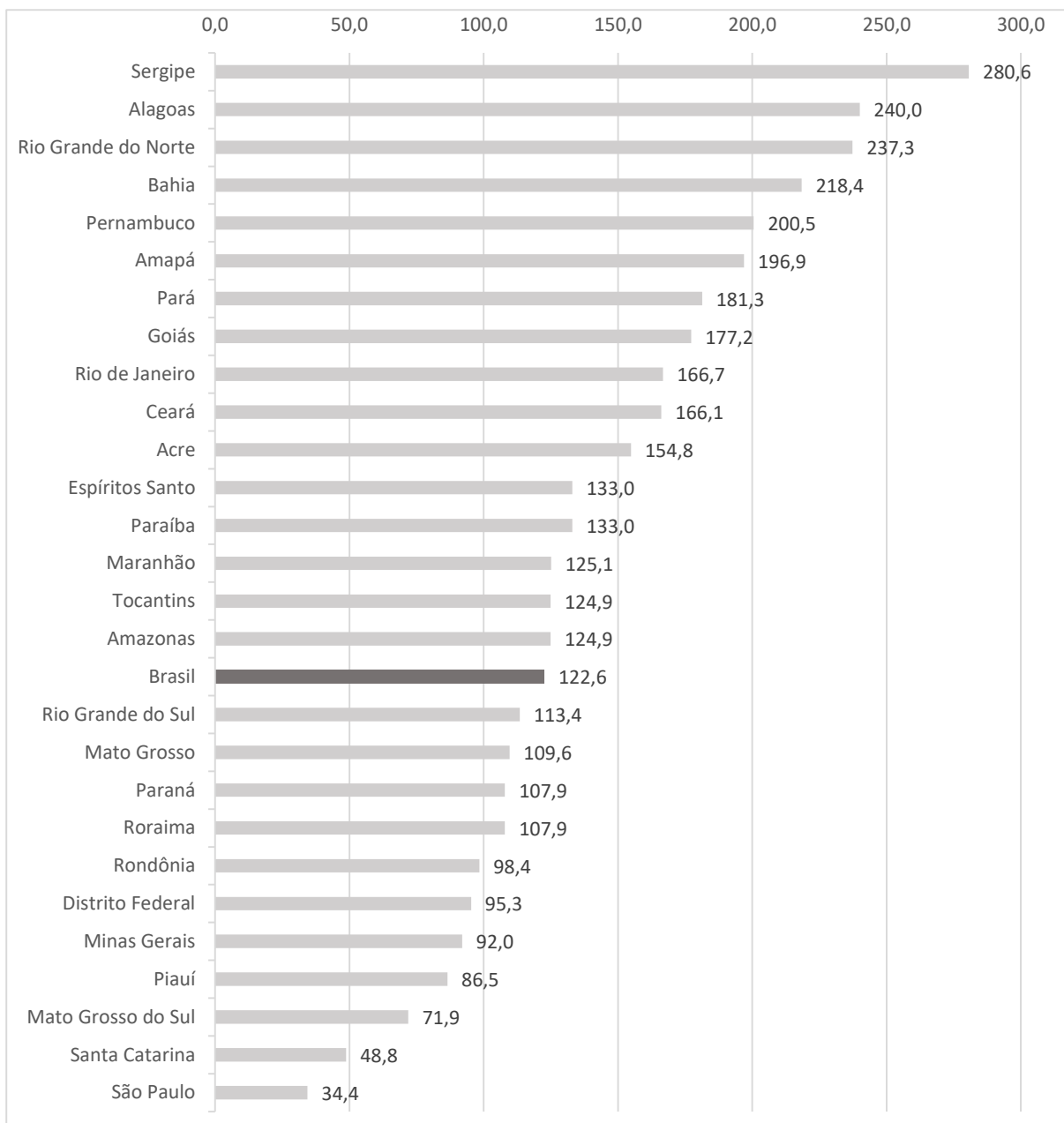
Tabela 1 – Brasil: número de homicídios de jovens por UF (2006 a 2016)

	Número de Homicídios											Variação %	
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2006 a 2016	2015 a 2016
Brasil	27251	26489	27880	28267	28562	27930	30609	30689	32436	31264	33590	23,3%	7,4%
Acre (AC)	85	72	76	78	74	73	101	119	111	105	194	128,2%	84,8%
Alagoas (AL)	980	1102	1142	1115	1287	1321	1231	1313	1243	1049	1079	10,1%	2,9%
Amapá (AP)	128	114	141	108	168	122	164	147	162	165	233	82,0%	41,2%
Amazonas (AM)	428	433	481	540	634	791	732	659	678	809	782	82,7%	-3,3%
Bahia (BA)	1947	2160	2994	3427	3571	3221	3662	3338	3553	3559	4358	123,8%	22,5%
Ceará (CE)	941	1066	1131	1196	1494	1568	2329	2705	2831	2450	2102	123,4%	-14,2%
Distrito Federal (DF)	399	431	492	523	452	493	517	465	453	382	409	2,5%	7,1%
Espírito Santo (ES)	982	1008	1113	1164	1036	1005	969	985	958	830	707	-28,0%	-14,8%
Goiás (GO)	825	849	971	977	1088	1201	1518	1598	1568	1618	1675	103,0%	3,5%
Maranhão (MA)	527	623	714	775	837	820	952	1171	1311	1257	1212	130,0%	-3,6%
Mato Grosso (MT)	427	368	428	469	462	474	544	541	636	529	516	20,8%	-2,5%
Mato Grosso do Sul (MS)	315	340	345	354	292	307	291	265	322	264	274	-13,0%	3,8%
Minas Gerais (MG)	2408	2344	2204	2062	1956	2250	2512	2595	2573	2378	2513	4,4%	5,7%
Pará (PA)	1185	1263	1635	1717	1935	1758	1799	1785	1821	1936	2266	91,2%	17,0%
Paraíba (PB)	458	461	561	710	834	915	901	893	869	828	699	52,6%	-15,6%
Paraná (PR)	1706	1760	1914	2078	1970	1786	1870	1538	1473	1471	1574	-7,7%	7,0%
Pernambuco (PE)	2616	2698	2621	2281	1977	1928	1815	1709	1881	2143	2512	-4,0%	17,2%
Piauí (PI)	240	186	187	205	195	223	269	329	392	328	367	52,9%	11,9%
Rio de Janeiro (RJ)	4076	3652	3092	2841	3020	2409	2397	2693	3027	2761	3386	-16,9%	22,6%
Rio Grande do Norte (RN)	234	314	402	455	439	596	649	883	1002	939	1129	382,5%	20,2%
Rio Grande do Sul (RS)	980	1137	1199	1081	983	1018	1149	1078	1323	1391	1608	64,1%	15,6%
Rondônia (RO)	257	210	210	231	226	187	230	212	229	261	261	1,6%	0,0%
Roraima (RR)	46	47	38	52	52	39	70	78	56	77	92	100,0%	19,5%
Santa Catarina (SC)	321	328	406	429	380	389	407	369	402	442	475	48,0%	7,5%
São Paulo (SP)	4285	3135	2948	2940	2671	2505	2875	2552	2751	2333	2017	-52,9%	-13,5%
Sergipe (SE)	334	294	313	324	351	371	474	520	623	716	869	160,2%	21,4%
Tocantins (TO)	121	94	122	135	178	160	182	149	188	243	281	132,2%	15,6%

Fonte: MS/ SVS/ CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal. Considerou-se jovens indivíduos entre 15 e 29 abis. Elaboração Diest/Ipea e FBSP

O gráfico a seguir apresenta uma descrição da vitimização de jovens em 2016 no nosso país, estratificando os índices por Unidades Federativas (UFs). Houve aumento na quantidade de jovens assassinados em vinte delas e a taxa de vitimização deste subgrupo chega a 280,6 mortes para um grupo de 100 mil habitantes.

Gráfico 2 - Brasil: taxa de homicídios de jovens homens, por UF



Outro dado bastante emblemático e que caracteriza com muita preocupação a participação do homicídio como causa de extermínio da juventude masculina brasileira é que a violência letal intencional responde por 56,5% da causa de óbito de homens entre 15 a 19 anos. Estes dados estão relacionados na tabela a seguir.

Tabela 2 – Brasil: proporção de óbitos causados por homicídios em 2016

Faixa etária =>	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69	Total
Masculino	17,4%	56,5%	52,4%	42,8%	33,0%	22,7%	13,9%	7,6%	4,3%	2,4%	1,5%	0,8%	13,9%
Feminino	6,4%	14,1%	14,3%	10,5%	7,9%	4,7%	2,6%	1,7%	0,8%	0,5%	0,3%	0,1%	2,0%
Total	13,2%	49,1%	46,0%	36,1%	26,4%	17,1%	10,1%	5,5%	300,0%	1,7%	1,0%	0,5%	9,7%

Ao se aprofundar ainda mais na categorização juventude masculina, percebe-se que a desigualdade das mortes violentas traz ainda outro subgrupo de relevante importância. Por intermédio do estudo nomeado *Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e Desigualdade*, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP conseguiu apurar o indicador desigualdade racial à violência contra os jovens. Neste trabalho evidenciou-se que em 2016, o risco relativo de um jovem negro ser vítima de homicídio era 2,6 vezes maior do que um jovem branco.

Essa informação é consubstanciada também pelo *Atlas da Violência* do ano de 2018, no qual a análise dos homicídios entre 2006 e 2016, face às considerações se a vítima era negra ou não²⁶, apresentava cenários totalmente distintos e materializava a magnitude da desigualdade. Enquanto a taxa de homicídio de negros elencava crescimento de 23,1%, a mortalidade de indivíduos não negros mostrava uma redução de 6,8%. Segundo Waiselfisz (2018, p. 55), “é como se, em relação à violência letal, negros e não negros vivessem em países completamente distintos.”

Esta assertiva nos leva à reflexão de que não basta apenas considerar o nosso infeliz legado histórico de discriminação racial como um dos responsáveis por essa tragédia, mas apontar claramente que essa mácula contra a juventude, notoriamente a negra, vem crescendo e se agravando nos últimos anos, especialmente na última década. São constatações de números exorbitantes que se comparam à vitimização de ataques terroristas e de países em guerras, com um perfil típico que se repete a cada ano: o extermínio de jovens do sexo masculino, negros, pardos e com baixa escolaridade. Esta assertiva está presente nas lições de Miraglia desde 2008, quando a autora expressa que:

²⁶ Na análise que segue, adotamos a classificação do IBGE para raça/cor, em que consideramos negros os indivíduos de cor preta ou parda; e indivíduos não negros, os brancos, indígenas ou amarelos.

No conjunto das “juventudes” que co-existem, é preciso reconhecer, diante do dado de que as vítimas preferenciais da violência são jovens, pobres, negros e pardos, moradores das periferias dos centros urbanos, que hoje há uma forma particular de viver a juventude: morar num bairro de periferia onde a violência, além de uma forma de comunicação, configura um conjunto de padrões de sociabilidade. (MIRAGLIA, 2008, p. 156)

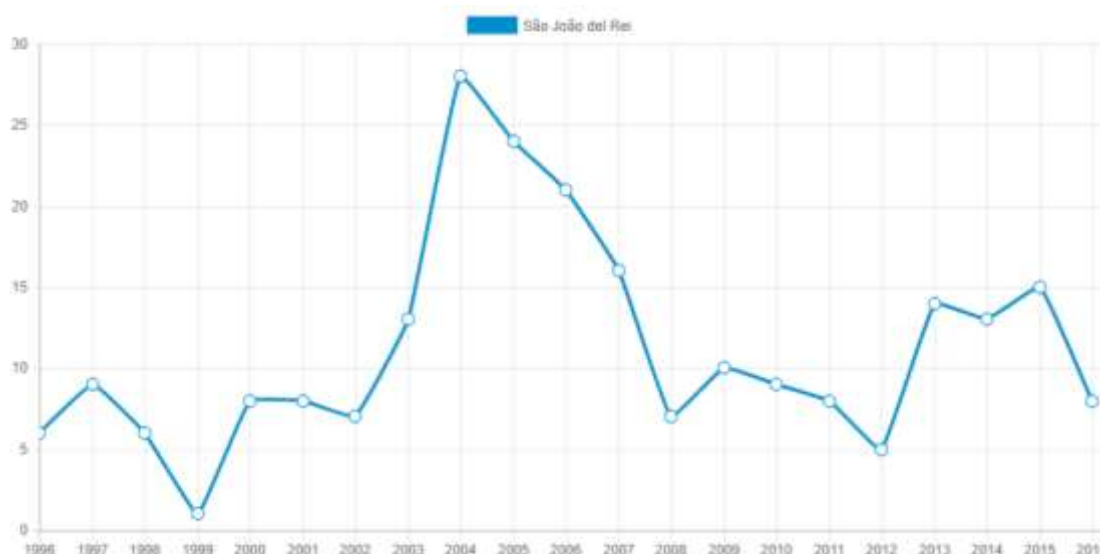
As motivações desses crimes também são percebidas por Waiselfisz (2018) ao caracterizar alguns apontamentos que influenciam diretamente a prática de homicídios entre jovens. São citadas como causas principais a disputa pelo domínio territorial de quadrilhas, a formação de milícias, o tráfico de entorpecentes bem como áreas onde “imperam uma sólida cultura da violência, crimes por motivos fúteis e banais” (Waiselfisz, 2018, p.48). Estas observações mais intrínsecas do fenômeno criminal serão consideradas e levadas à análise de campo que ora se delimita em um universo de estudo específico.

Estes índices nacionais deixam o país numa posição de uma das nações com maiores crises de violência no mundo, substancialmente pelas mortes em conflitos. O ciclo perverso do assassinato da nossa juventude é tratado por Miraglia (2008, p. 158) como uma verdadeira epidemia²⁷. Avançamos agora do global para o local, com intuito de especificarmos o presente trabalho.

Ao aportar nos índices de São João del-Rei, percebem-se condições de se apresentar dados mais atuais e pontuais que resignificam em escala local a violência que se propaga em nosso país. O gráfico abaixo traz um panorama dos homicídios consumados na cidade entre o público juvenil. A fonte, IPEA, nos permite uma análise histórica de 20 anos em relação à vitimização juvenil na cidade, onde se percebe destacadamente os anos de 2004 a 2006, período em que as taxas foram acima da média brasileira à época.

²⁷ O termo “epidemia”, importado da Saúde Pública, é usado de forma corrente, mesmo fora desse campo epistêmico, para falar da violência. Originalmente, trata-se um termo técnico ou mais uma forma de identificar causas de lesões ou de mortalidade. Mas hoje já foi apropriado como referência sociológica, sugerindo que há uma dimensão contagiante na violência.

Gráfico 3 - São João del-Rei: homicídios na faixa etária de 15-29 anos



As fontes da PMMG tratadas a seguir permitem trazer dados confiáveis a partir de 2012, ano em que se implantou o sistema informatizado de ocorrências. A tabela a seguir proporciona apresentar dados distintos entre as duas variáveis de homicídios, o consumado e o tentado, a partir de 2012 até 2018. Percebe-se uma média de 30 homicídios ao ano, para uma população estimada em 90 mil pessoas. Estes números são expressivos e coloca o município em condição de alerta para este problema social.

Tabela 3 - Brasil: quantidade de homicídios tentados e consumado em São João del-Rei

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Homicídios Consumados	4	16	10	15	13	14	0
Homicídios Tentados	11	15	22	19	19	12	14
Total	15	31	32	34	32	26	14

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Em relação à autoria dos crimes acima citados por sexo, percebe-se que o problema encontra-se eminentemente no público masculino. Dos 138 crimes de homicídio em São João del-Rei, apenas 5 foram provocados por mulheres.

Tabela 4 - Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por sexo

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Masculino	22	17	26	23	19	17	9	133
Feminino	0	0	2	0	2	1	0	5
Total	22	17	28	23	21	18	9	138

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Em relação à vitimização desses crimes de homicídio, evidencia-se que o problema permanece eminentemente no público juvenil masculino. De um total de 246 vítimas de crimes de homicídio em São João del-Rei, 226 são do sexo masculino.

Tabela 5 - Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por sexo

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Masculino	19	44	34	38	51	26	14	226
Feminino	2	4	2	5	6	1	0	20
Total	21	48	36	43	57	27	14	246

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

A análise por idade nas tabelas a seguir, também de essencial importância para se verificar o tipo de público envolvido em homicídios no território em análise, mostra que o panorama brasileiro é repetido nesta análise municipal, onde autores e vítimas são potencialmente aqueles considerados como jovens.

Tabela 6 - Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por faixa etária

Faixa etária =>	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69
Total	5	67	26	11	11	5	10	3	3	0	0	0

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Tabela 7 - Brasil: vítima de homicídios em São João del-Rei por faixa etária

Faixa etária =>	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69
Total	5	69	61	28	33	25	9	7	5	3	1	0

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Os dados das tabelas acima deixam nítido que a maioria das autorias de crime são jovens, com idade entre 15 e 29 anos, o que representa um total de 75%

de todos os autores. A condição de vítima também concentra neste público, com uma estimativa em torno de 65%. Trata-se de uma triste realidade entre jovens matando e morrendo.

Os dados agora vêm apresentar uma análise do grau de escolaridade entre autores e vítimas de homicídios. Aos autores, a tendência aponta para baixa escolaridade, em que sobressaem as classificações de ensino fundamental incompleto, apenas alfabetizado e escolaridade ignorada.

Tabela 8 - Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por escolaridade

ALFABETIZADO	3	4	8	4	4	5	0	28
ANALFABETO	0	0	0	0	1	0	0	1
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO (8 ANOS ESTUDO)	1	0	2	1	1	1	2	8
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO (8 ANOS ESTUDO)	4	5	9	9	5	6	3	41
ENSINO MEDIO COMPLETO (2º GRAU)	5	1	0	2	0	0	0	8
ENSINO MEDIO INCOMPLETO (2º GRAU)	3	1	2	2	2	2	1	13
ESCOLARIDADE - IGNORADA	1	6	6	5	8	4	3	33
OUTROS - ESCOLARIDADE	1	0	0	0	0	0	0	1
SUPERIOR INCOMPLETO	4	0	0	0	0	0	0	4
Total	22	17	27	23	21	18	9	137

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Em relação às vítimas, a tendência é praticamente a mesma, conforme exposto a seguir.

Tabela 9 - Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por escolaridade

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
ALFABETIZADO	4	6	4	16	6	9	0	45
ANALFABETO	1	0	0	0	0	1	0	2
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO (8 ANOS ESTUDO)	0	5	2	3	6	2	0	18
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO (8 ANOS ESTUDO)	6	17	10	9	11	6	4	63
ENSINO MEDIO COMPLETO (2º GRAU)	1	9	1	2	4	1	2	20
ENSINO MEDIO INCOMPLETO (2º GRAU)	2	1	2	1	2	1	2	11
ESCOLARIDADE - IGNORADA	3	9	14	12	25	6	6	75
OUTROS - ESCOLARIDADE	0	0	2	0	2	0	0	4
POS-GRADUACAO	1	0	0	0	0	0	0	1
SUPERIOR COMPLETO	0	1	1	0	0	0	0	2
SUPERIOR INCOMPLETO	3	0	0	0	1	1	0	5
Total	21	48	36	43	57	27	14	246

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Outra evidência a ser explorada neste delito é a cor da pele dos autores e vítimas de homicídios, em que se constata que indivíduos pardos têm maior possibilidade de serem vítimas ou autores deste tipo de crime. A tendência segunda é de autores e vítimas brancas e depois as negras.

Tabela 10 - Brasil: autores de homicídios em São João del-Rei por cor da pele

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Branca	5	4	6	8	7	6	3	39
Ignorada	0	2	5	2	2	0	1	12
Negra	7	3	2	6	6	3	3	30
Parda	10	8	14	7	6	9	2	56
Total	22	17	27	23	21	18	9	137

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Tabela 11 - Brasil: vítimas de homicídios em São João del-Rei por cor da pele

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Albina	1	0	0	0	0	0	0	1
Amarela	0	0	0	0	0	1	0	1
Branca	6	14	10	12	16	10	3	71
Ignorada	0	1	4	2	5	3	1	16
Negra	7	9	5	13	3	6	4	47
Parda	7	24	17	16	33	7	6	110
Total	21	48	36	43	57	27	14	246

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Os dados sobre os homicídios em São João del-Rei nos mostram com clareza que o público diretamente envolvido neste delito, seja na questão de autoria, seja na vitimização, são jovens com baixa escolaridade e, em sua maioria, pardos. A seguir propomos uma análise dos crimes de roubo, onde o envolvimento de autoria nos parece repetir à análise já apresentada para o homicídio.

Tabela 12 - Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por sexo

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Masculino	33	32	43	46	42	25	27	248
Feminino	3	3	2	1	2	0	3	14
Total	36	35	45	47	44	25	30	262

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Tabela 13 - Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por faixa etária

Faixa etária =>	10 a 14	15 a 19	20 a 24	25 a 29	30 a 34	35 a 39	40 a 44	45 a 49	50 a 54	55 a 59	60 a 64	65 a 69
Total	19	132	48	27	19	13	2	0	1	0	1	0

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

A análise das tabelas anteriores nos permite fazer as seguintes inferências: a primeira é que o público autor é, em quase totalidade, de sujeitos do sexo masculino. A segunda é que a grande concentração autoral está no público entre 15 e 19 anos, o que se há de considerar que grande engloba sujeitos em menoridade. Abaixo se apresenta a situação de escolaridade dos autores e cor da pele.

Tabela 14 - Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por escolaridade

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
ALFABETIZADO	12	4	3	10	7	7	4	47
ANALFABETO	0	1	0	0	0	0	0	1
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO (8 ANOS ESTUDO)	2	3	2	2	3	2	2	16
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO (8 ANOS ESTUDO)	13	18	31	22	25	11	8	128
ENSINO MEDIO COMPLETO (2º GRAU)	2	1	2	3	0	0	2	10
ENSINO MEDIO INCOMPLETO (2º GRAU)	7	7	2	6	3	2	5	32
ESCOLARIDADE- IGNORADA	0	0	5	3	5	2	8	23
OUTROS - ESCOLARIDADE	0	1	0	0	0	1	1	3
SUPERIOR COMPLETO	0	0	0	0	1	0	0	1
SUPERIOR INCOMPLETO	0	0	0	1	0	0	0	1
Total	36	35	45	47	44	25	30	262

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Tabela 15 - Brasil: autores de roubo em São João del-Rei por cor da pele

Ano	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	Total
Amarela	0	0	0	0	0	0	2	2
Branca	13	12	13	15	12	10	9	84
Ignorada	0	3	0	0	1	1	5	10
Negra	8	6	17	12	9	7	4	63
Parda	15	14	15	20	22	7	10	103
Total	36	35	45	47	44	25	30	262

Fonte: Arquivos Transacionais do CINDS - Polícia Militar de Minas Gerais

Semelhante à análise dos homicídios, os autores são em maioria de indivíduos com ensino fundamental incompleto ou apenas alfabetizado. As caracterizações físicas marcam primeiramente os pardos, depois brancos e, em seguida, os negros.

Esta análise estatística nos apresenta que o público envolvido com homicídios na cidade de São João del-Rei apresenta características semelhantes aos envolvidos com roubos. São indivíduos qualificados especialmente como sujeitos jovens, de baixa escolaridade e de cor parda. Este é o estereótipo do sujeito inserido no âmbito criminal de violência.

Em síntese, os dados acima desnudam a triste realidade da juventude marcada pela violência dos homicídios e dos roubos. Os números do país são extremamente negativos, estarrecedores e dignos da mais profunda indignação. Os anos passam e os índices pioram, o que nos leva a crer na necessidade de estudos aprimorados sobre a temática juventude e violência e a consequente proposição de medidas mitigadoras.

Os fatídicos números denotam a necessidade de providências urgentes, e este estudo, além de denúncia, propõe o anúncio de uma realidade outra. Com esta proposta é que se pretende explorar as narrativas orais desses jovens do crime, a fim de perceber pelas histórias das suas vidas os itinerários que marcam os caminhos desviantes.

Falta amanhã aos “esfarrapados do mundo”, como falta amanhã aos subjugados pelas drogas. (FREIRE, 2000. p. 23)

(Paulo Freire)

3. A PEDAGOGIA DO CRIME

Este capítulo de análise das narrativas é o coração do nosso trabalho, momento em que transcrevemos as principais falas dos sujeitos desta pesquisa e as relacionamos com a teoria freireana que nos alicerça e referencia, principalmente quando buscamos no autor a relação eu/tu e também as suas substanciais considerações acerca da opressão, violência e desumanização. Ainda sob um enfoque freireano, essas histórias são apresentadas ora em forma de denúncias que marcam vidas permeadas pela violência e opressão, ora em anúncios que assinalam as expectativas e os sonhos. Assim, com esta proposta dialógica de desenvolvimento analítico, tem-se ainda em evidência as observações do pesquisador, seja como um jovem que cresceu em um bairro onde essas histórias aconteceram, seja como um policial que tem o dever de zelar pela segurança pública dessa cidade.

Esse dialogismo entre sujeito, autor e pesquisador consolida este capítulo ao abrir espaço para o “inédito viável”, um momento em que se oportunizou uma troca das experiências aqui afloradas em duas oportunidades. A primeira com grupos de professores e discentes da área de Educação da UFSJ e a segunda com os policiais militares do 38º BPM em cargos de comando, a fim de se discutir as denúncias que as histórias nos trazem, mas, mais do que isso, principalmente os anúncios futuros e as práxis que podem surgir deste trabalho.

As histórias de vida dos colaboradores são bem semelhantes, a ponto de se embaralhar as narrativas e se perder a real identidade dos sujeitos tamanha a semelhança dos passos vivenciados na infância e juventude criminal. São relatos que marcam pela desestrutura familiar, o envolvimento precoce com as drogas, o abandono escolar, a vivência em locais de extrema vulnerabilidade social, o aliciamento para o tráfico de drogas e a prática de crimes decorrentes.

Percebe-se claramente nas entrelinhas dessas histórias que todas as narrativas são permeadas pelas marcas da opressão, da violência e da desumanização. Evidencia-se ainda que a identidade do colaborador é a do sujeito do sexo masculino, pobre e que em algum momento da sua juventude teve uma forte interação com grupos denominados por eles mesmos de “bonde”. Nesse ambiente, os integrantes mais antigos desafiam os membros iniciantes com demonstrações de virilidade, os pressionam e dessa forma fazem da prática do crime um modo de agir comum dos indivíduos que pertencem ao grupo.

Essas narrativas serão apresentadas e discutidas neste trabalho tomando ainda como referencial de organização teórica os aspectos que influenciam diretamente no modo de ser jovem na atualidade e que foi consignado anteriormente por Dayrell (2007) e Abramo (2008), como “dimensões juvenis”. Retomando-as, temos: família, escola, sociabilidade, territorialidade, o lugar socialmente ocupado pelo sujeito, o trabalho e o tempo. Em um primeiro momento, as perspectivas dessas dimensões supracitadas pareciam ser suficientes para analisar as histórias orais e relacioná-las com a teoria de base proposta; no entanto verificou-se após as entrevistas, a necessidade de se estabelecer categorias que relacionassem as histórias de vida com essas dimensões. Essas categorias englobam subcategorias com características comuns e nos ajudam a organizar a proposta dialógica deste trabalho.

O princípio, a primeira categoria, nos traz os primeiros laços de interação social dos colaboradores, representado pela vida na família e na escola, que são duas instituições responsáveis pela educação inicial do sujeito. Em termos cronológicos, representa geralmente a fase de infância desse jovem e acolhe a história vivida pelo sujeito basicamente na família onde ele está inserido e na escola onde foi designado a estudar. Nesse espaço, o poder de relação social do sujeito é bem limitado pela restrita capacidade de escolha nas interações de amizade.

A categoria seguinte nos mostra o jovem que já passou por uma fase de sociabilidade inicial mais restrita e apresenta uma autonomia relativa na construção das relações sociais seguintes. Em razão disso, trataremos a sociabilidade construída sendo que o enfoque estará nos afetamentos provocados pelo território, o lugar social ocupado, o tempo e o trabalho, relacionando todas essas dimensões com as narrativas e a teoria proposta.

A terceira categoria também traz a sociabilidade construída, mas restrita aos grupos criminosos. Neste momento tratamos da essência das narrativas que contam as histórias do crime e marca essencialmente a pedagogia do crime, responsável por grande parte das lembranças desses jovens quando falam da sua própria existência. Tratamos ainda das consequências de uma vida afetada pelo âmbito criminal, como a experiência do cárcere, das perdas de vidas próximas, da forte estigmatização da figura feminina aos olhos desses jovens e também da religiosidade que mudou a vida de alguns desses jovens na prisão.

Como última categorização tratamos os anúncios marcados na pesquisa, seja por intermédio dos sonhos presentes na oralidade desses jovens, seja nos anúncios de uma vida pós crime, seja nas proposições dialógicas que foram à pauta no inédito viável.

No entanto, antes de tratarmos das categorias que organizam as histórias de vida dos nossos colaboradores, vale expor as motivações em Freire, anunciando o porquê da escolha do autor ao diálogo e trazendo algumas considerações teóricas importantes na sustentação do trabalho. Essas fundamentações são relevantes para nos mostrar as conexões da pedagogia do crime com a pedagogia do oprimido, tratando de forma geral o todo da opressão para chegar ao específico da atividade criminal.

3.1 A pedagogia do oprimido em Freire e suas relações com a pesquisa

Primeiramente, deixo registrada a minha admiração e respeito pelo autor Paulo Freire: brasileiro, nordestino, espírito puro e solidário de fraternidade, legítimo filho pátrio que traçou seus compromissos de vida na busca da conscientização e transformação da realidade tão triste de pobreza e miséria do nosso sofrido povo.

Assim como os grandes líderes que tivemos e referenciamos em nossa história, me desperta a atenção sobre o modo de vida simples e humilde que este renomado intelectual desenvolveu, sempre com ensinamentos repletos de amorosidade e altruísmo, com uma proposta evidente de conscientização do nosso povo para minimizar as injustiças e conseguir prover dignidade aos “desgraçados da vida” e aos “esfarrapados do mundo”. Um *ser mais* dotado de inúmeras virtudes e qualidades que o distinguem pela simplicidade, pela humanização, pela autonomia, espírito crítico e a esperança.

Uma história inteiramente dedicada aos mais necessitados e carentes, com exemplos vívidos de liderança servidora e ensinamentos que transpassam os campos da educação e trazem reflexos nas mais diversificadas áreas que envolvem e permeiam o nosso convívio social. A amplitude de suas lições, as quais buscam constantemente a democracia, alcançaram a segurança pública e contribuem sobremaneira para nos auxiliar a enxergar que a criminalidade tem motivações e origens bem além da própria e simples vontade do agente autor.

Por derradeiro, deixo registrado que as lições de Freire e a imersão nesta pesquisa me fizeram enxergar um lado outro destes jovens que apresentam envolvimento criminal. O que antes me representava um grupo de jovens delinquentes por opção, hoje me desperta a um novo olhar em que o jovem infrator muitas vezes dá lugar ao infelizmente, com uma história de vida marcada pela opressão e legítimo representante de um sistema permeado de desigualdades que segmentam fortemente as classes sociais.

Assim, antes de relacionar a pedagogia do crime com a pedagogia do oprimido, trazemos alguns aportes teóricos importantes para o avanço do nosso diálogo. A pedagogia do oprimido foi escrita por Paulo Freire em 1968 e traz importantes reflexões importantes que contribuem para a nossa pesquisa quando falamos de questões como a dialética opressor/oprimido, a desumanização social, os diversos tipos de violência e da alienação/manipulação do sujeito.

Uma das razões que levou Freire a escrever esta obra foi justamente o grave problema da humanização/desumanização remetido à época. A sociedade iniciava um processo de coisificação, de desgentificação e a Pedagogia do Oprimido pode ser entendida como uma Pedagogia Humanista que luta pela humanização do sujeito. O processo de desumanização coisifica os homens e, portanto, lutar pela sua humanização é fazer com que estes deixem de ser “coisas”. (FREIRE, 1987)

Nas primeiras observações, Freire justifica a presença de uma forte desumanização social provida por uma relação de opressão que se dá em atos de violência e que visa a manutenção de uma ordem injusta, em que a elite domina a massa. “Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão” (FREIRE, 1987, p.23).

De acordo com Freire (1987, p. 24), para os opressores, “o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos, ou nada ter dos oprimidos.” Acresce o autor que esses opressores tendem a transformar oprimidos em opressores, uma vez que a ingenuidade dos oprimidos muitas vezes lhe faz almejar o “poder opressivo”. Já os oprimidos, se conformam, se acomodam e aceitam a violência com que são tratados, não procuram enxergar a realidade ao seu redor, aceitam tudo com facilidade, são humilhados pelos opressores.

Ao falar de humanização e desumanização, Freire considera um a distorção do outro. Existe uma vocação ontológica dos seres humanos: serem mais, falamos assim da humanização em sua busca permanente. Reconhece também o contrário: a desumanização: o ser menos. Esse sujeito opressor, em sua vocação do “ser menos”, rouba a humanidade dos oprimidos pela manipulação e cria impedimentos à transformação e libertação desses sujeitos.

Freire nos mostra que a Pedagogia do Oprimido não apenas em denúncias, mas como pedagogia humanista e libertadora que terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua própria transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo permanente da libertação. (FREIRE, 19987)

A discussão avança e o autor vem denunciar a concepção bancária na educação como instrumento de opressão. Na percepção freireana, esse modelo de educação apresenta formas de controle e manipulação uma vez que o método bancário busca depositar conhecimento aos educandos, de forma que o mesmo fique limitado somente ao conhecimento que lhe é imposto, impedindo-o de pensar, sem que haja diálogo.

A educação bancária é confrontada pela educação libertadora que tem por base o diálogo, pelo qual professores e alunos estabelecem possibilidades comunicativas em cuja essência está a transformação do educando em sujeito da sua própria história. Freire (1987, p. 45) fundamenta esse diálogo no amor e aborda também a práxis, que tem como dimensões: a ação, reflexão e ação transformadora. A palavra tem nesse sentido um valor de transformação, transformar o mundo e aos homens. A palavra é a chave da libertação do oprimido.

De lado outro, temos a antialogicidade, que é o oposto da proposta dialógica. Esse sistema opressor apresenta como premissa as seguintes estratégias: a conquista, a divisão, a manipulação e a invasão cultural, das quais tecemos algumas observações a seguir.

O primeiro caráter opressivo fala da conquista. O sujeito da conquista (opressor) determina suas finalidades ao objeto conquistado (oprimido), que passa a ser algo possuído pelo conquistador. Voltamos ao conceito inicial de objetificação do

humano já discutido. A segunda estratégia consiste na segmentação da massa para conseguir dominá-la. Na concepção do autor, “na medida em que as minorias, submetendo as maiorias a seu domínio, as oprimem, dividi-las e mantê-las divididas são condição indispensável à continuidade de seu poder” (FREIRE, 1987, p. 79)

A manipulação acontece pela tentativa de conformidade da massa, principalmente na privação do conhecimento, em especial o político. Na teoria freireana (1987, p.83), quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas, tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras. Já a invasão cultural consiste na imposição da visão de mundo dos opressores, inibindo a criatividade e expressão dos oprimidos.

Por fim os elementos da ação dialógica que são: o diálogo, a união, a organização e a síntese cultural. Estes elementos trazem em suas ações as premissas contrárias àquelas caracterizadas pelo antidiálogo. Falamos assim da colaboração do diálogo; da necessidade de união da massa oprimida para ganhar força de transformação; da organização como um aporte da união das massas e sinal de liberdade para os oprimidos; e da síntese cultural como elemento de compreensão da dialética permanência/mudança que compõem a estrutura social.

Após esta breve contextualização da teórica na Pedagogia do Oprimido, mais de cinquenta anos após a sua redação original, Freire nos auxilia a abrir os olhos e enxergar um pouco desse lado do jovem oprimido que acaba também por oprimir. A imensidão da obra em análise transcende os princípios educacionais e nos propicia entender o comportamento na sociedade atual em que, muitas vezes, o valor capital sobrepuja o valor humano e os interesses da minoria sobressaem aos da massa. Já denunciava o autor que a violência simbólica e real caminham juntamente com a desigualdade em grandeza diretamente proporcional ao fator de opressão.

Assim, meia década após os primeiros anúncios e denúncias da incongruência de um sistema neoliberal voltado para o consumo e para o capital, Freire dialoga num discurso atual. O que podemos asseverar é que a situação se agravou, ao ponto da opressão ceifar inúmeras vidas e proporcionar uma triste história de crescimento da violência e da criminalidade em nosso país.

É um mundo ao avesso em que se percebem claramente fortes evidências de desumanização, tão perceptíveis quando denunciemos as milhares de vidas juvenis que foram perdidas nos últimos anos.

Ao justificar a lavratura de Pedagogia do Oprimido, nas primeiras palavras, Freire inicia denunciando a desumanização como uma viabilidade ontológica e realidade histórica, manifesta na injustiça, na opressão e na violência dos opressores. Complementa o autor que mesmo a desumanização apresentando caráter histórico, “não podemos adotar um comportamento cínico, alheio ou encarar como um destino proposto, mas sim o resultado de uma ordem injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*”. Acresce ainda que a desumanização instaura a vocação do *ser menos* e também leva os oprimidos a lutarem contra o algoz que mantém essa opressão. (FREIRE, 1987, p.16).

Freire (1987, p.17) alerta que esta humanidade roubada por intermédio da ordem social injusta age sob uma falsa generosidade e “se nutre da morte, desalento e miséria”. A falsa caridade dos opressores encontra do outro lado a mão fraca estendida dos demitidos da vida, dos medrosos e inseguros, dos esmagados e vencidos.

Ao contextualizarmos essa macro-desumanização de todo um sistema social conforme exposto por Freire cinquenta anos atrás, com o período contemporâneo, especialmente naqueles ambientes miseráveis afetados diretamente pela prática criminal, podemos perceber que a desumanização do sistema é potencializada vertiginosamente no âmbito do crime. No entanto, a percepção com o alto índice de mortes juvenis é que a violência hoje é mais real que simbólica, apesar das duas estarem bem presentes como veremos adiante.

A desumanização está escancarada primeiramente na crescente e desprezível desigualdade social do nosso país, onde a minoria detém grande parte da riqueza e a massa, os “esfarrapados do mundo”, beira condições precárias e de miséria. É a desumanização pela injustiça social. Em um Estado de opressão eminentemente voltado para o mercado, a economia e o acúmulo de bens, o *Ser Mais* se transfigurou naquele que tem mais e o *Ser Menos* (distorção do *Ser Mais*), o invisível social, o “Zé Pequeno²⁸” continua sendo encontrado de forma descartável em todas as esquinas e becos dos bairros populares, servindo e subjugando-se ao

²⁸ Personagem do filme Cidade de Deus. Um jovem que cresceu em uma comunidade carente e duramente oprimida pela omissão do Estado. A violência se instalou neste ambiente e Zé Pequeno tornou-se chefe do tráfico de drogas, sendo responsável por várias mortes até ser morto num confronto entre gangues.

crime. Aos opressores do ter, Freire (1987, p. 25) expõe que vale o “ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos”.

Os atos desumanizantes de violência denunciados por Freire, especialmente a simbólica, invisível aos olhos e sentida na alma, sofreram nestes cinquenta anos uma potencialização provocada pelo amplo acesso à informação e, conseqüentemente, às incontáveis propagandas que regem o modelo voltado para o consumo, denominado por Freire (1987, p. 16) como “civilização do consumo”.

A humanização do *ser* deu lugar à desumanização do *ter* e tudo no mundo capitalista gira em torno do acesso aos bens que a mídia expõe como necessários. A violência da propaganda para o consumo bombardeia diariamente a todos anunciando que a felicidade, a harmonia, o bem-estar, os prazeres, enfim tudo de bom da vida está disposto nas prateleiras e é oferecido pelo mercado. Sobre essa realidade de capitalismo extremo, Freire participa nos expõe que

(...) nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. (FREIRE, 1987, p.25)

É inegável que a desumanização desta violência simbólica do ter é muito forte e atinge profundamente o público juvenil, primeiro por representarem a maioria da população atualmente; segundo pelas diversas características que os diferenciam, sendo que grande parte dessas caracterizações estão atreladas ao uso de determinados signos valorados economicamente.

Então surgem as inquietações que nos intrigam, indignam e fazem refletir nesta pesquisa juntamente com as denúncias de Freire em *Pedagogia do Oprimido* acerca da desumanização. Percebe-se que a categoria social construída do modelo juvenil atualmente traz severas considerações atreladas ao consumo, mas a grande maioria dos jovens em nosso país não possui condições de acessar os bens que os identificam.

A desumanização da injustiça denunciada por Freire se agravou no momento em que os meios de comunicação e tecnologia proporcionam hoje, na casa do rico e do pobre, a mesma informação alienante de acesso a bens de consumo, mesmo que o sujeito não queira receber informações dessa natureza e não tenha condições

de comprá-los. Elas surgem nos rádios, na TV, na internet, nos cartazes, panfletos, etc. Freire (1987, p.26) nos alerta quanto ao uso desta tecnologia como instrumento de finalidade opressora, como força indiscutível da manutenção da “ordem opressora”. “É a propaganda, o dirigismo e a manipulação como arma de dominação humana” (FREIRE, 1987, p. 31).

Assim, aos que possuem capital, tudo depende de um clique ou de um acesso presencial aos estabelecimentos comerciais; aos que não possuem, resta a violência simbólica de aceitar que aquilo não lhes pertence, resta a escravidão simbólica de perder sua vida em dois ou três empregos para conquistar ou resta a opção de conseguir o objeto de alguma forma ilícita.

Nesta última alternativa é que presenciamos vários jovens encontrarem o recurso do crime. Nesta opção percebemos a violência simbólica muitas vezes se transformar em violência física para o alcance do ter e o sujeito oprimido se transformar em opressor. Nesta hipótese evidenciamos muitas vezes o oprimido simbólico pelo sistema se tornar o opressor real, capaz de atitudes desumanizantes como matar, ferir e violar direitos. Esta situação perpetua a desumanização e frustra a expectativa de Freire para com a posição humanista e histórica do oprimido, que é “libertar-se a si próprio e aos opressores” (FREIRE, 1987, p.17).

As inquietações são eminentes e por isso se mostra necessária a base da teoria freireana para os esclarecimentos. Aqueles sujeitos que tiveram seus direitos humanos violados tendem também a violar os direitos humanos das outras pessoas. Aos seres duplos inautênticos, oprimidos e hospedeiros do opressor, Freire nos ensina que

[...] É que, quase sempre, num primeiro momento deste descobrimento, os oprimidos, em lugar de buscar a libertação, na luta e por ela, tendem a ser opressores também ou subopressores. A estrutura do seu pensar se encontra condicionada pela contradição vivida na situação concreta, existencial, em que se ‘formam’. O seu ideal é, realmente, ser homens, mas, para eles, ser homens, na contradição em que sempre estiveram e cuja separação não lhes está, clara, é ser opressores. Estes são o seu testemunho de humanidade (FREIRE, 1987, p.17)

Nesta guisa, à margem da luz proporcionada pela venda ocular da opressão vivenciada em anos de domínio, os oprimidos tendem a cometer atos similares aos dos seus opressores, pois foram condicionados desta maneira e não possuem,

muitas vezes, discernimento pleno e crítico. Os desumanizados reproduzem assim os atos de desumanização pelos quais viveram em imersão à realidade opressora. Em exemplo às considerações propostas, Freire (1987, p.18) complementa que raro são os camponeses que ao serem promovidos a capatazes não se tornam mais duros que seus opressores. Assim também o é na realidade de opressão criminal.

Neste entendimento, ousamos relacionar que a desumanização denunciada em Pedagogia do Oprimido, através da sustentação de um sistema de desigualdade social e manutenção de injustiças, se transforma em diversos atos desumanizantes no ambiente fortemente influenciado por esta alienação opressora. O mais vil fator de desumanização se materializa no atentado contra a vida que provoca o extermínio de jovens de comunidades carentes pelo envolvimento com o crime.

Seguimos então à introdução dessas histórias, tentando entender os primeiros passos dos nossos colaboradores nos processos iniciais de suas construções sociais.

3.2 As dimensões juvenis nos primeiros laços de interação social

Nesta categoria trazemos as narrativas que representam os laços iniciais de interação social em que os nossos colaboradores foram submetidos e que trazem a marca da sociabilidade familiar e escolar, institutos culturalmente reconhecidos como responsáveis pela formação dos sujeitos em seus primeiros anos de vida.

Perceberemos ainda nessas duas dimensões, uma espécie de sociabilidade inicial vinculada, em que são estabelecidas e construídas as primeiras relações de contato do sujeito no ambiente social por referenciais ainda bem limitados, em razão do alto grau de dependência e obediência aos seus responsáveis.

Iniciemos então pela família, abrangendo aspectos das narrativas que nos mostram composição, (des)estrutura, dificuldades, formação e outros aspectos que nos auxiliarão na investigação desta categoria.

3.2.1 A desestrutura familiar

A dimensão família se apresenta como o fator de apreciação inicial nesta pesquisa uma vez que, no lar ou no ambiente que lhe acolhe, a criança experimenta o primeiro contato social de sua existência, convivendo com seus familiares e os entes mais próximos que frequentam aquele espaço.

O histórico familiar dos colaboradores talvez tenha sido uma das dimensões que tenha apresentado maior divergência dentre as narrativas, principalmente em relação à composição e estrutura. Essa diferença mais substancial dentre as dimensões já era de se esperar que acontecesse nos primeiros momentos da vida do sujeito aqui representada pela infância na família, pois é o início da história em seus mais variados pontos de partida. As convergências são mais contundentes quando se percebem as próximas interações sociais (escola e grupo de amigos), fazendo com que as histórias passem a ser muito parecidas. Em que pese se possa observar essas distinções, é notório um ponto de conversão muito comum em todas histórias aqui apresentadas: a desestrutura no seio familiar amplificada pelo uso de drogas.

Iniciamos então por uma triste realidade, ponto comum na história de vida de três dos quatro jovens colaboradores: a ausência plena de pais vivos em razão da dependência de drogas lícitas e ilícitas.

A história de Acerola nos mostra um jovem que nunca conheceu seu pai e nasceu quando sua mãe tinha apenas dezesseis anos, no auge de sérios problemas com drogas. Foi criado pela sua tia que acabou se tornando sua mãe de fato. Traz consigo uma revolta particular muito grande por não ter sido reconhecido pelo seu pai, pelo fato de sua mãe natural ter abdicado da sua educação em razão do vício das drogas e por sua mãe de criação oferecer um tratamento diferenciado para este jovem em detrimento aos seus dois filhos biológicos.

Os conflitos familiares vivenciados por este jovem com esses irmãos eram marcados por questionamentos como: “Cadê seu pai? Cadê sua mãe de verdade? Ela tá mexendo com droga...” acabaram trazendo ao narrador uma revolta e um ódio muito grande por ter pai e mãe vivos, mas ambos não eram presentes e não foram responsáveis por sua criação.

Toda vez que eu brigava também com meu irmão e com minha irmã de criação, eles jogava isso na minha cara e eu cresci com essa revolta, com esse ódio dentro de mim de não conhecer minha mãe, de não ter conhecido o meu pai. (ACEROLA, 2019)

O ódio e a revolta são materializados pelo colaborador em suas narrativas e marcam a infância de uma criança que cresceu tentando chamar a atenção dos pais

ausentes, muitas vezes com atos de rebeldia precoces para a idade, como uma tatuagem feita quando tinha apenas onze anos.

A história de Laranjinha já nos mostra uma família numerosa de sete filhos com pai e mãe alcoólatras, sendo o narrador o terceiro de mais idade. Nesta família, pai e mãe perderam judicialmente a guarda dos filhos em razão do envolvimento com drogas, sendo que as sete crianças desse casal foram encaminhadas bem pequenas para um abrigo e lá permaneceram por sete anos, estando Laranjinha à época com nove anos. Os três filhos mais novos foram adotados por famílias estrangeiras e hoje vivem na Itália, com raros contatos junto aos irmãos que permaneceram no Brasil.

O primogênito foi o primeiro a sair do abrigo e foi morar com uma das tias. Sob a influência de uma das primas que residia no mesmo espaço, o filho mais velho viciou-se em crack e passou a roubar para sustentar o vício. O narrador e outro irmão saíram pouco tempo depois do abrigo e também foram morar no mesmo imóvel com a tia. Ao perceberem que a presença dos irmãos era indesejada, decidiram ir morar com a mãe, contraditando a ordem judicial que impedia essa situação. Pai e mãe continuavam apresentando constantes conflitos pessoais em razão do abuso de álcool e num desses episódios de abuso de drogas e remédios, o genitor veio a falecer.

Já Dadinho vem de uma família católica de dez irmãos criados unicamente pela mãe, uma jovem senhora que é avó de mais de vinte netos (narrador não soube precisar quantos sobrinhos ele tinha). Alguns desses irmãos já constituíram novas famílias e a maioria reside em um terreno com várias casas de pequeno porte, sendo que dois irmãos estão cumprindo pena por roubo. A figura da mãe aparece em vários momentos como mantenedora do lar e autoridade responsável pela educação direta dos filhos; já o pai²⁹ aparece estereotipado pela figura de abandono e como alcoólatra.

A minha mãe sempre trabalhou para sustentar a casa, o meu pai trabalhou mas trabalhou pouco, quem trabalhava mesmo para valer era minha mãe.

²⁹ Alguns meses após essa entrevista, em um fatídico episódio de homicídio, aconteceu o assassinato do pai desse colaborador. Dois indivíduos invadiram a residência do mesmo durante a madrugada e o executaram com diversos disparos de arma de fogo, enquanto a vítima dormia no sofá. Acredita-se que o pai foi morto no lugar do filho, uma vez que quem dormia sempre nesse sofá era o colaborador e o fato aconteceu às escuras.

Meu pai agora é um bêbado, ele é um alcoólatra. Ele sempre foi assim, mas depois que a minha mãe separou dele, quando eu tinha uns 12 anos, ele ficou pior. Quando eu comecei a me envolver com o crime eu já morava só com a minha mãe e ela trabalhava o dia inteiro. (DADINHO, 2019)

Nessas três histórias percebemos uma realidade comum de grande parte da juventude brasileira que hoje se encontra envolvida com a criminalidade: a orfandade de pais vivos, que vem nos mostrar uma grave realidade de abandono e desamparo de pais para com seus filhos em razão do vício causado pelas drogas lícitas e ilícitas. Percebemos pais que foram dominados e perderam a luta para os seus vícios a ponto de “abrirem mão” de seus filhos e essa situação acaba consignando a plena incapacidade dos pais em criar os seus descendentes.

No contrapasso dessa desestrutura temos o anúncio de mulheres aguerridas que, mesmo diante das dificuldades extremas de superar a desestrutura que as drogas propuseram em seus lares, não se acovardaram e seguiram, como muitas outras bravas mães guerreiras, o árduo compromisso de conciliar trabalho e família sendo as únicas mantenedoras do lar.

Ao vício das drogas, Freire faz uma analogia relacionando a falta de luta pessoal contra o vício com a entrega do oprimido à situação que o subjuga; bem como assemelha a vontade de mudar maus hábitos com a resistência à situação de dominação. O autor alega que seja o inimigo o álcool,

[...] a cocaína, a maconha, o crack ou a exploração capitalista, de que a ideologia fatalista embutida no discurso neoliberal é um eficaz instrumento dominante. A ideologia que fala, em face das injustiças sociais, de que “a realidade é assim mesmo, de que as injustiças são uma fatalidade contra que nada se pode fazer” solapa e fragiliza o ânimo necessário para a briga como as drogas, não importa qual delas, destruindo a resistência do viciado ou da viciada, os deixam prostrados e indefesos. (FREIRE, 2000, p. 23)

A luta contra os vícios, assim como a resistência às injustiças requerem um processo de fortalecimento da vontade, sacrifício e a pretensão de superar uma dificuldade para transformação do *status quo* que ameaça e oprime. Exige o compromisso de reconhecer uma fragilidade pessoal e a presença de um domínio externo que aflige o indivíduo e a decisão de transformar para vencer a luta contra esse inimigo.

No entanto, assistimos, infelizmente, às famílias desses jovens serem solapadas na sua origem em razão do vício dos pais com as drogas, seja a figura

paterna, a materna ou de ambos. Freire (2000, p. 23) ao falar de sua luta contra o vício do cigarro nos traz reflexões acerca da fraqueza, submissão e a falta de vontade nessa luta.

É que a debilidade de nossa vontade revela a força do vício que nos domina. Mas há uma forma vencida de reconhecer a fragilidade: proclamar a invencibilidade da própria fraqueza. É ficar cada vez mais submisso ao poder que nos esmaga, o que afoga em nós a possibilidade da reação e da luta. (FREIRE, 2000, p. 23)

O uso imoderado de álcool e de drogas ilícitas é considerado doença da categoria de “transtornos mentais de comportamento”, segundo a Classificação Internacional de Doenças - CID. Nessas histórias percebemos nitidamente o efeito devastador que a doença do alcoolismo e da dependência de drogas causa na estrutura dessas famílias, tornando-se, portanto, um problema de saúde pública em razão da grande frequência com que acontece e das nefastas consequências por ela geradas.

O tratamento dessas doenças requer, assim como outras moléstias, o devido acompanhamento médico, mas existem, intrinsecamente nesses casos, os fatores pessoais citados por Freire que são fundamentais para superação dessas doenças: reconhecer a fraqueza que aflige o sujeito, ter vontade de vencer um mal e lutar constantemente contra essa dependência.

Ao avançarmos das drogas lícitas, aqui representada pelo álcool, para as ilícitas, percebemos nas narrativas de Zé Pequeno e Dadinho a presença destas substâncias dentro do convívio familiar, como podemos observar logo adiante. Nesses casos, a ausência dos responsáveis não era pelo vício, mas pelas prisões que foram realizadas pela polícia em decorrência do tráfico de entorpecentes.

Na história de Zé Pequeno, este jovem nos mostra uma composição familiar estruturada na figura do pai, mãe e três filhos. As poucas e moderadas palavras nesse quesito da família, com uma explanação bem superficial, nos deixam poucos apontamentos para compreender o ambiente familiar desse sujeito, mas um dos fatos marcantes e consignados é que o pai foi preso por tráfico de drogas quando o narrador tinha apenas oito anos de idade. Após a prisão do pai aconteceu a mudança da mãe e dos filhos para outra cidade.

[...] Mas eu mesmo assim envolvi, igual te falei, meu pai rodou quando eu era pequenininho, eu vi aquilo lá. Aí depois dali pra frente eu já não era mais o mesmo. Antes meu pai mexia com as drogas dentro de casa... Mas com oito anos já sabe como é que é e o quê que é o quê. (ZÉ PEQUENO, 2019)

O que acentuamos nessa impressão é que o narrador faz questão de explicitar que seu pai manipulava as drogas dentro de casa e mesmo com apenas oito anos de idade à época, sabe definir a quantidade e os tipos de droga que ensejaram na prisão do seu pai por tráfico de entorpecentes. A droga sempre fez parte da vida deste jovem desde a sua infância e a sua oralidade deixa claro que aquele episódio da prisão do seu pai impactou e transformou a sua vida.

Já Dadinho cresceu vendo os primos, irmãos e tio no crime, todos numa célula habitacional muito próxima, em que pese sejam casas distintas. Nas narrativas interpostas, percebe-se que os irmãos mais velhos não aceitam e repudiam que o irmão menor entre na atividade criminosa; já os primos estimulavam e davam apoio nos atos ilícitos. Dentro da mesma família, os irmãos se apresentam como fator de proteção e os primos como influência negativa.

[...] mas eu viciiei mesmo (em droga) por causa dos meus primos, por causa de que os meus irmãos eles me oprimia e os meus primos não, né! Os meus irmãos não me incentivavam não, com meus irmãos era coro, mas com meus primos não, aí os meus primos me dava escondido dos meus irmãos. (DADINHO, 2019)

De modo antagônico às diversas denúncias apresentadas pelos problemas decorrentes das drogas, consideramos como um anúncio a proteção da família de primeiro grau ao acesso de seus consanguíneos a esse tipo de substância entorpecente. Os pais não querem envolvimento de seus filhos com drogas e nesse mesmo raciocínio seguem os irmãos, geralmente os mais velhos. Além da narrativa de Dadinho falando da proteção de seus irmãos mais velhos, percebemos também essa relação eu / tu no anúncio de Acerola ao nos expor que um dia

[...] tava no banheiro chorando porque o meu irmão continuou vendendo droga e o quarto do meu irmão era na parte de cima de casa, só que do banheiro dá para ver o quarto do meu irmão. Então eu vi ele reunir com os rapaz para picar cocaína, para fazer as 'dolinhas' para vender, e eu falei uma coisa: toda vez que o meu irmão entrar no quarto para vender droga, eu entro no banheiro para orar; eu vou ficar no banheiro o tempo que ele ficar picando droga. (ACEROLA, 2019)

A narrativa anterior nos aponta a beleza de um anúncio de humanização após um longo período de desumanização desse sujeito pela imersão criminal. A pedagogia da esperança que fecha este trabalho e trata dos anúncios nos mostra a espiritualidade no sistema penal como uma alternativa mitigadora para o processo de humanização.

Ao retornarmos às denúncias, outro fato marcante e que nos mostra uma realidade de violência é a história de Laranjinha, filho de pais que moravam na roça e foram para a cidade na busca de melhores condições de vida, mas acabaram se perdendo em razão do vício com as bebidas. As crianças dessa família foram criadas num abrigo em São João del-Rei e posteriormente, por atos considerados de indisciplina, tiveram uma transferência compulsória para um abrigo em Barbacena, sendo marcante as lembranças de saudade em razão da ausência de visitas na cidade vizinha e também pelas agressões e humilhações sofridas por parte dos responsáveis por esses estabelecimentos.

[...] eles reunia lá pra vê quem que tava aprontando na casa, quem que tava, quem fez uma bagunça assim, quem mijava na cama também, porque tinha um rapazinho que mijava na cama, eles fazia os rapazinho pegar os colchão na cabeça... rapazinho colocava um colchão na cabeça e desfilava no meio do pátio da escola, com colchão de urina deles. (LARANJINHA, 2019)

O abrigo é caracterizado estruturalmente pelo narrador como uma verdadeira escola, com todo formato de educandário mais os dormitórios, sendo que havia rígido controle de horário e disciplina. As lembranças das crueldades sofridas naquele espaço, que foi por sete anos a família deste jovem, seguem materializadas no depoimento a seguir.

No abrigo eles agrediam com soco, chute, até com vara, com vassoura, eles agrediam era com tudo. Uma vez, eles fez uma coisa que eu nem acreditei, eles pegou ... lá é aquelas construção antiga, tem tipo aqueles, lá no salão que nós ficava, tinha um telhado, tinha tipo um pau assim no telhado, uma travessa assim... Eles pegava uma corda, pendurava no teto e pendura as crianças e começava a bater nas crianças. Eles pendurou um menino uma vez, deu tanto soco no menino que, Nossa Senhora, ficava com muita dó, nosso Deus, lá eles batia era muito memo. (LARANJINHA, 2019)

Após esses atos de violência, o colaborador e seus irmãos fugiram do abrigo pela madrugada e foram até a rodovia em busca de carona para São João del-Rei,

mas quando chegaram na polícia rodoviária os militares fizeram contato no abrigo e os responsáveis levaram os garotos de volta ao estabelecimento; desse fato, o narrador caracteriza uma série de agressões sofridas.

[...] Foi um dia de manhã cedo, nós nem esperou a turma acordar não, 5h da manhã assim, umas 4h30min, nós já abriu a janela e saiu correndo para o meio do mato. Aí, foi que nós conseguiu chegar na BR, no posto policial de Barbacena né, aí nós chegou lá né, esse dia aí foi até o dia que eu apanhei mais, foi nesse dia. (...) Mas chegando no posto policial para pedir ajuda para os policial lá; (...) aí eles foram e ligou para o pessoal do ABRIGO II (...) nossa, esse dia eu apanhei foi um tanto, eu apanhei foi muito meu fiii nesse dia. (LARANJINHA, 2019)

A narrativa segue com a história de Laranjinha que ficava sem entender o motivo das agressões, pois como a maioria das crianças nessa idade só queria brincar e fazer bagunça.

Mesmo no sofrimento ali, eu pensava em mudar, crescer, porque meu histórico de família já não era bom né, eu pensava em mudar né, crescer, vendo meus irmãos também ali, eles direto também apanhando à toa, eu ficava pensando o quê que tá acontecendo nós não sabe de nada, nós só quer brincar, fazer bagunça e, nós tá apanhando para carai aqui, tá doído. (LARANJINHA, 2019)

Este ambiente de torturas e vilipêndios foi denunciado pelas crianças à juíza da Infância e juventude e, segundo o narrador, este estabelecimento foi fechado por um tempo e voltou a abrir depois com nova administração. O narrador e os três irmãos que permaneciam na família retornaram ao abrigo em São João del-Rei e aos poucos, devido à idade, deixaram o abrigo para residirem com uma das tias.

As observações aos olhares de Freire quanto à instituição familiar na vida de um sujeito, vêm substancialmente da obra pedagogia da indignação (Freire, 2000), oportunidade em que o autor constrói importantes relações entre educação/família e a contemporaneidade do fim da década de 90, enfatizando a importância da sintonia entre essas instituições na formação do indivíduo. Pais e educadores possuem concorrentemente responsabilidades na educação dos seus filhos.

Neste trabalho, Freire (2000, p. 18) nos apresenta algumas reflexões que tratam de liberdade e autoridade na família, concatenando suas ideias na importância de se fazer com que a autoridade exercida pelos pais seja ofertada na dosimetria correta com a liberdade que as crianças precisam para entendimento e compreensão do mundo. De acordo com Freire, liberdade e autoridade são duas

condições antagônicas que precisam de equilíbrio e, esse ponto de constância, são valores como a ética, a justiça, o caráter e o respeito. O equilíbrio ético é a busca; os excessos são prejudiciais à formação educativa, e por isso o autor se mostra

[...] convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza do caráter, do respeito às diferenças, engajada na luta pela realização do sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade. Tensa e dramática relação em que ambas, autoridade e liberdade, vivendo plenamente seus limites e suas possibilidades, aprendem, sem tréguas, quase, a assumir-se como autoridade e como liberdade. É vivendo com lucidez a tensa relação entre autoridade e liberdade que ambas descobrem não serem necessariamente antagônicas uma da outra. (FREIRE, 2000. p. 18)

É o antagonismo necessário para que o processo educativo seja frutífero, onde o educador (aqui representado pela figura dos pais) precisa exercer sua autoridade com o amor e zelo necessários para ofertar uma liberdade responsável com limites e possibilidades. O exercício dessa liberdade responsável como criança tende a amadurecer um adulto que irá exercer a autoridade positiva, diferente do autoritarismo que se mostra perverso. Neste entendimento, Freire (2000, p. 18) expõe que “a liberdade que, desde cedo, veio aprendendo, vivencialmente, a constituir sua autoridade interna pela introjeção da externa é que vive plenamente suas possibilidades”.

Daí percebemos uma fonte atual de desequilíbrio na educação familiar, a “tirania do excesso de liberdade” materializada na falta de limites dos filhos e que tem na figura dos pais a omissão da ausência ou o silêncio da aceitação a tudo. E essa ausência muitas vezes é a plena realidade marcada pelos infortúnios que os pais são acometidos ou também pela necessidade do trabalho, que se torna uma obrigação para a sobrevivência da família.

Nas narrativas orais em estudo percebemos o excesso de liberdade na história de Acerola, criado pela tia, e que afirma ter sido “uma criança rebelde que não respeitava ninguém”, foi expulsa de várias escolas, rejeitava auxílio psicológico e aos onze anos fez uma tatuagem para chamar a atenção de sua mãe biológica.

Na escola não respeitava ninguém (...) Eu xingava palavrão na sala, a minha mãe tentou me levar no psicólogo algumas vezes, mas eu sempre rejeitava. Com onze anos eu fiz a minha primeira tatuagem e hoje com a mente que eu tenho, eu vejo que fiz só para chamar atenção porque a

minha mãe verdadeira que estava em São Paulo, estava vindo me visitar e eu fiz essa tatuagem para chamar atenção dela, só que ela não estava preocupada com isso não viu, por que infelizmente ela ainda estava envolvida com drogas. (ACEROLA, 2019)

Percebe-se nessa narrativa ainda uma tentativa frustrada de mudança de escola a fim de se alcançar os objetivos do processo educativo desse jovem, como se a escola fosse reparar a deficiência que foi gerada pela desestrutura familiar e potencializada pela falta de autoridade positiva dos pais e/ou seus representantes.

Quão equivocados se acham pais e mães ou quão despreparados se encontram para o exercício de sua paternidade e de sua maternidade quando, em nome do respeito à liberdade de seus filhos ou filhas, os deixam entregues a si mesmos, a seus caprichos, a seus desejos. Quão equivocados pais e mães se encontram quando, sentindo-se culpados porque foram, pensam, quase malvados ao dizer um não necessário ao filho, imediatamente o cobrem de mimos que são a expressão de seus arrependimentos do que não podiam arrepender-se de ter feito.
[...] A mim me dá pena e preocupação quando convivo com famílias que experimentam a “tirania da liberdade” em que as crianças podem tudo: gritam, riscam as paredes, ameaçam as visitas em face da autoridade complacente dos pais que se pensam ainda campeões da liberdade. (PAULO FREIRE, 2000. p. 29)

Em posição oposta ao excesso de liberdade temos nas narrativas orais também a experiência familiar do excesso de autoridade, o autoritarismo. Diversos foram os relatos de abuso cometidos por “educadores” nos abrigos que acolhem menores na nossa região, com castigos físicos semelhantes ao crime de tortura. Tratamos aqui esse espaço como família e não “instituição de ensino” em razão do abandono total por parte dos pais de Acerola e todos os sete filhos terem ido juntos para esse local, transformando o abrigo o local de vivência desses jovens por muitos anos.

Em Freire (2000, p.18) percebemos uma severa afronta à educação familiar neste caso pois “submetidas ao rigor sem limites da autoridade arbitrária as crianças experimentam fortes obstáculos ao aprendizado da decisão, da escolha, da ruptura. Como aprender a decidir, proibidas de dizer a palavra, de indagar, de comparar”. Muito além do obstáculo ao aprendizado, essas arbitrariedades propostas pela tortura, humilhação e violência física proporcionam sequelas psicológicas gravíssimas no desenvolvimento de uma criança.

A essa violência, física e simbólica, optamos por não explorar neste tópico com mais detalhes uma vez que teremos maiores considerações sobre violência

quando tratarmos especificamente da pedagogia do crime e da sociabilidade desses jovens com grupos criminosos.

Desta forma, deixamos materializados dois casos concretos que exemplificam o excesso de liberdade e o autoritarismo citados por Freire (2000), os quais trazem severos prejuízos à formação desse indivíduo na fase de educação familiar. A essas famílias desestruturadas que aqui contamos as histórias restam mais casos de excesso de liberdade que de autoritarismo, uma vez que a falta de representantes paternos e/ou maternos em razão das mais variadas situações é o fator mais comum na vida desses jovens.

Outro ponto a ser levado em consideração na questão família é sobre a criação efetiva de pais biológicos e não biológicos e o primeiro contato com as drogas ilícitas. Nos casos dos jovens criados por pais biológicos, Zé Pequeno e Dadinho, as histórias nos mostram que esses jovens tiveram nas suas famílias, pessoas que praticavam o comércio de drogas. Zé Pequeno teve seu pai preso por tráfico quando tinha oito anos e Dadinho cresceu sob forte influência de seus primos que já foram presos por tráfico. Este colaborador afirma que foi influenciado (no crime) por pessoas de fora e pelos seus primos. “Eu fui crescendo e vendo eles no crime”, diz o jovem.

Nas histórias desses dois jovens, observamos a presença manifesta de tráfico e uso de drogas no espaço familiar, aos olhares desses jovens que eram crianças à época. Em que pese percebermos nas narrativas que os responsáveis por esses atos não queriam que esses jovens se envolvessem com o tráfico, fica a lição de Freire quanto à importância do exemplo da coerência e da retidão da autoridade familiar para com seus filhos.

O que me interessa não é que meus filhos e minhas filhas nos imitem como pai e mãe, mas, refletindo sobre nossas marcas, dêem sentido à sua presença no mundo. Testemunhar-lhes a coerência entre o que prego e o que faço, entre o sonho de que falo e a minha prática, entre a fé que professo e as ações em que me envolvo é a maneira autêntica de, educando-me com eles e com elas, educá-los numa perspectiva ética e democrática. (FREIRE, 2000. p. 19)

Ainda nesse enfoque, Freire (2000, p. 22) nos deixa mais ensinamentos acerca da educação familiar. “É preciso testemunhar a nossos filhos que é possível ser coerente, mais ainda, que ser coerente é um final de inteireza de nosso ser.

Afinal a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar”.

Ao finalizarmos as análises das narrativas propostas para a dimensão família com a nossa teoria de base sustentada pelos olhares freireanos, percebemos a dialogicidade presente em algumas considerações importantes, principalmente quando expomos a dicotomia liberdade e autoridade e também nas questões afetas ao uso de drogas por parte dos pais.

Acerca da dicotomia, temos que a família deve se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos, presença que implica envolvimento, responsabilidade e comprometimento. Deve intervir da melhor maneira possível visando sempre o bem de seus filhos, mesmo que isso signifique dizer sucessivos “nãos” às exigências incoerentes.

Noutro giro, as doenças relacionadas ao abuso de drogas destroem as famílias e os filhos desse fruto acabam lançados à própria sorte da criação por familiares ou abrigos públicos. Se conseguir estabelecer vínculos educacionais contemporâneos para uma família estruturada já se apresenta como uma tarefa complexa, quiçá àquela que se mostra estraçalhada pelos diversos problemas sociais que vivemos. São muitas variáveis como a presença da droga em casa, pais presos, vício de bebida, fome, criação em abrigos, etc. Percebe-se a importância e urgência em se pensar no modo de fazer a educação familiar nesses lares e ambientes severamente comprometidos.

Segundo Paulo Freire, família e escola são grandes atores responsáveis pela educação. Assim, “a mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada. É o que se verifica hoje”. (2000, p. 30). Estamos vivendo um período de grandes transformações, muitas delas complexas, e dentro dessa conjuntura está a família e a escola. As famílias extensas em que as matriarcas eram responsáveis pela educação e os patriarcas pelo sustento da casa deram lugar às famílias de poucos filhos, com pais e mães com responsabilidades laborativas e com o compromisso conjunto de educarem seus filhos no espaço familiar. A educação escolar é um complemento da educação familiar e são elas interdependentes.

Assim findamos esse estudo da família trazendo alguns aspectos preliminares da interação desse instituto com o espaço escolar, próximo item em análise na

nossa pesquisa. Saímos dos lares e dos abrigos e vamos às escolas, depois iremos ampliando para outros espaços de interação social.

3.2.2 A escola

As histórias dos nossos colaboradores trazem poucas falas direcionadas às escolas e as que surgiram, quase todas estão em forma de denúncias de abandono escolar, casos de indisciplina, castigos, punições e omissões. Este silêncio ao positivo serve de reflexão a todos nós e foi uma das indagações feitas aos profissionais de educação acerca de “como pensar a educação escolar frente à situação de jovens em extrema vulnerabilidade social”, que foi a proposta do inédito viável desta pesquisa.

Na presente análise eu senti a verdade da expressão “o silêncio é uma das formas de comunicação” utilizada por Meihy e Holanda (2017) quando falam da entrevista na metodologia da história oral de vida. As minhas inferências são de que a comunidade escolar não está preparada para lidar com o aluno considerado indisciplinado e problemático, pois geralmente essas desvirtudes são encaradas pela escola como um problema pessoal e são enfrentadas através do regulamento escolar de disciplina.

Esse tratamento reativo da escola se confronta com a falsa receptividade nos grupos criminosos e faz com que esse jovem imaturo se perca nas primeiras interações com o crime.

Assim, mesmo com as modestas narrativas dos nossos colaboradores, encontramos informações relevantes que nos permitem propor uma análise dialógica. A primeira constatação nos mostra que todos esses sujeitos envolvidos diretamente com a criminalidade, com a prática reincidente de crimes que, muitas vezes, demonstram alto grau de violência, abandonaram a escola e não concluíram os estudos.

A evasão escolar é recorrente em todos os casos. Acerola e Zé Pequeno foram expulsos de diversas escolas, a ponto de nenhum educandário da cidade lhes aceitar posteriormente, segundo seus próprios relatos. São citados como fatores dessa reprimenda escolar mais austera os reiterados atos de indisciplina desses jovens quando alunos e também atos infracionais análogos à crime ocorridos dentro da escola. A narrativa de Acerola nos mostra que,

*[...] A primeira vez que eu fui preso, foi porque eu estava com uma arma na escola Alphonsus Guimarães, né! Eu estava com doze anos de idade, quinta série; eu fazia parte do projeto PROERD³⁰ e quem me prendeu foi justamente o rapaz que fazia coisa do PROERD lá. [...] **Na escola eu nunca fui bem, devido a minha estrutura familiar.** [...] eu só passei de ano porque a minha própria mãe foi professora na quarta e na quinta série. Estudei no Pedro Aleixo, estudei no Alphonsus Guimarães, José Clemente, CIEP, em todas as escolas eu fui expulso. Estudei no CVT (escola) também, e chegou um momento que não acharam mais escola para mim estudar, **ai eu parei de estudar na quinta série por isso e também por já estar envolvido com a criminalidade.** (ACEROLA, 2019) (grifos nossos)*

Os grifos nos levam a refletir quais foram as principais causas do seu “insucesso escolar”: a desestrutura familiar e a aproximação com grupos envolvidos no meio criminal. Os relatos que aqui presenciemos nos mostram evidências de que as máculas nesses dois fatores de sociabilidade (família e amigos) tendem a nos mostrar histórias de jovens com histórico escolar de reprovações, abandono e expulsões.

A história de Zé Pequeno é bem semelhante, com relatos de indisciplina na escola e os históricos de várias passagens em diversos educandários. Em uma das passagens, o narrador nos expõe que para ser aceito em uma escola, após o cometimento de um ato extremo de violência contra um educador, foi imposta a exigência de sua mãe estar presente na escola.

*Eu já passei no Espaço Criativo, no João de Deus, FAETEC, CIEP (todas escolas), tem mais. Aquela lá do Centro, o Maria Beralda (escola)... Na escola eu aprontava pra caralho, nossa senhora! Dava trabalho, só que antes era mais de boa né, antes não tinha aquela maldade de dar trabalho desse jeito não, mas ficava com aquele medo ainda.
Pro João de Deus (escola) me aceitar, minha mãe teve lá, no horário que eu fosse estudar. Era assim, minha mãe tinha que trabalhar pra mim estudar, eu não podia estudar sem a minha mãe tá na escola não. (ZÉ PEQUENO, 2019)*

As narrativas desse jovem levam à reflexão quando nos chamam a atenção que o primeiro contato com as drogas aconteceu dentro da própria escola, oferecido pelos próprios alunos colegas, sendo que indivíduos (traficantes locais) usavam o espaço escolar nos intervalos para o comércio de drogas. É a venda e o consumo de drogas acontecendo dentro da própria escola.

³⁰ O Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd) é desenvolvido pela Polícia Militar de Minas Gerais e consiste num esforço cooperativo estabelecido entre a Polícia, a Escola e a Família, tendo como missão compartilhar com os estudantes habilidades para tomada de boas decisões, para ajudá-los a conduzir suas vidas de maneira segura e saudável.

A primeira veis que eu tive contato com droga foi duas meninas lá na escola que nós tava... comecei a estudar lá... no CIEP (escola). Aí eu fazia bagunça lá e pá... aí as meninas também era meio já... era mais velhas, as meninas já era mais velha, e eu era mais novinho. Elas foi, eu saindo um dia no recreio assim, elas pegou e falou assim: 'Vamo dar um rolé com nós hoje?' Eu falei: "Na onde?" Elas falou assim: 'Aqui atrás na escola'. Falei assim: "Já é!". Pequeninho, bobão, achei que... vou na quadra aqui, porque todo mundo, a maioria no final da escola vai pra quadra.

[...] Aí na hora que eu cheguei lá, elas bem dichavando os negócio assim. Aí eu fiquei só olhando, porque eu já sabia o que que era né, eu já tinha maldade, mas nunca tinha fumado não. As meninas já embolou, uma fumou, a outra fumou e já rodou em mim, elas: 'Vai, fuma!' Aí eu fui e peguei e fumei, já comecei a tossir... fiquei chapadão, fui embora, em casa passei mal, fui dormir.

[...] A droga vinha pra dentro da escola e lá que foi minha primeira vez... na escola eles trazia tudo da rua, já era uns nego mais velho, ta ligado? Depois da primeira vez eu fumei muito e viciêi. (ZÉ PEQUENO, 2019)

A história desse colaborador tem uma relevância muito grande para a comunidade escolar e nos mostra uma realidade bastante factível em relação à potencialização de atos de violência após o primeiro contato com as drogas e a inclusão desses jovens em grupos que praticam traficância e outros atos delituosos. Estes fatos que relacionam grupos e drogas e os atos de violência serão tratados mais adiante com fatos reais, mas torna-se importante suscitá-lo para a discussão do caso a seguir. O aluno colaborador que foi apresentado à droga dentro da escola, se envolveu com o tráfico e tempos depois foi autor de uma tentativa de homicídio contra um educador dentro dessa mesma escola, logo após ter sofrido uma reprimenda verbal por conduta caracterizada como de indisciplina.

Aí com uns quinze anos o negócio do Vadinho da escola lá, a primeira tentativa (de homicídio) lá... Ele foi, ele queria me tomar um negócio que tava no meu bolso, acho que caixinha de som. Aí eu fui, tava com a tesoura no bolso, porque eu tinha levado pra aula de artes, aí eu fui e dei uma (golpeada), no pescoço. Aí eu dei outra aqui (apontando para região do tórax), só que a blusa de couro dele foi e não furou não. Aí pá, saí correndo dali, aí eu corri, eu corri... ali naquela beira da praia ali, saindo no FAETEC (escola), tem aquelas beiras ali..... (ZÉ PEQUENO, 2019)

Esses dois episódios, o do aluno apreendido com arma na escola e do outro que tenta matar um servidor da educação estão marcados nas histórias desses dois jovens quando se fala de escola e, com certeza, na memória da comunidade escolar quando se fala de casos de indisciplina e violência. Aos vários olhos que prejulgam apenas o fato em si, esses jovens são logo estigmatizados com estereótipos

relacionados à figura de bandidos, violentos e marginais, mas ao percebermos as histórias de vida até aqui (família, escola), torna-se perceptível que se precisa analisar com muita cautela não só o presente, mas também todo o histórico de vida desses jovens que os levaram a essas situações de reprodução de atos de violência.

Para esses fatos vale um questionamento proposto por Freire (1987, p.23) com a seguinte indagação. “Como poderiam os oprimidos dar início à violência, se eles são o resultado de uma violência?” Assistimos a atos de violência sendo reproduzidos nos lares, na desestrutura dessas famílias e atos de violência evidenciados na própria escola com o assédio de alunos às drogas e toda sua problemática, especialmente o vício. A respeito dessa violência, física ou simbólica, Freire entende que

[...] Inauguram a violência os que oprimem, os que as exploram, os que não reconhecem nos outros (...) Os que inauguram o terror não são os débeis, que a ele são submetidos, mas os violentos que, com seu poder, criam a situação concreta em que se geram os “demitidos da vida”, os esfarrapados do mundo. (FREIRE, 1987, p.23)

Este crime ocorrido na escola teve uma repercussão muito grande pela brutalidade da ação e também pelo atentado à autoridade do agente educacional. Este jovem, menor à época, foi responsabilizado com medida socioeducativa de apreensão em estabelecimento de internação de menores. Continuando a sua história, o colaborador nos disse durante a pré-entrevista que esse mesmo grupo que lhe apresentou a droga ilícita foi o que esteve presente com ele nos roubos com arma de fogo e acresceu também que o envolvimento com as atividades no tráfico foi a motivação de um dos homicídios em que ele foi autor posteriormente. Neste ínterim, percebe-se claramente que o terror e a violência denunciados por Freire foram inaugurados no próprio ambiente escolar em que traficantes ocuparam espaço de forma clandestina e, futuramente, aconteceu o crime bárbaro de tentativa de homicídio e outros que esses grupos praticaram.

Acerca do fato acima, o patrono da educação denunciou em (FREIRE, 1987) que implementa a violência e o terror aqueles oprimem e os oprimidos pela violência tendem, não raramente, a reproduzir o comportamento de opressão vivenciados. O

ato de violência, frisa Freire (1987, p. 25), “é inaugurado pelos que têm o poder e este ato desumano passa de geração a geração para seus legatários”.

Ao analisarmos as histórias nessas duas primeiras dimensões juvenis, evidencia-se uma carga de violência simbólica muito grande depositada nesses jovens desde a infância, através de uma vivência inicial em famílias rompidas pelas doenças do alcoolismo, o vício em drogas e o tráfico dentro de casa. Percebemos ainda a violência física das agressões e castigos físicos em abrigos destinados a jovens sem pais.

Ao jovem com esse perfil, dificilmente o ambiente escolar dispensará uma atenção diferenciada em sua proposta educativa a fim de minimizar ou reparar as irreparáveis perdas sofridas no processo de educação familiar e isso, fatalmente, acarretará em reprovações ou adoção de medidas disciplinares em razão do comportamento desse aluno. Esse jovem não foi preparado para a escola e tampouco a escola tem preparação real para recebê-lo em condições de conseguir minimizar toda violência e opressão vivida até então.

As denúncias são tão graves que percebemos o espaço escolar agravando os problemas desses jovens ao percebermos que a própria escola é um ponto de tráfico de drogas, contribuindo para aliciar outros jovens no vício ou, até mesmo, na prática do comércio de entorpecentes.

O espaço escolar para os outros dois jovens, Laranjinha e Dadinho, respectivamente, também é lembrado pelo envolvimento com grupos de jovens que praticavam o uso de drogas e também por momentos de falta de perspectivas, seja para a saída precoce ao mercado de trabalho, seja para o abandono em razão das diversas reprovações.

Laranjinha teve a experiência de passar anos por um abrigo/escola em que casos de agressões e humilhações eram realidades constantes naquele ambiente. Ao deixar o abrigo e ir morar com sua tia, teve acesso à escola regular onde conheceu um grupo de jovens que tinha envolvimento com drogas e se enturmou com eles; conheceu também uma namorada que engravidou, sendo este jovem pai aos 14 anos. Essa situação acabou motivando o abandono escolar para a busca de um emprego integral.

Comecei a estudar no FAETEC (escola) lá no Jordânia, e comecei ver aquela turminha lá de baixo, da beira ali (“Beira” é um termo que identifica a

Avenida Cidade de Deus, que fica à beira de um córrego; local onde ocorre tráfico de drogas); comecei a enturmar um pouquinho ali.

[...] aí eu fui e arrumei um filho né, com essa menina; a gente foi ficando, aí eu fui arrumei um filho com ela; aí eu fui e comecei pensar mais coisa ainda: “nossa, meu Deus do céu, agora eu vou ter um fii, comé que vou fazer? não tenho estudo ainda, tô estudando” ... fiquei pensando comigo: “vou ter que largar a escola”; e foi aí que veio na minha cabeça de largar a escola né, e arrumar um serviço de trabalhar o dia inteiro né, porque com fii já fica mais difícil.

Falei assim “haa, vou ter que largar a escola”, e fui larguei né, cabô que larguei a escola, aí eu fui e arrumei um trabalho né, dia inteiro, pra trabalhar o dia inteiro. (LARANJINHA, 2019)

Dadinho também se aproximou de grupos que estavam envolvidos com a prática criminal, jovens do mesmo bairro, e acabou abandonando a escola. Nas narrativas presenciamos que esses grupos, geralmente de jovens em idade escolar, aliciam os demais que passam a fazer parte do grupo, experimentam drogas e acabam vendendo para manter o vício e arrecadar dinheiro.

Aí eu crescendo, fui para a escola Augusto Magne e conheci uns amigos e foi aí que eu caí no crime. (..) Aí passou o tempo com doze, treze anos eu conheci outros amigos, uma turma de uns sete e a gente andava juntos o dia inteiro, que eram os mais bagunceiros da escola. E eles começaram a fazer as coisas erradas, brigar com os outros, fumar maconha.

[..] Mas eu gostava da escola, foda foi as companhia mesmo. Aí eu comecei a perder ano e afastei da escola. (DADINHO, 2019)

Essas histórias de entrada e permanência no grupo é o que verificaremos na categoria a seguir, mas antes, não podemos encerrar as narrativas desses jovens com a escola sem falar dos anúncios, principalmente daqueles que conseguiram retornar ao espaço escolar após o abandono e mostraremos também algumas considerações que esses jovens apresentaram sobre a educação.

Laranjinha foi preso e teve a oportunidade de fazer do sexto ao nono ano nas aulas que recebeu no presídio. Após ter recebido a soltura não voltou a estudar, mas considera a importância da escola para o indivíduo e pretende fazer o CESEC³¹ ou SENAI³² para poder alcançar um emprego melhor. Zé Pequeno também teve oportunidade de estudar enquanto estava preso, fez o EJA³³ e alcançou o segundo ano do Ensino Médio.

³¹ CESEC: Centro Estadual de Educação Continuada

³² SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

³³ EJA: Educação de Jovens e Adultos.

Acerola que havia abandonado a escola no auge do seu envolvimento criminal encontra-se estudando atualmente após ter cumprido pena pelos crimes que cometeu. É um dos poucos que procurou realmente a escola estando livre. Já Dadinho disse ter parado de estudar no sexto ano, mesmo dizendo gostar da escola; considera que o seu abandono foi em razão das companhias erradas que o estimularam para essa renúncia.

E com essas considerações encerramos a primeira categoria que engloba as análises de socialização primária que acontece na infância por intermédio da família e da escola. A seguir passamos para as análises das dimensões que consideramos como um afetamento secundário na história de vida de nossos colaboradores, representado pelas dimensões da territorialidade, o lugar social ocupado, tempo e trabalho.

3.3 As dimensões juvenis na socialização intermediária

Iniciando esta categoria pela **territorialidade**, temos que os colaboradores, assim como todos os pré-selecionados nesta pesquisa, apresentam em comum o convívio nos espaços mais carentes e desfavorecidos da cidade. São aqueles territórios que acolhem a população de baixa renda e que são mais afetados pelos diversos problemas sociais decorrentes da falta de infraestrutura básica de moradia como: saneamento precário, falta de energia e iluminação pública, limitação no acesso a serviços de saúde, educação e transporte, etc.

Em São João del-Rei, uma cidade cercada de montanhas, esses territórios mais carentes trazem consigo características geográficas comuns que marcam esses espaços de maior vulnerabilidade, tais como: a proximidade com rios e córregos que transbordam em épocas de cheias, margens das montanhas com encostas íngremes e ocupações de alto risco em meio às antigas betas³⁴. São aqueles espaços menos valorizados economicamente e que concentram a população de baixa renda.

Vale ressaltar, de forma indignada, os estereótipos que esses territórios recebem da população em razão das construções sociais vivenciadas nos últimos anos. São significações pejorativas para os bairros como *Vila Miséria*, *Buraco do*

³⁴ Escavações profundas nas rochas de onde se extraía ouro.

Sapo, Córrego das Galinhas, Texas e Vila Faroeste (fazendo alusão ao *bang bang* de filmes americanos).

Ao falarmos de espaço geográfico nesta pesquisa, a primeira definição bem nítida nas narrativas é que o jovem colaborador, envolvido com grupos criminosos, possui uma identidade territorial bem definida. É o jovem da periferia que vive em locais de grande vulnerabilidade social na cidade.

Outro fator que merece atenção e foi exposto na fala de um dos colaboradores e de um jovem pré-selecionado³⁵ é o êxodo da família do campo para a cidade em busca de melhores condições de vida. Em ambos os casos essas famílias foram instaladas em locais de grande vulnerabilidade, os pais se envolveram com drogas, especialmente o álcool, e os filhos se envolveram com grupos criminosos.

Meus pais eram muito pobres e a gente morava na roça. Tudo em roça, eu passei em muita roça. Morei em Roça Grande, morei em Carotá, morei em Rio Grande também, morei lá no Carvoeiro, na roça lá no Carvoeiro, morei no Mangue, morei em um tanto de roça. Meu pai era de roça, meu pai trabalhava em roça. Aí depois que ele cismou de na roça, na roça que ele bebia uns golinho dele, mas bem controlado, depois que ele veio pra cidade que ele descontrolou. (LARANJINHA, 2019)

Uma realidade bem evidente e fato comum na vida dos nossos colabores é a constante mudança de locais de residência, mas essas variações sempre aconteceram entre esses locais mais vulneráveis, pois era o que a situação permitia aos menos abastados. Percebem-se os pais ou responsáveis buscando espaços diferentes em razão da procura de outras oportunidades, geralmente após os traumas sofridos.

São mudanças na busca de afastar os colaboradores das amizades comuns no crime, mudanças em razão de nova vida após a prisão do pai por tráfico, mudança em virtude dos reiterados insucessos escolares e mudanças em razão das diversas desestruturas na família. Percebem-se tentativas de mudanças de ambientes territoriais, mas todas infrutíferas. O território é apenas um dos fatores que afetam a pedagogia do crime.

³⁵ O jovem pré-selecionado é aquele pertencente ao rol de dez jovens que foram selecionados para participar da pesquisa em razão do seu perfil, mas não tornou-se efetivamente um dos quatro colaboradores.

[...] Depois da Sampaio Correa eu mudei para a Vila Rio Verde (bairros), aí a minha mãe achou que eu saindo da Sampaio Correa, devido os meus amigos estarem lá, eu iria melhorar, só que chegou na Vila, eu me envolvi mais ainda. (ACEROLA, 2019)

Nóis morava lá, quando eu nasci até os meus dez anos eu morei em Juiz de Fora, na Vila Esperança... Aí... depois foi, que meu pai foi preso, nós veio pra cá. Aí nós tava morando aqui, lá perto da linha em São João. Aí foi e meu pai saiu também da cadeia, meu pai veio pra cá, voltou com a minha mãe e começou a morar aqui com nós. Aí depois eu fui morar no Porto Vitória (bairro), depois fui morar na frente do FAETEC, naquela escola lá. (ZÉ PEQUENO, 2019)

Um ponto que impacta a territorialidade na pedagogia do crime é a guerra entre bairros, grande responsável pelo extermínio de jovens em nossa cidade. Os grupos se rivalizam por motivos banais ao alto preço de vidas juvenis, tornando um conflito armado de ação e reação, com muitas mortes. As histórias nos deixam evidências da motivação dessas mortes e o que mais preocupa são as razões, se é que existe razão para se tirar a vida de alguém. São as materializações da violência e da desumanização em sua forma mais vil e que, geralmente, iniciam por motivos fúteis...

Eu me lembro quando começou a Sampaio Correa ter rixa com Porto Vitória, era na época daquele patrão chamado Mané e um rapaz aqui de Porto Vitória chamado Bené foi lá de cavalo e bateu nele; aí virou guerra e muita gente morreu por isso... (ACEROLA, 2019)

[...] Aí depois disso começou a briga, uma briga que começou por causa de uma pinga. Aí ficou uma turma ameaçando a outra, fazia vídeo ameaçando... Nós ia lá dar tiro e eles ia lá dá tiro, direto eles estava lá embaixo dando tiro. (DADINHO, 2019)

... E evoluem para uma situação em que o litígio individual passa a ser um problema de todo o grupo que, geralmente, tem como território de representatividade o próprio bairro.

Eu vi muita gente mesmo morrendo e quem nem tinha envolvimento com crime, morria porque estava perto, morria porque era do mesmo bairro. (ACEROLA, 2019)

A briga de um acaba sendo a briga de todos e briga os dois bairros (DADINHO, 2019)

Em alguns casos é tão marcante o ataque ao espaço que não importa quem seja a vítima, pode ser o primeiro avistado na esquina do bairro ou podem ser crianças e pessoas que estavam acompanhando o ensaio da escola de samba de

certa comunidade. Neste último fato o autor foi até o ensaio, sacou uma arma e atirou em quem estava na sua frente, matando três pessoas. Eis as narrativas pelas vozes dos colaboradores:

E esse menino foi o primeiro alvo que tava na minha frente, ele tava na esquina, no ponto onde ele vendia droga. Segundo consta, esse rapaz era apenas usuários, mas ele estava lá e andava com os meninos também. Eu fui lá na intenção de matar algum deles, não tinha alguém específico. (ACEROLA, 2019)

Da outra vez eu tava lá perto da casa da minha vó aí passou os cara lá e deram tiro, era os cara do Curicica que têm treta com os antigos e quer descontar nos mais novo, por causa daquela época do carnaval (triplo homicídio que aconteceu em um ensaio de escola de samba, tendo como autor um menor do bairro Curicica e vítima a comunidade do Santo Antônio). Aí foi e eles queriam descontar em nós, mas não acertou ninguém não. Só passou uma moto dando tiro mesmo. (DADINHO, 2019)

Nessa guerra entre grupos rivais, fica o registro de diversas vidas juvenis perdidas por motivos banais e vale ressaltar os diversos casos de revide com vingança imediata ou após a saída da prisão. São extermínios de gerações, jovens que matam e morrem sem nem mesmo saber o motivo de suas guerras. Apresentam-se totalmente acrílicos e intransitivos pela pedagogia do crime.

Ao mesmo passo, temos nesses espaços características bem evidentes que marcam os **lugares sociais ocupados por esses sujeitos**. São territórios classificados como de baixa renda e os seus ocupantes pertencem às classes sociais mais desfavorecidas economicamente. Tais observações são exploradas superficialmente nas narrativas dos colaboradores, talvez pela “pergunta chave” da pesquisa ter sido “qual a sua história de vida?”, trazendo assim as observações mais focadas no sujeito e não tanto no lugar social; talvez pelo fato da opressão não conseguir deixá-los enxergar isso. Desta forma, falaremos das impressões marcadas pelas visitas do pesquisador aos espaços desses jovens e dados do IBGE.

As famílias que residem nesses bairros e, conseqüentemente os jovens que lá se encontram, geralmente, compõem a massa popular sobre as quais Freire (1987) nos fala. São pessoas simples e de baixo poder aquisitivo, que moram nas áreas periféricas e possuem emprego formal ou informal na área central ou nos bairros mais “nobres”.

Infelizmente os dados do IBGE não trazem a realidade da renda per capita dos moradores desses bairros, apenas apresentam essa informação em nível das

idades. Em que pese essa falta de capilaridade nas informações, mesmo assim conseguimos enxergar uma realidade muito dura no município de São João del-Rei.

Em 2017, a proporção de pessoas ocupadas no município em relação à população total era de apenas 24.8%, com o salário médio mensal de 2,4 salários mínimos. A proporção de domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo ou menos por pessoa é de 31.6%, fazendo com que São João ocupe as últimas posições entre os municípios do estado de Minas Gerais, posição 703 de 854, e a posição 4372 de 5570, dentre as cidades do Brasil.

Indubitavelmente os nossos colaboradores estão nesses quadros de infortunados, compondo uma estatística piramidal com uma base de massa muito grande e crescente, contrapondo a um vértice muito estreito no alto onde a elite ocupa um berço esplêndido. Não vemos nas nossas histórias o jovem das classes dominantes.

Aos olhos vivos de pesquisador se percebe a obscuridade da dominação do opressor ao oprimido. Nas temáticas das narrativas em que se perguntava das condições econômicas, alguns dos colaboradores se sentiam, aparentemente bem e aliviados, ao falarem, ingenuamente, que “graças a Deus” nunca haviam passado necessidade (no sentido de fome). Como se a necessidade fosse apenas a de comer.

Daí que os opressores desenvolvam uma série de recursos através dos quais propõem à “ad-miração” das massas conquistadas e oprimidas um falso mundo. Um mundo de engodos que, alienando-as mais ainda, as mantenha passivas em face dele. Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar. (FREIRE, 1987, p. 78)

A dimensão **tempo** talvez seja aquele quesito que não tenha surgido tacitamente em nenhuma das falas dos sujeitos, mas algumas considerações podem ser percebidas nos discursos temporais. As mais significativas são em razão do pensamento do jovem em seu início no ambiente criminal, no que viveu no grupo e suas considerações do hoje. Em segundo momento o tempo vem nos mostrar um pouco de como se porta o jovem hoje, especialmente no que tange à condição juvenil altamente influenciada pelo acesso a bens de consumo.

Nas entrevistas e pré-entrevistas [digo isso em razão de algumas dessas observações aparecem “extra gravador”], o jovem que dialogamos hoje mostra que

se pudesse voltar em algumas escolhas, teria feito uma história diferente, principalmente na questão do envolvimento criminal. As impressões são de que aquela atração inicial por possíveis benefícios que o crime oferecia apresentava, no decorrer do tempo, um preço muito alto.

Do início ao final das narrativas, percebe-se um cronograma temporal bem semelhante nos colaboradores, em que se percebe o começo com a desestrutura familiar, o insucesso escolar e os primeiros comportamentos de indisciplina, seguido da aproximação de grupos criminosos, tendo como porta de entrada principalmente o uso de drogas ilícitas, passa pela venda de substâncias entorpecentes e posterior envolvimento com crimes violentos com uso de armas, especialmente o roubo (conhecido popularmente como assalto) e os homicídios. Por fim, a experiência do encarceramento.

Na variável temporalidade se percebe nas narrativas que os afetamentos decorrentes da opressão e da violência simbólica na vida do sujeito desde os anos iniciais refletem em novos atos de opressão, violência e desumanização por esse sujeito anos depois, principalmente após a inclusão em grupos criminosos. A fala de Acerola (2019) ao narrar seus assaltos é no sentido de que o ódio e a violência que teria sido submetido na infância era “descarregado” durante a ação criminal com uso de arma. *“Esse ódio que eu tinha no coração da minha criação, parece que no assalto ela descarregava e eu ficava tranquilo”*.

Evidencia-se que o tempo não é capaz de apagar as marcas da violência desses sujeitos, sendo a reprodução desses atos algo bastante comum no futuro, especialmente sob a influência de grupos criminosos. De acordo com Freire (1987, p. 18), a opressão se repete em razão da “situação concreta, vigente, de opressão, não ter sido transformada”.

Em outra análise, temos que o tempo de hoje, final da primeira década do século XXI, se mostra um período de mudanças rápidas e constantes, sendo que a revolução mais evidente é a da tecnologia e informação. As influências de juventude que antes se restringiam aos espaços territoriais agora se encontram globalizadas em razão do amplo acesso à internet.

É perceptível que a juventude possui um encanto muito grande pelas imagens preestabelecidas pelos meios de comunicação, principalmente aquelas relacionadas ao consumo. A “cultura de massa” supervaloriza o lazer e o consumo, e se tornam

essenciais para a vida em uma nova sociedade, direcionando assim, as pessoas ao consumo, ao qual se determina uma nova perspectiva social. (BAUMAN, 2008)

Em retorno à discussão das dimensões juvenis que interpreta o jovem da atualidade, percebemos a nossa juventude imersa num tempo conhecido como “sociedade do consumo” e alvo das principais propagandas e apelos comerciais. Para os jovens são dirigidas massivamente as campanhas publicitárias e os produtos da indústria cultural, criando uma eterna busca pela felicidade pretensamente existente nos produtos à venda.

Nessa cultura, cada um se basta, desde que possa ter e comprar. O não acesso a esse “desejo alimentado expõe uma perversidade que tornam os jovens vítimas de uma imposição acerca da sua própria identidade, passando a validar uma cultura do consumismo e do individualismo”. (BAUMAN, 2008).

Desta feita, temos o tempo hoje voltado para a cultura do consumo e vivemos a potencialização das relações sociais pela internet, o que acaba por valorar o acesso dos jovens aos bens de consumo. Essa cultura valoriza o ter em detrimento do ser e infunde nos jovens que a capacidade de consumir é uma condição existencial e balizadora da sua própria dignidade. (BAUMAN, 2008).

As narrativas demonstram isso claramente quando os colaboradores nos mostram como gastavam com o dinheiro do crime.

Nesses assalto eu pegava esse dinheiro todo e gastava nos baile, nas baladas, com mulher, com droga e festa. Aí eu ficava andando de correntona, de pulseira, de relógio bonito, era com isso que eu gastava. Aí a mulherada caía em cima, elas gostavam né, tinha esse status também de poder. (ACEROLA, 2019)

Todo dinheiro que entra vai embora rápido tudo com droga, bebida e festa. Tipo assim: fez um assalto, aí já pega o dinheiro fala com as mulheres que vai ter festa, começa a comprar bebida, roupa e começa a ostentar. Só roupa de marca, tênis, cordão, celular maneirão e daí as meninas caem em cima. (DADINHO, 2019)

Todo o dinheiro oriundo da criminalidade é revertido em bens de consumo que a cultura do consumismo juvenil dos tempos atuais identifica como necessários para o modo de ser jovem hoje. É o jovem que não dispunha de condições financeiras tentando parecer ser jovem de acordo com a cultura do consumo atual. Esse é o grande peso trazido pelo modelo econômico do capitalismo em que tudo é voltado para o consumo e o modelo ideológico leva a isso. Freire (1987, p. 16) usa

uma terminologia um pouco diferente da utilizada por Bauman e denuncia isso como a “civilização do consumo”.

Assim, tem-se na análise da temporalidade uma das grandes e mais desafiadoras problematizações das dimensões juvenis quando falamos das denúncias. As juventudes de hoje são bem diferentes daquelas de anos atrás e, indubitavelmente, também será dos jovens do futuro. Trata-se de algo incrustado no atual modelo socioeconômico que explora ao máximo o modelo juvenil e o modelo capitalista cada vez mais influencia no modo de ser jovem.

Freire (2000, p. 54) nos alerta que a ética do mercado é uma das afrontosas transgressões da ética universal do ser humano. Mostra-se perversa pela própria natureza e nenhum esforço no sentido de diminuir ou amenizar sua malvadez a alcança. É a “ética do lucro, a cujos interesses mulheres e homens devemos nos submeter, de formas contraditoriamente diferentes: os ricos e dominantes, gozando; os pobres e submetidos, sofrendo”.

Enfim, a dimensão do **trabalho**, momento em que trazemos também duas vertentes sobre esse quesito. A primeira partindo do trabalho lícito e a segunda no trabalho ilícito, especialmente o tráfico de drogas.

Ao trabalho convencional, poucas foram as narrativas a respeito, principalmente no período anterior ao envolvimento com as atividades criminosas. Isso já era de se esperar vez que a pouca idade com que se inicia no mundo do crime quase sempre precede as oportunidades de se aprender um ofício ou até mesmo a idade para atingir a condição de jovem aprendiz.

Em análise aos genitores dos jovens colaboradores, percebe-se que não há nenhum relato de emprego lícito por parte da figura do pai, sendo que em um dos casos o pai estava envolvido com o tráfico de drogas. Em relação à mãe, duas delas trabalhavam em caráter integral e outras duas apresentavam envolvimento com drogas.

Dos quatro colaboradores, apenas Laranjinha teve um emprego formal, mas largou assim que passou a se envolver com o grupo e a vender drogas, o que lhe trazia um maior retorno financeiro.

Com quatorze ano, quatorze ano na época, eu fui e comecei a trabalhar no lava jato lá; fiquei um tempinho lá, fiquei cinco meses trabalhando lá meio período, continuei estudando no FAETEC (nome fictício da escola) e foi ali que comecei a ver a turma também (...), mas para piorar ainda arrumei um fio (filho), com quatorze, na época da escola.

[...] Falei assim “haa, vou ter que largar a escola”, e fui larguei né, cabô que larguei a escola, aí eu fui e arrumei um trabalho né, dia inteiro, pra trabalhar o dia inteiro; aí foi e comecei a trabalhar com móveis, (...) eu comecei trabalhar lá de ajudante de marceneiro.

[...] A primeira vez que fumei e tava com quatorze ano; tava com quatorze, tava quase nos quinze já; tava com pouco tempo pra fazer os quinze já. (...) comecei a envolver mais com a turma lá, aí na hora que eu vi, na hora que eu menos assustei já tava sentado na esquina né, com os cara ...

[...] Eu ganhava muito mais lá no tráfico vendendo do que no serviço, por exemplo: se eu ficasse uma noite lá vendendo era quase a metade do que eu ganhava no mês inteiro no serviço, aí eu pensava uai, o que está acontecendo, e isto já era pagando o que eu estava devendo para o outro. (LARANJINHA, 2019)

As demais narrativas sobre trabalho, todas na forma de anúncio, vieram do pós-encarceramento, seja na condição de apreendido como no caso dos menores, seja na condição de preso com o indivíduo de maioridade. Tem-se a experiência positiva do menor Acerola quando de sua internação no CERESP de Juiz de Fora e temos apontamentos positivos de Laranjinha no sistema APAC em São João del-Rei. Ambos retratam a abertura de novas possibilidades aos encarcerados, com o aprendizado de ofícios e profissões, possibilitando uma qualificação que muitos desses jovens nunca tiveram. Nas narrativas temos que:

Quando eu tive no Ceresp eu comecei a amadurecer mais (...) Eu consegui fazer um trabalho social lá... tinha muita marmitta, essa marmitta de alumínio. Tinha um rapaz lá que se chamava Douglas e ele gostava muito de mim aí eu cheguei pra ele e disse: “Porque que a gente não vende essa essas marmittas?” Aí fizemos um trabalho social de reciclagem lá dentro. Eu lavava as marmittas, reciclava e saía na rua para vender junto com o agente pra arrecadar fundos para o Cerespinho. Aí eu comecei abrir a minha mente. (ACEROLA, 2019)

Fui e fiquei lá na APAC³⁶, aprendi várias coisas boas lá. Graças a Deus! Lá influencia você a mudar de vida mesmo. Esses seis “mesinho” que fiquei lá serviu pra essa vida inteira de crime minha.

[...] O próprio recuperando tem a referência de mudar de vida. Lá é nós mesmo que toma conta de tudo, lá é nós que abre porta, que fecha porta, cadeado lá. Nós mesmo que cuida de nós lá né, porque lá eles te ensina, começa a te ensinar as coisa, das tarefa, das coisas da vida que aconteceu e o que vem acontecendo. Você trabalha lá o dia inteiro né.

Em meio a tantas denúncias, um dos anúncios mais prospectivos da prisão é a oportunidade de se aprender um ofício, especialmente no sistema APAC, que mostra na visão dos colaboradores uma oportunidade de ressocialização muito próspera. Neste ambiente, o preso, aqui chamado de recuperando, além da escola,

³⁶ APAC: Associação de proteção e assistência aos condenados.

tem acesso a oficinas de trabalho. Este modelo será explorado mais à frente quando tratamos especificamente dos anúncios.

De lado outro, tem-se bem evidente em todas as narrativas a participação dos jovens servindo ao tráfico, com a venda do produto final em pequenas porções, aos usuários de drogas. Todos, sem exceção, começaram a usar drogas e pouco tempo depois estavam vendendo junto àqueles que lhes ofereceram a primeira vez.

Aí começou aquele negócio: 'pega um fardinho de crack com quatorze pedras, quatro é da gente que vende e dez é do rapaz que deu'. Aí para começar a ganhar um dinheiro, eu comecei a vender também. E vendia muito fácil, depois que eu mudei para Vila Rio Verde, eu ficava perto do Coreto e vendia droga muito fácil. (ACEROLA, 2019)

Eu saía pra vender (drogas) pra ganhar dinheiro, gastar. Era só whisky caro, whisky de cento e tanto... 'Nossa Senhora o época que zoei.. (ZÉ PEQUENO, 2019)

Eu cheguei a vender também, vender bastante, maconha e pedra (crack). Aí é assim ó, os mais maiorzinho pega para você vender para eles. Aí assim que acontecia, eles pegavam com os outros maior e passava para nós menor. Aí chegava tudo embaladinho, tudo pronto, você não podia faltar nada, tinha que dar tudo certinho, o dinheiro que tinha que dar, tinha que estar lá, não podia gastar nem vender fiado. Se deu o negócio tem que dar o dinheiro certinho, senão era grande complicação. (DADINHO, 2019)

Aí nois fica lá em casa lá vendendo de madrugada, aí foi que eu comecei a ficar lá vendendo, começou entrar um dinheirinho vendendo, eu só fumava uns baseado, aí vi que tava entrando mais dinheiro, comecei a ficar até mais tarde, assim no comecinho eu ficava até umas 11h da noite depois ia embora para casa, depois eu comecei a ficar até umas 02h da manhã porque tava entrando mais dinheiro de madrugada, aí eu falei vou ficar mais. (LARANJINHA, 2019)

Desta feita, o tráfico trata-se de uma possibilidade bem possível aos jovens cujas dimensões se enquadram nos diagnósticos já definidos neste item, quais sejam: família desestruturada, evasão escolar, território em vulnerabilidade social, baixa renda, tempos de consumismo e falta de capacitação para o trabalho formal.

E o tráfico é um dos caminhos comuns na pedagogia do crime e com o qual iniciamos o próximo tópico, o uso, a posterior venda de drogas e o envolvimento no mundo criminal.

3.4 Morreu pela honra do crime – morreu por causa de vinte reais

Neste item discutiremos a pedagogia do crime e suas principais relações com a pedagogia do oprimido. O que se pode assegurar ao iniciarmos o diálogo é que a

pedagogia do crime se apresenta como uma das vertentes da pedagogia do oprimido.

Na pedagogia do oprimido observamos a classe dominante alienando a massa por intermédio de uma educação bancária manipuladora, acrítica e antidialógica, perpetuando a ignorância dos oprimidos e impedindo a sua libertação através da conscientização política e social (FREIRE, 1987).

Essa situação opressiva é denunciada por Paulo Freire em várias oportunidades e em diversas de suas obras. Sua principal fundamentação teórica consiste na aplicação deste instrumento de alienação para a manter condições de suficiência que garantem e perpetuam um sistema social de desigualdades. Tem-se então o seguinte panorama: de um lado a minoria dominadora com os poderes em mãos, principalmente político e econômico; de lado outro, a grande massa sem poder algum, constantemente doutrinação para que se mantenha o *status quo* da elite dominante.

Para Freire (1987, p. 33), uma das principais fontes que alimenta esta opressão é a concepção bancária do nosso sistema de educação, marcada pelo comportamento pedagógico de transmissão e “depósitos”. O educador (depositante) realiza o ato de depositar conhecimentos nos educandos (depositários), garantindo a absolutização da ignorância. E esse depósito é sempre unilateral, do depositante ao depositário, em um conteúdo pronto e definido, passivo e acrítico.

No entanto, a abrangência desse caráter opressivo escuso extrapola o campo educacional e alcança praticamente toda a estrutura da vida em sociedade, seja no plano político, histórico, social ou econômico. Essa amplitude nos permite estabelecer uma análise dialógica dessa aplicabilidade geral com a especificidade do âmbito criminal juvenil.

Desta feita, na pedagogia do crime percebemos efeito semelhante de manipulação nos espaços de maior vulnerabilidade social e com jovens de família desestruturada. O opressor (traficante) aliena jovens em condição de vulnerabilidade, seduzindo-os com a oferta de condições aparentemente favoráveis, em troca da venda ilícita de entorpecentes e a prática de outros crimes para a manutenção do comércio ilegal de drogas como maconha, cocaína e crack.

A pedagogia do crime geralmente inicia com a nefasta oferta da primeira droga ao jovem, causando o vício e a aproximação com o grupo. Em seguida evolui

para a venda de drogas e o acesso ao grupo e suas seduções iniciais como o acesso ao lucro de grandes valores, festas, bebidas, mulheres e poder. No entanto, a sedução inicial logo se transforma em opressão e desumanização porque este esquema traz consigo a violência real que transcende a venda de drogas e culmina na violência dos assaltos e homicídios.

O jovem oprimido sob várias óticas do sistema acaba se tornando um opressor no mundo do crime. Essa assertiva é percebida de forma explícita quando o recém ingressante ao grupo de jovens infratores, especialmente aquele do sexo masculino, reproduz atos de violência e opressão para manutenção dos interesses do grupo, especialmente os econômicos. A anuência do oprimido ao pertencimento acaba inspirando o espelhamento e moldando o comportamento do sujeito ao seu novo ambiente.

Percebe-se um ciclo de crimes e violência em cada um dos jovens desses grupos que quase sempre é interrompido pela prisão ou pela morte. Mas a pedagogia do crime dificilmente cessa, pois o jovem que morreu hoje será substituído por outro e a cada ano o “Atlas da Violência” alcança novos recordes de mortes juvenis.

Seguimos então com as narrativas da pedagogia do crime e suas análises, começando pelo contato inicial com o grupo que se faz, geralmente, nos primeiros contatos com as drogas e o conseguinte aliciamento desses jovens.

3.4.1 Ô Cabo. O Senhor já passou fome?

Tratamos agora da socialização do primeiro contato com o ambiente criminal. O aliciamento inicial é marcado pela aproximação do jovem com os grupos criminosos, seja pela identificação com um dos membros ou como grupo, seja pela vivência cotidiana do mesmo espaço territorial e consequente estreitamento dos laços, seja pelas relações de sociabilidade construídas em espaços comuns, onde destacamos a escola, que é um espaço onde se permite uma amplitude muito grande nas relações sociais de todos os jovens.

O que chama a atenção nessa fase inicial são as condições em que acontece o aliciamento. Diferentemente do que se passa após a inclusão, são momentos que se caracterizam pela sedução do dinheiro, pelo prazer, pela companhia de mulheres,

festas, por momentos de diversão e desafios pessoais, pelo primeiro contato gratuito com as drogas e pela oferta de signos que não são do cotidiano daquele sujeito.

A colaboração de Laranjinha (2019) é pertinente neste momento quando ele narra que “*no primeiro momento o que mais me chamou a atenção era o dinheiro fácil né, que o pessoal tava oferecendo, mostrando, exibindo...*”.

No momento do aliciamento o opressor aliena e engana, mostra um lado para o neófito em que só aparecem as supostas vantagens e oculta a verdadeira intenção que é lhe trazer ao grupo para manutenção de interesses. De acordo com Freire (1987, p.41), o opressor “por óbvios motivos, insiste em manter ocultas certas razões que explicam a maneira como estão sendo os homens no mundo e, para isto, mistifica a realidade”. Dadinho exemplifica essa assertiva ao narrar que

[...] a maioria dos jovens que entra nesse mundo do crime é desse jeito, ou porque tem parente envolvido ou é tipo assim também... Eles vê o rapazinho novo assim, tá ligado? Começa a vê que está crescendo e ele começa a chamar: ‘vamos dar um rolê, vamos ali pegar umas mulher’... Aí mal, mal ele sabe que essa mulher tem outro pensamento, mal sabe que eles estão querendo envolver o rapazinho para fazer as coisas para ele. (DADINHO, 2019)

Percebe-se a violência simbólica manipuladora, marcada pelo comportamento fraudulento, enganoso, com objetivos ocultos à proposta de relação entre os sujeitos. Assim, o opressor pode parecer, num primeiro momento, um sujeito com boas intenções e que vai minimizar o sofrimento do oprimido. No entanto, serve à enganação, procura iludir e ludibriar o oprimido para cooptá-lo à atividade ilícita.

Ao sujeito opressor carismático, Freire (1987, p. 38) nos alerta que a prática desta dominação acontece pela ingenuidade do oprimido, indoutrinando o sujeito no sentido de acomodá-lo ao mundo da opressão. Aos jovens oprimidos aliciados, muitos deles sem qualquer discernimento para perceber a força desumanizante que envolve o ambiente criminal, tampouco os interesses escusos do opressor, Freire nos assevera a existência da violência desta ação ao nos ensinar que seria

[...] Por isto mesmo é que, qualquer que seja a situação em que alguns homens proibam aos outros que sejam sujeitos de sua busca, se instaura como situação violenta. Não importa os meios usados para esta proibição. Fazê-los objetos é aliená-los de suas decisões, que são transferidas a outro ou a outros. (FREIRE, 1987, p. 41 e 43)

São histórias que começam através do que Freire (1987, p. 82) chama de “uma falsa generosidade para manutenção de uma ordem injusta”, em que crianças e adolescentes servem ao tráfico de drogas como operários. Aprendem e executam suas atividades de forma automática e ingênua, tendo como ideologia premente no ambiente criminal a mesma concepção bancária citada pelo autor na obra *Pedagogia do Oprimido*.

Com o apoio em Freire (1987, p. 35), poderíamos caracterizar essa generosidade inicial da relação de “falsa e funesta” e, nesses termos, não é difícil perceber consonância entre a opressão do crime e a opressão denunciada por Freire. Destaca-se o termo “funesta”, pois o envolvimento é tão intenso que muitos perdem a vida pelo interesse do grupo. Em troca, os jovens recebem quantias em dinheiro que dificilmente receberiam em um trabalho lícito, conquistam espaços que antes não poderiam acessar, recebem uma visibilidade que não dispunham, além do status e poder que o pertencimento ao grupo demonstra.

A situação de pseudo benefício acaba seduzindo o jovem ao mundo do crime, principalmente pelas circunstâncias favoráveis que o capital do crime lhe oferece. O opressor considerado como “chefe”, visto como alguém temido e com poder naquele território, responsável direto por ofertar essas novas condições de vida, ganha a admiração do oprimido que passa a espelhar seu comportamento.

Há, por outro lado, em certo momento da experiência existencial dos oprimidos, uma irresistível atração pelo opressor. Pelos seus padrões de vida. Participar destes padrões constitui uma incontida aspiração. Na sua alienação querem, a todo custo, parecer com o opressor. Imitá-lo. Segui-lo. (FREIRE, 1987, p. 28)

A opressão dessa falsa generosidade sedutora pode ser percebida na história de vida de um dos jovens pré-entrevistados, ainda menor, que ao ser indagado pelo policial do PROERD acerca do seu envolvimento com práticas delituosas, especialmente o tráfico, assim respondeu ao militar.

Ô Cabo. O Senhor já passou fome? Sabe o que é chegar em casa, pedir comida pra sua mãe e apanhar a noite toda com sua mãe completamente bêbada? Sabe o que é tentar dormir com fome?
(...)

Enquanto lá em casa é assim, na rua eu ganhava um hambúrguer e uma Coca-Cola na esquina só para entregar as drogas que no início eu nem sabia que eram drogas. (PRÉ-ENTREVISTA 01, 2018)

O relato acima de um jovem, à época com 14 anos, é extremamente impactante e retrata fielmente as diversas facetas da opressão em nossa sociedade contemporânea. Primeiramente nota-se a verdadeira aplicabilidade dos termos “esfarrapado do mundo” e “demitido da vida” ao referenciar este menor em grave situação de vulnerabilidade social, sem a mínima condição de dignidade humana. Noutra giro, percebe-se que o oprimido pela fome, tentando remediar seu sofrimento, passa a ser oprimido pela sistema criminal, sendo conduzido de forma nociva a um caminho em que dificilmente se encontra ou se permite a saída.

A mesma fome sentida em São João del-Rei nos apresenta grandes semelhanças da fome sentida em Jabotão por Paulo Freire e sobre essa sensação, símbolo da injustiça social, o educador descreve que se a fome real não for amenizada,

[...] vai tomando o corpo da gente, fazendo dele, às vezes, uma escultura arestosa, angulosa. Vai afinando as pernas, os braços, os dedos [...] Fome que chegava sem pedir licença, a que se instala, a que se acomoda e vai ficando sem tempo certo de se despedir. Como aprender, porém, se a única geografia possível era a geografia da fome? (FREIRE, 2003, p. 42).

E como não aceitar um sanduíche na rua se em casa falta o pão? São experiências como essas que levaram Freire a se preocupar com o drama dos filhos da pobreza e castigados pela miséria. Falamos da fome que priva a capacidade de brincar, de pensar e de aprender. Essa mesma fome que também vilipendia e envereda o sujeito a submeter-se aos mais degradantes níveis que o ser humano pode chegar.

Outra história de vida juvenil relata o início pelo desafio, pela forte opressão que envolve o ambiente do tráfico de drogas em comunidades marcadas pela alta vulnerabilidade social. Um dos pré-entrevistados, ao nos reportar como teria iniciado seu envolvimento com a atividade, assim respondeu:

[...] Eu comecei com os meninos que ficavam no campinho, na época eu tinha 8 anos. Eles perguntaram se eu era homem e eu disse que era. Aí

eles me fizeram fumar maconha até eu desmaiar. Nesse dia a ambulância do Bombeiro teve que ir lá me socorrer.

[...] No outro dia eu voltei lá e eles 'zoaram' muito de mim, me chamando de fracote e mulherzinha. Eu disse que era homem e fumei novamente. Foi aí que fiquei viciado e logo depois comecei a vender minha própria droga. Hoje eu vendo só maconha e cocaína. Tenho quem vende pra mim. Crack eu não mexo. (PRÉ ENTREVISTA 02, 2018)

Essa narrativa escancara atos opressivos e altamente desumanizantes, fatos comuns em ambiente dominado pelo tráfico de drogas ilícitas. Uma criança de oito anos sai para brincar em um espaço de lazer do bairro e sofre a o-pressão³⁷ do grupo, acaba tendo o primeiro contato com uma substância entorpecente a ponto de permanecer desacordado em razão dos sintomas, sendo necessário recurso médico para sua recuperação. No dia seguinte, num misto de sentimento de vergonha e virilidade, este jovem enfrenta a droga novamente para não ser taxado pelo grupo e daí se perde para o vício, assinando aquele jovem um “contrato oculto” de pertencimento ao grupo.

Ambos os pré-entrevistados acima não participaram da pesquisa em razão da prisão que aconteceu no decorrer dos trabalhos. Apesar de o pesquisador ter tentado a entrevista no presídio, evidenciou-se que a receptividade dos colaboradores para com a pesquisa era avessa a da proposta inicial. O “sim” de antes virou o “não” e as conversas iniciais cheias de entusiasmo por estarem se sentindo importantes com o convite tornou-se um misto de aversão e bloqueio. Sobre a prisão teremos um momento mais adiante nas considerações gerais das narrativas.

Como primeiro contato dos nossos colaboradores, temos como fato comum a primeira experiência com as drogas, geralmente a maconha. Este ato simbólico marca a aproximação do grupo e um ato primário para a aceitação e posterior pertencimento. Aconteceram com todos colaboradores em idade bem precoce e os sintomas foram bem significantes, pois a maioria apresentou sintomas de mal-estar e todos ficaram viciados. Materializamos as narrativas com as contribuições de Laranjinha e Dadinho.

³⁷ O-pressão no sentido do sujeito estar sendo oprimido pela pressão do grupo.

Mas depois da primeira eu vomitei, deu dor de cabeça... Nossa Senhora! Passei mal, no primeiro dia que eu tinha fumado pra fazer gracinha, né... não falei que era minha primeira vez não... Passei foi mal, fui embora ruim, encostando nas paredes... isso aí mexe com a mente, né.. (ZÉ PEQUENO, 2019)

[...] E foi com essa idade que eu experimentei maconha (13 anos). Eu estava lá na barraquinha no Adão Nunes. Aí tinha uns rapazinhos mais maiores assim; eu vi os meus amigos da escola fumando aí eles me chamaram e foi a primeira vez que eu fumei e não consegui mais parar. Na hora eu passei mal e vomitei, fiquei bambo e eles até me levou embora. (DADINHO, 2019)

No passo seguinte, o neófito³⁸ que já se aproximou do grupo e passou a usar drogas, passa a ser questionado se não vai vender os entorpecentes; ou por si próprio se auto questiona ao ver que os membros do grupo estão ganhando dinheiro com a atividade. Inicia-se então uma perigosa jornada daqueles que vendem drogas e suas diversas complicações, seja com outros grupos rivais, seja com a polícia.

A gente começa no tráfico assim... eu colava todo dia com os cara. Chegava todo dia nos cara, pá... ainda mais depois que eu tinha começado a fumar bagulho, colava todo dia nos cara pra fumar um. [...] Aí eu lembro certinho de eu fumando um, aí os cara falou assim: 'Tá parasitando aí, não pega uma droga pra vender'. Aí eu falei assim: "Que isso, cê tá ligado que eu nunca vendi droga". 'É mas você é bobo, menorzão podia tá aí ganhando dinheiro, arrebrandando no corre'. Aí eu parei e pensei assim e falei: "Nó é mesmo; to dando mole, todo mundo ganhando dinheiro aí..." (ZE PEQUENO, 2019)

Esses amigos que eu tinha, eram os amigos do movimento de drogas, o meu irmão de criação que era maior também tinha envolvimento com droga, de vender e de usar. (...) Aí para começar a ganhar um dinheiro, eu comecei a vender também. E vendia muito fácil, depois que eu mudei para Vila Rio Verde, eu ficava perto do Coreto e vendia droga muito fácil. (ACEROLA, 2019)

E essas histórias, que por ora podem ter tido um início diferente no que tange ao modo de aproximação do grupo, novamente se juntam todas nas esquinas e bocas³⁹ com a prática do tráfico de drogas.

³⁸ Expressão utilizada no sentido de iniciante, aprendiz, novato.

³⁹ Termo utilizado para identificar um ponto de tráfico de drogas.

3.4.2 Os maior manda e os menor faz

Tratamos aqui do envolvimento com o tráfico de drogas e os crimes decorrentes. Pela lei nacional 11.343 de 2006, o tráfico de drogas consiste em importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar. (BRASIL, 2006)

A legislação acima citada pune severamente os autores de tráfico, maiores de 18 anos, com a pena de 5 a 15 anos de reclusão. Em análise sequencial temos no Estatuto das Crianças e Adolescentes, Lei 8.069/90, a previsão de que a medida de internação àqueles de menoridade só poderá ser aplicada quando tratar-se de ato infracional cometido mediante grave ameaça ou violência à pessoa, o que exclui nesses casos o tráfico de drogas. (BRASIL, 1990)

Eis então uma das grandes problemáticas que se verifica na questão tráfico de drogas e outros crimes violentos em nossa pesquisa e que, muito provavelmente, deve retratar a realidade nacional. Como a punição de tráfico ao maior é bastante rígida e ao menor não implica em medida de internação, os grandes traficantes aliciam os menores para a venda e os fazem de mão de obra para o tráfico e crimes correlatos como a posse de arma de fogo, marcando sobremaneira a manipulação opressiva proposta pela pedagogia do crime. As contribuições de Acerola e Dadinho exemplificam essa assertiva.

[...] tinham aquele negócio de menor; os maiores para fugir das responsabilidades, sempre guardava as armas com a gente que era de menor. (ACEROLA, 2019)

No tráfico tem uns que vende e tem os patrão. Esses patrão não bota a cara não, eles colocam os cara assim mais perto de nós para desembolar. Eles nunca nem fica nem passa lá, nem fica no bairro. (DADINHO, 2019)

De todos os verbos do crime de tráfico, os que foram vivenciados pelos nossos colaboradores consistem essencialmente na venda e depósito de drogas para a venda e, em alguns casos, no preparo para a venda. É o tráfico da ponta da linha e pelas narrativas ocorrem dois modos distintos de prática, sendo que em algumas histórias os próprios neófitos preparam a droga para venda e em outras, a

droga já vem pronta para o comércio. Tudo em frações pequenas vez que o maior risco de apreensão e prisão está na venda, onde ocorre a maior exposição.

[...] Aí começou aquele negócio: ‘pega um fardinho de crack com quatorze pedras, quatro é da gente que vende e dez é do rapaz que deu pra vender’. (ACEROLA, 2019)

Tanto a preparação da droga quanto a venda em si fazem parte de uma cadeia de produção mecanicista que consiste em picar⁴⁰, embalar e vender de forma clandestina, geralmente durante a noite e madrugada, longe da vigilância dos policiais.

Pra picar é só na gilete mesmo rapidinho, já pica os quadradinho e a gente coloca nos saquinho e dá os nozinho rapidão. Isso é coisa de quinze minutos, vinte minutos. Aí você vai e moca (esconde), aí você moca. (ZE PEQUENO, 2019)

E aos jovens envolvidos no comércio de drogas rende um montante em valor nunca visto ou sequer imaginado nas suas realidades. As primeiras experiências mostram um lado mágico e ingênuo de muito dinheiro, poder, status, acesso a festas e mulheres, ostentação.

Eu tinha de tudo né, era dimenorção ainda, acho que eu tinha uns dezesseis... tinha feito dezesseis anos já, tinha acabado de sair. Tinha feito dezesseis anos. Eu de menor, eu lembro uma vez que eu tinha oito garrafas de whisky, uma de cada assim na sala de casa. Comprei som à vista na loja. Tinha de tudo mesmo. (ZÉ PEQUENO, 2019)

O dinheiro chega e você vai gastando tudo, compra bebida, compra droga (...) A gente se sente respeitado lá na comunidade, o pessoal te olha diferente, te vê com dinheiro e fala: ‘ó você tá bem mesmo!’ Aí eles começam a te adular, te chamar de colega, de amigo... (DADINHO, 2019)

No entanto, o tráfico traz consigo uma vertente invisível aos olhos do iniciante que chega ao grupo, cego pelas vantagens iniciais enganadoras e atípicas na vida desse indivíduo. Os novos “recrutados”, usados como “massa de manobra”, aprendem

⁴⁰ Na linguagem dos colaboradores consiste em transformar o pedaço maior, geralmente um tablete, em frações menores próprias para o uso pessoal.

as técnicas mecânicas do tráfico e sofrem o ajuste de comportamento para adaptação às suas novas funções, passando a agir, *à posteriori*, cegamente pelas ordens que lhes são confiadas, como uma espécie de domesticação.

Na visão de Freire, essa concepção bancária de tratamento é responsável pela manutenção da falta de consciência do indivíduo e os mantém domesticados e ajustados aos interesses do opressor. Assim,

[...] não é de estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação, os homens sejam vistos como **seres da adaptação, do ajustamento**. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo. (FREIRE, 1987, p. 33) (grifo nosso)

Acrescenta Freire (1987, p. 41) que a manipulação pela concepção bancária, “serve à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a ‘domestica’, nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar”. Para o mundo do crime, esses jovens servem apenas como as peças necessárias para a execução das tarefas do grupo.

Nesta guisa, percebemos que a concepção bancária serve para manter as relações de opressão entre as partes, mantendo a intransitividade do oprimido pela domesticação. Essa concepção bancária é materializada na prática pelo comportamento mecanicista, inconsciente e repetitivo, muito comum na execução das atividades delituosas, especialmente na atividade produtiva de preparação da droga para o comércio.

Além da manipulação para a execução das tarefas do tráfico, com o intento exclusivo de proteção do interesse econômico desta atividade ilícita, percebe-se que para a manutenção do interesse desse sistema opressor criminal são muitos os exemplos de violência, desumanização e opressão. Acontecem nos casos de dívidas com drogas, nos sérios problemas entre grupos rivais e nos problemas com a polícia. Por vezes, os conflitos relacionados à questão droga são pagos com a própria vida.

E neste ponto da pedagogia do crime, o tráfico apresenta algumas possibilidades bem concretas que as narrativas nos mostram e das quais

exploramos a seguir: o homicídio, o roubo e o grupo criminal denominado de bonde, turma, gangue, comando, etc.

Iniciando pela análise primária do homicídio no tráfico, percebe-se que esse fenômeno pode acontecer em razão de dívida com drogas, pelo “derrame” de drogas, pela disputa de pontos de venda ou em razão de problemas interpessoais entre os membros dos grupos criminosos, as quais recebem a denominação de guerra entre gangues.

Acontece a guerra da disputa de pontos em razão do melhor local ou horário em que se consegue mais vendas. Não fica claro nas narrativas como esses pontos ou horários são divididos entre os criminosos, mas se tiver conflito é certo que a divergência resulta em homicídios, como assim foi relatado nos trechos transcritos a seguir.

Aí eu... mas a droga eu que pegava, tá ligado? Vamo supor que a biqueira era minha, aí eu passava pro Maraca o fardinho, pro Doidinho e pro Cocota. Aí nós três ficava no corre junto, só que o corre era meu, eles ganhava também o deles. Só que nessa boca eu tive que guerrear com o Sandro. O Sandro lá, o Sandro moreninho. (ZÉ PEQUENO, 2019)

Aí eu fui e desci com umas pedras na boca, as pedras de crack. (...) Queria vender na área dos caras né. Fui e desci pra vender lá embaixo lá né, o cara, o dono lá, o cara que manda lá mesmo tinha deixado. (...) Aí o outro rapazinho achou ruim, esse Pedro Henrique, aí foi que nós arrumou problema, eu e ele. Arrumou nossa treta lá. Nós dois tretou lá, nós brigou. Chegou a trocar uns soco lá, ele falou que ia me matar; eu falei que ia matar ele.

[...] Aí eu fui e passei de bicicleta e vi que ele tava lá, aí fui e liguei e falei assim: “Tá aqui mesmo, pode chegar.” Aí foi aí que ele chegou, pra apertar o Pedro, entendeu? Acertou um tiro né, na cara dele, na casa do Pedro né. (LARANJINHA, 2019)

Se pegar a droga do traficante e não pagar (derrame) é o mesmo que uma auto sentença de morte ao sujeito e quem vai apertar o gatilho é algum “de menor” que também está envolvido com o crime. Acerca dessa situação, Dadinho expõe que:

*Se você não pagar ou derramar⁴¹ aí os cara já começa a querer pagar outros pessoas para te matar, tá ligado? Já vai, paga os outros, **aí o de menor vem** e faz o serviço, e você nem sabe quem que te matou, é assim*

⁴¹ Responsável pela venda sumir propositalmente com a droga que pegou para comércio.

que funciona. Para o cara mandar te matar tem que dar prejuízo. Aí olha o quê que acontece, aí se derramou os outros começam a te cobrar, cobrar parente, ameaça parente, e vem aquela confusão geral. (DADINHO, 2019) (grifo nosso)

Vale ressaltar que essas mortes por “derrame” geralmente são as mais cruéis e com grandes evidências de sadismo, justamente para se saber que “não se furta a droga de traficante”. São aqueles homicídios com uso de inflamáveis, com diversos disparos de arma de fogo no rosto ou diversas facadas, decepção de membros e, se possível, com exposição da vítima já em óbito para que aquilo sirva de lição para que os outros não incorram no mesmo “erro”.

Acerca das dívidas de drogas, percebe-se que a violência pode culminar na propagação de assaltos se o vendedor de drogas deve ao traficante ou pode custar a vida em detrimento da inadimplência. É o tráfico novamente resultando em homicídios e também em assaltos. Laranjinha alega que,

*[...] foi aí que eu fui e cismeiei de roubar. Eu fui e roubei... Aí eu fui e falei: “Não, tenho que roubar pra pagar esse cara. (...) Se não pagasse, ele ia matar eu ou eu ia pegar ele, ou ele ia me pegar né. Ele foi me ameaçar, que se eu não pagasse ele, ele iria me matar., tava devendo uns mil e quinhentos reais. Se ficar devendo droga, **morre por causa da honra do crime**, não importa o valor. Tem até um rapazinho que eu conheci muito tempo atrás que **morreu por causa de vinte reais** lá na área lá. (LARANJINHA, 2019) (grifo nosso)*

A obscuridade da alienação desumanizante é tamanha que se incute no jovem do tráfico que a dívida leva à morte em razão de uma falsa honra de pertencimento a um grupo. Isso ao passo de uma vida custar vinte reais. O “ter” sobrepujar o “ser”, mas o “ter” de verdade não é de quem mata e sim de alguém que não suja suas mãos com sangue. O legítimo dono do “ter” apenas aliena, manipula e oprime e quem morre e mata nessa guerra é quem alcança as migalhas de um complexo esquema criminoso.

Essa narrativa de Laranjinha (2019) sobre a honra no crime nos permite trazer Freire ao diálogo e fazer alguns apontamentos que o autor traz sobre a ética. Ao falar do assassinato do índio Pataxó, Freire expõe a grave transgressão da ética por parte dos jovens assassinos e nos adverte de como urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais como o respeito à vida. O autor

defende a ética universal do ser humano, aquela que busca a superação das injustiças desumanizantes. (FREIRE, 2000)

A respeito da narrativa anterior, vale propor uma analogia entre a ética/honra do crime e a ética do mercado. Na concepção de Freire (2000), a ética do mercado é aquela que valora o ser humano por aquilo que ele representa em termos de capital econômico, é aquela que visa o lucro, busca o ter em detrimento do ser e representa o *ser menos*. A ética e honra do crime defendem a mesma concepção ideológica do ter, do objeto, e ainda consegue levar o humano a um nível tão desprezível, que uma vida com o crime pode valer uma dívida de vinte reais.

A ética do crime também se faz presente quando o pré-entrevistado 02 nos narrou que havia matado um noiado⁴² que ‘tava’ lhe devendo vinte mil reais. Imerso nos grupos criminosos, este jovem se envolveu em outros delitos e apresentou diversos registros policiais relacionados à venda de drogas, roubos, furto de veículos e homicídios. Assim como grande parte das histórias, criou seu próprio espaço para comércio de drogas e “recrutou” outros jovens para vender em seu espaço.

Como já denunciado anteriormente, de oprimido passou a oprimir, situação comum em ambientes de forte opressão. Atualmente este jovem encontra-se preso no presídio regional em razão do crime capital que cometeu, não esboçando, aparentemente, qualquer sinal de arrependimento. Vale aqui trazer um ensinamento de Freire (1987, p. 37) que há cinco décadas já antecipava o mais alto grau de desumanização. “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida”.

O estado de opressão conforme a história de vida supracitada é, segundo Freire, o estado de pessoas que se destroem. São atos de crueldade com o próximo que destroem sonhos, perspectivas e a própria dignidade humana. Freire (1987, p. 31) nos alerta que na relação de opressão em que estão, os homens são reduzidos ao estado de quase “coisas” (vidas que valem vinte reais) e por isso se encontram completamente destruídos.

Laranjinha (2019) nos fala que quase morreu por dívida de drogas,

⁴²Noiado no linguajar do grupo significa usuário de drogas.

O cara já entrou armado assim pra querer me cobrar né, já foi e já arrancou a arma. (...) Aí eu fui e corri. Eu vi ele entrando no portão e arrancando a arma, eu fui e corri. (...) Ele foi e ameaçou meu irmão no dia, esse meu irmão que mora comigo, falou assim que era pra mim pagar, senão ele ia me apertar, senão ele ia me matar... (LARANJINHA, 2019)

Mas quando falamos da recepção do iniciante no tráfico, a situação de opressão e violência real em razão de uma dívida dá lugar à alienação e à falsa camaradagem. Na narrativa abaixo se percebe o tratamento diverso quando da chegada ao grupo, momento em que o aliciador perdoa a dívida do primeiro dia de venda de drogas do neófito, para não perder um dos seus “operários”.

Na minha primeira vez eu peguei quatorze pedras com ele, dez do cara e quatro minha. Aí eu fui e dei ideia nele e falei: “Pô viado, tentei fazer a missão aí não deu certo, não dá pra arrumar o dinheiro procê não”. Aí ele foi e falou assim: ‘Não, ta tranquilo Zé Pequeno, você ta começando agora, pode ficar tranquilo’. Falei: “Já é!” (ZÉ PEQUENO, 2019)

A dívida com o tráfico alimenta ainda o roubo quando o jovem se vê sem saída para pagar a droga que está devendo ao traficante ou quando a polícia realiza a apreensão deste material.

Aí eu estudava, quando eu morava lá no Porto Vitória, nessa época eu estudava no Espaço Criativo. Aí foi... eu peguei pra vender. Aí eu fui e já rodei com a primeira droga. Eu falei: “Nossa, droga não é pra mim não”. E saí pra roubar, no outro dia eu falei: “Nó, tenho que pagar o cara”. Aí eu fui... (ZÉ PEQUENO, 2019)

A imersão criminal é majorada com os roubos, momento em que a violência se mostra também em alto grau, vez que todos esses fatos acontecem com emprego de arma de fogo e violência à vítima. Este crime acontece, geralmente, para pagar as dívidas do tráfico, como se percebe na narrativa acima, ou mesmo como regra do grupo para manutenção dos seus interesses econômicos ou para pagar a droga que foi apreendida pela polícia.

A gente pulava nos moto taxi... Em qualquer lugar ali, só olhava pra um lado e pro outro e já era. Aí nós só pegava celular, dinheiro e coisa boa. O negócio era levantar a cabeça, jogar a peça e gritar, porque é Deus e já era. Nem pá não, não passava nada na mente não. Era só sair correndo e levar o dinheiro. Ali nós já conhece o matagal tudo, era tudo certo, só correr pro mato e já era. Eu fiz uns oito assalto lá em cima. (ZE PEQUENO, 2019)

Foi aí que a gente começou a fazer assalto para pagar essas drogas, começava muitas vezes a perder arma também, por causa dos polícia está prendendo, a gente está dispensando arma no mato e não achar mais; aí a gente começou a dever e começou a fazer os assaltos justamente para pagar. (ACEROLA, 2019)

Trata-se ainda de um modo do grupo verificar se aquele indivíduo tem coragem e disposição para ser um membro do grupo. Os novatos, geralmente menores, são desafiados e provados na questão de pertencimento. De acordo com Dadinho (2019), “os maior manda e os menor faz”. A narrativa segue com os maiores falando assim:

(...) ‘se você quer entrar no bonde tem que começar a roubar. Começa a roubar para nós vê que você é do bonde’. Aí que começa a fazer um aqui, outro ali para ver se eles deixa você entrar. Tem que ver que você tá fumando maconha e fazendo as coisas erradas para você poder andar com eles. Aí eles já falavam, ‘vocês pega aquele tal supermercado ali’. Aí nós ia lá e eles ficava esperando... aí nós chegava e dava o dinheiro eles e tinha que ir embora. (DADINHO, 2019)

O roubo acaba despertando nos jovens uma sensação de adrenalina que para muitos deles é prazerosa e consiste num desafio haja visto o alto risco que se corre em ser pego ou preso. A adrenalina surge na voz de Dadinho (2019) quando o narrador nos informa que durante o assalto “a gente colocava a blusa na cara, essas coisas assim e adrenalina era pura”. Acerola e Laranjinha também falam da mesma sensação,

Na hora (do assalto) eu sentia uma adrenalina que eu gostava muito, eu gostava de assalto por causa da adrenalina, era uma sensação muito boa. Adrenalina do assalto é uma coisa diferente, o coração dispara, era uma adrenalina muito boa. (...) No mundo do crime, o que me atraiu muito era o poder, gostava muito de arma e dessa adrenalina também, de correr porque eu tava armado e a polícia estava chegando, gostava desse perigo. (ACEROLA, 2019)

Foi nesta vez que a gente sentiu uma adrenalina danada, a gente entrando, enquadrando todo mundo e roubando tudo, o negócio é muito sinistro mesmo, a adrenalina é sinistra mesmo. (...) Foi ai que eu cisme e gostei, pensava o meu negócio vai ser roubar mesmo. (LARANJINHA, 2019)

E neste misto de crimes como tráfico, homicídios e roubos, percebe-se o pleno envolvimento do sujeito com o grupo criminal e é desse ambiente que agora

fazemos os devidos apontamentos. O que representa fazer parte do grupo e quais são as características mais evidentes nesse pertencimento. São outros registros de ciclos de opressão, violência e desumanização que fortalecem ainda mais a pedagogia do crime como se pode perceber no tópico a seguir.

3.4.3 Fui lá na intenção de matar algum deles, não tinha alguém específico

Nesta oportunidade, discutimos a relação de jovens e os grupos criminais, iniciando por algumas considerações do significado de “pertencimento” ao coletivo e as influências que o grupo traz no particular. Em sequência tratamos das relações próprias do âmbito criminal.

Em um trabalho de etnografia com jovens do sexo masculino, Silva (2011) trata da cultura juvenil e nos expõe que essas culturas são fabricadas e vividas em notório distanciamento do mundo adulto e das crianças, com posturas de referência bem características desse grupo que os distancia dos demais. Segundo a autora, “a construção sócio-histórica da juventude passa pelo afastamento do tempo da infância e do tempo da adultez, passando por um exercício de recusa de ordens, como a família e a escola.” (Silva, 2011, p. 297)

O sujeito apresenta uma identidade bem particular, avessa à postura de criança e de adulto, e o comportamento de recusa é muito próprio de determinados grupos juvenis. Esses casos de resignação às ordens, especialmente da escola e da família, podem nos inferir um indicativo de pertencimento e fortalecimento da pertença daquele sujeito a um grupo, que nesses casos pode ser o próprio grupo criminoso. (SILVA, 2011)

Na concepção de Silva (2011, p. 309), essa sensação de pertencimento ainda funciona para o sujeito como um fator de visibilidade e reconhecimento pessoal. Essa assertiva nos leva a refletir que o jovem que apresenta pouca visibilidade ou que busca esse sentido nas suas relações, pode se referenciar em determinado grupo para ser percebido pelos demais jovens.

Essa característica do “pertencer” se apresenta ainda como uma forma de superar desigualdades e medos pessoais, podendo ser entendida como uma estratégia de diminuição das situações de fragilidade. Assim, a sensação de estar em um todo faz o sujeito se sentir mais forte que o individual e o pertencimento ao grupo também se mostra como um importante fator para garantia de proteção do

conjunto, especialmente em ambientes hostis, como os bailes e bares que os jovens gostam de frequentar, principalmente quando falamos de territórios neutros frequentados por vários grupos. (SILVA, 2011)

E o pertencimento que tratamos em caráter geral na situação dos grupos vem se estabelecer também nas organizações criminosas. O grupo criminoso ou bonde é aquele articulado por um maior, alguém em um nível intermediário, que através de seus membros controla as ações do tráfico e de ações violentas como os roubos e outros crimes, sempre com objetivo de conseguir dinheiro. Como já discutido anteriormente, o grupo alicia jovens ao tráfico pela sedução de benefícios e o decorrer da atividade traz o envolvimento e suas duras consequências como as desavenças, ameaças, morte e a prisão.

E nesse caso o pensamento do grupo engole o do sujeito intransitivo que age pelas regras que são impostas pelo chefe (patrão) e o envolvimento do “dia pós dia” torna casa vez mais difícil o caminho da volta. O tráfico passa a ser a principal atividade desse jovem, a escola é alijada da sua vida, a família é afastada, e surgem as desavenças decorrentes da postura violenta do grupo, principalmente pela necessidade de se mostrar força para não perder espaço no tráfico.

A pressão no sujeito é algo muito forte e evidente e a todo tempo se testa a virilidade na execução das tarefas. O filme “Cidade de Deus” ilustra bem esse momento quando um jovem é obrigado a atirar em outro sob forte pressão. De olhos fechados e espremidos, com a expressão de estar fazendo algo contra a sua vontade, o jovem diz: “eu sou é menino homem” e aperta o gatilho. Saindo da ficção temos a voz de Laranjinha e Acerola que exemplificam a o-pressão do grupo sobre o sujeito.

(...) ‘pode ir lá roubar, porque se vocês quiserem entrar pro grupo tem que ir lá e roubar, por que é isso que nois faz, então vocês têm que fazer o quê nois faz’; aí eu ficava pensando: “vou ter que fazer também, a pressão era grande”. (...) Para entrar no grupo tinha que mostrar que tinha disposição pra roubar. (LARANJINHA, 2019)

O grupo fica falando para você fazer, aí você acaba sentindo aquela pressão psicológica... Aí você pensa: “eu tenho que fazer para ganhar status mesmo”. (ACEROLA, 2019)

Uma das fortes marcas desses grupos criminosos, bondes ou gangues é a violência simbólica entre opressor e oprimido, na qual percebemos sua principal

manifestação na forma da domesticação, de adestramento, na forma de agir, de controlar o pensar para apassivar o sujeito, como uma espécie de “anestesia”, segundo Freire (1987, p. 37). O opressor busca controlar o pensar e a ação, levando os oprimidos ao ajustamento e à reprodução de atos mecânicos; são corpos intransitivos que obedecem cegamente à autoridade opressora. A palavra e a vontade são do chefe e a relação entre os sujeitos encontra-se imersa no antialogismo. (FREIRE, 1987).

O grupo determina as (des)qualidades que o sujeito deve apresentar para o pertencimento e dentre elas está a disposição para o exercício do tráfico e a coragem para dar tiro, roubar e matar. A regra oculta adita que o sujeito é obrigado a executar ações mesmo contra sua vontade e precisa ter disposição para defender os interesses coletivos, até mesmo se for necessário “guerrear” com alguém ou com outro grupo. A guerra de um membro passa a ser a guerra do grupo, ainda que um dos indivíduos nem conheça o outro sujeito.

Aí o maior falou que era para mim fazer e que outro menor iria assumir para mim não ser preso. Aí eu peguei a arma e desci, eu cheguei lá e ele tava jogando baralho na praça, fui dei um tiro na cabeça dele e três no peito, aí ele morreu. (ACEROLA, 2019)

A impactante narrativa acima nos permite fazer uma analogia à pedagogia da indignação quando Freire (2000, p. 31), em um de seus últimos escritos, fala com aversão sobre o assassinato do índio pataxó⁴³, ocorrido na cidade de Brasília. “Que coisa estranha, brincar de matar gente. Fico a pensar, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços *desgentificando-se*, no ambiente em que *decreceram* em lugar de crescer”.

Em análise às narrativas, percebe-se que este processo de *desgentificação* no indivíduo é gradativo. Quanto mais imerso na pedagogia do crime, mais influenciado e manipulado pelo grupo ele está, mais *desgentificado* estará o sujeito.

O estar presente nos grupos criminosos e a aceitação do pertencimento àquele coletivo é sinônimo de problemas, uma vez que as ações são quase sempre

⁴³ O cacique da tribo pataxó, Galdino Jesus dos Santos, foi morto por cinco jovens durante a madrugada do dia 21 de abril de 1997, quando dormia em um ponto de ônibus na cidade de Brasília. Os jovens atearam álcool e fogo em Galdino que não resistiu aos ferimentos e faleceu.

de atos ilegais e de violência. A todo o momento sempre tem alguém no grupo que “bota pilha” e manipula o sujeito para alcançar seus objetivos.

Quando você entra assim no mundo do crime, você não pode parar. Às vezes você sai assim na rua com a intenção boa de ficar tranquilo, de não arrumar problema. Aí você já sai e encontra com os amigos, já vai e bota pilha, fala um montão de coisa, fala isso e aquilo, aí já dá neurose na mente, você fica com a cabeça fraca e entra de gaiato e faz. (DADINHO, 2019)

E um dos principais modos de agir do grupo é através da o-pressão no sujeito, com ações que afetam sempre o psicológico do indivíduo. Uma pressão insistente que surge através de desafios propostos pelo próprio ambiente criminal e se materializa em frases como: “você não tem coragem”, “você não é homem suficiente pra isso” ou “vai deixar assim?” até que se consiga um executante para as ações do grupo. As ações são desafiadas e encorajadas por frases que falam da impunidade que se o menor for pego em flagrante, “não vai dar nada”, como se pode perceber na narrativa a seguir.

Nesses roubos nós tava de menor, ia fazer fita a qualquer hora mesmo; nós cismava, ia lá e roubava. Os colega falavam também, isso aí não vai dar nada não, se rodar hoje, vocês irão sair no mesmo dia. E foi mesmo, eu cheguei... (LARANJINHA, 2019)

E esse discurso da impunidade perpassa como um discurso do grupo na questão de autoria criminal. Mesmo quando os menores não são os responsáveis pela prática, eles são instados a assumir a autoria para livrar os maiores das responsabilidades. Acerola ao falar do ambiente criminal nos apresenta que no bonde tinha

(...) as regras de não caguetar, não falar com a polícia... Falavam para os menor assumir as coisas devido a impunidade da lei. Falavam assim: ‘se você for preso é só quarenta e cinco dias, não passa disso’. Às vezes a gente assumia coisas que nem era da gente. (ACEROLA, 2019)

Além das ações de o-pressão para assumir os crimes, percebem-se ações de o-pressão para o cometimento de roubos e ações de o-pressão para o cometimento de homicídios, como podemos perceber nas narrativas a seguir. Laranjinha fala da

pressão do bonde para que fizesse o assalto e Dadinho fala da pressão para que matasse um indivíduo de outro grupo rival.

[...] Eu falava com eles que não queria fazer isso, porque eu não sabia, porque eu nunca tinha feito isso, mas eles continuaram insistindo e me influenciando até que um dia eles chegaram lá na casa com uma arma, foi uma 28, uma espingarda antiga calibre 28, aí ele chegou com essa 28 na casa e eu tava lá junto com outros rapazinho que fechava com nois e foi nesse dia que de tanto ele falar que nois tinha que roubar também, eu fui e cismeí de roubar (LARANJINHA, 2019)

E sempre teve um que fala: 'agora você vai ter que matar alguém'. Aí eu pego e falo: "eu só mato se o cara mexeu comigo, com a minha família"; [...] Várias vezes ele já pediu para eu matar alguém. O meu primo João já morreu no crime, ele tinha quinze anos. Ele foi, entrou para o crime, matou um rapazinho lá para os cara de cima, falecido Barbantinho ali na pastelaria, aí vêm os cara e cobrou. Ele matou para os cara, aí veio os cara e matou ele. (DADINHO, 2019)

E esses exemplos de violência se repetem em todas as narrativas, potencializadas sempre pela influência negativa do grupo. O eu-responsável do sujeito é afastado e dá lugar ao comportamento de total submissão ao opressor. Vale ressaltar que as regras dessas articulações criminosas apresentam-se tão violentas e desumanizantes que os membros desses grupos recebem “status maiores” acerca de quanto mais agressivas são suas ações. Assim, aquele sujeito que tem disposição para matar tem mais status e respeito que o que tem apenas disposição para roubar. E o que comete assalto tem mais respeito que aquele que somente pratica o tráfico. Segundo Acerola, para entrar no grupo

[...] não tinha o alistamento organizado, a pessoa começava a se envolver, na maneira em que ela ia cometendo os crimes, ela ia ganhando um status dentro do grupo, principalmente quem tinha disposição e dava tiro. Fulano de tal matou outro e tem disposição, até no presídio quando estava lá tinha isso. Por exemplo quem já matou tinha um respeito a mais dentro da criminalidade. Num grupo de dez, uns dois têm disposição para matar (ACEROLA, 2019)

Laranjinha também relata a procura de mais respeito no crime ao extrapolar o tráfico de drogas e se envolver com grupos envolvidos em roubos e homicídios. Ao mesmo tempo que a situação dá respeito, também o colaborador alerta para os riscos.

Comecei a andar mais com os cara, os rapazinho vendo que nois tava fechado, roubando, tinha arma, aí os rapazinho passaram a respeitar mais né, a turma começou a ficar com medo do nosso grupo por que via que nois tinha disposição, mas no crime isso também não é bom, porque se você arrumar uma treta você morre mais fácil também por que os cara sabe que você é disposição. (LARANJINHA, 2019)

Na concepção de Freire (1987, p. 18) “um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição, que é a imposição da opção de uma consciência a outra”. O nível de inconsciência na pedagogia do crime atinge um nível de prescrição tão crítico que se poderia comparar com a irracionalidade em certas circunstâncias. Da mesma forma que se mata por uma dívida de droga de vinte reais, os motivos das guerras entre os grupos rivais e que custaram várias vidas são ainda mais insignificantes.

As histórias nos mostram que os conflitos interpessoais (chamado pelos colaboradores de “tretas”) entre dois membros de grupos distintos podem causar uma verdadeira guerra entre dois territórios e muita gente morrer em decorrência disso. Ao se analisar as motivações dessas rixas, verificamos situações banais como um indivíduo ter ficado com a ex-namorada de outro, uma briga pessoal por causa de cavalo e uma discussão por causa de lata de lixo.

Há de se ressaltar ainda que essas desavenças entre os bairros surgiram há muitos anos atrás e, ao se perguntar aos jovens de hoje o motivo do conflito entre um “bonde” e outro, eles não sabem dizer. O fato de pertencer ao grupo o faz inimigo do outro sem sequer saber o motivo dessa guerra, mas sabem identificar quem são os inimigos e quem são os aliados.

A o-pressão, alimentada pela violência se torna a desumanização no seu mais alto grau e marca a pedagogia do crime. Logo a seguir percebemos algumas falas marcantes de extrema frieza que vem corroborar com essa assertiva e nos mostrar o alto grau de deterioração humana pelo ambiente criminal. Zé Pequeno inicia com a seguinte narrativa: “*E deu treta é tiro! Mano a mano é esporte né, mano a mano também rola, né. Mano a mano é esporte, brincar*”.

[...] Nessas mortes, tem pessoas que vou até citar nome, Douglas Silva, vulgo Tina, que tem um lado psicopata mesmo. Ele inventa as coisas para matar a pessoa mesmo, ele tem uns quatro homicídios à toa, que ele inventou. Ah! Esse daqui roubou na minha casa! Só para matar o cara,

matava pelo prazer mesmo. Ele matou um cara um dia, só porque ele ficou com uma menina que ele tinha ficado muito tempo atrás.

[...] E esse menino foi o primeiro alvo que tava na minha frente, ele tava na esquina, no ponto onde ele vendia droga. Segundo consta, esse rapaz era apenas usuários, mas ele estava lá e andava com os meninos também. Eu fui lá na intenção de matar algum deles, não tinha alguém específico. (ACEROLA, 2019)

[...] eu puxei o cão (peça do revólver) e já dei um pá, na hora que eu dei um, ele entrou correndo (...) e fui correndo atrás dele, ele subiu na escada e eu dei mais uma. Aí ele já subiu e quebrou pro lado da cozinha. Ele debaixo da mesa da cozinha assim, eu já cheguei da porta apavorado, eu vou... cheguei dei um na mesa assim, pegou assim quicou o negócio ainda, porque era aquelas de pedra. Aí já quicou a bala assim, fez até uma faísca doidíssima. Aí foi ele já entrou pro quarto assim, (...) Do jeito que eu entrei eu já virei e dei um, aí foi e pegou na mão dele assim, entrou na mão dele. Aí foi e acabou as bala do meu revólver. Olhei pra um lado e pro outro e falei: "Nó..." Porque o meu tinha quatro bala e o do Maraca tinha três e ele ficou gritando assim na minha frente: 'Ai, pelo amor de Deus' e me olhando. Eu com o revólver apontado pra ele, sem bala. (ZÉ PEQUENO, 2019)

As narrativas dessas mortes por brigas de bairros são constantes nas entrevistas e algumas delas foram citadas quando tratamos da territorialidade e diversas outras encontram-se nas narrativas. Um fato que vale registrar como fechamento é o fatídico assassinato do pai do Dadinho em episódio recente, quando o mesmo dormia no sofá de uma residência. Durante a madrugada, dois indivíduos chegaram em uma moto, entraram no imóvel às escuras e o executaram com diversos tiros. As informações que se tem é que Dadinho era quem dormia naquele sofá e naquela noite estava dormindo em outro quarto. Possivelmente o pai foi confundido com o filho e a motivação seria a pernicioso briga de grupos rivais.

As mortes, ponto máximo da desumanização e exemplo claro da *desgentificação*, tem suas motivações quando falamos da guerra entre esses grupos. As brigas surgem por causas fúteis e o antidiálogo é o deserto vazio que conecta o início da lide ao fim com a morte. A seguir, registramos em denúncia alguns dos estopins desses conflitos que as oralidades nos permitiu identificar e trazer à discussão.

3.4.4 Brigas que acontecem no morro e causa morte é tudo por causa de menina, bebida e droga

Por intermédio da análise das narrativas, percebe-se que as mulheres se apresentam como um dos fatores motivadores para entrada do jovem no crime, uma vez que determinados grupos de garotas se aproximam e sentem-se atraídas pelos

jovens do crime. Esta assertiva nos faz significar ainda mais a palavra “sedução” do jovem ao mundo do crime, no sentido de que uma das formas de se atrair os jovens aos grupos criminosos são as mulheres, geralmente jovens, denominadas pelo grupo como “novinhas”.

Trata-se da denúncia de uma mulher objetificada, que “fica” com um e com outro após a ordem do chefe, e encontra-se nesse ambiente para aproveitar dos momentos de lazer e diversão do grupo. Como se pode perceber na fala de Dadinho (2019), as meninas demonstram atração por esses jovens dos bondes e “essas meninas erradas só dá mole se o cara tiver no envolvimento”.

Dadinho nos mostra que uma das “coisas” (no sentido literal de objeto mesmo) que mais lhe estimulou a entrar para o crime foi ter a possibilidade de se relacionar com garotas que antes não conseguia ficar.

*Aí tipo assim, você vê eles com menina, com mulher e fica querendo sô. Eles fica instigando e eles fala: ‘ó para você querer estar aí assim, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo para você estar com essas meninas aqui, tem que fazer isso tem que fazer aquilo’...
[...] Aí os cara têm as meninas certa né! Eles falam assim: ‘você vai ter que ficar com aquele rapazinho ali’, aí elas vai e fica. (...) Tudo mulher bonita, se for mulher feia não rola não. (DADINHO, 2019)*

No relato anterior percebemos a mulher submissa ao tráfico e também cumpridora das ordens do chefe daquele grupo criminal, numa concepção de que a mulher está ali pra servir aos membros do grupo. Ribeiro *et al* (2017, p. 89) fala de uma “dupla opressão” sob a figura feminina, sendo uma da humanidade em geral e outra do “machismo concretizado em diferentes formas de sujeição a qual as mulheres estão submetidas”. Falamos assim do machismo presente na pedagogia do crime e que trata da “mulher objeto”.

Outro propósito negativo acerca das mulheres na ambiência criminal é que elas são consideradas como fator motivador de conflitos entre os membros de grupos rivais ou, até mesmo, causa de conflitos internos nos grupos após se relacionar com um jovem e depois com outro. Dadinho nos alerta que

[...] essas brigas que acontece lá no morro e causa morte é tudo por causa de menina, bebida e droga. Tipo assim tem uma menina lá na festinha, aí você vai e pega, e se a menina que você pegou é ex de outro, aí já é errado

e vira motivo de briga. Se o ex dela tiver na festa e armado, começa a dar tiro, querer brigar, aí cada um puxa revólver para o outro. (DADINHO, 2019)

Tem-se ainda, na visão de Dadinho (2019), uma concepção de que essas mulheres só se aproximam do sujeito do crime para aproveitar do dinheiro. O colaborador narra a situação de uma mulher que pensa em provocar a gravidez para conseguir a pensão quando o sujeito do crime estiver preso.

Existe umas meninas também que é tudo mercenária, que faz de tudo para engravidar do cara para ganhar pensão. Tem muita mulher que pensa assim: 'vou engravidar dele, aí ele vai preso e eu vou receber o auxílio'. Já vi muita mulher falando essas coisas assim. (DADINHO, 2019)

Laranjinha (2019) também cita a sua aproximação com o grupo criminoso por influência das mulheres que se relacionavam com esses grupos, pelas festas frequentes que eram promovidas com diversas bebidas. Acerola compartilha a mesma situação e acresce que

[...] nesses assalto eu pegava esse dinheiro todo e gastava nos baile, nas baladas, com mulher, com droga e festa. Aí eu ficava andando de correntona, de pulseira, de relógio bonito, era com isso que eu gastava. Aí a mulherada caía em cima, elas gostavam né, tinha esse status também de poder. (ACEROLA, 2019)

E esses encontros com as mulheres acontecem geralmente nas festas custeadas pelos jovens com dinheiro do tráfico ou dos assaltos, oportunidade em que só pode participar dos eventos quem está envolvido com o crime. Essa realidade é narrada a seguir por Dadinho (2019).

[...] fez um assalto, aí já pega o dinheiro fala com as mulheres que vai ter festa, começa a comprar bebida, roupa e começa a ostentar. Só roupa de marca, tênis, cordão, celular maneirão e daí as meninas caem em cima. Aí quando você é iniciante, está entrando, aí você fica mais atiçado porque eles começam a falar das coisas tipo festa. (...) E só pode frequentar as festinha se tiver no crime. (DADINHO, 2019)

Uma das características que define esses jovens é o gosto pela ostentação e pelas festas, sendo que o dinheiro que vem do tráfico e dos roubos, geralmente

serve para essas situações. Os colaboradores alegam que se ganha muito dinheiro, mas todo dinheiro acaba muito rapidamente nas farras com drogas lícitas e ilícitas. Dadinho (2019) assevera que “*eles (chefes) arrumava as mulher para nós e era festa todo final de semana, sexta, sábado e domingo. Era droga, era loló, essas coisas assim*”.

Além dessas festas particulares organizadas apenas entre membros dos grupos criminosos, têm-se as festas abertas ao público geral e bailes que são os espaços em que os membros de grupos rivais geralmente se encontram e acontecem as desavenças e as brigas. Isso potencializa as chances de conflito e as ações decorrentes são de uma sequência de atos de violência. A combinação de festas, uso de drogas e mulheres acaba sendo o grande combustível desses conflitos. As narrativas de Laranjinha e Acerola logo a seguir nos mostram um panorama dessa assertiva.

*Aí chegou lá e o Joninho falou assim: ‘Não, vamo pegar a peça aqui e vamo nós dois lá então. To doido pra sapecar (matar) os cara lá’. Isso porque ele já tava cheio de rixa com os cara lá de Santa Cruz. Essa rixa deles até hoje não sei por causa de quê. Pelo que entendo foi por causa de **muié, foi briga de carnaval também, briga de baile também.***

[...] Acabou que o Jonathan morreu foi por causa dessas treta dele lá em Santa Cruz, ele tava dando tiro nos cara lá, os cara tava dando tiro neles aqui, na Pedro Ivo. (LARANJINHA, 2019) (grifo nosso)

***E o principal ponto de confusão desses grupos eram os bailes.** O Bangu era o baile da Vila, do Adalto Botelho e da Sampaio Correa; e o Americano era o baile do pessoal do Adão Nunes, do Curicica e de Porto Vitória. Só que um acabava 23h e outra acabava 23h30min, aí nós ia para porta do Americano para dar briga e as brigas acontecia ali, muitas mortes também e tentativa. (ACEROLA, 2019) (grifo nosso)*

As falas são muito claras e mostram situações, ou combinações de situações, que potencializam os conflitos intergrupais e são corresponsáveis por muitas mortes juvenis. Ao indivíduo crítico e consciente, essas pequenas desavenças seriam facilmente resolvidas pelas ações dialógicas. Aos alienados pela o-pressão e imersos na pedagogia do crime, trata-se do antidiálogo, da incapacidade de pensar o mundo, uma declaração de guerra e a morte dos litigantes ou de seus próximos é uma possibilidade muito evidente.

O caminhar para o desfecho das denúncias nos mostra que a perda de vidas humanas é uma das consequências bem possíveis, assim como as

responsabilizações penais e outras marcas físicas e psicológicas que a pedagogia do crime pode deixar.

3.4.5 Tentativa de homicídio contra mim foi umas cinco

A vida no crime traz consequências severas e não há de se questionar que a pior delas é a morte de uma pessoa. No entanto, outras decorrentes também ocasionam imensuráveis prejuízos como as lesões físicas e emocionais deixadas pelo ambiente criminal, o encarceramento e a insegurança de saber que a qualquer momento, na próxima esquina, o próprio sujeito ou alguém de sua família pode ser vítima em razão das desavenças que aconteceram.

Ao começar pelas mortes, sinceramente não enumerei quantas narrativas de assassinato eu ouvi desses jovens nas entrevistas e pré-entrevistas, mas seguramente foram dezenas. São inúmeros casos e o que mais chama a atenção são os motivos, todos fúteis ou por vingança de fatos banais.

Zé Pequeno perdeu seu irmão em um homicídio porque ele era de uma turma e seu irmão morava no território da outra; e Dadinho perdeu seu pai, recentemente assassinado, tendo como autores desse crime dois menores do grupo rival.

Meu irmão morreu de bobeira (...) Morreu por causa de treta nossa do Porto Vitória com Pedro Ivo, meu irmão morava na Pedro Ivo né, aí o Mauricio Gonçalves, o Grande e o Paulista, tava os três, eles foi e matou o meu irmão, porque ele falou que... porque eu era do Porto, que eu fechava com o Porto, que ele tava passando o caminho pra nós dar ataque lá, coisa nada a ver.

Eu já cheguei assim que apontei que eu já vi... cheguei lá já e vi aquele tantão de gente, falei: "Nossa Senhora! Será que é meu irmão mesmo? Será? Tomara que não seja". Eu imaginava dele tá vivo. Na hora que eu cheguei lá, o bichão estiradão no chão mesmo, sem vida. Falei: "Nó, fudeu!" (ZÉ PEQUENO, 2019)

O nível de intransitividade e de desumanização que esses indivíduos estão sujeitados pela o-pressão da pedagogia do crime é tão grande que a antidialogicidade é algo marcante. Inexiste diálogo e o pouco que acontece entre as partes se transforma em ameaças de morte.

Em uma experiência inicial que levo jovens desses grupos em conflito até a sala de aula do quartel para um diálogo, geralmente quando os ânimos estão exaltados, consigo perceber esse bloqueio antidialógico. Existe uma grande dificuldade de estarem juntos num mesmo ambiente e o diálogo que acontece ainda

é de mim para eles, apenas com respostas a perguntas objetivas. Esse contato serve para acalmar os grupos, mas ainda muito incipiente para um ato dialógico e de conscientização.

As marcas e cicatrizes dessas guerras sempre ficam. Me lembro que durante uma pré-entrevista fui à casa de um jovem [sujeito de nome fictício Cláudio, da entrevista de Laranjinha (2019)] que não podia sair de casa em razão de uma pneumonia e esta enfermidade era em razão de uma “bala⁴⁴” alojada no pulmão. Naquele imóvel estava o primo dele, um jovem de outra cidade que estava ali em razão de estar jurado de morte no seu território de origem.

Acerola também contribui ao diálogo quando expõe as diversas tentativas de homicídio que sofreu no auge do seu envolvimento com as organizações criminosas. O colaborador recorda que viu muito amigo morrer e que tentaram lhe matar várias vezes.

[...] tentativa de homicídio contra mim foi umas cinco vezes. Dessas cinco, em quatro eu não tomei tiro, mas numa eu tomei um tiro nas costas. Eu fiquei um ano e meio com a bala na espinha, depois eu tirei, porque o corpo começou a rejeitar o projeto, aí deu uma bola de pus nas costas, aí eu tive que tirar. Foram muitas tentativas contra mim assim bem de pertinho, chegavam e descarregavam um 38 (...). Uma vez na Vila Rio Verde, passaram de moto com duas armas, deu muito tiro, acertou um primo meu no abdômen e nisso acabou muita gente morrendo... Muitos amigos, muitas pessoa que entrou junto comigo nessa vida, muitos amigos de escola, tinha muita gente matando, matando por matar, tudo coisa à toa. (ACEROLA, 2019)

Enfim, são as consequências do crime na saúde física e mental, na situação de ter que sair da sua própria cidade para não morrer. Outra decorrência da vida do crime é o sentir-se na situação de medo e na insegurança em razão das “tretas”, uma vez que se sabe que nos grupos criminoso uma ameaça realmente é algo a se preocupar.

Nós dois tretou lá, nós brigou. Chegou a trocar uns soco lá, ele falou que ia me matar; eu falei que ia matar ele. Aí foi que nós ficou de treta. Já comecei a ficar mais grilado de andar na rua. Comecei a ficar mais com medo, né. (LARANJINHA, 2019)

A única hora que eu fico tranquilo mesmo é quando eu tô na minha casa, mas quando eu tô na rua perto de négo que tem treta, aí eu não fico tranquilo não. Qualquer coisinha eu já estou vendo, olhando, escuta um barulho de moto aí já fica doído. (DADINHO, 2019)

⁴⁴ Bala no sentido do nome popular utilizado para projétil de arma de fogo.

São vidas em “suspense”, situações de “quase não-vidas” em razão dos conflitos armados que a guerra entre grupos é capaz de prover. Momentos de tensão absoluta ao se ouvir o barulho de uma moto⁴⁵. “Qualquer coisinha eu já estou vendo, olhando, escuta um barulho de moto aí já fica doido.” (Dadinho, 2019)

E seguimos com a consequência da prisão, experiência que todos os nossos colaboradores já experienciaram e das quais colhemos denúncias por parte do sistema carcerário do presídio e anúncios que serão tratados no próximo tópico.

As denúncias nos trazem uma realidade de que o presídio apresenta problemas logísticos como uma quantidade de presos bem maior que o previsto, falta ventilação suficiente para a quantidade de pessoas, em dias quentes o calor é insuportável e quando chove molha dentro das celas e faz muito frio. A narrativa de Laranjinha complementa essa problemática ao nos mostrar que ficou lá cinco meses e

[...] e não tinha lugar nem pra dormir não. Até assustei, aquele bolo de homem, tudo em pé lá. Falei assim: “O que ta acontecendo? Tem nego dormindo até no banheiro.” (...) Só em pé lá assim na capa o dia inteiro, doido pra dormir lá né. Não tem como nem dormir, porque lá não tem nem espaço né. (...) Fui dormir junto com ele de valete, né. Até abrir um espacinho pelo menos no chão pra mim deitar. Porque nem espaço no chão pra deitar tinha. (LARANJINHA, 2019)

Mas não são apenas problemas logísticos no encarceramento, são relatos de indivíduos inocentes pagando pelo crime de outros, a mando de alguém em maior hierarquia naquela organização criminosa. Nota-se também que o tráfico de drogas acontece dentro do presídio em valores majorados, uma vez que o usuário dependente, muitas vezes sem o devido tratamento, não tem alternativa de amenizar o sofrimento do seu vício. As narrativas a seguir referem-se a essas passagens.

A vida na cadeia é a mesma rotina. Eu acho que lá alimenta muita a neurose de muita gente. (...) Aí tem nego que roda muito é gaiato, é muito, é nego pagando BO dos outros. Pra você ver é nego desembolado nó... e sabe quem é o cara que fez aquilo, agora como que eu chego lá no juiz e cagueto? O cara não cagueta, fica de boa. Enquanto tiver... cadeia dos outros. Vai lá e o cara paga pro camarada lá, rodou lá... (ZÉ PEQUENO, 2019)

⁴⁵ As motos geralmente são utilizadas como meio de transporte na prática de crimes, em razão da agilidade na fuga e da ocultação parcial do rosto pelo capacete.

Lá o bicho pega também dentro do presídio. Lá... o cara não pode ficar devendo nem nada não. Lá uma paradinha que você compra por dez reais aqui na rua, lá você compra por cem reais. Esses caras que é viciado mesmo nessas droga pesada, eles sofre lá dentro. Eles não né, a família deles, né. Eles faz dívida pra família deles pagar né, aqui na rua. Lá os cara tá ganhando mais dinheiro que aqui na rua. (LARANJINHA, 2019)

Duas denúncias que não estão nas narrativas, mas que fazem parte dos bastidores de campo necessitam ser registrados, pois envolve um colaborador e um pré-entrevistado. O pesquisador teve contato com ambos antes da prisão e há de se consignar que durante o contato no presídio, não pareciam as mesmas pessoas. O jovem que no primeiro contato se mostrou solícito, empolgado e colaborador; no presídio se apresentou um indivíduo fechado, de olhar cabisbaixo e de respostas curtas, sendo que somente foi possível entrevistar um deles (Zé Pequeno) depois de ter sido libertado. Houve uma grande dificuldade de agendar o encontro que aconteceu depois de duas idas em vão do pesquisador ao local combinado. Do outro jovem, recebi informação (da qual não há comprovação) de que teria sido estuprado quando estava internado em outra cidade do estado.

Enfim, são denúncias que mostram um lado da prisão em que o crime continua a acontecer de forma silenciosa. As regras ocultas estabelecidas entre os próprios presos definem aqueles que são os opressores e os que são oprimidos naquele ambiente. As narrativas continuam em diversos exemplos que retratam a opressão, a desumanização e a violência real e simbólica.

Diante de todas essas denúncias atreladas à pedagogia do crime, evidenciamos as estatísticas de mortes juvenis alcançarem novos recordes a cada ano em nosso país. Desta feita, no momento em que caminhamos para o encerramento dessa proposta de análise dialógica, não há como deixar de relacionar as narrativas locais desses jovens colaboradores, com tantos registros de mortes e relatos de violência, e comparar o que isso representa a nível de país.

A juventude perdida do primeiro capítulo aponta que Minas Gerais é o quinto estado do Brasil com menor índice de mortalidade juvenil, sendo que o problema hoje é mais alarmante na região norte e nordeste que chega a apresentar números de mortes três vezes superiores que os do nosso estado. Há de se ressaltar ainda que São João del-Rei apresenta uma parcela insignificante na responsabilidade de mortes juvenis em Minas Gerais e essa comparação nos permite enxergar o quão

grave é este problema em nosso país. Se as vozes nas histórias daqui já impactam e causam repulsa, imaginem as das regiões com os maiores índices.

Diante de tantas denúncias, a indignação e perplexidade são palavras que marcam diante desse problema social tão grave. A pedagogia do crime transforma o sujeito, desumaniza, manipula e aliena. Destrói vidas e sonhos. O sujeito nesta situação encontra-se tão envolvido e manipulado no esquema criminal que a sua própria vida não faz sentido algum, quiçá a do próximo. E a pedagogia do crime continua tirando a vida dos nossos jovens, alienando, trazendo-os para o ambiente criminal (ou substituindo os que já morreram como peças) e tornando-os soldados do tráfico para servir a um opressor oculto que mantém esse esquema de cifras milionárias.

Por vezes, há de se questionar se esse próprio opressor oculto que seduz, aliena e traz o jovem para o ambiente criminal não seja o verdadeiro criador e manipulador dessas guerras entre os grupos para que esses soldados do tráfico sejam sempre substituídos pela morte e não possam ascender no esquema criminoso para ameaçar o lugar desse opressor.

Falamos assim de denúncias de desgentificação, de vidas que são encaminhadas e preparadas para o estado de “não vidas”, seja na intransitividade plena alcançada no ápice do envolvimento criminal com inúmeros atos de opressão e violência, seja na ponta final dessas “histórias de não vida” onde encontramos os índices da juventude perdida desnudados por Waiselfisz (2014) no mapa da violência em nosso país.

Após tantas denúncias avançamos aos anúncios da pesquisa. Trata-se do momento em que a pedagogia do oprimido e do crime, tão massivas nas narrativas desses jovens, dá lugar a pedagogia da esperança e aos sonhos vívidos nas histórias de vida dos nossos colaboradores. Na perspectiva freireana, não basta denunciar, é preciso também anunciar as transformações possíveis e as práxis que amenizam essa situação opressiva.

Assim, no item seguinte apresentamos os anúncios da pesquisa por intermédio de três vertentes: os sonhos dos nossos colaboradores; os anúncios evidenciados nas narrativas e que afeta a vida do jovem no sentido de possibilidade de transformação; e o inédito viável da participação dialógica de agentes externos à pesquisa, especialmente atores da área de educação e segurança pública.

3.5 A pedagogia da esperança na pedagogia do crime

Iniciamos a nossa pedagogia da esperança materializando os sonhos dos nossos colaboradores, aqueles narrados ao pesquisador durante as entrevistas e cuja temática apontava para uma proposta de futuro. Logo após tratamos dos anúncios colhidos nas falas e as poucas positivities constatadas num sistema criminal imerso em denúncias. O desfecho surge com os anúncios que colhemos com o inédito viável da nossa pesquisa.

3.5.1 Os sonhos

O sonho surgiu como a última pergunta da entrevista e aqui também vem no fecho do trabalho. Foi uma pergunta surpresa, que não havia sido tratada na pré-entrevista, e as respostas não fluíram com tanta veemência como aconteceu no passado marcado. São falas tímidas, talvez por ter feito o nosso colaborador buscar algo ainda não construído, e narrativas curtas, quem sabe pelos resquícios de sofrimento, violência e desumanização ainda muito presentes.

As perspectivas de futuro desses jovens são uníssonas em seguir o caminho do bem e conseguir seguir na vida de maneira digna e lícita. Destacamos as prospecções de Acerola que hoje tem uma forte ligação com a igreja e uma de suas buscas é “conseguir retirar jovens que estão mundo do crime”.

Por se tratar de sonho, único na individualidade de cada um, vale trazer a fala de cada colaborador na esperança de dias melhores. Começo pela narrativa de Zé Pequeno que, em um nítido bloqueio inicial (na minha percepção, talvez por ser o mais afetado pela pedagogia do oprimido hoje), nos diz ser difícil sonhar depois da morte do irmão, mas que gostaria de morar numa fazenda e viver com os negócios do trabalho rural.

Dadinho sonha em largar o mundo do crime, trabalhar, melhorar de vida e dar um futuro melhor pra sua família, longe do bairro que presenciou tanta violência e tantas histórias parecidas com a sua. O colaborador complementa em seu sonho que, se tiver um filho, espera que ele não se envolva com o crime e que alcance uma boa profissão.

A narrativa de Laranjinha também é no sentido de mudar de vida, conseguir uma boa profissão e dar uma condição melhor para sua mãe e seu irmão viverem bem. Por fim, Acerola (na minha percepção aquele hoje menos afetado pelo crime)

tem como sonho gerar Jesus no coração das pessoas que mais precisam, assim como foi gerado no seu próprio coração.

Percebe-se que o sonho é aquela história que o jovem não viveu, mas que gostaria de construir. Falamos assim de expectativas de vidas fora do crime e que para se realizarem exige a plena transformação. No entanto, para transformar é preciso que esse sujeito se conscientize e esse processo de conscientização talvez seja a grande mão estendida para iniciar a transformação da realidade desses sujeitos.

Em síntese, trata-se de um anúncio de esperança, de um porvir de paz e não de guerra. São sonhos simples, mas que exigem uma grande batalha entre opressor e oprimido para a transformação; uma luta que o jovem sozinho dificilmente vencerá. E o meu sonho é esse, conseguir transformar essa realidade na medida da minha capacidade; conseguir conscientizar e mobilizar em alteridade aqueles muitos outros atores que podem se unir em força para minorar essas histórias de violência e opressão.

3.5.2 A força da mulher que é mãe e pai

A postura da mulher no âmbito do crime foi citada em casos pontuais, através de uma visão objetificada quando discorremos sobre a figura feminina que serve aos interesses dos grupos criminosos. Naquela oportunidade, evidenciamos nas narrativas dos colaboradores visíveis sinais de “machismo” nas relações entre os gêneros e encontramos uma verdadeira situação de submissão das mulheres aos homens, numa relação de opressor e oprimido.

No entanto, quando surge a mulher no contexto geral, não se pode deixar apenas a visão denúncia das narrativas, é preciso ir um pouco mais além e compreender o discurso. Assim, ao contrário da impressão que possa ter ficado anteriormente, a mulher não aparece nos discursos somente em uma visão deteriorada. Ela surge muitas vezes na mãe que faz a força contrária à pedagogia do crime, naquela que nunca desiste e abandona seu filho. É também aquela capaz de ser oprimida pelo ambiente criminal e não devolver essa opressão em atos de desumanização e violência.

Desta forma, há de se convir que o movimento que estudamos é a pedagogia do crime e tratamos do envolvimento criminal da juventude brasileira em atos de

violência, opressão e desumanização. É notório que o universo de sujeitos responsáveis pela reprodução destes comportamentos é quase exclusivo de indivíduos jovens e do sexo masculino. Essa assertiva por si só já posiciona as mulheres em destaque, pelo fato delas se mostrarem mais conscientes quando falamos do seu “não envolvimento criminal” ou dos seus mínimos casos de participação.

Em um ato comparativo, citamos como exemplo dois irmãos jovens de sexo distintos. Apesar de apresentarem as influências das mesmas dimensões juvenis, as mulheres não são tão vulneráveis às ações da pedagogia do crime como os homens. As mulheres podem até apresentar envolvimento e serem oprimidas pelas organizações criminosas, mas dificilmente hospedam o opressor da mesma forma que os homens. Estes, constantemente se transformam em *ser menos*, capazes de reproduzir os atos opressivos sofridos em diversas situações.

Temos ainda o importante anúncio da “mulher mãe”, protetora e preocupada com o presente e o futuro do seu filho. Além de mãe, é aquela que labuta fora de casa para o sustento da família e é a direta responsável pela educação e criação dos seus descendentes. A mulher que divide seu tempo entre o trabalho e a criação, sempre buscando estratégias para que o seu filho não se envolva com o crime que está sempre muito próximo.

Em razão dos diversos casos de desestrutura familiar, a figura da mulher mãe é sempre aquela que luta com todas as forças pela salvação e encaminhamento do filho, enquanto a posição do pai não aparece ou se faz parecer em um sujeito envolvido com o crime, ou com problemas de vício em drogas. E não é somente na pedagogia do crime que as mulheres são mais resistentes, no controle dos vícios também temos essa mesma percepção. Vemos então a figura da mulher mãe, que muitas vezes é a “mulher mãe e pai”, aquela que cria, trabalha e educa, incapaz de desistir do seu filho por mais intransitivo que ele se apresente.

Ao finalizarmos esta breve análise sobre a mulher na pedagogia do crime, trazemos a perspectiva de libertação do machismo proposta por Ribeiro *et al* (2017, p. 90) que, sob influência freireana, fala dessa temática em sua obra⁴⁶. Para os autores, o machismo se assemelha a relação opressor/oprimido e para a sua

⁴⁶ Paulo Freire, emancipação das mulheres e a educação libertadora.

superação é necessário a conscientização feminina do seu estado de manipulação, para que se consiga conquistar a libertação.

3.5.3 Dormi bandido e acordei crente

Assim como na figura feminina percebemos denúncias e anúncios, no sistema prisional também os temos. As narrativas dos colaboradores que tiveram a experiência do cárcere são unânimes em anunciar que o cumprimento de pena no sistema APAC realmente traz uma oportunidade de transformação. Este sistema trabalha com o recuperando três das dimensões que elencamos na pesquisa: família, educação e trabalho; além de outra que gostaríamos de ressaltar também como anúncio: a espiritualidade.

Ao falar de um sistema e de outro, anúncio e denúncia, Laranjinha nos mostra que na APAC,

[...] os presos que estão lá é pra recuperar; (...) o próprio recuperando tem a referência de mudar de vida. (...) Nós mesmo que cuida de nós lá né, porque lá eles te ensina, começa a te ensinar as coisa, das tarefa, das coisas da vida que aconteceu e o que vem acontecendo. Você trabalha lá o dia inteiro né. Lá tem várias oficinas, tem a jardinagem, a marcenaria lá em cima onde que eles faz os móveis lá em cima, tem o pessoal da horta, que trabalha na horta, pra mexer com as verdura lá e tudo, tem o pessoal da cozinha. Já no presídio tem é ódio, tem é crime. Lá o mesmo crime daqui de fora, tem lá dentro mesmo. Lá dentro lá é um sofrimento danado lá dentro. Lá não recupera ninguém não. (LARANJINHA, 2019)

A positividade do sistema APAC lhe qualifica como anúncio uma vez que amplia as possibilidades de transformação do recuperando através da retomada aos estudos, da oportunidade de se explorar novas perspectivas de trabalho e de outros métodos de sociabilidade. Com influência mínima do ambiente criminal, a educação alcança um espaço maior na vida do recuperando que consegue ser reinserido no espaço escolar. A escola que a pedagogia do crime afastou, se aproxima novamente na pedagogia da esperança.

O trabalho lícito ganha oportunidade com as atividades profissionalizantes e as oficinas de trabalho cuja produção é comercializada na própria APAC pelos próprios recuperandos. Laranjinha (2019) nos fala assim: *“desde o dia que eu sai da cadeia assim, na primeira semana que eu sai da APAC assim, eu já arrumei serviço.”*

A espiritualidade traz uma das frases mais impactantes da narrativa de Acerola (2019) quando este jovem nos fala: “*Dormi bandido e acordei crente!*”. Trata-se de um anúncio que marca fortemente a transformação na relação eu/tu da pesquisa freireana e mostra sinais da desumanização sendo superada pela amorosidade.

Vale trazer expressamente essa narrativa sobre a importância da religião no sistema penal e que mudou a vida de Acerola por completo.

*Só que um dia eu peguei a bíblia e abri ela, as luzes da cela já tinha apagado porque era meia noite, só tava as luzes do corredor; aí estava no texto da Bíblia, escrito um único texto naquela página rabiscada de cor vermelha, escrito assim: ‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê, não pereça mas tenha vida eterna’. Eu não sei o que aconteceu, mas eu comecei a chorar; eu estava com um maço de Hollywood na cela e joguei no lixo. **Eu dormi bandido e acordei crente.** Eu só pensava em maldade, mas depois daquilo a minha mente mudou, não pensei mais maldade. (ACEROLA, 2019) (grifo nosso)*

Percebe-se um princípio de conscientização para quem estava na intransitividade plena. Mesmo que neste início de processo de transformação o recuperando possa apresentar um nível de consciência ingênua ou mágica, ele demonstra indícios de conscientização e receptividade dialógica. O sujeito sai da total intransitividade e antialogicidade e nos mostra sinais de humanização e amorosidade.

Laranjinha anuncia que o importante trabalho dos evangélicos nos presídios salvou muita gente em São João del-Rei. O colaborador cita o exemplo de quando encontrou um desafeto após ter saído da cadeia.

[...] eu posso citar um exemplo aqui de Porto Vitória, Darlan Cunha, que também era bandido e matou uns três aqui em Porto Vitória. Hoje ele se converteu... Nós era inimigo declarado e quando eu saí do presídio ele foi a primeira pessoa que fez uma visita na minha casa, me abraçou e nós choramos juntos. Éramos inimigos de um dá tiro no outro; o meu irmão deu um tiro nele que perdeu um pedaço do fêmur e hoje anda mancando. E quando ele se converteu, ele foi até o meu irmão e pediu perdão, nesse dia o meu irmão chegou em casa chorando, e disse: ‘o Darlan Cunha foi lá me pedir perdão, sendo que fui eu que dei tiro nele’.

Percebe-se a religiosidade presente nos estabelecimentos penais como instrumento de transformação, principalmente quando falamos do fator desumanização. Essa assertiva nos faz pensar o lugar da religião como fator

estimulador da amorosidade nesses espaços altamente corrompidos pela desgentificação.

Assistimos tantas histórias de jovens serem cooptados pela ambiência criminal e poucos relatos daqueles que deixaram a atividade por sua própria decisão e condição. No “apagar das luzes” da pesquisa temos os anúncios de jovens que encontraram na educação religiosa e no trabalho uma oportunidade de mudança. São exemplos de transformação que nos fazem anunciar que o ambiente do cárcere pode ser um local de anúncios, com a oportunidade de novo acesso a educação, do aprendizado de um trabalho e da assistência espiritual, todos como fator de humanização e amorosidade.

3.5.4 Os anúncios no inédito viável

Por fim, temos o inédito viável deste trabalho que consiste no início de uma práxis em relação às denúncias presentes nas histórias dos nossos jovens colaboradores e que, sem dúvidas, nos surpreenderam e nos fizeram inquietar em relação a um sistema que move o crime, responsável pela violência e pelo alto índice de mortalidade juvenil em nosso país.

As histórias de vida desses jovens foram condensadas em cada uma das dimensões juvenis propostas e as narrativas foram apresentadas em dois momentos dialógicos. O primeiro com profissionais de educação⁴⁷ em um encontro na Universidade Federal de São João del-Rei e o segundo com policiais militares que possuem função de comando⁴⁸ na sede do 38º Batalhão de Polícia Militar. Encerradas as apresentações, tivemos os momentos dialógicos com a seguinte discussão: **como pensar o lugar do profissional de educação (do policial militar) diante dessas realidades dos jovens oprimidos pela criminalidade?**

Aos profissionais de educação, a verdade das narrativas desnudou um momento de desconforto inicial num misto de incredulidade e espanto, marcados pela repetição de palavras como violência, desumanização, episódios e narrativas explícitas de crimes. Aos olhos dos educadores, a oportunidade de se perceber o mundo do crime talvez nunca tenha sido tão realista.

⁴⁷ Professore(a)s e aluno(a)s da UFSJ dos cursos de graduação e pós-graduação; professore(a)s e aluno(a)s da rede pública e membros do GECDIP.

⁴⁸ Policiais militares que atuam no comando da PM nas dezoito cidades pertencentes ao 38º BPM e o Estado-Maior do batalhão.

As considerações iniciais do diálogo foram marcadas pela temática violência escolar e a presença de drogas e traficantes nas escolas, o que gerou, principalmente nos educadores, uma nítida impressão de que o problema é mais grave do que realmente se podia imaginar. Para um aluno do ensino médio que estava presente, e que ocupa outro lugar de visão na escola, as narrativas retratavam aquilo que lhe já era realidade.

As intervenções seguintes foram no sentido de alteridade e foram expostas algumas experiências de educadores em casos de alunos que apresentam histórias semelhantes, mostrando que o envolvimento e o movimento, mesmo que solitário, vem acontecendo. São exemplos que vieram das artes, da geografia, da educação física, enfim, com um pedacinho de cada um tentando transformar essa realidade de opressão.

Surgiram também as responsabilizações, algumas em nível macro, sendo citada a grave desigualdade social em nosso país e a forte opressão do nosso modelo socioeconômico que segrega. Em um nível mais próximo surgiram as problematizações da necessidade de se pensar o lugar do educador e da escola face à realidade do aluno propenso a ser cooptado pelo crime.

Apesar de terem sido várias considerações pessoais, trago aqui trechos da fala de uma educadora que, na boniteza do seu discurso, faz materializar uma fala que acredito representar todas as demais.

Acredito ser necessário que o(a) educador(a) tenha conhecimento da realidade dos educandos e compreenda as relações de opressão que estão presentes na vida desses sujeitos. Vou citar Arroyo que diz: "quando os educandos são outros, as educadoras, educadores são obrigados a serem outros. O ofício de educar é um dos ofícios mais perenes da formação da espécie humana. Um ofício tenso diante de processos tão brutais de desumanização".

É importante pensarmos como humanizar as infâncias-adolescências que a sociedade desumaniza. Enquanto educadores, não podemos ignorar os corpos precarizados que chegam às escolas marcados pela fome, pelos sofrimentos, pelas múltiplas violências e doenças, destes vêm apelos para revermos nossos valores sociais, políticos e pedagógicos.

Se nós, professores, conseguirmos fortalecer as resistências, como coletivos, desses estudantes em lutas por vida justa, vida humana já teremos feito um bom trabalho, mas as teorias pedagógicas sempre olharam esses estudantes como indisciplinados, violentos a serem submetidos a razão, ao controle, a moralização, sempre sob o olhar pedagógico moral, religioso, regulador, disciplinador...

Os alunos oprimidos não podem mais ser pensados como problemas para a docência e a pedagogia, mas exigem ser pensados como resumo dos

processos tensos entre humanização-desumanização. É necessário que nós nos unamos ainda mais para lutar por uma educação como direito atrelada às lutas por todos os direitos humanos: direito a terra, teto, trabalho, renda, vida... Precisamos pensar em pedagogias emancipadoras como respostas políticas, éticas, pedagógicas às opressões, subalternizações sofisticadas em que as humanidades são roubadas pelo Estado, pela justiça criminalizadora que condenam milhões de vidas a ficar no limite do viver/sobreviver.

Quando repensamos a educação esbarramos na precarização da escola pública e dos direitos dos profissionais de educação, é preciso resistir em defesa da educação pública, mas com tanta precarização essa tarefa se torna ainda mais árdua... Porém é preciso resistir aos ataques à educação pública para que essas vidas negadas que aparecem de forma tão contundente neste trabalho possam ter esperança de libertação e de se afirmarem enquanto sujeitos de culturas, de linguagens, de presença nos espaços públicos e os com direitos sociais respeitados.

Ao encontro com os policiais militares, a mesma apresentação e espaço para diálogo e perguntas, assim como aconteceu no encontro com a educação. Pude perceber que a pesquisa também trouxe muitas surpresas, mas dessa vez não foi a questão da violência e dos crimes, e sim das histórias de vida em sofrimento que, até então, muitos policiais não conheciam.

A falsa percepção de que esses jovens autores de crimes violentos eram os maiores problemas da segurança pública desses policiais militares traz os olhares para um novo foco. É preciso enxergar além da ponta da linha e entender que atrás de todo menor que promove a execução de um ato criminoso, tem um maior que o oprime para tal.

Durante o diálogo foram apresentadas algumas estratégias que, na visão dos policiais, podem minimizar esses graves impactos sociais que circundam o jovem e dificultar que o ambiente criminal acabe por recrutá-lo. Em relação às famílias desestruturadas, citou-se a importância da assistência social municipal fazer um trabalho específico de atendimento, em ações primárias e necessárias de combate à fome e no provimento mínimo de dignidade.

Acerca da participação da educação, aventou-se a possibilidade de oferta da escola integral para os jovens em condições de vulnerabilidade e esta propositura foi considerada pelos presentes como uma intervenção positiva. A justificativa seria que esta estratégia aumenta a permanência do sujeito com o ambiente escolar e diminui a possibilidade de relacionamento com o ambiente criminal. Seria o momento de trabalhos de reforço escolar e da oferta de cursos profissionalizantes.

Um dos policiais anunciou e ressaltou a participação de militares em projetos sociais, citando como exemplo o projeto Kairós⁴⁹ desenvolvido na cidade de São João del-Rei e o “vencendo com o jiu-jitsu” que já alcançou três cidades da região. Estes projetos são coordenados por policiais militares que trabalham o esporte com jovens de comunidades carentes. Outro apontamento foi no sentido de valorizar o trabalho de diálogo que vem sendo feito pelo pesquisador ao reunir jovens de grupos rivais e que estão em troca de ameaças.

Um dos grandes anúncios que percebi foi o interesse dos policiais no trabalho apresentado, a ponto de me pedirem a apresentação para discutir o assunto com os atores sociais de seus municípios que vivem realidades parecidas. É o anúncio do policial preocupado com a juventude e buscando alternativas dialógicas para a resolução de problemas.

Não há como ser educador e negligenciar as histórias desses jovens no espaço escolar, e da mesma forma não há como ser um policial consciente e se fazer indiferente a toda essa situação. Na verdade, não somente esses atores da educação e segurança têm suas responsabilidades em mudar o rumo dessas histórias, mas todo um conjunto de órgãos públicos e da sociedade civil organizada pode e deve contribuir para minimizar o sofrimento desses esfarrapados do mundo e demitidos da vida.

Mais que um espaço de anúncios, o inédito viável foi um momento de reflexão, de conscientização, da importância de se conhecer profundamente aqueles sujeitos que muitas vezes são percebidos como os problemas das nossas profissões, educadores e policiais. Foi o momento de olhar com novos olhos e de se auto questionar sobre a relação eu/tu, o seu lugar no mundo e o seu compromisso social e histórico.

⁴⁹ Trabalho social que consiste em uma escolinha de futebol para jovens de comunidades carentes na cidade de São João del-Rei. O projeto nasceu na segunda ocorrência policial em que crianças e adolescentes invadiam o campo da igreja para jogar bola. Um dos policiais decidiu pedir ao padre autorização para trabalhar uma escola de futebol com aqueles jovens. Atualmente, o projeto conta com aproximadamente 100 participantes.

4. AS HISTÓRIAS SE FECHAM

Na propositura freireana que seguimos, não seria justificável apresentar as conclusões deixando em extrema evidência as inconclusões que nos são tão nítidas. Foram construídas nessas análises dialógicas uma série de denúncias reais da desgraça da nossa juventude brasileira e muito se espera em práxis que as conclusões sejam em anúncios de verdade, de esperança, de transformação de uma realidade de caos.

Em outra perspectiva deste trabalho, a da história de oral, este momento cede espaço para que as marcas históricas de quase três anos de imersão sejam materializadas nesses últimos momentos do acadêmico. Mas esta história era para ser assim mesmo, incompleta como a situação temerária do hoje, carente de novas perspectivas e atores que possam entrar no diálogo e trazer a sua voz e a sua história. Uma palavra ação que é práxis e que seja capaz de conscientizar e transformar a realidade em busca da libertação.

A história deste trabalho nos mostra tudo aquilo que Freire nos ensina em sua incansável busca pela humanização, pela amorosidade, pela libertação daqueles oprimidos em cada realidade opressora que vivemos. Talvez este tenha sido um dos maiores compromissos sociais que assumi e que me propôs uma grande transformação, algo difícil de explicar e definir, mas muito fácil de sentir. Por isso só digo que todo esforço valeu à pena.

Foram anos de muitas lutas contra dificuldades pessoais, de doações, entregas, tropeços e desacertos, mas o acreditar que o fruto dessa luta poderia germinar em terreno fértil, sempre fez renascer a esperança e buscar seguir com o árduo trabalho que está apenas iniciando.

Uma história de uma pesquisa sempre aberta ao diálogo desde a sua nascitura, fazendo com que não sejam somente as vozes do pesquisador, de Freire, daqueles que nos brindaram com os aportes teóricos e dos jovens colaboradores que aqui se fazem presentes. São muitos os presentes, cada qual com a sua valorosa contribuição, cada qual em seu espírito altruísta e de alteridade na busca do bem e com o ideal de minimizar as nossas injustiças sociais e os graves problemas decorrentes desse mal.

Os afetamentos que essas histórias produziram foram muito fortes. Afetaram profundamente a mim, aos colegas que discuto o assunto, aos profissionais de

educação e aos policiais da minha corporação. Histórias de vida e de não-vida, relatos desnudados que chocam e indigna a quem acredita que a dignidade humana é um dos nossos princípios constitucionais fundamentais, mas a realidade está bem longe daquilo que a nossa lei, marco da nossa democracia, assim o prevê.

O acadêmico aqui se encerra, mas com um sentimento de que não pode se fechar em razão de trazer histórias de vidas juvenis que estão muito próximas a nós, em aberto, ainda na mesma realidade. E no apagar das luzes desse fechamento fica a consternação de denunciar que um dos nossos colaboradores foi alvo de disparos de arma de fogo na nossa cidade. Ele foi socorrido, recebeu o atendimento médico necessário e passa bem. São as denúncias que marcaram todo o trabalho.

O trabalho se apresentou nesse sentido mesmo, muitas vezes, de golpear o sentimento de quem se preocupa com o próximo, de mostrar o sofrimento escancarado de vidas transformadas em mortes, de oprimidos se transformando em opressores, de inúmeras e intermináveis mostras de violências simbólicas e reais, de muito sangue derramado e do ser humano se mostrar tão irracional quanto na sua mais selvagem origem animal.

A pedagogia do crime é um câncer social, age silenciosamente, apresenta sintomas de outras patologias das quais os remédios que o paciente usa e não faz efeito. Ora o problema é a arma, ora a droga, ora a segurança, ora a educação. Quando se descobre a verdadeira causa, a sociedade já está em estado terminal como a nossa e muito se precisa fazer para curar o verdadeiro mal.

A pedagogia do crime nasce na materialização das injustiças sociais que são os bolsões de pobreza das cidades, onde a fome e a necessidade do pão são prementes e a miséria uma realidade. Ela se alimenta na destruição das famílias pelas drogas e ganha força quando a escola superlotada do bairro não tem preparação suficiente para acolher o menino que está com fome e não tem o mínimo de estrutura familiar.

O câncer ganha força quando o tempo atual da sociedade do consumo joga na cara desse jovem que ele é tão invisível que nem condições para parecer ser jovem ele apresenta, por isso o shopping que é o *point* dos jovens, mas local de consumo, é um espaço que não lhe pertence. Então o que resta, muitas das vezes, é encontrar a saída do crime na mão estendida de um traficante que lhe oferece dinheiro, visibilidade, status e poder.

E aí se inicia o processo de falência desse jovem. As células malignas do crime se multiplicam em uma velocidade muito grande e logo se alastra por todo o seu organismo até que sua consciência se perde para o estado de intransitividade e de inconsciência plena. Os sintomas são a prática de atos de opressão, violência e desumanização e quanto maior o grau dessa prática, mais perto do fim de sua história esse jovem estará.

E a nós, principalmente os especialistas em cada área afeta por esse câncer, não cabe assistir, lamentar e nos iludirmos na consciência mágica do discurso que “o problema não é nosso” ou “que isso é um problema de polícia”. É cada um com a responsabilidade de transformar aquilo que é da sua competência, dentro da sua capacidade e possibilidade.

Vale ressaltar que é preciso enxergar que as instituições evoluem de acordo com as demandas sociais da época e a polícia de onde eu falo faz parte dessa realidade. Nos últimos anos, a PMMG vem reformulando seus conceitos de atuação na busca da melhoria de prestação de serviços. Os pilares base da instituição hoje se sustentam na filosofia de polícia comunitária (uma polícia cidadã e de aproximação comunitária) e nos direitos humanos. É uma polícia com foco na prevenção e não na repressão.

Presenciamos em todos os setores lamentos de que o problema é do Brasil, trata-se de um problema geral, mas como pensar assim se estamos vivendo isso aqui na nossa realidade local? É preciso esperar mudar o todo para mudar a parte? O problema é aqui e precisa de trabalho e não de discursos. Palavra e ação – palavração – palavra viva e dinâmica – palavra que diz e transforma o mundo. (Freire, 1987)

Encerrando, Freire nos alerta que a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade (...) transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (FREIRE, 1987, p. 20)

A palavra final que deixamos é essa da transformação, da imensidão da palavra transformação em seus conceitos mais amplos. E a pesquisa em educação me trouxe uma transformação profunda na visão de mundo, na visão social e política, na visão do nosso lugar como humanos. Trata-se de uma transformação proposta pela conscientização crítica de todos os processos que envolvem nossas mais complexas relações humanas.

E como mais humanos estamos, em uma amorosidade freireana que aprendemos a sentir e propagar, finalizamos o trabalho com a perspectiva de que ainda há muitos outros trabalhos de transformação a serem feitos. A transformação que somente a educação libertadora é capaz de prover.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.), Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-72.

ABRAMO, H. W. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências**. Cadernos de Pesquisa: Autores Associados, n.116, julho, 2002a. pp.143-176.

_____. **Por um novo paradigma do fazer políticas-políticas de/para/com juventude**. Revista Brasileira de Estudos da População. Campinas, v.19, n.2, 2002b. pp.19-46.

_____. **Juventudes no Brasil** – vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas. In J. C. Petrini; V. R. S. Cavalcanti (Orgs.). Família, Sociedade e Subjetividades. Petrópolis: Vozes, 2005. pp. 54-83.

ABRAMOVAY, M. et al. **Gangues, gênero e juventudes**: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BAUMAN, Z. **A Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 2007.

BERNARDO, Renata. **A construção da ameaça**: juventude, delinquência e educação nos primeiros tempos da república no Brasil. Dissertação. Universidade São Francisco. Itatiba, 2008.

BORELLI Sílvia Helena Simões; OLIVEIRA Rita de Cássia Alves; LAGUNA Ana Carolina Viestel; ABOBOREIRA Ariane; SANTOS Maria Carolina Silva Fernandes dos. **O jovem sob três perspectivas: acadêmica, política e cultural**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra**. Questões de sociologia, 1983.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990.

BRASIL. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF, 2013.

CERQUEIRA Daniel; LIMA Renato Sergio de; FERREIRA BUENO Samira; NEME Cristina; COELHO Danilo; ALVES Paloma Palmieri; PINHEIRO Marina; ASTOLFI Roberta; MARQUES David. **Atlas da violência 2018**. Fórum Brasileiro de Segurança Pública e Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro, 2018.

CIDADE DE DEUS (FILME). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cidade_de_Deus_\(filme\)&oldid=52596769](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cidade_de_Deus_(filme)&oldid=52596769)>. Acesso em: 7 jul. 2018.

CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2002.

CONFISSÕES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Confiss%C3%B5es&oldid=44442109>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

CORTI, Ana Paula; SOUZA, Raquel. **Diálogos com o mundo juvenil**: subsídios para educadores. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

CRIMINOLOGIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Criminologia&oldid=52349098>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DAYRELL, J. T. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, no. 24, 2003. pp. 40-52.

_____. **A escola "faz" as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação e Sociedade, v.28, n.100, 2007.

_____. GOMES, N. L.; LEÃO, G. **Escola e participação juvenil**: é possível este diálogo? Educar em Revista (Impresso), v. 38, 2010. pp. 237-252.

_____. LEÃO, G.; REIS, J. B. dos. **Juventude, projetos de vida e ensino médio**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 32, n. 117, out.- dez. 2011. pp. 1067-1084.

DAYRELL, J. T; CARRANO, Paulo. **Juventude e ensino médio sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte, 2014

ESCOLA DE CHICAGO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Escola_de_Chicago&oldid=46009051>. Acesso em: 26 jun. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História oral e multidisciplinariedade**. Rio de Janeiro: Diadorin, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2017.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire uma história de vida**. 2. Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Cartas à Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2003.

FROM, Erich. **El Corazon del Hombre**. Breviario. México, Fondo de Cultura Econômica, 1967.

Groppo, Luis Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes Modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

_____. **Juventudes**: sociologia, cultura e movimentos. Universidade Federal de Alfenas, 2016.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. 2ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **História oral e pesquisa sociológica**: a experiência do CERU. [S.l: s.n.], 1998.

LAKATOS E. M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2005.

LEITE, Angela Helena Rodrigues. **Juventude**: estudos em representações sociais. Dissertação. PUC SP, São Paulo, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MENIN, Maria Suzano de Estefano. **Representação Social e Estereótipo**: A Zona Muda das Representações Sociais. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 22 n. 1. Jan-Abr 2006.

MINAS GERAIS, Constituição, 1989. **Constituição do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MIRAGLIA, Paula Renata. **Cosmologias da violência**: entre a regra e a exceção - uma etnografia da desigualdade em São Paulo. Tese. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MORETTI, E. **The effect of education on crime**: Evidence from prison inmates, arrests, and self-reports. The American Economic Review, v. 94, n. 1, p. 155–189, 2004.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo. Contexto, 1992.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda; MARIANO, Jorge Luís Mazzeo; FERRO, Elaine Gomes. **Paulo Freire, emancipação das mulheres e a educação libertadora**. In: MACEDO, Eunice (org.). Ecos de Freire e o pensamento feminista: diálogos e esclarecimentos. Porto: Legis, 2017

SILVA, V. P; BARROS, D. D. **Método história oral de vida**: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, 2010.

SILVA, Sofia Marques da. **Da casa da juventude aos confins do mundo**: etnografia de fragilidades, medos e estratégias juvenis. Porto, Ed. Afrontamentos, 2011.

SPOSITO, M. P. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

SPOSITO, M. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: Abramo, H. W.; Branco, P. P. M. (Orgs.). Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania; 2005, p. 175-214.

VIANNA, H.. **Galeras cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência 2014**. Os jovens do Brasil. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014.

_____. **Mapa da violência 2018**. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2018.

APENDICE A – JOVENS PRÉ SELECIONADOS

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	ROUBO	TRÁFICO DE DROGAS	HOMICÍDIO	NOME FICTÍCIO
J. H. S	17	03	03	02	
B. A. R. I	18	04	02	02	ZÉ PEQUENO
L. W. C. F	21	05	02	03	
L. F. O. S	18	01	05	01	LARANJINHA
P. E. P. S	18	04	04	01	DADINHO
R. G. M. G	17	01	05	02	
S. A. D. S	17	01	02	03	
R. G. M. L	17	02	02	01	
T. L. S	20	01	03	02	ACEROLA
M. H. S. N	19	06	04	01	

Os dados acima representam os sujeitos selecionados para a pré entrevista, com número absoluto de registro de ocorrências e/ou processos criminais tipificados por crimes.

APENDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado _____,

“Você está sendo convidado a participar da pesquisa **PEDAGOGIA DO CRIME: narrativas de jovens oprimidos pela criminalidade**, desenvolvida por Ricardo Belini Muffato de Souza da Universidade Federal de São João del-Rei.

Sobre o objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa consiste em colher a história oral de vida de jovens envolvidos com a atividade criminosa e buscar identificar como acontece todo o processo de envolvimento com o meio.

Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)

O convite a sua participação (ou do menor sob sua responsabilidade) se deve à análise preliminar de boletins policiais e processos judiciais, dentre os quais se identifica a ocorrência de reiterados atos infracionais.

A participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, possuindo plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Ele não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

“Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas, sua e/ou do menor, sendo que todos os procedimentos serão realizados de forma individual sem a presença de outros voluntários no local de exame.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

“Qualquer dado que possa identificar o participante será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro”.

“A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você e/ou o menor poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a

pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste documento.

Identificação do participante ao longo da pesquisa

No presente projeto, você e/ou o menor sob sua responsabilidade será identificado pelas iniciais de seu nome ou nome fictício.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A participação consistirá em narrar episódios da vida do jovem desde a sua infância, enfatizando os fatos que fizeram com que acontecesse o envolvimento com atos infracionais.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo da entrevista é livre e que poderá ser interrompido por solicitação do participante.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

As entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, assim como os resultados, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPESJ.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa

Como benefício direto aos participantes teremos o conhecimento profundo sobre a atividade criminosa que cada vez mais capta jovens para as atividades ilícitas e destrói as famílias por intermédio das drogas e da violência. O conhecimento pode trazer alternativas de minimização deste problema social através de programas ou políticas públicas.

Previsão de riscos ou desconfortos e procedimentos para minimizá-los

Os riscos para os participantes praticamente não existem. Os dados não serão utilizados para responsabilização criminal e sim para entender como este processo de envolvimento com atividades ilícitas acontecem.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados gerais poderão ser divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na dissertação/tese. Os resultados de forma individual serão repassados aos participantes e/ou seus responsáveis estando a equipe de pesquisadores à disposição para eventuais esclarecimentos.

Uso da Imagem

Serão feitas algumas imagens durante a realização dos procedimentos neste estudo e poderão fazer parte dos dados para estudo ou divulgadas em periódicos e reuniões científicas.

Considerações finais:

Não haverá nenhum custo pela sua participação e/ou do menor neste estudo.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo ou sobre os direitos da criança e adolescente como participante o estudo. Se outras perguntas surgirem mais tarde, poderás entrar em contato com os pesquisadores.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”.

Tel e Fax - (32) 3379-5598

e-mail: cepsj@ufsj.edu.br

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, CEP: 36301-160, Campus Dom Bosco

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep): Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 e-mail: conep@saude.gov.br

Contato com o pesquisador a responsável: Ricardo Belini Muffato de Souza

Email: belini08@gmail.com

Telefone: (32) 99923-0602

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação e/ou de minha criança na pesquisa e concordo em participar. Declaro que este documento foi elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada (s).

São João del-Rei, 10 de janeiro de 2018.

Nome do responsável

Assinatura do responsável

Ricardo Belini Muffato de Souza
Pesquisador

APENDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Prezado _____,

“O menor sob sua guarda está sendo convidado a participar da pesquisa **PEDAGOGIA DO CRIME: narrativas de jovens oprimidos pela criminalidade**, desenvolvida por Ricardo Belini Muffato de Souza da Universidade Federal de São João del-Rei.

Sobre o objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa consiste em colher a história oral de vida de jovens envolvidos com a atividade criminosa e buscar identificar como acontece todo o processo de envolvimento com o meio.

Por que o participante está sendo convidado (critério de inclusão)

O convite a sua participação (ou do menor sob sua responsabilidade) se deve à análise preliminar de boletins policiais e processos judiciais, dentre os quais se identifica a ocorrência de reiterados atos infracionais.

A participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, possuindo plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Ele não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

“Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações prestadas, sua e/ou do menor, sendo que todo os procedimentos serão realizados de forma individual sem a presença de outros voluntários no local de exame.

Mecanismos para garantir a confidencialidade e a privacidade

“Qualquer dado que possa identificar o participante será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro”.

“A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você e/ou o menor poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a

pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste documento.

Identificação do participante ao longo da pesquisa

No presente projeto, você e/ou o menor sob sua responsabilidade será identificado pelas iniciais de seu nome ou nome fictício.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa

A participação consistirá em narrar episódios da vida do jovem desde a sua infância, enfatizando os fatos que fizeram com que acontecesse o envolvimento com atos infracionais.

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo da entrevista é livre e que poderá ser interrompido por solicitação do participante.

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa

As entrevistas serão transcritas e armazenadas em arquivos digitais, assim como os resultados, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEPESJ.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) ou indiretos aos participantes da pesquisa

Como benefício direto aos participantes teremos o conhecimento profundo sobre a atividade criminosa que cada vez mais capta jovens para as atividades ilícitas e destrói as famílias por intermédio das drogas e da violência. O conhecimento pode trazer alternativas de minimização deste problema social através de programas ou políticas públicas.

Previsão de riscos ou desconfortos e procedimentos para minimizá-los

Os riscos para os participantes praticamente não existem. Os dados não serão utilizados para responsabilização criminal e sim para entender como este processo de envolvimento com atividades ilícitas acontecem.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa

Os resultados gerais poderão ser divulgados em palestras dirigidas ao público participante, artigos científicos e na dissertação/tese. Os resultados de forma individual serão repassados aos participantes e/ou seus responsáveis estando a equipe de pesquisadores à disposição para eventuais esclarecimentos.

Uso da Imagem

Serão feitas algumas imagens durante a realização dos procedimentos neste estudo e poderão fazer parte dos dados para estudo ou divulgadas em periódicos e reuniões científicas.

Considerações finais:

Não haverá nenhum custo pela sua participação e/ou do menor neste estudo.

Por favor, sinta-se à vontade para fazer qualquer pergunta sobre este estudo ou sobre os direitos da criança e adolescente como participante o estudo. Se outras perguntas surgirem mais tarde, poderás entrar em contato com os pesquisadores.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”.

Tel e Fax - (32) 3379-5598

e-mail: cepsj@ufsj.edu.br

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, CEP: 36301-160, Campus Dom Bosco

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep): Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 e-mail: conep@saude.gov.br

Contato com o pesquisador a responsável: Ricardo Belini Muffato de Souza

Email: belini08@gmail.com

Telefone: (32) 99923-0602

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação e/ou de minha criança na pesquisa e concordo em participar. Declaro que este documento foi elaborado em duas vias, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por seu representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada (s).

São João del-Rei, 10 de janeiro de 2018.

Nome do responsável

Assinatura do responsável

Ricardo Belini Muffato de Souza
Pesquisador

APENDICE D - OFÍCIO SOLICITANDO ACESSO AOS PROCESSOS JUDICIAIS



DÉCIMA TERCEIRA REGIÃO DA POLÍCIA MILITAR
TRIGÉSIMO OITAVO BATALHÃO DE POLÍCIA MILITAR

Of. S/Nº - 189ª Cia PM

São João del-Rei, 10 de janeiro de 2018.

Exmo. Senhor Juiz,

Em cordial visita, informo a Vossa Excelência que encontro-me como aluno da pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei e desenvolvendo a pesquisa com a temática ***jovem e envolvimento criminal***.

Desta feita, solicito-vos autorização para manusear processos judiciais em que os jovens colaboradores estejam na condição de autoria delitiva, afim de buscar fontes necessárias à presente investigação.

Segue anexo a lista dos colaboradores.

Sem mais para o momento, agradeço a atenção dispensada e aproveito a oportunidade para renovar votos de elevada estima e distinta consideração.

Cordialmente,

Ricardo Belini Muffato de Souza, Cap PM
Comandante da 189ª Cia PM / Pesquisador

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data da entrevista:

Local da entrevista:

Nome do entrevistado:

Idade:

Primeira Entrevista

Considerando o objetivo da pesquisa é analisar o envolvimento de jovens com o crime, analisando desde o seu envolvimento inicial até a atualidade, qual é a sua história de vida?

Segunda Entrevista

Qual é a sua história com a sua família?

Qual é a sua história em relação à condição de vida?


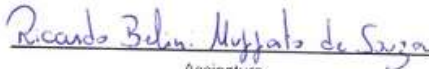

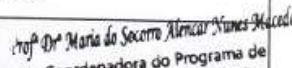
Qual é a sua história na escola?

Qual é a sua história no trabalho? (se tiver)

Qual é a sua história com seus amigos?

Qual é a sua história no território em que você vive?

APENDICE F - SUBMISSÃO À COMISSÃO DE ÉTICA

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa: Juventude e o crime: uma análise sobre a pedagogização das atividades delituosas			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 10			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: EDUCAÇÃO			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: RICARDO BELINI MUFFATO DE SOUZA			
6. CPF: 043.196.036-48	7. Endereço (Rua, n.º): SANTO ANTONIO TEJUCO 102 SAO JOAO DEL REI MINAS GERAIS 36300174		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (32) 3371-3563	10. Outro Telefone:	11. Email: belini08@gmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: <u>18 / 03 / 2018</u>		 Assinatura:	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Federal de São João Del Rei- UFSJ/MG	13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (32) 3379-2340	16. Outro Telefone:		
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: <u>Maria do Socorro Almeida</u>	CPF: <u>752.542.196-91</u>		
Cargo/Função: <u>Coordenadora PPEDU</u>			
Data: <u>22 / 03 / 18</u>	 Assinatura		
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			
 Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Almeida Nunes Macedo Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação UFSJ			

APENDICE G - ENTREVISTAS

ENTREVISTA DADINHO

Quando eu era criança, tinha meus oito, nove anos gostava muito de cavalos. Eu só ficava por conta de cavalo... Às vezes nem ia à escola para cuidar dos cavalos. A fazenda era de um moço e eu só olhava os cavalos; eu tinha um cavalo que eu deixava lá para olhar a fazenda dele; eu ajudava ele e não pagava o pasto. Aí eu saía com os fazendeiros, ia para as festas e para as cavalgadas.

Aí eu crescendo, fui para a escola Augusto Magne e conheci uns amigos e foi aí que eu caí no crime. Aí foi bom, foi indo, foi indo e brincando. Aí passou o tempo com doze, treze anos eu conheci outros amigos, uma turma de uns sete e a gente andava juntos o dia inteiro, que eram os mais bagunceiros da escola. E eles começaram a fazer as coisas erradas, brigar com os outros, fumar maconha.

Mas eu gostava da escola, foda foi as companhia mesmo. Eles falam que cada cabeça é seu guia, mas não é não sô. Tipo assim, é seu colega aí você vê ele fazendo algumas coisas... Primeiro você vai falar que é errado e você vê outros amigos se envolvendo ainda mais, aí você vai ficando mais atizado e eu entrei nessa porcaria do crime.

Aí eu comecei a perder ano e afastei da escola. Eu fico tentando voltar até hoje mas o Doutor João (juiz da Vara de Infância e Juventude tempos atrás) é que tava tentando arrumar uma vaga, mas até hoje ele não conseguiu arrumar uma vaga pra mim não.

Eu parei no sexto e tinha uns treze anos. Todos esses meninos que faziam parte da turma morava no mesmo bairro, uns eram de umas salas e outros de outra. Aí chegava no recreio e a gente reunia.

E foi com essa idade que eu experimentei maconha. Eu estava lá na barraquinha no Adão Nunes. Aí tinha uns rapazinhos mais maiores assim; eu vi os meus amigos da escola fumando aí eles me chamaram e foi a primeira vez que eu fumei e não consegui mais parar. Na hora eu passei mal e vomitei, fiquei bambo e eles até me levou embora.

Só que não foi para minha casa porque se tivesse me levado a minha mãe me batia. Me levou foi para casa de um amigo meu até eu melhorar. Aí quando eu

melhorei eu falei para minha mãe que ia dormir na casa de um amigo para ela não desconfiar.

E para entrar no grupo você tem que fazer aquilo que eles faziam. Se não começasse a beber, fumar, eles te deixava de lado. Aí tinha que fazer o que eles faziam. 'Se não fazer isso para mim, você nem precisa ficar andando com nós mais'. Se não fazer isso, se não fazer aquilo, eles fica aí nessa pilha.

Eles foi falando assim: 'se você quer entrar no bonde tem que começar a roubar. Começa a roubar para nós vê que você é do bonde'. Aí que começa a fazer um aqui, outro ali para ver se eles deixa você entrar. Tem que ver que você tá fumando maconha e fazendo as coisas erradas para você poder andar com eles. Aí tipo assim, você vê eles com menina, com mulher e fica querendo sô. Eles fica instigando e eles fala: 'ó para você querer estar aí assim, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo para você estar com essas meninas aqui, tem que fazer isso tem que fazer aquilo'...

Sempre tem um mais velho que bota terror em tudo e só fica mandando. É o chefe! E nessa vida você consegue ganhar dinheiro e não consegue porque o que vem fácil, vai fácil. Todo dinheiro que entra vai embora rápido tudo com droga, bebida e festa. Tipo assim: fez um assalto, aí já pega o dinheiro fala com as mulheres que vai ter festa, começa a comprar bebida, roupa e começa a ostentar. Só roupa de marca, tênis, cordão, celular maneirão e daí as meninas caem em cima. Aí quando você é iniciante, está entrando, aí você fica mais atiçado porque eles começam a falar das coisas tipo festa.

Aí você só pode ir nas festinhas se começar a fazer isso. E só pode frequentar as festinha se tiver no crime. E essas meninas erradas só dá mole se tiver no envolvimento. As certas mesmo não quer saber disso e não fica se tiver envolvimento com crime.

Aí com doze anos eu comecei a fumar maconha. Entre os treze e os quatorze eu fui para entrar no bonde, comecei a fazer assalto, pegava a moto, pegava celular e outras coisas. Lá em cima, no bairro do Adão Nunes, tem duas turmas, o Bonde 1e o Bonde 2 e uma não gosta da outra. Foi assim: antes fechava todo mundo, os dois lados. Aí teve uma briga com o falecido Jonathan, aí o cara foi e matou o Jonathan. Mas agora o clima está sossegado, depois que matou o Madrugadão. Antes estava um pé de guerra danado lá. A briga de um acaba sendo a briga de todos e briga os dois bairros.

Nessa briga, o falecido o Jonathan estava bebendo aí vem um rapazinho foi e brigou com ele. E esse Jonathan gostava muito de brigar mesmo, era um galinho de briga. Aí eles brigou, o Jonathan tava doidão, tinha bebido muito e aí ele transformava. Não sei o quê que esses caras arrumam que quando eles bebem acha que está com super homem no peito, aí foi e bateu nesse rapazinho, mas era tudo amigo. Mais cedo esse Jonathan tinha ido no baile brigado e o segurança tinha batido nele.

Aí nós foi elevou o Jonathan embora. Ele estava tonto, né. Na hora que eu levei assim e deixei na porta da casa dele, aí o Jonathan cismou que estava com o coisa ruim no corpo, aí começou a brigar com esse rapazinho. Era amigo dele, mas como ele cismou que estava com o negócio no corpo, começou a bater nesse rapazinho e em outro, aí eles foi embora. Aí depois disso começou a briga, uma briga que começou por causa de uma pinga. Aí ficou uma turma ameaçando a outra, fazia vídeo ameaçando... Nós ia lá dar tiro e eles ia lá dá tiro, direto eles estava lá embaixo dando tiro.

Aí ficou muito ruim para mim porque eu moro lá em cima, eu não podia envolver com lado nenhum, por causa de que eu morava lá em cima, aí eu tinha que ficar na minha. Só se mexesse comigo e eu mexesse com eles; eu não me envolvia não, por causa de que eu tenho minha família lá.

Sobre os roubos, sempre tinha uma pessoa que fazia as réplicas, pegava um cano tipo dessas cadeiras aqui (apontando para a cadeira escolar da UFSJ), pegava esses negócio e fazia as réplicas. Aí quando eles aparecia com as réplicas, era para os menor igual eu fazer as fita. Eles falavam assim ó: 'nóis arrumou uma peça maneira para vocês fazer os assalto aí'. Aí eles já falavam, 'vocês pega aquele tal supermercado ali'. Aí nós ia lá e eles ficava esperando... aí nós chegava e dava o dinheiro eles e tinha que ir embora. Aí eles te dava uma parte tipo assim: se deu trezentos real, eles te dava uns oitenta e o resto era deles.

Os maior manda e os menor faz! A gente colocava a blusa na cara, essas coisas assim e adrenalina era pura. Mas já deu ruim uma vez. Um dia foi assaltar eu e um colega, aí assim que nós assaltou, aí tinha um lutador lá que me pegou eu pelo gogó (golpe de luta onde um segura o outro pelo pescoço) e eu nem sei como que eu saí dele não, esse dia foi Deus. Aí, assim que eu já ia saindo pela porta, já fui já tomei um gogó, falei: "nossa!" Aí o colega que já estava comigo saiu correndo aí eu falei: "nossa agora já era". Aí foi e esse lutador era parrudão mesmo, aí foi ele teve

um descuido lá, acho que ele tentou levar o meu braço para trás aí eu fui e saí correndo, mas nesse dia eu fui preso porque ele me reconheceu.

Aí só nesse dia que deu ruim para mim mesmo, mas mesmo assim eu continuei por causa de que tudo é pilha mesmo. Quando você entra assim no mundo do crime, você não pode parar. Às vezes você sai assim na rua com a intenção boa de ficar tranquilo, de não arrumar problema. Aí você já sai e encontra com os amigos, já vai e bota pilha, fala um montão de coisa, fala isso e aquilo, aí já dá neurose na mente, você fica com a cabeça fraca e entra de gaiato e faz.

Eu só usei maconha e cocaína; nos meus quatorze anos eu cheirei cocaína, mas aí eu não cheirei um ano direto não, aí eu vi que era droga pesada mesmo e parei. Eu sentia paranóia, instigamento, alucinação, coração acelerado. Quando comecei a cheirar cocaína eu só fumava maconha, aí eu conheci um rapazinho e esse rapazinho morava do lado da minha casa; aí eu comecei a fumar maconha com ele também, aí ele foi começou a cheirar, um dia ele foi, foi lá em casa e falou assim: ‘vamos nadar?’ Aí eu falei: “vamos”. Aí eu pensei que ia só nadar e fumar maconha mesmo. Aí na hora ele apareceu com pó e falou assim ‘vamos dar um tiro, vamos experimentar para ver como é que é’. Aí eu falei assim: “não sô, eu nem sei como é que é, a zueira é ruim para caraio que eles falam”, aí eu fui e viciiei. Passou um tempo eu vi que eu tava sendo fraco, que a mulher tava falando comigo que eu tava feio, que eu tava viciado, aí que eu me toquei e falei não quero isso mais não, aí depois disso eu nunca mais cheirei cocaína.

Eu fiquei magro igualzinho mendigo na rua, vendendo as minhas coisas. A cocaína vicia, mas a maconha não; mas a maconha também é ruim por causa de quê você não alimenta direito. Mas depois dessa cocaína nunca mais e crack eu não experimentei. Já tentaram me experimentar, mas dessa vez eu fui esperto depois de tanto que eu caí. Foi meu primo com o colega dele que tava fumando crack com cigarro, aí eles falou comigo que era maconha e eles falou assim: ‘vamos fumar um bagulho’, aí na hora que eu senti o cheiro eu disse: “vocês tão me tirando!” Aí eu fui e briguei com eles ainda e parei de conversar com eles um mês, um mês e meio por causa disso. Aí eu quase fumei crack por causa deles, mas graças a Deus eu não fumei, sorte foi que eu senti o cheiro do crack e falei isso “aí não é maconha não, vocês tão me tirando” e depois disso eles nunca mais me ofereceram isso.

Eu cheguei a vender também, vender bastante, maconha e pedra (crack). Aí é assim ó, os mais maiorzinho pega para você vender para eles. Aí assim que

acontecia, eles pegavam com os outros maior e passava para nós menor. Aí chegava tudo embaladinho, tudo pronto, você não podia faltar nada, tinha que dar tudo certinho, o dinheiro que tinha que dar, tinha que estar lá, não podia gastar nem vender fiado. Se deu o negócio tem que dar o dinheiro certinho, senão era grande complicação.

Sempre tem um maior da turma assim ó para oprimi nós, para oprimir os menor. Para oprimir nós eles pega faca e fala que tem arma, que qualquer coisa iria falar com não sei quem que faz (mata) os cara. Se ficar devendo droga, eles batem e dá tiro.

Eu fui influenciado por pessoas de fora e pelos meus primos. Eu fui crescendo e vendo eles no crime. Aí você vai crescendo e vendo eles no crime, aí você vê seus amigos desde pequeno te chamando, te botando pilha, aí você vai e pula de cabeça. A gente vai sem ver e quando percebe já é tarde, aí não tem como mais. Tem muitos assim também que continua no crime quando cresce por falta de oportunidade, porque não consegue trabalho.

Eu vou falar do homicídio do Rodrigo dos Santos aqui no Mandaguari. Aí nós estava lá no bar do Otávio bebendo, aí chega um cara lá do Mandaguari, do Vila Aurora, aí fala assim com nós: ‘vai ter uma festa lá no Mandaguari’. Aí o cara falou assim: ‘vocês podem ir lá que não vai ter briga e vai ter peça (arma) lá se vocês precisar, nós tem revólver’. Aí nós falou: “mas como que a gente vai lá se toda vez tem tiro para o alto?” Aí o cara foi e falou: ‘vocês pode ir lá que a peça vai ser a favor de vocês’. Aí nós foi porque ele falou que tinha um revólver lá para nós. Assim que nós foi ele falou: ‘ninguém do Adão Nunes, ninguém do Marinópolis, ninguém do Santo Antônio vai entrar na festa’. Aí eu já vi que estava estranho, nós vem na festa ele fala que ninguém vai entrar? E ele não deixou nem mulher nem homem entrar, quem tivesse briga, ninguém vai entrar.

Assim que ele falou que não ia deixar entrar aí eu falei “tá de boa”; eu que não vou caçar chifre em cabeça de cavalo. Um tanto veio embora e um tanto queria ficar lá na festa para ver se conseguia entrar. Assim que a gente estava vindo embora, aí eu já vi uma garrafa caindo e falei: “isso daí é briga”. Aí já começaram a dar os tiros, aí foi que eles mataram o Rodrigo. O tiro foi para o lado de todo mundo e acertou no Rodrigo dos Santos que estava do meu lado. Aí eles foi, jogou a garrafa e deu tiro nele, aí todo mundo correu.

Da outra vez eu tava lá perto da casa da minha vó aí passou os cara lá e deram tiro, era os cara do Curicica que têm treta com os antigos e quer descontar nos mais novo, por causa daquela época do carnaval (triplo homicídio que aconteceu em um ensaio de escola de samba, tendo como autoria um menor do bairro Curicica e vítima a comunidade do Santo Antônio). Aí foi e eles queriam descontar em nós, mas não acertou ninguém não. Só passou uma moto dando tiro mesmo.

Hoje assim eu não estou me achando ameaçado não, tipo assim, se eu tiver com os cara do Marinópolis, aí sim pode ser que alguém me ameaça.

Tem menino que aparece no bonde aí vai aparece outro, botando pilha nos cara para descer lá embaixo, é assim que rola. Primeiro começa oferecendo droga, aí vai e fica devendo, aí já tá dentro do Bonde. E sempre teve um que fala: ‘agora você vai ter que matar alguém’. Aí eu pego e falo: “eu só mato se o cara mexeu comigo, com a minha família”; ao contrário disso, não sou matador de aluguel para ninguém não, só faço mesmo se eu tiver uma legítima defesa e se o cara mexeu com a minha família mesmo e eu tiver com risco de morte, aí sim.

Várias vezes ele já pediu para eu matar alguém. O meu primo João já morreu no crime, ele tinha quinze anos. Ele era tranquilo também, olha para você ver como é as coisas. O João não precisava de roubar, não precisava de traficar, o pai dele e a mãe dele dava tudo que ele quisesse, era videogame, roupa, o pai dele tinha comprado até uma moto para ele e tava esperando ele ficar de maior para dar a moto ele; ele morreu e a moto ficou. Aí esse João, ele entrou foi por pilha dos outros mesmo porque ele não precisava entrar no crime não, ele entrou foi de gaiato. Ele foi, entrou para o crime, matou um rapazinho lá para os cara de cima, falecido Barbantinho ali na pastelaria, aí vêm os cara e cobrou. Ele matou para os cara, aí veio os cara e matou ele.

Na minha casa somos dez filhos, o mais velho tem vinte e sete e o mais novo tem quatorze. Minha mãe tem quarenta e dois anos e ela tem vinte netos pra mais. Não mora todo mundo junto, mas tá todo mundo na redondezas. Meu irmão mora embaixo, outro mora no Marinópolis e a outra mora lá onde que você (pesquisador) foi, na conferência. Trabalhar eu nunca trabalhei, fiz uns bicos de servente de pedreiro.

Quando você tá no grupo, tá no bonde, você sente que é mais forte e sente que tem mais poder. Dá uma sensação de que você tá mais tranquilo, que tem mais

segurança e, ao mesmo tempo, dá um medo porque quando tá todo mundo junto pode chegar alguém e dá tiro em todo mundo.

A única hora que eu fico tranquilo mesmo é quando eu tô na minha casa, mas quando eu tô na rua perto de nêgo que tem treta, aí eu não fico tranquilo não. Qualquer coisinha eu já estou vendo, olhando, escuta um barulho de moto aí já fica doido.

A minha família é toda católica, a minha tia crente. A minha mãe frequenta a igreja, mas eu não vou não. Eu frequentava, mas depois dessa morte da igreja aí eu não fui mais não. O Jonathan morreu dentro da igreja, aí depois disso eu não fui na igreja mais não (o fato acima narrado versa sobre a morte de um desses jovens que era do grupo e foi vítima de disparos de arma de fogo dentro de um culto evangélico). Tinha um policial que era padrinho dele lá ele falou isso para mim um dia.

A condição de vida da minha família é simples mas dá para viver. A minha mãe trabalha no trailer, o meu padrasto também trabalha. Eu não moro com meu pai não, só mora eu e minha mãe, minha irmã, meu irmão, meu padrasto e o meu sobrinho. A gente mora numa casa que tem cinco quartos e graças a Deus não falta comida não, tem almoço e janta. Não tem luxo, mas não falta nada não. Essa roupa que eu tô usando aqui foi tudo minha mãe que me deu. Era para eu usar no Natal e no Ano Novo né, mas não tinha como (risos por parte do colaborador)⁵⁰. Mas agora vai dar para usar graças a Deus.

Eu estava pagando um crime que eu nem tinha cometido. Foi assim sô. Meu sobrinho e meus primos, eles foram lá para trás para fazer o assalto e nesse período que eles estavam fazendo assalto eu já estava lá na casa da minha irmã. Eu ficava lá na casa dela porque eu olhava o meu sobrinho para ela, que ele era pequenininho. O filho dela não queria saber de olhar não, aí eu fiquei olhando e ela tava me dando roupa. Ela falou assim: ‘você olha meu filho para mim, aí tudo que você precisar eu te dou’. Aí eu fui e falei assim: “tava dando uma confusão danada lá embaixo, a melhor coisa que eu faço é olhar meu sobrinho”.

⁵⁰os risos aconteceram porque o entrevistado estava de prisão domiciliar há mais de um ano e, no dia da entrevista, quando fizemos contato com o juiz pedindo autorização para que o entrevistado fosse ouvido na Universidade, nos foi dito pelo assessor que a prisão domiciliar havia sido revogada pois o mesmo havia sido absolvido em audiência prévia. Mas o entrevistado não estava sabendo dessa audiência, nem da decisão e continuava cumprindo a prisão domiciliar

Aí eu fui para lá no final de 2017, fiquei olhando meu sobrinho que tava aprontando assaltando essas coisas etc. Ele tinha dezesseis anos. Aí tá! Eu tava lá na casa da minha irmã olhando, aí eles foram lá para trás nesses mato afora, foi e fez o assalto; aí eu tô vendo helicóptero da polícia rodando e pensei: “uai aconteceu alguma coisa”. Aí eu não tava sabendo de nada não, eu só fiquei sabendo na hora que os policiais chegou e me falou que tinha acontecido o assalto. Aí eles foi e falou que tinha acontecido um assalto lá na universidade, lá para trás, e que tinha dado uma facada no cara. Aí eu fui e falei assim: “você está pensando que é eu, pode me levar eu para reconhecer”. Eu falei pode me levar lá para reconhecer, aí chegou lá e a vítima me reconheceu, sendo que eu não tava; eu tava na casa da minha irmã o dia inteiro e tava tendo uma festa lá com meu sobrinho do aniversário dele, dia vinte e dois de fevereiro.

Aí nós estava lá fazendo uma festa para ele um bolinho aí chegou os policial foi e falou que eu estava no assalto. Aí eu falei então vamos lá para vocês me levar para reconhecer, aí chegou lá eles me reconheceu e eu tô aí até hoje de prisão domiciliar. Mas não era eu não, era outras pessoas.

Eu já fui preso no Mambengo (presídio regional) uma vez por sete dias. É ruim, é ruim, é humilhante, mas tem que pagar né. Eu fiquei junto com os de menor, quando eu tava lá tinha doze menor lá junto. Lá a gente tomava café, almoçava e tinha banho de sol. Na cela só tinha uma janela e era muito quente, mas quando chove faz muito frio e costuma até molhar a cela. Molha as primeiras cela, mas como nós tava na “5” (cela 5), aí nesse dia não molhou. No dia que nós estava lá, eu e outro menor, eles não deram nem colchão para a gente, não tinha colchão não. Aí eu dormi com o cara lá, e o outro menor dormiu com outro rapazinho, aí no outro dia saiu um rapazinho e ele foi deixou o colchão para nós.

Quando eu tava no mundo do crime, o que tinha de melhor era as mulhé que os cara arrumava porque eles tinham os contatos. Era as mulhé que me dava mais iniciativa para fazer o que eles queriam. Eles arrumava as mulher para nós e era festa todo final de semana, sexta, sábado e domingo. Era droga, era loló, essas coisas assim. Aí os cara têm as meninas certa né! Eles falam assim: ‘você vai ter que ficar com aquele rapazinho ali’, aí elas vai e fica. A maioria das mulhé fica, mas tem umas que não fica não. Tudo mulher bonita, se for mulher feia não rola não.

O dinheiro chega e você vai gastando tudo, compra bebida, compra droga e quando vê você está mais liso do que tudo.

A gente se sente respeitado lá na comunidade, o pessoal te olha diferente, te vê com dinheiro e fala: 'ó você tá bem mesmo!' Aí eles começam a te adular, te chamar de colega, de amigo... Aí no outro dia que você vai ver, no dia que você não está ninguém, não tem dinheiro, não tem nada, aí vê que aquelas pessoas só te quer quando você tem dinheiro. No bonde é assim também, eles manda você fazer isso, mas na hora que o bicho pega e some todo mundo, não manda nada, não quer saber de você, não pergunta se você tá bem, deixa você de lado quando o bicho pega.

O sonho que eu tenho é largar essa vida do crime e dá um futuro melhor para minha família, ficar longe de tudo sem crime, sem nada, sem ninguém atrás de mim. Meu sonho é esse: trabalhar, comprar uma moto e sair desse lugar maldito. A primeira coisa que eu vou fazer quando melhorar é sair de lá (bairro onde mora). Tem muita gente lá onde eu moro com a mesma história que a minha, que entra para o crime por causa de primo, de irmão, mas tem bastante rapazinho que não se envolveu, com cabeça boa. Daqueles amigos que eu conheci desde doze anos, alguns já morreu e uns tá preso, isso, tudo preso.

A minha mãe sempre trabalhou para sustentar a casa, o meu pai trabalhou mas trabalhou pouco, quem trabalhava mesmo para valer era minha mãe. Meu pai agora é um bêbado, ele é um alcoólatra. Ele sempre foi assim, mas depois que a minha mãe separou dele, quando eu tinha uns doze anos, ele ficou pior. Quando eu comecei a me envolver com o crime eu já morava só com a minha mãe e ela trabalhava o dia inteiro, na distribuidora.

Eu ficava só para rua, não ficava dentro de casa não. Eu ia em casa assim, mal mal para comer e tomar banho assim, depois sumia, às vezes aparecia em casa era assim seis horas, sete horas da manhã... Se a minha mãe soubesse que eu estava fazendo alguma coisa de errado, Nossa Senhora, Nossa Senhora...

Uma vez eu estava na esquina com os rapazinho fumando maconha, aí a minha irmã viu e saiu correndo para contar para minha mãe; quando eu cheguei em casa eu tomei um coro danado. Nossa Senhora, eu não podia ver meus irmãos que eu escondia senão eles contavam para minha mãe e aí era coro.

Na minha família eu tenho um tio preso e um irmão também. Eu nunca cheguei a ver droga dentro da minha casa, meus irmãos me influenciaram, mas eu viciiei mesmo por causa dos meus primos, por causa de que os meus irmãos eles me oprimia e os meus primos não né! Os meus irmãos não me incentivavam não, com

meus irmãos era coro mas com meus primos não, aí os meus primos me dava escondido dos meus irmãos. Os meus irmãos não podia saber não, ele só ficaram sabendo que eu tava mexendo com droga depois de dois anos. Eu só fazia as coisas escondido deles, aí depois que eles descobriram já não podia fazer mais nada.

Meu irmão mais velho está preso por assalto e o outro está de albergado por causa de assalto também, mas aí ele pagou. Aí ele foi sair de condicional, ficou na rua até depois da hora que o juiz deixou e teve que voltar para tranca porque ele desobedeceu a ordem da Justiça.

Eu tenho um irmãozinho de quatorze que está estudando, ele passou para o primeiro ano e tá sendo mais cabeça do que eu porque ele não largou escola. Na época que eu ainda estava na escola não tinha droga não, mas agora hoje em dia já está rolando, você ouve direto que o professor pegou o nêgo fumando droga na escola, direto. Teve também um rapazinho que foi pego com uma réplica (de arma) lá dentro da escola.

Eu não sei lembrar direito quantos assaltos que eu fiz, mas era tudo na região e a pé, na época não tinha moto não. Era tipo assim no supermercado mais perto.

Essas brigas que acontece lá no morro e causa morte é tudo por causa de menina, bebida e droga. Tipo assim tem uma menina lá na festinha, aí você vai e pega, e se a menina que você pegou é ex de outro, aí já é errado e vira motivo de briga. Se o ex dela tiver na festa e armado, começa a dar tiro, querer brigar, aí cada um puxa revólver para o outro.

Aí eu tenho que ficar esperto senão o cara me mata, não consegue resolver na conversa não. Aí eu já falo eu vou lá buscar o revólver, vou buscar não sei quem, buscar beltrano, vou buscar os cara ali, vou chamar meu bonde. Aí começa a briga tudo, às vezes tá assim adormecido, apaziguado, aí começa tudo de novo por causa dessas brigas, é assim que acontece.

Tem muito que o rapazinho novo que entra no mundo do crime assim, rapazinho de doze/treze anos, aí a mãe é solteira assim, é só mãe e filho, aí vê que tá faltando as coisas dentro de casa, o rapazinho começa a roubar na rua e pergunta como é que eu faço para roubar? Como que eu consigo arrumar droga para vender? Aí o cara maldoso, querendo aproveitar do rapazinho, chega e fala assim: 'se você fizer isso para mim eu vou te dar o que você precisar'. Aí o rapazinho vai e fala: 'é mesmo? Uai, então como é que eu faço para começar para você?'

Tem muita gente assim, começa a entrar no crime assim porque tá passando fome e não tem as coisas, não tem pão dentro de casa e umas coisas assim... Aí vai direto para rua em vez de caçar outras coisas. Em vários bairros que eu vou tem essas histórias. Onde mais tem isso é no Curicica. Eu não julgo onde o rapazinho quer pegar droga para os outros para vender ou então quer assaltar para arrumar dinheiro; aí começa a querer matar os outros e começa a conhecer os caras que é mais ruim e fica cada vez mais envolvido.

A maioria dos jovens que entra nesse mundo do crime é desse jeito, ou porque tem parente envolvido ou é tipo assim também... Eles vê o rapazinho novo assim, tá ligado? Começa a vê que está crescendo e ele começa a chamar: 'vamos dar um rolê, vamos ali pegar umas mulher'... Aí mal, mal ele sabe que essa mulher tem outro pensamento, mal sabe que eles estão querendo envolver o rapazinho para fazer as coisas para ele.

E esse que fica chamando são os caras maiores, na altura maior, mas menor de idade, os que têm mais corpo coloca mais terror. No tráfico tem uns que vende e tem os patrão. Esses patrão não bota a cara não, eles colocam os cara assim mais perto de nós para desembolar. Eles nunca nem fica nem passa lá, nem fica no bairro.

A droga já chega para venda embaladinha e eles falam assim: 'você vende isso e me dá o dinheiro rápido'. Aí você pega vende rápido, dá o dinheiro para esse maior. Eles fala que estão ganhando mesmo tanto, mas não é né? Eles ficam te enganando para você pensar que estão ganhando tudo a mesma coisa.

É muito fácil de vender, toda hora tem gente. Na noite que eu ganhei mais dinheiro foi tipo assim uns dois mil reais. Aí com esse dinheiro a gente compra roupa, compra chinelo, manda os outros comprar as coisas para você, assim que rola... Eu nunca perdi droga mas se perder é perigoso até pode o cara mandar te matar.

Se você não pagar ou derramar⁵¹ aí os cara já começa a querer pagar outros pessoas para te matar, tá ligado? Já vai, paga os outros, aí o de menor vem e faz o serviço, e você nem sabe quem que te matou, é assim que funciona. Para o cara mandar te matar tem que dar prejuízo. Aí olha o quê que acontece, aí se derramou

⁵¹ Responsável pela venda sumir com a droga que pegou para comércio.

os outros começam a te cobrar, cobrar parente, ameaça parente, e vem aquela confusão geral.

Existe umas meninas também que é tudo mercenária, que faz de tudo para engravidar do cara para ganhar pensão. Tem muita mulher que pensa assim: 'vou engravidar dele, aí ele vai preso e eu vou receber o auxílio'. Já vi muita mulher falando essas coisas assim.

Eu, graças a Deus não tem filho não. E penso assim: "eu não quero meu filho envolvido no crime não". Eu imagino que o meu filho vai ser um advogado, um juiz ou até um professor mesmo, bombeiro também é maneiro.

ENTREVISTA ACEROLA

Quando eu nasci a minha mãe era muito nova, ela tinha dezesseis anos de idade e já era envolvida com droga... E o meu pai eu não conhecia, aí a minha mãe de criação teve que me criar, que no caso era minha tia; ela teve que pegar a minha guarda legal para estar me criando porque a minha mãe era usuária de droga e não queria saber de mim nem meu pai também, e como ela era muito nova, menor de idade, a minha tia, ela teve que pegar minha guarda pra me criar.

Só que essa minha tia já tinha dois filhos, que eu chamo de irmão hoje, e quando eu fui morar com eles, morava minha tia que era solteira, separada, a minha avó e esses dois irmãos. E aí, desde novo eu cresci com essa revolta no coração, de não ter minha mãe perto, de não conhecer meu pai; aí sempre dando problema nas escolas... Quando brigava dentro de casa, os dois irmãos que eram de criação jogava isso na minha cara. ‘Cadê seu pai? Cadê sua mãe? Sua mãe tá mexendo com droga? Tá fazendo coisa errada?’ E isso foi gerando uma revolta em mim, uma revolta no meu coração.

Nunca passei necessidade porque, minha mãe que era de criação sempre teve uma condição muito boa, ela era professora da Escola, chegou a ser diretora de algumas escolas aqui em São João e necessidade assim eu nunca passei, mas era essa revolta que eu tinha no coração devido à falta de estrutura familiar e que às vezes a minha mãe ela não sabia administrar, as coisas pequenas que às vezes ela fazia, às vezes comprar uma coisa melhor para os dois irmãos e uma coisa inferior para mim... Achava assim que eles não tinha nada a ver, só que eu ia guardando isso no coração e isso foi dando uma revolta em mim. Toda vez que eu brigava também com meu irmão e com minha irmã de criação, eles jogava isso na minha cara e eu cresci com essa revolta, com esse ódio dentro de mim de não conhecer minha mãe, de não ter conhecido meu pai.

A minha mãe eu até conhecia, mas não tinha contato, porque ela mudou para São Paulo. Mesmo com pouca idade eu já tinha uma mente de andar com pessoas mais velhas e aí comecei a dar problema na escola. A primeira vez que eu fui preso, foi porque eu estava com uma arma na escola Alphonsus Guimarães, né! Eu estava com doze anos de idade, quinta série; eu fazia parte do projeto PROERD e quem me prendeu foi justamente o rapaz que fazia coisa do PROERD lá. Eu lembro que ele chamou muito a minha atenção.

Eu já havia tido contato com as drogas; a primeira vez que eu conheci a maconha foi com onze anos de idade porque eu sempre andei com pessoas mais velhas. E aí um amigo meu, falecido já, me apresentou a maconha aí eu fumei. Com treze anos mais ou menos eu conheci a cocaína, aí eu comecei a me envolver... Morava no bairro da Sampaio Correa, eu comecei, naquela época tinha um patrão que hoje também é falecido, que era muito famoso na cidade, um bandido, e a gente sempre olhava ele queria ser igual porque era famoso, tinha mulher, tinha as coisas e aí eu comecei a me envolver com os treze anos.

Na escola eu nunca fui bem, devido a minha estrutura familiar. Na escola não respeitava ninguém, eu só passei de ano porque a minha própria mãe foi professora na quarta e na quinta série. Estudei no Pedro Aleixo, estudei no Alphonsus Guimarães, José Clemente, CIEP, em todas as escolas eu fui expulso. Eu xingava palavrão na sala, a minha mãe tentou me levar no psicólogo algumas vezes, mas eu sempre rejeitava. Com onze anos eu fiz a minha primeira tatuagem, e hoje com a mente que eu tenho, eu vejo que fiz só para chamar atenção porque a minha mãe verdadeira que estava em São Paulo, estava vindo me visitar e eu fiz essa tatuagem para chamar atenção dela, só que ela não estava preocupada com isso não viu, por que infelizmente ela ainda estava envolvida com drogas.

Estudei no CVT também, e chegou um momento que não acharam mais escola para mim estudar, aí eu parei de estudar na quinta série por isso e também por já estar envolvido com a criminalidade. Eu parei de estudar no ano que eu fui preso no Alphonsus Guimarães com a arma. Naquela época, eles tinham aquele negócio de menor; os maiores para fugir das responsabilidades, sempre guardava as armas com a gente que era de menor. Aí eu fiquei com aquela arma em casa e levei na escola para querer aparecer, daí quando eu mostrei para os meninos, eles me denunciou, aí foi a primeira vez que eu fui preso.

Depois da Sampaio Correa eu mudei para a Vila Rio Verde, aí a minha mãe achou que eu saindo da Sampaio Correa, devido os meus amigos estarem lá, eu iria melhorar, só que chegou na Vila, eu me envolvi mais ainda. Esses amigos que eu tinha, eram os amigos do movimento de drogas, o meu irmão de criação que era maior também tinha envolvimento com droga, de vender e de usar.

Eu entrei nesse grupo por mim mesmo, eu era novo de idade, mas sempre andei com pessoas mais velhas. Aí começou aquele negócio: 'pega um fardinho de crack com quatorze pedras, quatro é da gente que vende e dez é do rapaz que deu'.

Aí para começar a ganhar um dinheiro, eu comecei a vender também. E vendia muito fácil, depois que eu mudei para Vila Rio Verde, eu ficava perto do Coreto e vendia droga muito fácil.

A primeira vez que eu fui preso de verdade foi aos quatorze anos. Eu tinha um apelido de Acerola, esse apelido surgiu e ficou muito famoso na cidade, então a gente tinha rixa com o bairro de Porto Vitória, aí mataram um menino aqui chamado Buscapé eu tinha quatorze anos, e as testemunhas falaram que foi eu, só que não tinha sido eu. Eu fui preso inocente por causa desse homicídio; não foi eu, mas foi meu irmão.

Dos onze aos quatorze anos eu fiquei só no movimento de drogas e armas, era ficar a noite acordado e dormindo na parte da manhã. Conseguimos alugar uma casa lá na Vila e lá a gente vendia droga, ficava nessa casa a noite inteira, eu e outros menores da minha idade. Tinha maiores envolvidos, mas eles não ficavam nessa casa com medo da polícia ir lá, dar pulão e eles ser pegos. Então os maior sempre deixava os menor na casa.

No bonde tinha as regras de não caguetar, não falar com a polícia... Falavam para os menor assumir as coisas devido a impunidade da lei. Falavam assim: 'se você for preso é só quarenta e cinco dias, não passa disso'. Às vezes a gente assumia coisas que nem era da gente.

Antes dos quatorze anos eu já tinha sido preso com droga, tinha sido preso com arma, já tinha algumas tentativas de homicídio devido essas rixas... Era Porto Vitória versus Sampaio Correa, e a Sampaio Correa era unida com Rio Verde. Não sei como começou essa rixa, mas eu acho que não começou por causa de disputa de ponto de tráfico de drogas, porque as mortes que acontecem por disputa de pontos são dentro de um mesmo bairro. Quando você vê gente do mesmo bairro matando um ao outro, pode ter certeza que é por causa de disputa de ponto de droga. Agora de um bairro contra outro bairro, é rixa à toa, coisa boba.

Eu me lembro quando começou a Sampaio Correa ter rixa com Porto Vitória, era na época daquele patrão chamado Mané e que um rapaz aqui de Porto Vitória chamado Bené foi lá de cavalo e bateu nele; aí virou guerra e muita gente morreu por isso... pela briga dos dois. Isso aconteceu mais ou menos no ano de 2006, onde teve um índice de homicídios muito alto. Eu lembro até hoje, uma vez eu fui preso na delegacia e o policial falou que havia tido oitenta e seis homicídios em São João del-

Rei naquele ano. Foi nesse período que eu tava começando a me envolver; eu era muito novo.

A primeira tentativa (de homicídio) foi na porta da escola do Deus é Fiel; aí tinha uns meninos do Porto Vitória que ficava indo lá para pegar as namoradas, aí o maior me chamou para ir lá, aí nós pegamos a arma, um 32, e fomos lá para dar tiro nesses meninos. A gente conhecia a turma deles inteira e eles a nossa, inclusive a casa onde morava. Se o menino pertencesse a turma do Porto Vitória, ele não podia nem passar na Sampaio Correa e também os da Sampaio Correa não podia passar em Porto Vitória, mesmo que não tivesse envolvido. Independente de quem era a pessoa, se tivesse no grupo era um alvo. Sempre tinha os nomes mais alto, né!

Tinha rede social na época e a gente olhava muito isso para ver as fotos quem andava com quem. Então nas festas que eles faziam, a gente via quem tava lá, e quem tava lá era alvo. Só de estar na festa com eles era motivo pra morrer. E muita gente morreu de graça nessa história. Eu vi um menino menor de idade morrendo perto do Deus é Fiel ali, ele morreu à toa, estava com a namorada dele. Eu vi muita gente mesmo morrendo e quem nem tinha envolvimento com crime, morria porque estava perto, morria por que era do mesmo bairro.

Esse menino, Buscapé, que morreu, eu era amigo dele. Ele morava no Esplanada e mudou para Porto Vitória. Eu quando tinha quatorze anos, eu tomei um tiro nas costas lá na Praça do Jordânia e eles começaram a falar que eram os meninos do Porto Vitória, por isso que o meu irmão veio aqui dá tiro nos meninos daqui, para tentar se vingar. Encontrou esse Buscapé que ele mesmo conhecia, era um menino tranquilo, mas morreu inocente porque ele não tinha envolvimento, morreu porque ele conhecia todo mundo da turma rival. Nesse homicídio eu fui preso, as testemunhas falou que era eu e eu fiquei quarenta e cinco dias lá. Na verdade, nesse homicídio o meu irmão estava vingando o tiro que eu tomei, porque eles estavam falando que quem atirou em mim era os meninos do Porto Vitória.

Para entrar no grupo não tinha o alistamento organizado, a pessoa começava a se envolver, na maneira em que ela ia cometendo os crimes, ela ia ganhando um status dentro do grupo, principalmente quem tinha disposição e dava tiro. Fulano de tal matou outro e tem disposição, até no presídio quando estava lá tinha isso. Por exemplo: quem já matou tinha um respeito a mais dentro da criminalidade. Num grupo de dez, uns dois têm disposição para matar, o resto são as pilhas, os outros não faz mais bota pilha. O grupo fica falando para você fazer, aí você acaba

sentindo aquela pressão psicológica... Aí você pensa: “eu tenho que fazer para ganhar status mesmo”.

Aí nesse período, de onze a quatorze anos de idade, foi essa turbulência toda, eu fui preso várias vezes, fui preso por causa de roubo, fui preso por causa de arma, fui preso por causa de homicídio... Aí depois que eu saí da cadeia, eu fiquei dezessete dias na rua e voltei pra cadeia porque eu tinha começado a fazer assalto. Eu fui preso no assalto ao supermercado e também num depósito de gás. Eu cometi esses assaltos com os amigos meus porque justamente a gente estava vendendo droga e usava também; aí a gente começou a dever as pessoas que traziam essas drogas, os maiores. Aí nesse período, o PCC começou a querer entrar em São João del-Rei e nós tinha muito medo deles porque eles falaram que se devesse ia morrer mesmo. Teve até uma morte no Adalto Botelho (bairro), de um menino chamado Galinha, que foi eles que mataram. Ele pegou droga com eles e não pagou, daí foi e mataram ele.

Foi aí que a gente começou a fazer assalto para pagar essas drogas, começava muitas vezes a perder arma também, por causa dos polícia está prendendo, a gente está dispensando arma no mato e não achar mais; aí a gente começou a dever e começou a fazer os assaltos justamente para pagar.

O dinheiro do tráfico não fazia fatura para a gente não, mais para eles que arrecadava fazia sim, às vezes era várias pessoas vendendo e dava muito dinheiro para o patrão somente. Aí com quatorze anos eu fui preso de novo por causa desses assaltos, era segunda vez, e fiquei mais quarenta e cinco dias no Mambengo. O Mambengo na época da Civil (Polícia Civil) era uma escola para bandido. Eu saí pior do que entrei porque lá tinha de tudo. O medo dos bandidos sempre foi a cadeia, mas quando você chega lá e vê que é um lazer só, você diz: “eu vou ter medo da cadeia por causa de quê?”

Então virou lazer, uma festa na hora que chegava lá. Como era só quarenta e cinco dias que ficava, a gente contava no papel e era uma festa só porque rapidinho a gente ia embora; aí podia aprontar tudo que quisesse de novo. Na verdade isso era os maiores que estava no crime que falava com a gente.

Eu sempre vendi droga só para manter meu vício mesmo, eu gostava mesmo era de roubar, de assalto em joalheria. Às vezes ia para Caxias... Eu fiz um assalto lá em joalheria e voltei com o dinheiro. Eu mesmo que planejava o roubo, só achava o menino para pilotar a moto. Fiz assalto em lotérica, tanto que a última vez que eu

fui preso, já de maior, foi no assalto a lotérica em Freguesia. Daí depois disso que foi que eu consertei, graças a Deus, mas eu gostava mesmo era de roubo. Eu fiz muito assalto, muito mesmo, em várias cidades vizinhas e também São João del-Rei.

Quando era numa cidade vizinha, primeiro a gente ia lá sem arma, sem nada, para ver como é que é, como é que funcionava, se tinha polícia perto ou não, a gente observava isso. E da segunda vez já ia para cometer o assalto. Na hora eu sentia uma adrenalina que eu gostava muito, eu gostava de assalto por causa da adrenalina, era uma sensação muito boa. Adrenalina do assalto é uma coisa diferente, o coração dispara, era uma adrenalina muito boa.

Esse ódio que eu tinha no coração da minha criação, parece que no assalto ela descarregava e eu ficava tranquilo. A gente fazia assalto por causa da adrenalina e do dinheiro porque eu não gostava de ficar vendendo droga não. Eu ficava dos onze ou quatorze vendendo droga, e depois disso eu comecei a ficar mais preocupado com assalto porque vinha mais dinheiro e tinha menos chance de ser preso pela polícia. Nesses assalto eu pegava esse dinheiro todo e gastava nos baile, nas baladas, com mulher, com droga e festa. Aí eu ficava andando de correntona, de pulseira, de relógio bonito, era com isso que eu gastava. Aí a mulherada caia em cima, elas gostavam né, tinha esse status também de poder.

O meu primeiro assassinato foi com dezesseis anos. Tinha um menino do grupo que tinha sumido duas armas nossas que a gente tinha e aí os meninos começou a falar que ele tava roubando arma e o pessoal não admitia isso. Aí então fui lá e cometi o meu primeiro assassinato, na Vila Rio Verde mesmo, à tarde. Ele pegou essas duas armas que era nossa e sumiu com elas. Nesse primeiro assassinato eu sofri uma pressão psicológica, os maiores começou a falar: 'você tem que ir lá, você tem que ir lá'. Isso porque eu já tinha um nome dentro do grupo. Esse maior que me incentivou muito, o que morreu estava ficando com a ex-namorada dele e ele acabou me colocando pressão. Aí o maior falou que era para mim fazer e que outro menor iria assumir para mim não ser preso. Aí eu peguei a arma e descii, eu cheguei lá e ele tava jogando baralho na praça, fui dei um tiro na cabeça dele e três no peito, aí ele morreu.

Aí eu não fui preso. Daí quatorze dias depois eu cometi o meu segundo assassinato que foi no Adão Nunes. Eu tava no baile com o pessoal da Vila e os meninos do Adão Nunes começou a brigar com nós, nisso eu tomei uma pedrada na cabeça que eu tenho a marca até hoje, me sangrou muito. Eu me lembro até que

um policial me abordou, o João, conversou muito comigo, falou que era para eu ir para casa, me deu uns conselhos, mas eu não fui. Aí eu peguei as armas que eu tinha, juntei mais dois meninos e fui para o Adalto Nunes, mais ou menos uma hora da manhã. Como a gente tinha contato com os meninos do Adalto Botelho, lá da Serra, aí eu dei volta pela serra, fui de mototáxi e encontramos esse outro menino lá; aí foi o segundo assassinato, depois de quatorze dias.

E esse menino foi o primeiro alvo que tava na minha frente, ele tava na esquina, no ponto onde ele vendia droga. Segundo consta, esse rapaz era apenas usuários, mas ele estava lá e andava com os meninos também. Eu fui lá na intenção de matar algum deles, não tinha alguém específico.

Devido eu ter matado esse cara que tava dando derrame de armas, eu ganhei uma 12 (espingarda calibre 12) de um menino que chamava Alicate e eu já tinha um 32 e um 38 (revólveres). Eu ganhei a 12 que esse menino tinha roubado; ele prometeu que se eu matasse, ela ficaria comigo. Aí nesse homicídio nós fomos com essas três armas, eu fiquei com a 12 e dei uma arma para cada um dos meninos, aí nesse dia foi um homicídio consumado e duas tentativas porque tinha três pessoas na esquina. Todos os três atiraram e todos três foram atingidos.

Nós fomos de moto táxi até o Adalto Botelho, seguimos a pé para a serra e descemos a pé no Adalto Nunes; aqui em Porto Vitória a gente fazia assim também, vem a pé pelos campos até chegar nos caras. Na hora de fugir nós voltamos a pé para serra e ficamos escondidos a noite inteira, depois fomos para casa de alguns amigos no Adalto Botelho. De manhã nós voltamos para Vila.

Não deu problema para mim essa morte, eles estavam acusando um dos maiores do Adalto Botelho nesse homicídio, as testemunhas dizia que era eles. Eles era muito amigo nosso, eles era patrão, aí eles falou: 'como vocês são menor vocês vão ter que assumir porque se vocês não assumir é nós que vai preso'. Aí eu fui para Delegacia da Polícia Civil e assumi esse homicídio do Adalto Nunes. Apresentou eu e mais um menor que não tinha nada a ver com o crime porque eles mandaram pra assumir também. Aí eu assumi o primeiro também porque eles colocaram pressão; aí eu fui preso para o Mambengo.

Era fechado a Sampaio Correa com a Vila e o Adalto Botelho, que no caso era Serra. Aí a gente tinha esse contato. Quando dava problema na Vila a gente subia para o Adalto Botelho; quando dava problema no Adalto Botelho eles desciam para Vila porque a gente tinha muita amizade. O Curicica era fechado com Porto

Vitória. A única coisa que a gente trocava era arma e bala, nunca droga. Se uma turma precisasse de arma ou bala a outra dava, mas droga não, cada um tinha o seu canal de pegar droga.

Quando eu comecei a entrar no crime, a rixa maior era entre o Curicica e o Curicica. Só que os meninos mais famosos ou foram presos ou morreram. E o principal ponto de confusão desses grupos eram os bailes. O Bangu era o baile da Vila, do Adalto Botelho e da Sampaio Correa; e o Americano era o baile do pessoal do Adão Nunes, do Curicica e de Porto Vitória. Só que um acabava 23h e outra acabava 23h30min, aí nós ia para porta do Americano para dar briga e as brigas acontecia ali, muitas mortes também, tentativa. Eu tomei tiro quando tinha quatorze anos nessa praça do Jordânia, quase fiquei aleijado, fiquei um ano e meio com a bala nas costas e depois eu tive que operar. Aí eu fui condenado, preso e fiquei no Mambengo.

Depois do Mambengo eu fui transferido para o Cerespinho em Juiz de Fora. Fui um dos primeiros menor a chegar no Cerespinho, logo depois da inauguração. Lá eu participei de rebelião, consegui fugir uma vez só que aí eles me pegaram de novo. No Cerespinho eu tive uma oportunidade muito grande de mudar, mas eu não consegui; todas as vezes que eu ia preso, lá dentro eu pensava em mudar, mas por falta de acompanhamento quando eu saía, eu me envolvi de novo porque quando eu saía aqui, quem tava na porta da minha casa era os bandidos, que era os meus amigos.

No Ceresp eu tinha acompanhamento de psicólogo, psiquiatra, tive um acompanhamento muito bom lá, de aproximar família, minha mãe voltou para São João del-Rei, aproximou de mim... Quando eu tive no Ceresp eu comecei a amadurecer mais, não saí dessa vida não, inclusive foi um dos líderes da rebelião, mas eu não consegui mudar devido meu irmão está continuando nessa vida. Eles me pegaram lá, como eu estava com bom comportamento, no conselho Municipal do Estatuto da Criança e Adolescente em Juiz de Fora, e me aprovaram. Eu fui também no nacional que foi no Mineirinho em Belo Horizonte, tudo como preso no Ceresp. Eles me aprovaram e eu fui em outro em Brasília, conheci a Dilma antes de ser eleita, fui para Brasília participar do Estatuto da Criança e do Adolescente, do ECA.

Eu participava e podia votar ainda, porque quando fala do Estatuto da Criança e Adolescente, tem uma comissão lá, onde esses que foram eleitos participam levantando crachá para aprovação de lei ou reprovação de lei contra criança. Então

quando tinha no negócio lá que eu vi aqui muita gente estava levantando, eu levantava também... (risos) Eu era menor ainda tinha dezessete anos de idade.

No Ceresp eu fiquei um ano e sete meses lá, sendo um ano aprontando e sete meses ajudando. Eu consegui fazer um trabalho social lá... tinha muita marmitta, essa marmitta de alumínio. Tinha um rapaz lá que se chamava Douglas e ele gostava muito de mim aí eu cheguei pra ele e disse: "Porque que a gente não vende essa essas marmittas?" Aí fizemos um trabalho social de reciclagem lá dentro. Eu lavava as marmittas, reciclava e saia na rua para vender junto com o agente pra arrecadar fundos para o Cerespinho. Aí eu comecei abrir a minha mente. Eu fui lá em Brasília por causa desse trabalho, ganhei tudo de graça. Aí eu fui lá em Brasília e aprovei umas lei que eu nem sabia o quê que era (risos).

Aí eu voltei para São João del-Rei, encontrei com a turma, voltei a praticar assalto, a praticar crime... Era assim, eu pegava droga para usar e depois fazia assalto para arrumar dinheiro. Aí com dezoito anos eu fui preso de novo por assalto, dessa vez foi numa lotérica lá em Freguesia. Primeiro a gente foi lá em Caxias para assaltar lotérica, mas tinha um carro forte lá e a gente ficou com medo porque os caras estavam armados. Aí nós voltamos e fomos para o Freguesia. Quando a gente estava fugindo, as polícia pegou a gente perto do posto policial na Sampaio Correa, aí que a gente foi preso. Era a quarta vez que eu fui preso e a última, e aí eu fui lá para cadeia em Freguesia. Foi sentenciado a três anos e nove meses, só que lá em Freguesia eu tive um encontro com Deus, e eu mudei.

Eu estava preso na cadeia do Freguesia e comecei a brigar muito com um agente lá, aí me colocaram numa cela isolada. E nesse lugar eu ganhei uma Bíblia, toda rasgada, não tinha capa nem nada, toda rabiscada. Eles me deram a Bíblia e ficava falando para a gente ler os versículos da Bíblia; eu falava que ia ler, mas não lia nada. Eu pensava assim: "esse povo da cadeia mata, rouba, chega na cadeia e quer virar crente".

Aí não funciona não, eu não gostava não. Só que um dia tava na virada de ano acho que de 2010 pra 2011 e aí eu peguei a bíblia e abri ela, as luzes da cela já tinha apagado porque era meia noite, só tava as luzes do corredor; aí estava no texto da Bíblia, escrito um único texto naquela página rabiscada de cor vermelha, escrito assim: 'Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho unigênito para que todo aquele que nele crê, não pereça mas tenha vida eterna'.

Eu não sei o quê que aconteceu, mas eu comecei a chorar; eu estava com um maço de Hollywood na cela e joguei no lixo. Eu dormi bandido e acordei crente. Eu só pensava em maldade, mas depois daquilo a minha mente mudou, não pensei mais maldade.

Eu fui sentenciado a três anos e nove meses e isso aconteceu quando eu tinha seis meses de prisão. Antes disso eu pedia a Deus para ficar preso, e quando aceitei mesmo a Deus e a Jesus eu mudei a minha mente assim mesmo. Eu nunca mais fumei, nunca mais mexi com droga, nunca mais fiz nada de errado. Daí para frente eu passei a ser acompanhado por duas missionárias que levavam a palavra de Deus na prisão, me ensinaram a palavra de Deus e me mostraram um caminho bom.

Eu me lembro que eu não tive o apoio de ninguém, eu mandava carta para minha mãe e minha mãe falava: 'você está assim porque você está preso, na hora que você sair, você volta tudo errado de novo'. Eles não acreditavam, já era quarta vez preso, desde quatorze anos eu estava indo preso, nunca mudava, um monte de gente me ameaçando, eu ameaçando um monte de gente, já vi muito amigo meu morrer, muito mesmo, e tudo por causa de droga, por causa de arma que some...

Nessas mortes, tem pessoas que vou até citar nome, Douglas Silva, vulgo Tina, que tem um lado psicopata mesmo. Ele inventa as coisas para matar a pessoa mesmo, ele tem uns quatro homicídios à toa, que ele inventou. Ah! Esse daqui roubou na minha casa! Só para matar o cara, porque a maioria não tem ninguém para correr atrás, matava pelo prazer mesmo. Ele matou um cara um dia, só porque ele ficou com uma menina que ele tinha ficado muito tempo atrás. Ele mexia com muita macumba também, candomblé, bebia sangue de galinha, até medo dele dava. Até quem era bandido tinha medo dele; ele tinha um lado psicológico que era louco mesmo.

Eu vi muito amigo meu morrer, me tentaram matar várias vezes, tentativa de homicídio contra mim foi umas cinco vezes. Dessas cinco, em quatro eu não tomei tiro, mas numa eu tomei um tiro nas costas. Eu fiquei um ano e meio com a bala na espinha, depois eu tirei, porque o corpo começou a rejeitar o projeto, aí deu uma bola de pus nas costas, aí eu tive que tirar. Foram muitas tentativas contra mim assim bem de pertinho, chegavam e descarregavam um 38, mas da maioria não acertou em mim. Uma vez na Vila Rio Verde, passaram de moto com duas armas, deu muito tiro, acertou um primo meu no abdômen e nisso acabou muita gente

morrendo... Muitos amigos, muitas pessoa que entrou junto comigo nessa vida, muitos amigos de escola, tinha muita gente matando também para fazer nome, matando por matar, tudo coisa à toa.

Eu orava a Deus para não sair da cadeia, eu tinha conhecimento que a primeira vítima que eu assassinei era irmão de um policial militar e eu tinha muito medo disso porque eu achava que ele iria me matar, ficava preocupado com isso, só que quando eu converti, eu perdi o medo de tudo. Quando deu um ano de cadeia eles me liberaram e quando eu saí, eu fui morar justamente em frente à casa do policial que eu tinha matado o irmão dele e às vezes eu vi ele chegando de farda armado, aí eu baixava a cabeça e confiava em Deus e, graças a Deus não deu nada não, morei lá um ano e pouco sem ter problema, e graças a Deus, Deus fez a obra na minha vida.

Quando eu saía primeira vez, nunca tinha trabalhado, nunca, em nada. Eu não sabia o que eu iria fazer. Um rapaz chamado Mário que tinha uma marcenaria, ficou sabendo que eu tinha saído e estava frequentando a igreja; ele foi na porta da minha casa e falou que queria me ensinar a trabalhar: 'vou te ensinar a trabalhar de marceneiro'. Aí eu comecei a trabalhar de marceneiro, minha esposa que eu já namorava com ela, vem me acompanhando nesse período todo, começamos a namorar com quatorze anos de idade, na vida errada já namorava com ela, e aí eu fui e consertei minha vida, comecei a trabalhar, me casei, tive minha primeira filha; minha mãe de criação faleceu, fui morar com a minha avó e minha irmã em Porto Vitória, a minha avó faleceu e eu fui para o seminário. Fui fazer um seminário missionário lá em Campinho, durante um ano, internado, eu, minha esposa e minha filha, foi aí que Deus me chamou para fazer a obra dele e estou como pastor na igreja.

Hoje eu estou em Piedade e ajudando essas pessoas que está nessa vida, muitos amigos meus saiu, muitos morreram; eu tive amigo meu que chegou a ir para igreja, mas depois saiu e acabou morrendo. Esse menino, o Cenoura, quando esteve na igreja, e começou a perder as coisas do tráfico, porque Deus faz isso né, começa a tirar as coisas que o diabo deu, o Cenoura não entendeu e disse: 'Parece que lá eu tava melhor do que estou aqui na igreja, tava com mais dinheiro'. Aí ele saiu da igreja e infelizmente aconteceu o que aconteceu (esse indivíduo foi morto a tiros próximo a sua casa).

Muitos amigos meus converteram e muitos inimigos também; eu posso citar um exemplo aqui de Porto Vitória, Darlan, que também era bandido e matou uns três aqui em Porto Vitória. Hoje ele se converteu... Nós era inimigo declarado e quando eu saí do presídio ele foi a primeira pessoa que fez uma visita na minha casa, me abraçou e nós choramos juntos. Éramos inimigos de um dá tiro no outro; o meu irmão deu um tiro nele que perdeu um pedaço do fêmur e hoje anda mancando. E quando ele se converteu, ele foi até o meu irmão e pediu perdão, nesse dia o meu irmão chegou em casa chorando, e disse: 'o Darlan Cunha foi lá me pedir perdão, sendo que fui eu que dei tiro nele'.

Eu vi que Deus salvou muita gente em São João del-Rei, através de um trabalho importante dos Evangélicos nos presídios, sendo que muitos meninos dessa vida se converteram a Cristo e mudou de vida. Desde quando eu fui preso pela primeira vez no Mambengo, eu sempre tive acompanhamento em ouvir a palavra de Deus, não gostava não. No começo eu rasgava Bíblia, jogava no corredor e eu nunca gostei, não gostava de crente não. Eu saí de lá mudado, saí convertido né, e eu continuei fazendo a obra de Deus. Jesus mudou a minha história, mudou a minha vida e ninguém entende isso.

Eu saí da cadeia e um dia eu tava no banheiro chorando porque o meu irmão continuou vendendo droga e o quarto do meu irmão era na parte de cima de casa, só que do banheiro dá para ver o quarto do meu irmão. Então eu vi ele reunir com os rapaz para picar cocaína, para fazer as dolinhas para vender, e eu falei uma coisa: "toda vez que o meu irmão entrar no quarto para vender droga, eu entro no banheiro para orar; eu vou ficar no banheiro o tempo que ele ficar picando droga". Às vezes ele ficava cinco horas no quarto picando droga e eu ficava cinco horas no banheiro. Minha mãe batia na porta e falava: 'meu filho você morreu aí no banheiro?' (risos)

Os policiais que me conheciam naquela época, eles próprios foram reconhecendo minha mudança. Uma vez eu estava na boca de fumo, tinha pouco tempo que eu tinha saído, tava evangelizando, né! Esse dia os policiais me deram muita força porque chegaram na blazer e todo mundo geral; eu sabia o procedimento eu fui para a geral, aí eu me lembro que o policial chegou e falou: 'não, você não, pode pegar sua bicicleta e ir embora que nós sabe que Deus mudou sua vida'. Isso me deu muita força porque eles mesmo estava vendo que eu mudei e eles viram que eu não estava lá para fazer coisa errada; eu tava entregando folheto, estava com a Bíblia na mão.

Aí eu continuei, graças a Deus firme, evangelizando muita gente na cidade, nesse trabalho de ajudar essas pessoas a sair dessa vida também. Agora eu estou lá com a minha família, esposa e duas filhas, como pastor fazendo a obra de Deus, levando pessoas para ser internadas em clínica de recuperação, tentando tirar essas pessoas da criminalidade e tentando ajudar as pessoas a ter uma oportunidade que muitos amigos meus não tiveram. E todos os amigos meu que mudaram, eu vi mudar porque foi para a igreja.

Eu não vi nenhum mudar porque colocou a cabeça no lugar, todos foram com ajuda da fé e da igreja. Eu dou vários exemplos nos bairros que eu morei, como a Vila e Porto Vitória... Eu percebi que a presença de Deus era melhor do que a adrenalina que eu sentia nos roubos. Eu senti a presença de Deus como uma coisa tão boa, melhor do que sexo, melhor do que a droga, melhor de que a adrenalina do assalto, melhor do que o vício, melhor que matar... E graças a Deus estou aí até hoje.

No mundo do crime, o que me atraiu muito era o poder, gostava muito de arma e dessa adrenalina também, de correr porque eu tava armado e a polícia estava chegando, gostava desse perigo. E o meu sonho hoje é fazer a obra de Deus, fazer acontecer com as pessoas o que aconteceu comigo, né; que foi algo real, graças a Deus já se passaram alguns anos e eu estou aqui. Eu queria gerar nas pessoas, o Jesus que foi gerado em mim, a oportunidade que ele me deu, tentar gerar em outras pessoas.

ENTREVISTA LARANJINHA

Então, começou tudo mesmo foi em 2007, né; fala a verdade né, 2007, porque a minha família já tinha uns problemas; problema que minha mãe bebia muito e meu pai também; em 2007 eles tiveram uma briga, né. Foi onde que eu fui parar a primeira vez no abrigo, eu e meus irmãos, nós era sete na época. Éramos sete irmãos e foi todo mundo para CASA ABRIGO, para o abrigo. E foi aí que começou a nossa vida mais conturbada né, longe da família, que (pausou, abaixou a cabeça e marejou os olhos) nós ficou no abrigo né; nós tudo. Ficou durante o período aí de 2007 até 2013 dentro do abrigo, longe por causa de briga do meu pai, né, porque ele era viciado, tinha bebida alcoólica no meio e um monte de coisa.

Eu sou dos irmãos... eu sou o terceiro porque lá em casa era tipo uma escadinha, né, foi um atrás do outro; eu sou tipo assim, o terceiro mais velho, tem abaixo de mim, tem os mais novo né, tem esse irmão meu aqui, que mora aqui (apontando para cama), que mora junto aqui (se referindo ao irmão com o qual foi morar depois que saiu da cadeia). Depois tem mais três ainda abaixo de nós ainda; e foi aí que aconteceu né, nós foi para abrigo né, pra CASA ABRIGO, nós ficou lá um tempo bão, mas durante esse período que nós ficou lá também nós era meio bagunceiro, da pá virada, a juíza mandou nós para outros abrigo, para Barbacena onde nós ficou mais um tempinho, um ano e meio mais ou menos internado lá no ABRIGO II...

No abrigo não era muito bom não, né; aqui em São João tava mais ou menos perto de casa, você já sabe que a hora você fica na expectativa da sua família ir te buscar mas igual lá (Barbacena) já tava longe né, já ficava mais preocupado, começava a chorar de noite, com saudade da família e os dias lá não era muito bom, porque lá também era, assim... Era uma briga assim, não era ruim, era educativo, eles ensinavam educação lá era batendo no abrigo né.

Eu tava com nove anos nessa época, nós ficou de 2007 até 2013 passando de abrigo pra abrigo. Minha mãe perdeu a guarda definitiva dos filhos dela. Foi aí que aconteceu os fatos né, que três foram adotados, foram embora, foi para fora do país, tá longe né; mas graças a Deus eu tenho contato com eles, converso pela internet tudo. Os mais novinhos foram adotados, os três abaixo de nós, de nós dois aqui que eu já falei. Mas foi aí que começou tudo né, foi aí...

No abrigo lá tem tudo, lá é um abrigo assim, é tipo uma escola assim memo, não sei se você conhece lá, ABRIGO II né, Barbacena. É uma escola gigante lá né, tem escola tem tudo lá, tem as casas, os dormitórios no caso, né. Tem a sala de informática, tem os negócio de brincar lá, os brinquedos, tinha as quadras para jogar bola. Mas lá tudo tem horário certo memo, horário certinho. E, tipo assim, lá por um lado era bom, tinha... lá cê fica até os vinte e um anos, lá é de oito anos até os vinte e um.

E assim você vai crescendo lá, você vai evoluindo. Lá tem tipo uns curso, profissionalizante assim, curso para turma sair preparada para rua também. Mas até você chegar lá e ficar grande, você passa por muita coisa, porque a gente ainda fazia bagunça lá eu e as crianças que ficava lá também, mas quando você fazia bagunça tinha uns educador lá que era muito ruim, não gostava das crianças, eles inventavam motivo para bater nas crianças, batiam para valer mesmo nas crianças lá.

Todo dia de manhã tinha o chá, o chá das cinco que eles falava, onde reunia todo mundo das

casas tudo, ficava num salão grandão lá, aí eles faziam uma roda lá, todo dia de manhã tinha isso, todo dia do café tinha isso, todo dia antes do café tinha essa roda aí, eles reunia lá pra vê quem que tava aprontando na casa, quem que tava, quem fez uma bagunça assim, quem mijava na cama também, porque tinha um rapazinho que mijava na cama, eles fazia os rapazinho pegar os colchão na cabeça... rapazinho colocava um colchão na cabeça e desfilava no meio do pátio da escola, com colchão de urina deles. Eles pegaram o colchão desfilava no meio do pátio lá ...

Isso era com meninos de oito, nove anos, dez anos. Aí eles põe os meninos para desfilarem com colchão na cabeça, de urina, lá no pátio da escola. Tipo assim não tinha outras pessoas de fora não, porque lá não estuda ninguém de fora, é só você que tá lá dentro que estuda lá. Lá eu fiz um estudo lá dentro também, mas eu não fiquei lá tanto tempo não. Porque lá de mês e meio, de dois em dois meses, eles liberam ocê pra ver a sua família, porque tipo assim um final de semana, três dias, até uns quinze dias assim no máximo eles libera. De dois em dois meses assim, eles libera ocê pra vir. Mas, só depois de ter ficado quinze meses lá, só lá dentro só, aí eles começam a liberar você proê vir.

Mesmo no sofrimento ali, eu pensava em mudar, crescer, porque meu histórico de família já não era bom né, eu pensava em mudar né, crescer, vendo meus irmãos também ali, eles direto também apanhando à toa, eu ficava pensando o quê que tá acontecendo nós não sabe de nada, nós só quer brincar, fazer bagunça e, nós tá apanhando para carai aqui, tá doido. Aí, nós já começou a pensar mais, até que um dia nós cismou de tentar fugir de lá, do abrigo lá, né. Aí, eu e o outro irmão mais velho do que eu, nós saímos de lá, né... lá é no meio do mato, no meio do nada, não sei nem como nós chegou na BR (rodovia) lá.

Foi um dia de manhã cedo, nós nem esperou a turma acordar não, 5h da manhã assim, umas 4h30min, nós já abriu a janela e saiu correndo para o meio do mato. Aí, foi que nós conseguiu chegar na BR, no posto policial de Barbacena né, aí nós chegou lá né, esse dia aí foi até o dia que eu apanhei mais, foi nesse dia. Mas chegando no posto policial para pedir ajuda para os policial lá; nós também foi pedir ajuda para eles, nós deu mole também, nós queria era pegar uma carona, nós era pequeno também... Nós foi lá para pedir ajuda para eles, aí eles foram e ligou para o pessoal do ABRIGO II, e nós comentou com eles que nós não queria voltar para lá, porque eles tudo batia, mas eles tudo já estava sabendo também o que estava acontecendo lá, porque eles já sabia já, já tiveram mais denúncia, sem ser nós, outros rapazinho já falou também, nós comentou, o juiz de lá mesmo já sabia que tava acontecendo as agressões, maus trato lá; e eles foi ligou para o pessoal lá, ligou e rapidinho pessoal chega lá. O pessoal já chegou lá oprimindo nós, já mandou nós entrar na van, já levou nós; nossa, esse dia eu apanhei foi um tanto, eu apanhei foi muito meu fiii nesse dia.

Foi aí né, que passou os cinco meses que eles deixava nós vim. E na época era a doutora juíza aqui; aí nós veio passar o feriado aqui né, com a família e foi aí que nós tudo decidiu fugir daqui né, na hora de voltar nós não voltou, porque tava acontecendo esse monte de coisa, nós tava com muito medo de voltar para lá. Aí chegou no dia do local do encontro, do encontro que eles marca pra te levar ocê embora de novo no ônibus. Ah nós até foi, mas quando chegou nós desistiu de ir (de volta para Barbacena, para o abrigo onde sofria as agressões). Aí a juíza mandou pegar nós, mandou o Conselho Tutelar atrás de nós na época; o Conselho Tutelar pegou nós e levou nós lá no Fórum e

aí a Juíza perguntou porque nós não queria ficar lá, aí nós foi e explicou pra ela porque nós não queria ficar lá, ela foi e falou que nem sabia quê que acontecia lá, que ela tinha mandado nós pra lá porque na época nós era muito bagunceiro, pra ver se nós mudava a postura um pouco né. Ela falou que não sabia momento nenhum das agressões lá; foi até então que chegou até a fechar na época lá, fechou assim um tempo, mas depois ele reabriu de novo, um cara lá né, com outras intenção, que ele falou né. Hoje em dia eu não sei como ta lá não, eu acho que melhorou. Mas na época a juíza chegou a fechar lá, foi com polícia, ela viu que nós até chorou na sala dela, chorou assim, de medo memo; não queria voltar, aí ela não mandou nós pra lá mais não.

No abrigo eles agrediam com soco, chute, até com vara, com vassoura, eles agrediam era com tudo. Uma vez, eles fez uma coisa que eu nem acreditei, eles pegou... lá é aquelas construção antiga, tem tipo aqueles, lá no salão que nós ficava, tinha um telhado, tinha tipo um pau assim no telhado, uma travessa assim... Eles pegava uma corda, pendurava no teto e pendura as crianças e começava a bater nas crianças. Eles pendurou um menino uma vez, deu tanto soco no menino que, Nossa Senhora, ficava com muita dó, nosso Deus, lá eles batia era muito memo; assim, por ser criança dar um puxão de orelha assim, um tapa até que ia, mas batia assim igual se tivesse batendo num cara adulto, igual nós assim tá (apontando para o pesquisador). Ali era muito estranho, ali era... eles botavam o terror nas crianças ali.

Depois disso nós voltou pra CASA ABRIGO aqui. Aí nós foi e ficou mais um tempinho ali, e aí meus três irmãos foi adotado. Foi pra fora do país, eles foram lá pra Itália, foram adotados. Aí nós ficou mais um tempo lá, eu e esse outro aqui (referindo ao irmão que mora com ele), os quatro mais velho ficou lá né (CASA ABRIGO) e os três foram adotados. Aí foi passando, foi passando o tempo, aí meu irmão saiu ...

Sobre a adoção, os irmãos tava todo mundo junto no memo lugar, né; uai foi do nada né, o pessoal lá até reclamou, não queria deixar na época, mas deixou né, porque minha mãe tinha assinado o termo né, que a juíza propôs pra ela lá na época lá, ela não podia pegar nossa guarda mais por causa das besteira dela com o meu pai, né. Acabou que o juiz foi e aceitou, né; foi e arrumou o pessoal pra adotar as crianças lá né, mais nova né, mandava foto pro pessoal... aí foi e apareceu o casal né, de fora do Brasil, pra adotar eles.

Aí ficou dois com uma mesma família e a outra menina ficou com outra família, só que essa menina nós não tem contato com ela não. Até hoje nós não tem contato não, mas os dois meninos nós tem contato, porque eles procura nós nas rede social né, porque eles foi pra lá assim, mais grandinho, com, se não me engano nove, oito e sete né, na época eles ainda lembrava, de alguma coisa né, de nós né, lembrava das coisa que nós passou, da família, lembrava um pouquinho. Aí eles entra em contato direto com nós, agora a outra menina não. Mas na época a separação foi tranquila, na época nós não sentiu muita coisa não, era criança né, não sentia muita coisa, mas depois passou uns tempo e passou a fazer falta né, nós começou a pensar né, nós não ia mais ver eles, aí bateu uma falta ...

Até hoje não nunca mais voltaram. O pessoal lá também não quer trazer eles aqui não. Aí meu irmão já completou a maioridade, um deles, completou a maioridade já, aí, o outro tá com dezessete. Eles fala que tem vontade de vim aqui um dia né, mas... Eles estão vivendo bem lá,

graças a Deus tá bem lá, pelo menos. Por um lado foi bão né, porque as vezes se tivesse aqui tinha passado coisa pior aí junto com nós, que nós passou também. Por um lado nós agradeceu a Deus porque pelo menos lá eles tá bem, né; tá com saúde, já estudou, já formou, esse outro já tá na faculdade já também, tá quase virando jogador profissional de futebol lá também. Só que lá eles jogam futebol americano, mas tá bom. (sorrindo).

É, mas foi isso aí que começou, que aconteceu tudo foi isso aí, aí ficou nós quatro no abrigo né; aí foi primeiro saiu meu irmão, mais véi do que eu, o Sam, foi morar com minha tia aqui no Bom Retiro (bairro), ele foi o primeiro a sair... a minha tia foi pegou a guarda dele pra ficar com ela, aí foi que ele foi o primeiro, foi o primeiro a entrar aí no mundo do crime; e lá na casa dessa tia minha já rolava as coisa lá já (drogas), a minha prima era usuária, minha tia também bebia muito, não sei nem como o juiz entregou a guarda pra ela.

Essa minha prima que começou a influenciar o meu irmão né; ele foi, saiu e começou a morar com ela e ela começou a oferecer ele: 'não fuma um baseado aí sô, não dá nada não'. Tá né, meu irmão começou a fumar uns baseado lá com ela: 'haa, dá uns tirinho aí sô, isso aí não vai dar nada procê não'; foi e começou a cheirar uns pó (cocaína) lá com ela; quando assustou tava no crack também, meu irmão. Aí foi que começou a fumar crack cedo, meu irmão começou a fumar crack com uns quinze anos e ele não aproveitou nada da vida; dos quinze aos vinte anos dele foi só crack.

Aí foi que a gente saiu também depois (da CASA ABRIGO), aí saiu minha irmã, minha irmã também foi morar na casa dessa mesma tia aí. A minha irmã graças a Deus não mexeu com nada não; aí lá nessa tia minha, ela arrumou, ela estudou, continuou estudando, ela formou, ela foi e arrumou o namorado dela que ela tá até hoje né, e ela casou com ele, tem um filho com ele, ele foi e tirou ela de lá, graças a Deus ela não envolveu com nada né. Aí a gente também saiu junto com ela, eu e esse irmão meu, a gente foi pra lá também. A gente foi ficou lá um tempo, até um certo tempo não envolvi não; nesse tempo que eu morei com ela lá eu via tudo, mas não envolvi não.

Eu fui pra lá eu tava com meus treze/quatorze ano e meu outro irmão com treze. Eu vendo aquilo tudo ali, eu vendo que meu irmão tava viciado, tava, até pra rua aí... já tava roubando já pra sustentar o vício, né ... haaaa, foi vendo aquilo tudo ali, já vinha outras coisas na cabeça, né, pensava: "não vou mexer com essas coisas não, vou continuar estudando, ver se arrumo um trabalho pra mim". Minha tia, direto ela ajudava nós, mas jogava na cara as coisa... Era pequeno ali, mas comecei a entender que tinha que começar a trabalhar também. Aí uma hora ou outra tem que largar a escola pra trabalhar, necessidade memo; aí, continuei estudando, estudando, estudando, aí foi aí que minha mãe apareceu de novo, falou que tinha miorado né, ela com o meu pai, aí nós pegou largou essa tia minha e foi morar com eles, sem autorização do juiz, sem nada. Essa minha tia parece que já não tava gostando da nossa presença na casa dela né, ela foi aceitou né, fui morar com minha mãe de novo, ela com meu pai. Aí ela com meu pai tornou a beber de novo, tornou a beber de novo, ela com meu pai tiveram uma briga um dia lá, o meu pai saiu e separou de novo; aí meu pai até chegou a falecer um tempo depois, dos problemas que ele já tinha lá, misturando bebida e remédio e já chegou a falecer.

Aí ficou minha mãe né, continuando morando com minha mãe, né... minha mãe largou dele e eu continuei morando com minha mãe, morando nós e minha mãe; continuei estudando, aí eu vi que

as coisa lá em casa tava boa né, minha mãe tava sossegada, trabalhando, só ela que trabalhava dentro de casa, tava eu e meu outro irmão né, eu fui e pensei: “vou arrumar um emprego também”; comecei a estudar de manhã e trabaiá a tarde né, meio período. Foi aí que eu arrumei meu primeiro serviço, lá no posto de gasolina, eu trabalhava no lava jato lá, lavando carro.

Com quatorze ano, quatorze ano na época, eu fui e comecei a trabalhar no lava jato lá; fiquei um tempinho lá, fiquei cinco meses trabalhando lá meio período, continuei estudando no FAETEC e foi ali que comecei a ver a turma também, comecei ver a turma também. Comecei a estudar no FAETEC lá no Jordânia, e comecei ver aquela turminha lá de baixo, da beira ali (“Beira” é um termo que identifica a Avenida Cidade de Deus, que fica à beira de um córrego; local onde ocorre tráfico de drogas); comecei a enturmar um pouquinho ali, mas não estava envolvido com as coisas ainda não; comecei enturmar com a turma ali, papo vai, papo vem, papo vai ali, mas não envolvi com nada não; e foi lá que conheci uma menina né, comecei a ficar com ela, namorar né, e foi aí que com quatorze ano acabou que eu fui, ainda pra piorar, hoje graças a Deus eu agradeço a Deus hoje em dia, mas para piorar ainda arrumei um fio (filho), com quatorze, na escola, na época da escola.

A menina tava com dezessete, a menina na época; aí eu fui e arrumei um filho né, com essa menina; a gente foi ficando, aí eu fui arrumei um filho com ela; aí eu fui e comecei pensar mais coisa ainda: “nossa, meu Deus do céu, agora eu vou ter um fii, comé que vou fazer? não tenho estudo ainda, tô estudando” ... fiquei pensando comigo: “vou ter que largar a escola”; e foi aí que veio na minha cabeça de largar a escola né, e arrumar um serviço de trabalhar o dia inteiro né, porque com fii já fica mais difícil.

Falei assim “haa, vou ter que largar a escola”, e fui larguei né, cabo que larguei a escola, aí eu fui e arrumei um trabalho né, dia inteiro, pra trabalhar o dia inteiro; aí foi e comecei a trabalhar com móveis, né; meu tio já trabalhava com móveis a muito tempo, eu pedi a ele pra me ensinar, ele foi me arrumou um emprego o dia inteiro de ajudante né, e foi aí que ele conseguiu arrumar pra mim lá em Santa Cruz (município vizinho); eu comecei trabalhar lá de ajudante de marceneiro; aí foi indo, foi indo, eu trabalhando, trabalhando ali, aí eu comecei trabalhando, trabalhando ali, aí eu comecei sair, querer sair depois, comecei querer sair, beber, e foi aí que comecei a enturmar com a turma lá de baixo, comecei sair pra tomar uns golo, fui já larguei a mulher pra lá também, nisso o menino nasceu; chegou a nascer né, eu fui larguei a mulher...

No primeiro momento o que mais me chamou a atenção era o dinheiro fácil né, que o pessoal tava oferecendo, mostrando, exibindo, fui e pensei assim “não, eu posso fazer isso, fazer aquilo, mas eu já tenho o que eu preciso né, pra que que eu vou fazer isso, se eu tô trabalhando aqui graças a Deus”; eu fui pensei comigo “não vou entrar não, vou só fumar uns baseado com esses cara aí pra ver como é que é”; eu fui cisme de fumar com os cara né ...

A primeira vez que fumei e tava com quatorze ano; tava com quatorze, tava quase nos quinze já; tava com pouco tempo pra fazer os quinze já; aí falei assim “ha, vou fumar um com esses cara aí”, aí foi a primeira vez que eu fumei, foi lá na Praça do Jordânia ali; tava todo mundo reunido tomando umas birita, uns golo lá, eu fui tamém, tava tomando uns golo lá tamém lá já, já tava com uns rapazinhos tomando uns golo, aí os cara foi e me chamou né pra, esse outro rapazinho tava comigo né, já tava comigo antes dos outros rapazinho chegar me chamô e falou assim: ‘os cara tá indo ali

fumar um baseado ali, vamô lá?’ ‘ ...

A hora que eu vi, menos assustei, eu já tava sentado lá na esquina com os cara, aí eu pensava: “meu Deus, o que eu tô fazendo, Nossa Senhora!” Os caras já vendia droga... Aí eu, todo dia depois do serviço, era umas 17h eu tomava um banho depois do trabalho e ficava lá, os cara me chamava, mais eu ainda não tava vendendo não, ficava lá fumando uns baseado até que um dia o rapaizinho me ofereceu pra vender.

Eu trabalhava e comprava, tinha veis que eles me dava, também adiantava meu lado, foi aí que eu comecei a querer vender neste horário depois do serviço quando eu completei quinze anos. Aí o rapaizinho que já estava mais tempo pegando a mercadoria na época falou que pegava de um cara só que era um cara só, que passava pra turma e que nois podia pegar com ele, podia ser de cinquenta a cem grama e vender de meia e depois dividir o lucro. O rapaizinho falou que era para mim vender depois do expediente, que era para mim ir para casa dele, porque a boca já era no barraco mesmo, porque a família dele todo mundo já mexia com as parada já; era ele, o pai dele, os irmão dele a turma toda já vendia lá já, aí o cara mesmo falou para mim vender na casa dele mesmo, que eu não ia precisar nem ir pra esquina mais não.

Aí nois fica lá em casa lá vendendo de madrugada, aí foi que eu comecei a ficar lá vendendo, começou entrar um dinheirinho vendendo, eu só fumava uns baseado, aí vi que tava entrando mais dinheiro, comecei a ficar até mais tarde, assim no comecinho eu ficava até umas 11h da noite depois ia embora para casa, depois eu comecei a ficar até umas 02h da manhã porque tava entrando mais dinheiro de madrugada, aí eu falei vou ficar mais.

Na época a gente tava vendendo era pedra (crack). Nois mesmo que picava, nois pegava com o cara que passava pra turma ali, nois mesmo que picava, nois mesmo embalava e vendia, eu e ele vendia. Eu ganhava muito mais lá no tráfico vendendo do que no seu serviço, por exemplo: se eu ficasse uma noite lá vendendo era quase a metade do que eu ganhava no mês inteiro no serviço, aí eu pensava uai, o que está acontecendo, e isto já era pagando o que eu estava devendo para o outro, por exemplo se eu pegasse aí umas cem grama, nois tirava lucro de mil reais, dava quinhentos conto para cada um, fora que nois pagava o cara; cem grama nois vendia em menos de uma semana, era uns três dias no máximo nois vendia tudo e já pegava mais...

E foi aí que nois começou a pegar no dinheiro, para não ficar devendo, porque senão podia acontecer alguma coisa, nois rodar (ser preso). O rapaizinho era mais cabeça e começou a pensar: ‘porque depois nois roda aí, e ainda fica devendo o cara aí complica’, aí passamos a junta o dinheiro e pegar o nosso; a boca ali era dele mesmo há muito tempo, era de família mesmo, podia vender ali mesmo que a área era toda era dele mesmo, aí nois começou a pegar para nois mesmo.

Em São João tem isso, ali na Av. Cidade de Deus cada um tem seu pedaço ali, se o cara cismar de vender no pedaço do outro, já dá problema. Os cara respeita isso! Aqui em São João, morte porque tomou a boca não tem; aqui em São João não é igual no Rio de Janeiro e São Paulo isso aqui não tem, por que em São João os caras têm medo, não são igual lá não, lá os cara toca assim, não estão nem aí, troca tiro com a polícia, os caras não estão nem aí, aqui em São João os caras têm medo, estão no crime, mas eles querem só ganhar dinheiro, pensa só no agora não pensa no depois não, tipo assim, aqui um não preocupa se a boca do outro tá dando mais dinheiro, aqui as bocas são tudo dividido e a região é quente, tão quente que todo mundo ganha, tem gente ficando rico com muito dinheiro guardado com o tráfico naquela região.

Me lembro que um certo dia eu cismeí de usar também cocaína, o pó. Um dia nois chegou no barraco dos cara e tava todo mundo usando lá, esse rapaizinho que tava comigo já usava já, direto ele usava, já dava uns tiro já (usava cocaína); ele me chamava direto mas eu nunca quis, mas como a gente já estava arrebetando no movimento ali, tava ganhando um dinheirinho ali, era de menor também, qualquer quinhentos reais nois já ficava rindo à toa; eu tava achando que tava com o rei na barriga, aí esse rapaizinho já zuava já, mas eu todo dinheiro que entrava ali, eu ajudava em casa ainda na despesa de casa e ajudava minha mãe.

Aí foi nesta época que eu comecei a morar na avenida Av. Cidade de Deus com a minha tia, mas nessa época eu já estava envolvido com os cara, aí igual eu já falei, cismeí de querer cheirar, teve um dia que eu estava muito loucasso de bebida e dei uns tiro com os cara lá, eu não gostei não e continuei só com o bagulho mesmo.

Foi aí que eu separei do rapaizinho com quem eu fazia parceria, aí eu fui e desisti porque no Bairro Bom Pastor estava chegando uns meninos novos, foi nessa aí que eu conheci os meninos: o Cláudio com o Cinti, irmão dele, os rapaizinho já tinham uma faminha, um histórico na redondeza, de que eles eram ruim, que já tinham até matado, já tinha feito isso, aquilo, aí eu pensei vou fechar com esses rapaizinho, porque esses caras parece tá melhor do que aqui né, isso na ideia do crime ali né; eles tava mais forte que esses cara que só ficava vendendo droga, no tráfico não dava tiro em ninguém não fazia nada, foi aí que eu fechei com os cara porque o negócio deles era assalto mesmo e os rapaizinho que eu andava era só vender droga mesmo no tráfico; já esses rapaizinho era roubar mesmo, puxava (furtava) moto pelas ruas, aí eu pensei vou começar a fazer outros negócios mesmo, já estou envolvido aí eu comecei a andar com esses rapaizinho.

Essa época eu já tinha parado de trabalhar porque eu vendia droga e ficava até tarde vendendo, fui e larguei né, larguei o trabalho por que eu comecei a ficar cansado também, ficava lá vendendo de noite e ter que trabalhar de dia não compensava até porque eu tava ganhando dinheiro de noite já, e o que eu ganhava de noite era muito mais; aí eu sai do

serviço porque de dia eu durmo e de noite eu vendo droga vendia de madrugada, dormia até 01h da tarde, acordava tomava um banho e já voltava para o movimento.

A vida já tava sempre naquela mesma coisa ali, foi aí que eu comecei a andar com esses meninos aí, eu achei que ia melhorar, mas eu piorei, porque eu não ganhava mais nada, porque quando eu vendia pelo menos eu tinha meu dinheiro, eu gastava e tinha meus compromissos, mas quando eu comecei a andar com esses rapazinho também não ganhei nada né, conheci eles, parei de vender pedra porque o negócio deles era só roubar, usar droga e fazer festa, o negócio dele era mostrar para os outros que tinha disposição, era ostentar, aí eu fui e entrei de gaiato porque eu coleí com eles, passei a frequentar a casa deles, aí eles me chamou pra morar com eles pra gente fazer as fitas (assalto) com eles.

Eu falava com eles que não queria fazer isso, porque eu não sabia, porque eu nunca tinha feito isso, mas eles continuaram insistindo e me influenciando até que um dia eles chegaram lá na casa com uma arma, foi uma 28, uma espingarda antiga calibre 28, aí ele chegou com essa 28 na casa e eu tava lá junto com outros rapazinho que fechava com nois e foi nesse dia que de tanto ele falar que nois tinha que roubar também, eu fui e cismeí de roubar; ele jogou a 28 na minha mão e falou 'pode ir lá roubar, porque se vocês quiserem entrar pro grupo tem que ir lá e roubar, por que é isso que nois faz, então vocês têm que fazer o quê nois faz'; aí eu ficava pensando: "vou ter que fazer também, a pressão era grande".

Para entrar no grupo tinha que mostrar que tinha disposição pra roubar, foi aí que eu e outro rapazinho, que tinha acabado de chegar no bonde dos cara lá, o rapazinho tá até preso hoje, chama Exu, é um moreninho, ele rodou (foi preso) não sei se foi com droga ou arma na casa dele; eu já conhecia ele antes de ver ele lá na casa dos cara ele também nunca tinha feito roubo não, aí os cara começou a pressionar nois, falar, falar, aí eu já com a arma na mão, fui e cismeí de ir roubar mesmo. Aí o Exu virou para mim e falou: 'então vão que eu vou com você'. Aí nois marcou o lugar e foi aí que eu fiz o meu primeiro assalto, foi lá no Burgas Madeira, na casa de material de construção, nois pegou uma bicicleta e fomos de bicicleta neste dia, com a 28 na cintura, deixamos a bicicleta na linha do trem e descemos a pé para o Burgas Madeira; foi aí que chegamos na loja e roubamos o pessoal lá, depois saímos correndo, e ainda neste dia nois rodô (foram presos). Cheguei em casa, chegamos no barraco e como nois era bobo porque não tinha maldade ainda, sem noção nenhuma porque foi o primeiro roubo, por exemplo: naquele caso se nois trombasse com a polícia e a gente cisma de apontar a arma pra polícia uma arma velha que nem tiro dava e o policial resolve reagir ali nois tava morto, mas nois nem pensava nisso... Aí nois correu para o mato pra dá fuga ali né, aí assim que a gente chegou em casa, porque nois fez a fita de cara limpa, só tava de boné, aí nois fomos abordados pela polícia que chegou lá na casa... Foi aí que eles nos pegou, essa foi a primeira vez que eu fui preso, eu nunca tinha rodado.

Foi nesta vez que a gente sentiu uma adrenalina danada, a gente entrando, enquadrando todo mundo e roubando tudo, o negócio é muito sinistro mesmo, a adrenalina é sinistra mesmo. Essa primeira vez marcou porque nois entrô para rouba, a polícia pegou nois, a arma, a casa caiu mesmo, tinha até filmagem tudo, não dava nem para negar... Na fuga mesmo perdemos o dinheiro, a gente não chegou nem a contar o dinheiro, na verdade o dinheiro a polícia pegou na fuga e só a arma que pegou depois com nois; o dinheiro na fuga a gente dispensou a mochila que tava com dinheiro num lote ali perto mesmo, foi aí que eu cismeí e gostei, pensava o meu negócio vai ser roubar mesmo porque eu gostei na época. Fui para delegacia no dia, fui solto porque era menor de idade, aí eu voltei pro crime e continuei.

Eu gostei porque era mais rápido e mais fácil, mas foi o meu engano né, porque a partir daí é que eu comecei a roubar mesmo; foi aí que eu roubei a primeira moto também, foi no bairro Jordânia perto da Pizzaria Max porque os cara já tinham me explicado que era só chegar e me ensinou a fazer ligação direta, era arrancando o painel ligando um fio ao outro eu já sabia, aí na primeira moto eu cheguei e roubei era uma YBR 125.

No dia os cara já estava com uma moto roubada, aí eles me mostraram como fazer ligação direta da moto porque não é toda moto que é fácil de ligar não, é mais as "125" que liga fácil né; é só arrancar o painel e ligar os fios ali. Ele foi e me explicou como era fácil, aí eu fui demorei uns vinte a trinta minutos para ligar a moto, ela ligou e eu montei nela e roubei, levei ela para o lugar que já estava combinado para esconder, aí eu escondi ela porque na outra semana a gente ia fazer um assalto e usar esta moto.

Na casa deles dos rapazinho a gente ficava planejando os crimes e fazendo festa direto, na casa só era maconha e bebida naquela casa do Cláudio, festa era mais quando fazia um assalto bem sucedido e tinha dinheiro.

Comecei a andar mais e mais com os cara, os rapazinho vendo que nois tava fechado, roubando, tinha arma, aí os rapazinho passaram a respeitar mais né, a turma começou a ficar com medo do nosso grupo por que via que nois tinha disposição, mas no crime isso também não é bom, porque se você arrumar uma treta você morre mais fácil também por que os cara sabe que você é disposição.

Já aconteceu dos roubo atrapalhar o tráfico porque nois roubava muito ali na área, direto dava uns problemas, os caras reclamavam direto com nois porque a gente roubava muito ali, dava polícia direto e o movimento caiu muito, polícia toda hora na Av. Cidade de Deus ficava ruim para vender, falavam que era para nois pará de roubar um pouco, mas aí nois não parava e foi aí que eu cometi o meu segundo assalto.

No segundo assalto, o Cláudio falou que ia comigo por que no primeiro assalto eu e o Exu tinha rodado; o Exu já tinha desistido de assaltar porque no primeiro deu tudo errado e nois rodou, aí ele ficou com medo e só mexia com umas droguinhas perto da casa dele e

ele deixou o barraco e só ficou nois mesmos. Aí o Cláudio falou: 'hoje vai eu e você, vamos procurar um supermercado'. Eu já estava na disposição, numa adrenalina danada, falei com ele: "então vão eu já fiz o primeiro mesmo agora vão pro segundo aí".

Nessa aí que eu fiz o segundo né, a gente assaltou. Primeiro a gente saiu procurando um lugar mais longe e menos movimentado né, a gente tava armado, era o Cláudio que arrumava as armas, ele arrumava arma direto. Neste dia ele tava com um 32, uma arma calibre 32, ele me deu a arma e combinou: 'eu piloto a moto e você enquadra'. Eu falei: "tá bão, fechou!" Aí nois começamos a rodar de moto armado procurando lugar para roubar, foi aí que a gente foi parar lá no Judá, vimos o supermercado lá em baixo nas casinhas do Judá (bairro), aí a gente entrou. Primeiro nois passamos em frente duas vezes para ver, tava tudo tranquilo, aí a gente pulou... o Cláudio parou a moto, eu desci de capacete entrei e já enquadrei a mulher do caixa, eu rendi a moça do caixa mas tinha um sô Zé (homem mais velho) na fila do caixa, eu enquadrando a moça do caixa distraído pegando dinheiro do caixa com a arma para baixo, o sô Zé reagiu, voou na minha mão para pegar a arma.

Eu lembro que ele pegou na minha mão, aí eu puxei a mão para trás, o sô Zé veio e me deu um soco no peito foi aí que a gente começou a trocar ali, ele me deu um soco e eu dei outro nele, nesse dia eu desesperei quase dei um tiro nele, mas eu ainda pensei na hora: "não vou dar um tiro nele não" eu dei uma coronhada na cabeça dele e sai correndo; ainda neste dia tinha três caixas lá, a gente só pegou um caixa só e saiu fora, as mulheres começou a gritar muito, deu muito tumulto aí a gente saiu fora.

Nesse dia a gente não rodou não, nois saiu fora e correu para casa, mas a gente acabou rodando em outra coisa que nem foi nois. Como a gente tava dando um trabalho danado na vizinhança foi que aconteceu um ocorrido lá na casa do policial que mora lá perto, o João, irmão do Joãozinho, ocorrido foi na casa do João, tacaram pedra na casa dele, aí eles foi e falaram que tinha sido nois já que a gente tava ali na redondeza roubando dando trabalho, falaram que foi nois; aí que eles entraram lá na casa no dia, mas nem foi nois.

A fita do roubo foi nois, mas das pedras não foi nois não. Para mim esse fato foi um pretexto só né, como a gente estava roubando e todo roubo ia atrás de nois e como não tinham provas, aí arrumaram isso para poder invadir a casa e pegar nois, a gente tava dando muito trabalho, foi aí ainda que deram uma coça em nois. Eu nem sabia de nada, de pedra, de tacar pedra na casa do policial. Depois que eu fui ficar sabendo que tinha sido criança, foi os rapazinhos pequeninho que mora na rua antes da bêra que tava tacando pedra lá. Aí foi aí então que eles pegou nós nesse dia né, nós chegou... nós chegou a dar a moto pra eles, a moto que nós tinha feito a fita. Nós entregou a moto pra eles, nós chegou a rodar com a droga lá, com o bagulho lá, que nós tava lá na época...

Aí mais daí nós desistiu não, nós continuou na mesma ali ainda, entendeu? Porque nós já tinha rodado, tinha tomado uma coça, nós continuou na mesma ainda. Aí nós foi cismar de roubar de novo. E dessa vez fui eu e foi mais um outro cara, apareceu um cara lá na casa do Cláudio, o cara era nóia, usava droga, alugava a moto dele a troco de droga né. Ele tinha uma Cb 300 e na época o cara, ele chegou lá no barraco e pá... querendo usar, agora ele quer alugar a moto pra nós, mas nós falou assim: nós não vende droga não, mas nós arruma procê. O Cláudio falou com ele, com o cara, que não vendia, mas que arrumava a droga pra ele.

E os roubos não tava dando grana nada não, sô. Eu tava vendendo e tava ganhando muito mais. Tava ganhando mais e não tava ficando sujeira igual tava daquele jeito. Aí eu comecei a filtrar mais por causa disso, falei assim: “não, que isso? Tô roubando e não tô ganhando nada”. E no tráfico eu não tava destacando assim não, de vez em quando... E tem muita gente assim, tem muito moleque assim, que vende, levanta a grana e não tá em evidência, até descobrir já ficou um ano, dois anos... e já tá com dinheiro.

Aí na época não tava dando dinheiro... E ninguém tava sabendo que eu tava vendendo não. As vezes sabia assim que eu fumava uns baseado, que direto assim eles me enquadrava na esquina ali. De dia, assim por volta das três horas da tarde, duas horas cheguei a tomar uns quadro ali, mas porque que tava vendendo mais, de vez em quando tava vendendo de dia, mas tava vendendo mais é de noite né, dentro de casa, no barraco. Aí já não sujava muito, que aí eu não ficava visto né.

Aí chegou o nóia da moto lá, aí ele alugou a moto pra turma lá, pra assaltar, só que o Cláudio falou que não ia não. Aí ele foi e deu as parada pro cara lá, as drogas pro cara e perguntou se o cara ia... tinha disposição pra ir comigo. Que aí dividia tudo, dividia entre três, o Cláudio nem ia participar, mas dividia entre três, porque ele ia pôr a arma dele na jogada, a peça dele né, falou assim: ‘Não, vou pôr a peça na jogada e vai vocês dois aí, a hora que vocês pegar, nós divide.’

Aí foi aí que eu cisme de... aí nós foi pegar posto de gasolina né, assalto posto de gasolina, aí nós foi saiu de lá, fomo até no Jordânia ali, foi assaltar aquele posto no Jordânia ali, Posto Belinha, atrás da igreja ali. Pegou foi nada... pegou mixaria danada, pegou acho que foi quinhentos reais. Quinhen... nem lembro, acho que foi quinhentos reais na época. Aí foi nós pegou quinhentos reais lá, né. Nós foi, pegou mixaria, não contentou com a mixaria que nós pegou lá. Aí nós foi em outro posto, nós cismou de enquadrar o posto.

Nós pegou um posto em um dia e pegou outro posto no outro dia. No outro dia nós pegou esse posto, foi pra casa né, ainda dividiu quinhentos reais pra três pessoas. Aí, no outro dia foi lá o cara falou que nós pegou muito pouco. ‘Tá doido, vamo pegar outro lugar, outro posto aí’. Aí eu falei: “vão ué.”

Aí nós foi né, pra pegar outro posto, lá em Santa Cruz de Minas. Aí foi aí que nós chegou lá, né; o cara chegou, encostou a moto no canto e ficou me esperando na ruinha mais estreita ali no bequinho, o cara esperou ali. Aí eu fui, atravessei a rua de capacete, cheguei no posto e rendi. No que eu rendi o frentista vinha uma viatura e parou no sinal. Olha nesse dia eu fiquei até bambo, falei: “Como é que vou sair daqui agora?”

É nós tava rendendo o cara na hora e os polícia viu né, eles já tinham visto, né. Lá já tinha um cara gritando que tava roubando, aí ele foi e ligou o giroflex da Palio Weekend. Aí ele viu que tava roubando, na hora que eles ameaçou abrir a porta pra descer, chegou a descer, aí eu fui e corri. Peguei o dinheiro que já tinha pegado ali, aí fui e corri; corri pra esse mesmo bequinho... na hora que eu cheguei no bequinho, eu vi só o cara saindo. O cara foi embora e me deixou pra trás. Falei: “Putá merda! Putá merda, o que vou fazer aqui agora?” Aí eu fui...

O cara me largou pra trás, falei assim: “Nó! agora tô ferrado mesmo! Melhor me entregar...” mas eu aí pensei, “se eu me entregar vai dar mais ruim ainda, que eu vou tomar um pau dos polícia que eu vou nem aguentar”. Fui e corri, eu peguei a arma e joguei ela no... na época eu lembro que eu joguei ela num monte de areia, não sei nem como é que eles não achou, joguei ali perto mesmo, joguei num monte de areia ali perto. Joguei a arma e falei assim: “Vou correr sem a arma pelo menos.” Fui joguei a arma pro chão, pro monte de areia ali perto da, tipo um tratamento de água ali da Copasa, ali perto e corri, pulei pra dentro da Copasa, fui e corri pra beirada do rio, eles não me pegaram não.

Eu fui e fiquei no mato a noite inteira lá, deitado e as lanternas passando e eu falei assim: “O quê que eu vou fazer?” Escondi bem na beiradinha do barranco, eu vi um buraco e escondi. “Vou ficar aqui!” Fui, fiquei lá, fiquei lá e foi passando a noite e os caras tentando ligar pra mim no celular, fazendo barulho no mato e eu com medo danado de me achar, aí eu fui e desliguei o celular. Aquele tanto de Capivara lá no rio e eu com medo. Minha Nossa Senhora! Era umas 2h da manhã. Passei a noite no mato nesse dia, fiquei no mato até virar o dia.

Nesses roubos nós tava de menor, ia fazer fita a qualquer hora mesmo; nós cismava, ia lá e roubava. Os colega falavam também, isso aí não vai dar nada não, se rodar hoje, vocês irão sair no mesmo dia. E foi mesmo, eu cheguei... A única coisa que eu tinha medo na época era assim, se os polícias pegar, porque se eles pegar, eles vai me dar uma coça. Eu sei disso que eles vai me dar uma coça. Se eles me pegar vai me oprimir até eu falar tudo.

Aí foi aí que eu fiquei a noite inteira no mato, e eles não me pegou. Aí eu falei assim: “Ah, a partir de hoje só vou em coisa planejada, tenho que planejar agora, senão eu vou mais não.” Vou parar com essas coisas, que quase deu ruim aí, tô aqui ferrado no meio do mato, perdi o dinheiro quase inteiro na fuga, que eu nem sei quantos que era; na hora que

eu assustei tinha uns trezentos reais no meu bolso. Perdi na hora que eu corri pro mato, porque eu pulei cerca, pulei um monte de coisa aí eu perdi.

Eu podia colocar dois bolinho de nota, eu coloquei um no bolso de cá da blusa e um no bolso de cá. O de cá eu já tinha perdido, ficou só o de cá. Aí eu fui e falei assim: “Nó, puta merda, o cara me deixou pra trás...” No outro dia de manhã, seis horas da manhã fui e liguei o celular, seis horas da manhã, tava amanhecendo já.

Eu tava na beira do rio ainda, aquela neblina danada. Eu fui peguei o celular e liguei pros caras. Liguei pro Cláudio e expliquei a situação. Falei assim: “Oh, o cara me largou pra trás aqui, os homi veio, deu ruim, eu tô escondido no mato até agora aqui”. Ele falou assim: ‘Não, pega o moto táxi e vem então véi’ Eu fui, peguei o moto táxi e subi pra casa dele.

A arma depois nós achou, nós voltou pra pegar. Ele foi e chamou outro colega dele, de carro né, inclusive, achei pra mim que os polícia tinha achado a arma né. Eu fui e falei com ele mais ou menos onde tinha jogado, ele foi lá e conseguiu achar ainda. Ele mesmo foi lá e achou. Falei com ele: “Não vou voltar lá não, ta cheio de polícia rodando lá, não sei o que ta acontecendo, se eles sabem que foi eu mesmo”. Porque eu tava de capacete né, mas eu tirei o capacete pra correr. Deve ter visto que era eu.

Aí fui e falei com ele: “Não, vou passar lá de carro, vou mostrar onde joguei e você vai lá caçar, porque eu não vou lá não. Só você esperar outro dia aí, porque eu não sei se eles achou ou se eles tá escondido aí pra me pegar”. Aí ele foi e procurou, falei com ele: “Oh, ta vendo aquele monte de areia lá?” Nós passou de carro, nós foi no mesmo lugar do assalto. Eu fui subi de moto táxi, pra casa dele. Chegou na casa dele, ele ligou pra esse cara. Esse colega dele, outro colega dele, pra ir lá com ele de carro com ele. Aí eles foram lá né, passou lá em frente, eu falei: “Não, ta vendo aquele monte de terra lá, eu joguei ela ali, se não tiver lá, eles pegaram”.

Aí foi que eles chegou lá, nós ficou no carro, né. Nós ficou no carro ali perto do Independente mais ou menos ali, esperando. Ele foi lá sozinho, porque ele não queria perder a arma e não sabia se tava lá ainda também; ele tava arriscando ali né. Aí ele pegou e foi. Chegou lá e achou. Ele achou a arma né, voltou pro carro, conseguiu achar, um .32, um .32... um .32 que tava né, um .32 que tava na época... foi e voltou. Aí nós fomos pra casa.

Aí de noite chegou o cara lá, que me largou pra trás, nossa! Nós ficou pensando em pegar ele, mas depois nós foi pensando bem... “Ah vamo deixar isso pra lá”. Vamo pegar a moto dele e vamos executar ela. Aí foi e nós pediu a moto dele nesse dia, nós pegou a moto dele, saiu na moto dele e nós foi lá pra Pedro Ivo (bairro), aqui embaixo, pra casa do Jonathan ali, Joninho, falecido Jonathan. Aí nós chegou lá, sentei lá, fumei uns com os cara lá eu e ele nós fumou lá, com o Jonathan. Aí o Cláudio cismou de ir lá em Santa Cruz, lá no Porto, com o Joninho, na moto pra dar tiro nos cara lá. Aí o Cláudio me chamou, aí eu falei:

“Não vou não véi”. Aí o Joninho pegou e falou: ‘Então vamos nós dois então’. E foi né, eles foi no dia. Acho que eles deram tiro nos cara lá. Aí eles voltando eles rodou...

Aí chegou lá e o Joninho falou assim: ‘Não, vamo pegar a peça aqui e vamo nós dois lá então. To doido pra sapecar os cara lá, que é isso, que é aquilo’. Isso porque ele já tava cheio de rixa com os cara lá de Santa Cruz lá, o Joninho. Essa rixa deles até hoje não sei por causa de quê. Pelo que entendo foi por causa de muié, foi briga de carnaval também, briga de baile também.

Aí o Cláudio foi nesse dia e o Joninho né, acho que eles chegou ir lá, mas acho que nesse dia, eles não chegou a dar tiro em ninguém não. Eles foi lá pra achar um cara né, se eu não me engano era o Juninho e o Curió, não sei, da cidade de Santa Cruz. Chegou lá pra achar, pegar os cara, mas não achou os cara não. Eles voltou. Na hora que eles tavam voltando, eles parou em frente a casa assim. O Joninho desceu da moto, guardô a arma e a polícia chegou. Aí parou lá duas viaturas, em frente a casa do Jonathan. O Cláudio tava com a moto lá e a polícia prendeu a moto. Eles foi pegando a moto, perguntou de quem que era a moto, que é isso, aquilo. O Cláudio foi falou que não era dele, que era de um cara.

Aí eles enquadrô nós, deu geral e levou pra delegacia. Levou o Cláudio, levou o Jonathan e levou eu... Não eu não cheguei a ir não. Levou o Cláudio e o Jonathan pra delegacia.

Acabou que o Jonathan morreu foi por causa dessas treta dele lá em Santa Cruz, ele tava dando tiro nos cara lá, os cara tava dando tiro neles aqui, na Pedro Ivo. Só que nessa treta eu tava preso, mas pelo que eu soube na cadeia lá, ele arrumou problema com os cara lá em Jacarepaguá né, no carnaval. Chegou a dar tiro nos cara lá, aí voltou pra cá pra São João, no carnaval de São João ele foi lá pro Centro curtir o carnaval né, desarmado, foi sem arma. Aí foi que os cara passaram a fita que ele tava lá boiando sem arma, sem nada, que os cara foi lá daí fez ele, né. Os cara foi lá e fez ele lá no Centro. Só que eu não sei muito da história não que eu tava preso já, né.

Aí né... foi preso e tal, nós chegou na casa né, foi embora né. Aí depois acabou que eu comecei a pensar bem, fui e saí do grupo nesse dia. Aí fui e saí do grupo, porque tava acontecendo os assalto e não tava dando certo, nem nada. Aí fui e saí do grupo. Foi aí que eu envolvi com outro cara lá, dali da área ali mesmo, que fazia uns assaltos ali. Aí ele foi e me falou que tava com uma fita boa, que ia dar dinheiro, que ia render um dinheiro bom. A fita era dada já, era certa. Aí nós pegou e foi. Eu e esse outro cara aí.

Ele falou assim: ‘Não, tô indo na minha moto, minha moto é documentada, mas eu vou por ela na pista porque a fita é de dinheiro mesmo. Pra você ver porque senão eu nem ia por minha moto pra roubar não, porque minha moto é documentada’ O cara falou: ‘Vou por ela na pista porque sei que tem dinheiro lá. O cara já me passou essa fita, o caminhão vai chegar lá tal hora, tal hora nós vai esperar...’. Aí foi que eu fui com esse cara.

Nóis chegou... nóis ficamo... nóis ficamos esperando o caminhão... nesse dia nóis ia roubar o caminhão de bebida nesse dia. O cara já tinha passado a fita e ia ter o dinheiro certo. O cara falou um tanto, mas não foi esse tanto que nóis pegou também. Aí nóis ficou esperando o caminhão lá no Trevo do Monte Sião. Nóis ficou lá naquele posto, naquele antigo posto ali, só esperando o caminhão passar. O cara falou a hora que o caminhão ia passar, explicou a placa do caminhão pra nóis.

Aí nóis esperamos, deu 4h e o caminhão nada. Deu 4h30min, nada. Aí foi ele ligou pra nóis, 5h, o caminhão já tava vindo. Ele falou que o caminhão tava vindo da Barra. Ele falou assim: 'Pode espera que o caminhão tá vindo.' Aí nóis foi e esperou. Apontou o caminhão e nóis começou a vim atrás do caminhão, a perseguir o caminhão. Nóis vinha atrás do caminhão, vinha atrás dele até no Trevo Monte Sião. Aí chegou no Trevo Monte Sião ali, ele... o caminhão deu seta pra encostar, pra virar no trevo ali. Aí foi que o caminhão encostou né. Aí eu fui e já... o rapazinho tava pilotando, aí eu fui e já pulei. Nesse dia o cara até falou: 'Não precisa levar arma nem nada, só vocês ameaçar que eles vai entregar o dinheiro.' Foi até muito fácil! Chegou lá né, nóis nem levou arma nesse dia. Nóis só foi com a cara e com a coragem pra roubar mesmo.

Aí o caminhão encostou, no que ele encostou já pulei na porta do caminhão, fui abrir a porta do motorista e pedi pro cara passar que era assalto. O cara foi e passou a pochetinha, né. Nóis foi... deram a fuga né. Aí foi aí que deu certo esse assalto. Um dos primeiro assalto meu que deu mais certo. Aí eu falei assim: "Se eu fazer as coisas mais certo, isso vai dar certo, vou começar a fechar com esse cara aí que vai dar certo." Eu vi que tinha dado tudo certo entendeu? Polícia, não deu nada, não tinha nem suspeito né. Só falou que era tal moto, tal moto, dois caras, mas não sabia quem que era. Falei assim: "Esse achou que deu certo, os homi não veio aqui em casa me procurar, nem nada."

Esse aí rendeu seis mil, esse daí... tinha rendido seis mil. Só que era pra ser mais, o cara falou que era vinte mil né. O cara falou assim: 'Não, é de vinte a trinta mil que vocês vai pegar lá. Se vocês pegar, o caminhão já vai vim descarregado, já vai ter vendido mercadoria, vai ta voltando com dinheiro e possivelmente vai ter algum cheque lá, mas no mínimo de dinheiro que vocês vai pegar lá vai ser uns vinte mil' Aí eu falei assim: "Então vão lá então, to precisando de dinheiro mesmo."

Mas aí acabou que deu errado, tinha seis mil em dinheiro, tinha dezoito mil em cheque né, mas não tinha nem como dar entrada em cheque. Nóis foi e queimou os cheque, pegou o dinheiro, dividiu os seis mil né, três mil pra cada um, o rapazinho foi embora pra casa dele e eu fui pra minha casa. Aí mais no outro dia de manhã, eu descendo pra ir na casa desse cara, esse rapazinho. Aí eu fiquei sabendo que os homi tava tudo na casa dele, no dia anterior, no mesmo dia da fita. De noite os homi tinha pulado lá dentro da casa dele e que tava sabendo que era ele né, mas não sabia quem era o outro né, porque se soubesse

tinha ido lá em casa. E falei assim: “Não sabe que é eu, não sabe que é eu”. Mas eles não tinha pegado ele não, ele foragiu, ficou foragido um tempo. Eu fui e com medo também de rodar fui também e fiquei mais afastado, mais longe também por um tempo.

Aí depois eu fui e... acabou que eu não rodei né, o cara também não rodou. Aí eu fui e voltei, já tinha parado de fechar com os rapazinho lá. Aí fui e voltei pros rapazinho de novo. Aí foi aí que nós começou a parar de roubar né, dar um tempo e começou a vender umas drogas lá. Os caras falou que vai dar um tempo de roubar também. ‘Nóis vai vender umas drogas aqui’. Falei assim: “Fechou.”

Aí foi nós começou a vender umas drogas e começou a fechar outros caras, aí começou a fechar outros caras lá. Aí foi rodando um por um também. Aí rodou primeiro o, que tava lá com nós na casa foi o Cláudio né, o outro Cláudio, o Cláudio Braga. Tava com nós lá no dia, ele rodou. Rodaram com o... pegaram a moto roubada em frente à casa e pularam na casa e pegaram a arma também. Um .32 no dia. Aí rodou o Cláudio.

Aí passou um tempinho, pularam lá de novo e pegaram o outro Cláudio, ele rodou com arma também, nesse dia foi um .38. Nesse dia, foi e pegou o Cláudio né, aí o Cláudio rodou. Aí eu vi, tava caindo a casa, foi indo um por um, né. No outro dia, o Juiz mandou um mandado de prisão pra prender o outro irmão dele, o Daniel, que era de menor também. Nisso aí o Cláudio já tinha ficado de maior, aí ele foi e rodou no porte de arma. As polícia pulou lá e pegou ele no porte de arma. Aí passou um tempinho, o Juiz pediu a internação do outro irmão dele de menor, o Cinti.

O Cinti foi e ficou internado aí pra fora, não sei na onde. Aí acabou que acabou o grupo lá, o barraco lá já acabou. Aí eu fui e, como eu já tinha ficado aí eu falei assim: “Vou procurar outros lado agora.” Eu fiquei aqui, não rodei. Aí foi aí que eu comecei a enturmar com a turma do beco lá do Beco do Suzano. Desci lá pra baixo lá e comecei a envolver com a turma. Aí foi que comecei a envolver com o Beco do Suzano lá, até então a gente não tinha tido nenhuma treta não. Comecei a envolver com o Beco do Suzano lá e arrumei minha primeira treta né, no crime.

Aí fui envolvendo com o Beco do Suzano, comecei a vender umas drogas lá... tava achando que tava com a bola toda, foi um dia, peguei a bicicleta, descii lá na beira, lá embaixo, nos outros rapazinho. Nesse dia tava o Pedro lá embaixo, o Pedro Henrique, tinha uns outros rapazinho lá... Aí eu fui e descii com umas pedras na boca, as pedras de crack. Falei assim: “Vou descer aí e ver se eu vendo essas pedras aí pra baixo aí mesmo.” Queria vender na área dos caras né.

Fui e descii pra vender lá embaixo lá né, o cara, o dono lá, o cara que manda lá mesmo tinha deixado. Falou assim: ‘Não, você pode vender essas pedras aí, são só cinco?’ Eu falei assim: “É.” ‘Não, pode passar elas aí.’ Aí o outro rapazinho achou ruim, esse Pedro Henrique, aí foi que nós arrumou problema, eu e ele. Arrumou nossa treta lá. Nós dois

tretou lá, nós brigou. Chegou a trocar uns soco lá, ele falou que ia me matar; eu falei que ia matar ele. Aí foi que nós ficou de treta. Já comecei a ficar mais grilado de andar na rua. Comecei a ficar mais com medo, né.

Aí foi nisso que o Joninho da Pedro Ivo já tinha treta com esse Pedro também. E o Joninho da Pedro Ivo nós já trocava ideia pra caralho, nós tava assim, amigão já eu e ele. Ele foi e falou assim: 'Não, tenho uma treta com esse cara também... ele matou um chegado nosso...' Ele comentou que esse Pedro tinha matado um colega dele. Esse colega dele acho que tinha matado a namorada dele sem querer dentro da casa né. E nesse dia tava o Pedro, tava o Joninho, tava esse cara né, a mulher dele que ele matou e tinha mais um outro rapazinho. Ele falou que tava limpando a arma, não sei, brincando com a arma, ele aperto e acertou a mulher. Aí matou a mulher, aí ficou desesperado dentro do barraco todo mundo, que ele comentou comigo, que eles correram né, só que eles correram cada um pra um lado. O Pedro Henrique e esse cara que matou a menina foi pro mesmo lado junto. Ele falou que esse Pedro, o cara tava namorando a menina e esse Pedro tava pegando a menina também, não sei, escondido aí, ela tava traindo esse cara com ele, aí o Pedro tomou as dores da menina, que ela tinha morrido né... tomou as dor dela né e o cara tinha matado né.

Aí o Pedro... pegou e matou, matou o... cara que matou a menina, né. Então ele pegou a arma assim, na hora assim ali, todo mundo desesperado ele pegou a arma e falou assim: 'Não, deixa que eu guardo a arma, me dá a arma aqui que você tá desesperado, senão você vai se matar.' O Jonathan falando né, contando... que ele pegou a arma e correu junto com esse outro cara... Aí chegou lá no... local lá que ele pegou a arma com o cara, o cara foi e virou as costas, acho que ele chegou e deu um tiro no cara, né. Acho que ele chegou e deu um tiro no cara né. Eu não sei da história direito não, ele tava contando. Acho que ele foi e matou o cara, deu como suicídio. O homicídio do cara né. Deu como ele matou a mulher e suicidou. Mas aí o Jonathan falou: 'Não, esse cara aí que matou'... 'Não, esse cara já tô com treta com ele, que é isso, que é aquilo... tenho que pegar esse cara também.'

Aí foi aí que nós cismou de ir atrás dele né, aí já tava na treta danada. Falei assim: "Então vão lá então véi." Aí nós pegou e foi, né. Eu fui na frente, o Joninho veio atrás com a arma, de bicicleta. Aí eu fui na frente, eu fui na frente só pra dar o toque né, pra ver se ele tava lá mesmo. Eu fui e passei. Cheguei lá na Av. Cidade de Deus, de bicicleta também fui e passei correndo assim de bicicleta assim e vi o cara. Aí que eu vi o cara, fui e falei com o Jonathan: "Pode vim, o cara tá aqui." O Jonathan tava mais atrás só esperando.

Tava mais pra trás de mim, mas ele tava doido pra pegar o cara, porque esse rapazinho era igual irmão pra ele. Foi ali em frente ao bar do Quinho ali, o Pedro tava lá em frente, Pedro Henrique. Aí eu fui e passei de bicicleta e vi que ele tava lá, aí fui e liguei e falei assim: "Tá aqui mesmo, pode chegar." Aí foi aí que ele chegou, pra apertar o Pedro, entendeu? Acertou um tiro né, na cara dele, na casa do Pedro né. Aí o Pedro foi e correu

pra dentro né, chegou entrar lá dentro, mas não deu pra conferir né, que ele correu pra dentro da casa e fechou a porta. Aí não deu pra conferir não. Aí o Jonathan foi e correu também né.

Ele sobreviveu, ele sobreviveu né. Aí... eu fui embora pra casa e o Jonathan tinha ido pra casa dele né. Até então eu não tinha envolvimento não, pros polícia não, mas o Pedro foi e falou no dia que eu tinha envolvimento, que o Joninho que apertou e nesse dia o pessoal da Polícia Civil chegou a ir lá em casa lá, da P2. Dos P2 lá, dos que anda sem farda né, foi lá em casa lá. Perguntou se era eu, se eu tinha envolvimento, aí eu falei que não, negando né. Aí ele falou que era eu sim, que eu tava junto. Falei assim: “Não, tô junto não. Foi o cara lá, vocês já sabem que foi ele, eu não sei de nada não...” Aí foi aí que ficou assim, porque eles não pegou ele, ele ficou foragido, depois de um tempo ele voltou pra rua de novo e não pegou não.

Ele era menor, se eles pegassem não ia dar nada não, ele já sabia né. Aí esse Pedro já tava no... Ele já era mais velho que nós, já tava pagando cadeia, já tava no albergado. Aí foi que ele voltou pra cadeia de novo. Tomou o tiro, além de ter tomado tiro ainda voltou pro albergado e voltou pra cadeia, porque ele não morreu né. Aí ele voltou pra cadeia de novo.

Aí fui e continuei no movimento com os cara ali. No beco ali, foi aí que, fiquei no movimento no beco ali, aí foi um certo dia que eu perdi umas drogas ali e fiquei devendo, fiquei devendo os cara, a polícia que pegou. A polícia que pegou, mas não pegou ninguém não, pegou onde que eu escondi. Escondi muito fácil as drogas lá, achando que os polícia não ia achar, por tá fácil assim, eu falei assim: “Eles não vai procurar nesse lugar fácil aqui, tá muito fácil, eles nem vai querer olhar aqui não”. Aí eu fui e moquei uma certa quantidade de droga perto do beco ali, nas proximidades ali mesmo ali. Foi aí que teve a denúncia, aí eles foram lá e acharam. Falei assim: “Não, puta merda, vou ficar devendo agora. O que vou fazer?”

Fiquei devendo essa droga, foi aí que eu... foi aí que eu fui e cisme de roubar. Eu fui e roubei... Aí eu fui e falei: “Não, tenho que roubar pra pagar esse cara. Aí fui e chamei mais um outro colega meu né, já tava comigo ali já né. Se não pagasse, ele ia matar eu ou eu ia pegar ele, ou ele ia me pegar né. Ele foi me ameaçar, que se eu não pagasse ele, ele iria me matar., tava devendo uns mil e quinhentos reais. Se ficar devendo droga, morre por causa da honra do crime, não importa o valor. Tem até um rapazinho que eu conheci muito tempo atrás que morreu por causa de vinte reais lá na área lá. Morreu foi lá em cima, no Zipora (bairro) lá. Na época do China, não sei se você lembra.

Era assim, ele era colega meu assim, mas eu era muito pequenininho na época. Ele era mais colega do meu irmão, ele andava muito com meu irmão, meu irmão já usava umas drogas na época. Meu irmão foi e comentou comigo que ele morreu por causa de vinte

reais. Aí eu falei assim: “Não, o cara morreu por causa de vinte reais, eu tenho que pagar esses mil e quinhentos, senão o cara vai matar eu também”.

Aí foi que o cara tentou me apertar uma vez. O cara entrou dentro de casa, eu tava dentro de casa assim tranquilo ele entrou. O cara já entrou armado assim pra querer me cobrar né, já foi e já arrancou a arma. Aí eu falei assim: “O cara ta armado.” Aí eu fui e corri. Eu vi ele entrando no portão e arrancando a arma, eu fui e corri. Porque eu já achei que ele ia me apertar ali. Ele foi e ameaçou meu irmão no dia, esse meu irmão que mora comigo, falou assim que era pra mim pagar, senão ele ia me apertar, senão ele ia me matar...

Aí né, eu falei assim: “Vou ter que pagar esse cara. Como é que eu vou fazer?” Esse outro rapazinho tava comigo, tava junto comigo. Ele tava pegando e meio que ele tava me ajudando a passar. Ele falou assim: “Não, vou te ajudar você a pagar. Vamos roubar pra nós pagar ele.” Aí eu fui e cismeí de roubar. Sai sem nada, sai sem rumo e sem nada pra roubar. “Não, vamo pegar qualquer coisa aí, uma bolsa de uma mulher aí com celular, um dinheiro aí e nós paga ele é mixaria.” Aí eu falei assim: “Então vamo então.” Aí foi que nós cismou de roubar no Bom Retiro mesmo. Foi aí que a casa caiu, eu já tava de maior né, achando que eu tava de menor ainda, tinha acabado de fazer dezoito anos. Tinha acabado, não tinha nem um mês que eu tinha feito dezoito anos, né. Falei assim: “Vamo lá então, tenho que pagar mesmo, se não pagar esse cara vai ficar atrás de mim aí e já vou arrumar outro problema. Já to com um problema e já vou arrumar mais outro problema.”

Aí acabou que nós foi tentar roubar a muié, eu e esse colega meu o Sabão, aí nós foi e rodou, nós foi na cara limpa também né. Achei que eu tava de menor ainda. O Sabão já tava de maior, já tinha até pagado cadeia uma vez, mas ficou pouquinho tempo. Aí nós foi e roubou, nós roubou a bolsa da mulher, com o celular dela, nós desceu pra casa, pra casa dessa prima minha da Jéssica. Nós ficou lá, desceu pra lá correndo e ficou lá escondido. Aí foi e chegou a polícia, eles sabia que era nós, mas nós tava negando, tudo ao mesmo tempo, negando, todo tempo. Aí puseram nós de frente com a viatura, acenderam o farol, pra vítima reconhecer, tava de noite. Ela foi e falou que era nós mesmo. Aí foi aí que rodei de maior, da vez que fiquei preso até agora, né.

Acabou que eu nem paguei o cara. O cara depois encontrei com ele na cadeia, que ele foi preso também. Aí foi ele falou que não precisava também mais. Não precisava mais, pra deixar pra lá, que na melhor hora se desse eu arrumava pra ele. Aí ele fala assim a melhor hora e que não precisava mais, mas uma hora ou outra ele acaba cobrando, né. Deixou pra lá, até hoje não me cobrou mais não. Ta na rua e não cobra não. Nós até troca ideia, mas ele nem me cobra não. Aí fui preso, falei assim: “Nossa senhora, agora to preso mesmo, por causa de nada, por causa de mixaria.”

Nunca tinha ficado preso não. Fiquei internado nesses orfanato aí, mas não era cadeia não, não era pagando crime não, eu tava pagando era crime do meu pai e da minha mãe né. Eu nunca tive culpa de tá lá não.

Aí lá dentro da cadeia eu arrumei outro problema ainda. Chegou lá dentro lá e já tava com esse problema, com esse Pedro aí, Pedro Henrique. Aí chegou lá dentro de quebra, de quebradinha arrumei problema com o primo dele também, falou que vai me matar quando sair da cadeia. O Azevedo, primo dele o Pedro Henrique “Azevedo”. Chegou lá dentro lá, nós trombou uma vez lá na cadeia né, falou que eu tentei matar o primo dele, que eu tava junto, que ia me matar eu quando eu saísse ia matar eu e o Joninho.

Aí foi aí que foi passando o tempo, cheguei a brigar umas 2 vezes lá na cadeia, cheguei a assumir celular pros outros lá dentro, assumi o celular pro cara lá uma vez né, foi aí que foi agravando mais minha pena lá dentro; era pra eu ter ficado pouco tempo, era pra eu ter ficado um ano só, por eu ser réu primário minha condenação foi cinco anos de semi aberto. Aí eu fui e comecei a assumir as coisas lá dentro pros outros lá, celular, aí comecei a rodar direto lá, foi aí que parei pra pensar e parei com tudo. Fui e falei assim: “Vou ficar sossegado, vou sair daqui que é melhor, se eu continuar envolvendo aqui dentro vou continuar a mesma coisa.”

Aí fui e parei de envolver com os cara, fui e troquei de cela e de galeria. Aí comecei a ficar tranquilo na cadeia. Comecei a ficar mais de boa né, até que um dia surgiu a oportunidade, eles me levaram do... assim é cadeia, mas é... me levaram pro “Caçoque” né, lá é cadeia mas é mais melhor né; lá no Caçoque você já toma banho quente. O banho já é quente, lá não é aquele tumulto do presídio lá em cima né. Eu já tava no presídio um ano e pouco já, um ano e meio eu acho. Aí eu fui e desci pro Caçoque.

Lá no presídio tinha que dividir cela com 50 cara. Quando cheguei assim de primeira, eu cheguei na... nos presos provisórios que eles fala né, nas “H”. Cheguei na “H”, né; aí nas “H” é um monte de... é quatro celas grandona com trinta “jegue” né de... trinta “jegue” de três andar. É trinta “jegue” é capacidade pra trinta pessoas, mas eles tava colocando sessenta cara dentro da cela de... pra trinta pessoa, lá põe o dobro. A primeira vez que eu cheguei fiquei lá, não tinha nem lugar pra dormir. Cheguei na cela assim “oprimidão” assim, não conhecia ninguém, só cara estranho assim, de menor assim, meio com medo né, não conhecia cadeia.

Aí foi aí que foi... você até assusta do nada vai aparecendo gente assim nas cama assim, eles fica olhando assim, e você não sabe se tem um cara ali que você tem problema, que você arrumou treta ali um dia na rua... Já bate aquele medo, a gente já entra na cela assim. Aí os cara já vai e já te joga pra dentro da cela assim. Aí você já tem que entra lá pro meio da cela. Os cara já te leva pro meio da cela, pro sumário né. Aí já leva você pra tipo um sumário que eles faz. Perguntar por que foi preso, perguntar dos seus BO.

Aí fui e cheguei, até então não tinha ninguém do “distrito” não. Até tinha uns cara que eu conhecia lá né, que eu entrei, os cara me cumprimentou e tudo, eu entrei pra dentro da cela assim, pra comer, eles perguntou qual era o meu BO, porque que eu tinha ido preso... Perguntou das minha caminhada lá no... Eu fui e expliquei os cara tudo lá. “Você tem que falar, dependendo se tiver treta com alguém da cela lá assim, se o cara for mais influenciado dentro da cela, se tiver mais contato assim dentro da cela, tem que sair da cela”. As vezes o cara nem te encosta a mão não. Se você tem problema com o cara já aqui de rua aqui, você não vai poder ficar aqui não. Você já pega seu bonde da cela aqui, senão os cara vai te pegar ocê.

Fiquei cinco mês no provisório porque eu não tinha sido condenado ainda. Fiquei lá cinco mês não tinha lugar nem pra dormir não. Até assustei, aquele bolo de homem, tudo em pé lá. Falei assim: “O que ta acontecendo? Tem nego dormindo até no banheiro.” Falei assim: “Nossa o que que eu vou fazer? Não tem lugar nem pra mim dormir.” Só em pé lá assim na capa o dia inteiro, doido pra dormir lá né. Não tem como nem dormir, porque lá não tem nem espaço né. Fui e falei assim: “ Vou dar ideia nesses cara que eu conheço aí pra ver se eles arruma um canto pra mim aí.” Eu fui e dei ideia num colega meu, que eu já conhecia já há um tempinho. Ele foi e deixou eu dormir com ele, de valete, que eles fala de valete. Fui dormir junto com ele de valete, né. Até abrir um espacinho pelo menos no chão pra mim deitar. Porque nem espaço no chão pra deitar tinha.

Aí acabou que eu fiquei dormindo... dormi foi cinco mês de valete lá direto, fiquei lá junto, não tinha espaço né, não abria espaço. Aí que eu fui condenado, aí eles foi e me condenou, o juiz, cinco anos de regime semiaberto né. Aí... eu fui paguei lá em cima, desci pro Caçoque, né, pra melhorar lá no Caçoque, por bom comportamento, ali eu já tava bom, né. Parei de envolver com a turma lá em cima. Meu comportamento tava bom aí ele foi e me deram uma melhora, o juiz me mandou pro Caçoque...

Aí depois do meu comportamento tá bom no Caçoque, eles foi e me mandou lá pra APAC. Aí fui e terminei de pagar um pouquinho que faltava da minha pena lá na APAC, do castigo né, porque eu tava pagando castigo, porque já era pra eu ter saído pro livramento condicional. Eu terminei de pagar mais seis meses de castigo lá na APAC, castigo assim, que eu tava... tive que pagar mais um “castiguinho”. Mas lá eu ficava solto, lá na APAC. Fui e fiquei lá na APAC, aprendi várias coisas boas lá. Graças a Deus! Lá influencia você a mudar de vida mesmo. Esses seis “mesinho” que fiquei lá, serviu pra essa vida inteira de crime minha.

O próprio recuperando tem a referência de mudar de vida. Lá é nós mesmo que toma conta de tudo, lá é nós que abre porta, que fecha porta, cadeado lá. Nós mesmo que cuida de nós lá né, porque lá eles te ensina, começa a te ensinar as coisa, das tarefa, das coisas da vida que aconteceu e o que vem acontecendo. Você trabalha lá o dia inteiro né.

Lá é todo dia, seis horas da manhã você acorda, toma o café né, faz a oração né, lá é o dia inteiro quase todo orando. Você faz sua oração e ele te põe numa profissão lá dentro. Lá tem várias oficinas lá dentro, tem a jardinagem, a marcenaria lá em cima onde que eles faz os móveis lá em cima, tem o pessoal da horta, que trabalha na horta, pra mexer com as verdura lá e tudo, tem o pessoal da cozinha.

Aí foi que eles perguntou se eu mexia com alguma coisa, se eu tinha alguma profissão né. Fui e falei: “Não, já mexi com móveis. Já cheguei a trabalhar com móveis já, mas no momento não queria trabalhar com móveis não, queria aprender uma outra coisa aí. Porque tem um monte de coisa nova pra mim aprender aí dentro.” Eles foi e falou: “Você tem vontade de entrar aonde? Pra você aprender alguma coisa, pra você ajudar.” Aí eu fui e falei com eles que eu queria entrar na cozinha. Fui e fiquei lá esses cinco mês, esses seis mês, pode por cinco mês que eu fiquei lá, porque um mês você fica sob observação, você nem sai. Um mês você chega lá você fica de observação. Eles te põem você na... eles te deixa você ficar solto lá na casa, como eu tava no semiaberto eu ficava solto. Aí tem o regime fechado, que é só fechado. Mas não é fechado igual na cadeia, o fechado lá você pode ficar solto, lá tem uma quadra, que dá pra jogar uma bola lá e tudo, tem um lazer.

Aí eles foi e me ofereceram o serviço lá na cozinha, de auxiliar de cozinha, depois de um tempo né. Aí fui que eu fiquei né cinco mês na cozinha lá da APAC. Era auxiliar de cozinha lá, ajudava a fazer a comida lá. Aprendi, aprendi bastante coisa lá né. Eles até começou a me chamar de queridinho do chefe lá né, que eu ficava puxando o saco dele lá. Na onde que ele ia eu tava levando garrafinha de café, biscoitinho pra ele né. Aí eles começou a me zoar pra caramba lá. Mas graças a deus influenciou bastante pra mim melhorar né.

Dessas ameaças que sofri, eu tô mais tranquilo porque os caras tá preso, eles não para na rua né. O cara que eu tenho treta chegou a sair; saiu quase junto comigo né e durou pouquinho tempo na rua né. Eles deram tiro nos cara lá em Santa Cruz lá, esse Pedro Henrique, com mais dois cara, eles deram tiro lá em Santa Cruz; eles rodou já, já tá na cadeia de novo. E pra mim eu já entreguei nas mãos de Deus, pedi Deus pra me livrar desses cara aí. Você vê que os cara saiu na rua e não durou nada. Eles saiu quase junto comigo, eles não durou nem três meses na rua. Já tá lá de novo lá em cima, amargando sofrimento. Eles não quis melhorar de vida. Eu quero melhorar de vida, já entreguei meus inimigos na mão de Deus. E ninguém vai chegar perto de mim não.

A maioria dos homicídios tem relação com as drogas... do outro rapazinho o Luquinha, que morreu na pracinha do Pipoca de Mel foi por causa de ponto de droga né. Do Juquinha foi por causa de ponto de droga, ele queria vender droga na boca dos cara. Nesse dia eu lembro, nesse dia eu tava lá. Ele sentou lá com uma... sentou lá com uma .40 na cintura e falou eu ia vender droga na boca dos cara e que se os cara arrumasse ele ia trocar

com os cara, que é isso, que é aquilo... aí os cara foi e deixou pra lá. Ele foi e vendeu as droga e ele subiu, anoiteceu e os cara foi e fez ele né. O Juquinha, os cara fez ele por causa de ponto de droga também.

Antes de eu ir preso teve o Pedro que morreu também, por causa de droga também. Na rua da Araquacema também ali. Aquela casinha rosa, os cara fez ele por causa de droga também. Foi assim, acho que os cara que zoa queria... os cara também é forte, os cara queria pegar uma droga com ele, só que queria pegar sem dinheiro, esse rapazinho como ele tinha chegado a pouco tempo na área ali, ele achou que os cara era nóia né, queria tirar os cara de noiado. Começou a rir da cara dos cara, foi zoar os cara... Aí no outro dia de madrugada os cara foi lá e chamou de madrugada na casa dele pra pegar droga, ele foi atendeu e os cara fez ele, no portão.

Na APAC, os presos que estão lá é pra recuperar; no presídio tem é ódio, tem é crime. Lá o mesmo crime daqui de fora, tem lá dentro mesmo. Lá dentro lá é um sofrimento danado lá dentro. Lá não recupera ninguém não. Lá tem assim, tem uns cara que puxa mais pra... começa a ler umas bíblia lá, começa a fazer uns culto de evangélico, tem uns cara que fica mais quieto lá dentro, que começa a ler a bíblia, ficar na palavra de Deus. Mas, lá dentro o corre é frenético, igual aqui na rua, lá dentro. Droga 24 horas também, pra um lado e pro outro.

Lá o bicho pega também dentro do presídio. Lá... o cara não pode ficar devendo nem nada não. Lá uma paradinha que você compra por dez reais aqui na rua, lá você compra por cem reais. Esses caras que é viciado mesmo nessas droga pesada, eles sofre lá dentro. Eles não né, a família deles, né. Eles faz dívida pra família deles pagar né, aqui na rua. Lá os cara tá ganhando mais dinheiro que aqui na rua. Tem gente que tá ficando rico só de... só lá na cadeia, mas lá na cadeia tem uns cara mais forte lá. Tem os grupos lá, lá é tudo separado também... é tudo separado.

Os bairro é tudo separado. A não ser que o cara de um bairro fecha com outro bairro, aí eles põe junto. Agora eles põe assim, Santa Cruz eles põe com Santa Cruz. Assim a Vila Santa Cruz eles põe junto com os cara lá da Barra, eles põe lá na C, na galeria C. Os cara do Curicica eles põe tudo lá na A.

Aí não, foi aí que eu saí graças a Deus da APAC, graças a Deus hoje tô firme, não penso mais em voltar com nada de errado. Graças a Deus melhorei bastante de vida né, agora já tenho uma meta, já tenho um propósito né que é mudar de vida. Do mesmo jeito que tive as influência ruim, tive as influência boa né. As amizade boa que tá me ajudando aí. Que tá me influenciando, tem meu filho também que me incentiva bastante. Ele tá com cinco anos, né. Até me deu vontade de querer mudar de vida também. Eu saí da cadeia, eu não tinha nada. Tava até sem rumo, ficava pensando lá dentro da cadeia quando eu sair, pra onde que eu ia... se eu saísse da cadeia. Ou eu ia lá pra onde que eu tava né, continuar do

mesmo jeito né ou saía e dava um jeito na minha vida e ia pra outro lugar e tomar outro rumo. Foi aí que esse meu irmão aqui, graças a Deus, sou grato por ele, ele trabalha muito, coitado. Trabalha muito mesmo. Nossa senhora! Meu irmão trabalha pra caramba. Foi aí que eu fiquei sabendo...

Nossa, que isso, meu irmão aí, mais novo do que eu, cabeça “firmona” desde aquela época que eu já mexia com as coisa, meu irmão era sossegado, trabalhava. Mais novo do que eu e até hoje ele trabalha, olha pra você ver. Como ele já viu a situação, ele queria mudar de vida. Ele foi e alugou uma casa, sozinho, com a cara e com a coragem, foi morar sozinho, ele tava com dezesseis ou dezessete anos ele.

Ele foi e alugou uma casa pra morar sozinho né. Coitado, não tinha nada. Só com um colchão que ele falou. Só com um colchão, não tinha nada. Ele foi e alugou uma casa aí e começou a comprar tudo que tem aqui é dele. Ele foi e começou a comprar as coisinha dele. Graças a Deus ele começou a comprar as coisinha dele trabalhando né. Aí ele foi e mandou um recado pra mim, que quando eu saísse né, se fosse pra eu mudar de vida mesmo, pra trabalhar e melhorar, eu podia vim morar com ele. Porque se eu for sair pra voltar pra Av. Cidade de Deus, ou pra aqueles lado lá eu ia acabar me enturmando de novo com o pessoal errado ali.

Desde o dia que eu sai da cadeia assim, na primeira semana que eu sai da APAC assim, eu já arrumei serviço. Assim não é serviço fixo não, mas, arrumava meus bicos... Fazia meu dinheiro ali, dinheiro pouco que eu fazia tava rendendo pra caramba. Tava me ajudando muito. Aí até hoje aí, graças a Deus não falta serviço pra mim não. Assim, tipo assim, de carteira assinada ainda não tô arrumando não. Tô arrumando não, por... por causa dessa crise não tá tendo, tá meio difícil de arrumar né. A crise de serviço tá ruim, mas, tipo assim, bico, esse de trabalhar todo dia eu tenho. Todo dia assim eu tenho serviço.

Bom, eu tava pegando de... de acabador né de móveis de dia né. Aí no... eu pegava a semana inteira de acabador de móveis, antes de eu acidentar. No final de semana, sexta, sábado e domingo eu pegava de garçom à noite. Aqui perto aqui de casa mesmo. Porque aí eu não posso passar das nove na rua não. O juiz falou assim, pra trabalhar eu posso né. Então eu falei assim, pra trabalhar ele não vai ligar né. Aí eu fui e comecei a pegar esses bico na rua também de noite, graças a deus, bom demais trabalhar, que isso.

No mundo do crime, o que mais me atraía era o dinheiro, era querer fazer... tava de menor ali, ver os rapazinho fazendo uma “faminha” ali, no crime ali. Aí eu falei assim: “Eu quero ser igual aos cara também” Quero ser igual aos cara, não tinha cabeça nenhuma né. Cabeça, não tinha nada na cabeça. Eu tinha, a infância já não foi boa, passei um monte de coisa quando era criança, né. Aí tinha um monte de coisa né e eu tenho que ter alguma coisa na vida, nem que seja assim. Vou ter alguma coisa, fui e comecei a envolver com os cara. Comecei a ver as mulher, as bebida, as coisa.

Meus pais eram muito pobres e a gente morava na roça. Tudo em roça, eu passei em muita roça. Morei em Roça Grande, morei em Carová, morei em Rio Grande também, morei lá no Carvoeiro, na roça lá no Carvoeiro, morei no Mangue, morei em um tanto de roça. Meu pai era de roça, meu pai trabalhava em roça. Aí depois que ele cismou de na roça, na roça que ele bebia uns golinho dele, mas bem controlado, depois que ele veio pra cidade que ele descontrolou. Aí ele veio pra cidade, ele com a minha mãe tinha ganhado a casa no Judá, no programa das casinha lá, aí foi aí que nós foi pra lá. Depois que ele começou a envolver né, meu pai começou a beber muito, aí venderam a casa lá, meu pai com a minha mãe. Aí foi aí que a minha mãe ganho a casinha e veio pra cidade que começou a piorar as coisas. Depois que eles venderam lá, eles começou a beber muito, venderam a casa lá no Judá, aí nós foi morar lá no Rio das Palmas. Aí do Rio das Palmas que... foi em 2007 né, que eles bebeu lá e eles brigaram. Que nós foi pro abrigo.

Estudei até a sexta série, depois fui estudar só na cadeia né. Na cadeia que eu estudei né, fui até o nono ano. Eu estudei até o nono ano. E depois que eu saí da cadeia e vim pra rua, até hoje não voltei não. Mas tô pensando em fazer ainda o CESEC, mais pra frente aí, terminar o terceiro ano né. E fazer um curso aí do SENAI.

Meu sonho é mudar de vida né, trabalhar até... se Deus abençoar né, arrumar uma profissão boa, que dá pelo menos pra mim viver né. Dar uma condição melhor né, pra meu irmão né, pra minha mãe. Ter o nosso cantinho, nossa casa né. É o que eu penso mais hoje em dia é isso. Porque ficar pagando aluguel é ruim pra caramba. Eu quero é mais trabalhar, ralar bastante porque não pode ficar parado.

ENTREVISTA ZÉ PEQUENO

Quando era menorzinho assim, minha mãe não deixava eu sair muito de casa não. Aí direto, eu com o meu irmão já pulava o muro de madrugada, pequenininho,

já tinha o que uns nove anos, uns dez anos... Lá em casa era eu, meu irmão que morreu e minha irmãzinha, meu pai e minha mãe.

Aí eles dormia, nós ia correr atrás de madrugada... pulava o muro... aí foi, só que meu irmão era mais de boa, meu irmão sempre foi um cara que nunca gostou de treta nem nada não. Eu não, eu já era pra frente. Aí foi nisso que pegou, com dez anos, com dez anos eu comecei a fumar bagulho. Eu já fumava o cigarro do meu pai escondido...

É que meu pai sempre fumou cigarro, mas antes, tipo assim antes do meu pai for preso eu tinha oito anos. Ele foi preso por tráfico, meu pai rodou com meio quilo de pó e meio quilo de pedra, lá em Juiz de Fora. Aí ele foi e ficou um ano e oito mês preso, saiu.

Nóis morava lá, quando eu nasci até os meus dez anos eu morei em Juiz de Fora, na Vila Esperança... Aí... depois foi, que meu pai foi preso, nós veio pra cá. Aí nós tava morando aqui, lá perto da linha em São João. Aí foi e meu pai saiu também da cadeia, meu pai veio pra cá, voltou com a minha mãe e começou a morar aqui com nós. Aí depois eu fui morar no Porto Vitória, depois fui morar na frente do FAETEC, naquela escola lá. Comecei a estudar lá em frente.

Aí eu já tinha o que? Uns quinze anos, eu já tinha rodado uma vez nos tráfico. Eu acho que eu tinha quatorze. O primeiro tráfico que eu rodei eu tinha quatorze, as primeira pedra que eu rodei. Eu rodei com quatorze pedra dentro de casa. Tava com uma no bolso, aí os homi me pegou no portão de casa, eu bobão, os homi falou: 'Eu vou entrar na sua casa'. Eu fiquei apavorado, eles foi e já entrou... Aí pegou mais treze pedra, eu tava com uma no bolso.

A primeira veis que eu tive contato com droga foi duas meninas lá na escola que nós tava... comecei a estudar lá... no CIEP. Aí eu fazia bagunça lá e pá... aí as meninas também era meio já... era mais velhas, as meninas já era mais velha, e eu era mais novinho. Elas foi, eu saindo um dia no recreio assim, elas pegou e falou assim: 'Vamo dar um rolé com nós hoje?' Eu falei: "Na onde?" Elas falou assim: 'Aqui atrás na escola'. Falei assim: "Já é!". Pequeninho, bobão, achei que... vou na quadra aqui, porque todo mundo, a maioria no final da escola vai pra quadra.

Aí na hora que eu cheguei lá, elas bem dichavando os negócio assim. Aí eu fiquei só olhando, porque eu já sabia o que que era né, eu já tinha maldade, mas nunca tinha fumado não. As meninas já embolou, uma fumou, a outra fumou e já

rodou em mim, elas: 'Vai, fuma!' Aí eu fui e peguei e fumei, já comecei a tossir... fiquei chapadão, fui embora, em casa passei mal, fui dormir.

A droga vinha pra dentro da escola e lá que foi minha primeira vez... na escola eles trazia tudo da rua, já era uns nego mais velho, ta ligado? Depois da primeira vez eu fumei muito e viciiei.

Mas depois da primeira eu vomitei, deu dor de cabeça... Nossa Senhora! Passei mal, no primeiro dia que eu tinha fumado pra fazer gracinha, né... não falei que era minha primeira vez não... Passei foi mal, fui embora ruim, encostando nas paredes... isso aí mexe com a mente, né. Bebida cê sabe que cê ta doido. Cê tem aquela consciência, "nó to doido!". O bagulho você não tem consciência assim "ó to chapado!" Você não sabe quando você tá chapado. Na hora que você vai ver, todo mundo já tá... é maior doideira.

Aí com uns quinze anos o negócio do Vadinho da escola lá, a primeira tentativa (de homicídio) lá... Ele foi, ele queria me tomar um negócio que tava no meu bolso, acho que caixinha de som. Aí eu fui, tava com a tesoura no bolso, porque eu tinha levado pra aula de artes, aí eu fui e dei uma (golpeada), no pescoço. Aí eu dei outra aqui (apontando para região do tórax), só que a blusa de couro dele foi e não furou não. Aí pá, saí correndo dali, aí eu corri, eu corri... ali naquela beira da praia ali, saindo no FAETEC, tem aquelas beiras ali...

Eu subi pro lado daquelas linha ali, já descí lá no centro, já atravesssei o sinal correndo e já subi lá pra serra... Aí eu fiquei quatro dias lá na serra... Aí foi, fiquei quatro dias lá, depois que eu descí, no quinto dia, o Dr. Juiz me buscou lá na porta de casa, bateu lá em casa e eu atendi. Aí ele: 'Vamos comigo pra audiência'.

Fui na audiência eu e meu pai. Chegou lá e ele falou comigo: 'Você não pensa que você vai embora não, né?' Aí foi e mandou eu subir a primeira vez. Eu tinha quinze anos. Aí eu fui, fiquei quatorze dias (no presídio) e saí. A Dra. Angélica (advogada) me tirou eu.

Foi passou uns dias, eu comecei a morar lá no Santo Antônio. Não, nos predinhos primeiro. Fui morar uns dias lá nos predinho. Aí eu falei: "O que? Que ruinzão, longe, esse lugar não é pra mim não. Não tem nada". Meti o pé lá pra Magnólia. Comecei a vender droga lá na Magnólia.

Aí eu falei: "Ah não, aqui o corre ta fraquinho". Meti o pé da Magnólia pro Santo Antônio. Aí comecei a colar com os cara lá. De repente, o Drug lá, aquele lá que morreu, Drug Lord... Ele era patrão da boca. Aí eu vendia pra ele, aí ele morreu,

foi e ficou tudo pra mim. Aí depois que ficou tudo pra mim, aluguei uma casa lá de quatrocentos e cinquenta real, comprei moto, comprei... rodei com revólver lá em cima, eu e o Maraca... mas perdi isso tudo.

Eu tinha de tudo né, era dimenorção ainda, acho que eu tinha uns dezesseis... tinha feito dezesseis anos já, tinha acabado de sair. Tinha feito dezesseis anos. Eu de menor, eu lembro uma vez que eu tinha oito garrafas de whisky, uma de cada assim na sala de casa. Comprei som à vista na loja. Tinha de tudo mesmo.

Eu vendia só pó; antes eu vendia só pedra e do nada eu fui pra lá e comecei... Eu comecei a vender com quatorze anos lá na Botuquara (bairro de Santa Cruz de Minas), onde eu rodei a primeira vez.

A gente começa no tráfico assim... eu colava todo dia com os cara. Chegava todo dia nos cara, pá... ainda mais depois que eu tinha começado a fumar bagulho, colava todo dia nos cara pra fumar um.

Aí foi os cara: ‘Qual é Zé Pequeno? vamo fuma um aí com nós?’ Aí eu falei: “Já é”. Aí eu lembro certinho de eu fumando um, aí os cara falou assim: ‘Tá parasitando aí, não pega uma droga pra vender’. Aí eu falei assim: “Que isso, cê tá ligado que eu nunca vendi droga”. ‘É mas você é bobo, menorção podia tá aí ganhando dinheiro, arrebetando no corre’. Aí eu parei e pensei assim e falei: “Nó é mesmo; to dando mole, todo mundo ganhando dinheiro aí...”

Aí eu estudava, quando eu morava lá no Porto Vitória, nessa época eu estudava no Espaço Criativo. Aí foi... eu peguei pra vender. Aí eu fui e já rodei com a primeira droga. Eu falei: “Nossa, droga não é pra mim não”. E saí pra roubar, no outro dia eu falei: “Nó, tenho que pagar o cara”. Aí eu fui...

Aí foi, eu fui roubar, lá na Sampaio Correa com a chave micha, aquelas de moto, peguei uma chave de moto na rua aí, peguei uma moto parada, tirei a chave só e depois eu lixei, só que na época eu não tinha aquelas coisa de roubar, né. Aí eu lixei raspei no chão, nas parede, tudo certinho, e fui lá no Sampaio Correa roubar moto.

Cheguei lá dimenorção, nem sabia andar de moto direito. Montei numa YBR prata, já liguei a bichona e já saí doido, sem capacete, amarrei a toca da blusa assim e fui lá pro lado da Botuquara. Cheguei lá com a moto mas no outro dia de manhã os homi pegou a moto lá na beira do rio. Fiquei sem a moto e devendo o cara.

Eu peguei quatorze pedras com ele, dez do cara e quatro minha. Aí eu fui e dei ideia nele e falei: “Pô viado, tentei fazer a missão aí não deu certo, não dá pra arrumar o dinheiro procê não”. Aí ele foi e falou assim: ‘Não, ta tranquilo Zé Pequeno, você ta começando agora, pode ficar tranquilo’. Falei: “Já é!”

Aí minha mãe foi do nada arrumou casa na Pedro Ivo, comprou a casa lá da Pedro Ivo. Comprou a casa da Pedro Ivo e nós foi pra lá... Chegou lá, passou um que ... algum tempo e eu fui na época e subi pro Santo Antônio que eu te falei, né? Aí depois da Pedro Ivo eu subi pro Santo Antônio. Não, nos Predinhos, na Magnólia, Porto Vitória, depois Santo Antônio, aí que eu comecei a vender muito, lá em cima.

Na Pedro Ivo não coleí com os cara não, porque os cara do Porto Vitória sempre teve treta com eles né; aí eu não colo com eles não. Eles que matou meu irmão também agora né. Aí, o quê que pega? Já lá do Santo Antônio, eu fui tava vendendo droga, arrebrandando. Vendendo cem gramas de pó de dois em dois dias, cem gramas. Dava, mil real dava... deixa eu ver em cem gramas... três, três e duzentos. Pagava mil real e virava três e duzentos.

Em dois dias, de dois em dois dias era cem gramas, aí eu já comecei a levantar, comprei um oitão budoguinho (revólver calibre 38 de cano curto), eu comprei um 22 (revólver calibre 32), aí eu comprei um trinta e dois preto.

Eu tava com três armas e eu fui perdendo uma por uma, aí eu fui e abandonei o corre. Falei com os cara que não ia vender droga mais não. Falei que ia começar a roubar. Comecei a roubar com os cara do Bonde 1, o negócio de moto taxi lá em cima lá. Foi na época que eu comecei a colar com eles. Parei do corre e comecei a roubar moto taxi com eles. Tavo ganhando nada, tava na miséria mesmo. Fui vendendo as coisas aos pouco.

A gente pulava nos moto taxi... Em qualquer lugar ali, só olhava pra um lado e pro outro e já era. Aí nós só pegava celular, dinheiro e coisa boa, nem a moto pegava não. O negócio era levantar a cabeça, jogar a peça e gritar, porque é Deus e já era. Nem pá não, não passava nada na mente não. Era só sair correndo e levar o dinheiro. Ali nós já conhece o matagal tudo, era tudo certo, só correr pro mato e já era. Eu fiz uns oito assalto lá em cima. Aí teve um dia...

Aí foi e saiu meu mandato. O negócio do diretor, que eu tava respondendo na rua. Saiu meu mandato, fui preso, cheguei lá tinha oito menor. Oito menor, já cheguei e os cara tudo me conhecia. Eu fui pra Ribeirão das Neves, lá em Justinópolis.

Aí foi, eu cheguei no primeiro mês, aí os cara chegou: 'Qualé menor, você é da onde?' Eu falei: "São João del-Rei". 'Você rodou no que?' Eu falei: "Tentativa!". 'É os cara lá é folgado, de menor. Igual lá de BH, onde que eu tava, você paga é sozinho, você não paga com mais gente no barraco não. Você sozinho no barraco. Você sozinho'. Aí eu já cheguei, no primeiro mês eu tretei com um rapazinho lá, um tal de Marreco. O rapazinho queria me oprimir, ir lá tomar os doce, eu era menorzinho, aí eu fui e tretei com ele. E ele era considerado, porque ele era de BH e já tinha uns cara que fechava com ele.

Aí foi e ficou numa tretaiada danada, eu com os cara, só que eu nem conhecia os cara não. Aí eu comecei a colar com os rapazinho de Nova Serrana, aí eu comecei a colar com os rapazinho de Nova Serrana e com os rapazinho de Pará de Minas. Aí os rapazinho maneirão, fechou comigo e tudo, aí passou oito mês, porque com cinco mês eu fiz dois curso lá. Aí depois eu desanimei. Eu falei: "Ah, não quero fazer mais curso não, quero ir embora!"

Passou dois mês eu fui embora, sete mês e dezoito dia. Sete mês e dezoito dia eu fui embora. Fui no fórum, conversar com o juiz. Aí conversei com o cara lá, aí pá... de boa, minha técnica me passou as instrução: 'Fica tranquilo que vai dar tudo certo e pá... Mas você tem que sair e ficar de boa'. Falei: "Não! Vou ficar de boa, vou ficar de boa, to doidinho pra sair, vou mudar de vida pá..."

Aí foi ele e aceitou, assinou o meu alvará. Aí eu fui embora depois de... fui embora com sete, seis mês, fui embora com quarenta... quarenta e poucos dia. Quarenta e poucos dia depois do juizado. Aí eu saí, foi meu irmão, o meu pai e o cara que tinha carteira buscar nós lá em Juiz de Fora, ó lá em BH.

No dia que eu saí, aí já meu irmão e meu pai me abraçando e pá... Nós já foi e já pegou a BR... Chegou lá em casa lá na Pedro Ivo e já tinha um tantão de gente me esperando, um tantão mesmo. Só que aí eu não saia de casa não né, porque eu já colava com os cara do Porto Vitória.

Aí eu saí da cadeia, os três primeiros dias eu nem saia de casa, nem no portão eu coleí. Aí depois eu fui e meti o pé lá pro Porto Vitória de novo, aí eu com o Maraca começou a estralar (vender droga) lá na Botuquara.

Aí eu... mas a droga eu que pegava, tá ligado? Vamo supor que a biqueira era minha, aí eu passava pro Maraca o fardinho, pro Doidinho e pro Cocota. Aí nós três ficava no corre junto, só que o corre era meu, eles ganhava também o deles. Só que nessa boca eu tive que guerrear com o Sandro. O Sandro lá, o Sandro moreninho.

Eu com ele era treta direto, tipo assim nós num ficava dando tiro um pro lado do outro, mas era aquelas conversinha: ‘Oh, ta cortando o corre’; ele lá na frente, porque nós morava na mesma rua, ele lá na frente e eu mais pra baixo.

Eu cheguei a dar tiro no Lu, Luciano. Aquele cara lá na safadeza, nós tinha alugado a casa dele de baixo, né. Eu tava morando lá, aí foi onde os homi invadiu lá, nós tava pra um churrasco noutra lugar. Aí os cara ligou pra nós: ‘Os homi tão invadindo a casa docês aqui’. Eu falei: “Não, to de boa!”

Aí invadiu lá, levou nada não. O Lu foi e pegou o notebook e falou que os homi tinha levado. No outro dia o Lampião chegou ni mim e falou que o Lu tava vendendo o notebook lá no Bar do Paraíba. Aí eu fui e peguei um vinte e doisinho, fui atrás dele. Aí dei dois tiro na reta do pé dele; aí dei dois tiro na reta do pé dele assim, né. Aí ele foi lá e falou: ‘Não, eu vou te devolver’. Foi lá e buscou o notebook e devolveu.

Aí no outro dia, ele tentou me dar facada. Eu sentado lá na praça lá, ele correu atrás de mim com a faca, aí eu fui e corri dele. Aí depois no mesmo dia de noite, eu fui e peguei o 32 cromado, o Maraca com o 32 preto, nós dois foi dar um ataque na casa dele.

Aí só que no mesmo dia que ele tentou me dar uma facada, mais tarde, ele tava andando com uma 380(pistola calibre 380) alemã que rodou lá. Ele tava andando com ela atrás de mim, que os cara tinha emprestado ele. Aí foi, eu já busquei o 32 prata e dei o preto na mão do Maraca. Eu falei: “Ô Maraca!” Aí o Maraca: ‘Não Zé Pequeno, tô com cê, cê ta ligado, eu considero ocê como irmão’. Eu falei: “Então já é, vamo lá”.

Aí foi, eu já dei na mão dele, falei assim: “Oh doidinho você vai na frente e vê a melhor hora do cara lá”. O doidinho foi com o telefone e ficou trocando ideia com nós. Ficou olhando ele e falou: ‘Vem viado, essa é a hora’. Nós já veio de bicicleta, aí eu já falei com o Maraca que ele tava com as duas mão no bolso da brusa. Falei com o Maraca: “Ó, se ele tiver de peça vai ser uma troca feia, porque ele tá de trezentos”. Aí ele virou e falou assim: ‘Não, mas eu to com ocê’. Falei: “Já é!”

Nós chegou numa distância de um poste, eu puxei o cão e já dei um pá, na hora que eu dei um, ele entrou correndo. No que ele entrou correndo eu já falei: “Ele não ta de peça não”. Eu já pulei da bicicleta e fui correndo atrás dele, ele subiu na escada e eu dei mais uma. Aí ele já subiu e quebrou pro lado da cozinha. Ele debaixo da mesa da cozinha assim, eu já cheguei da porta apavorado, eu vou...

cheguei dei um na mesa assim, pegou assim quicou o negócio ainda, porque era aquelas de pedra. Aí já quicou a bala assim, fez até uma faísca doidíssima.

Aí foi ele já entrou pro quarto assim, assim que eu já entrei no quarto, to caçando ele já foi e já ia meter a mão no revólver. Porque ele tava no cantinho da porta. Do jeito que eu entrei eu já virei e dei um, aí foi e pegou na mão dele assim, entrou na mão dele.

Aí foi e acabou as bala do meu revólver. Olhei pra um lado e pro outro e falei: “Nó...” Porque o meu tinha quatro bala e o do Maraca tinha três e ele ficou gritando assim na minha frente: ‘Aí, pelo amor de Deus’ e me olhando. Eu com o revólver apontado pra ele, sem bala.

Aí eu olhando assim: “cadê o Maraca?” Desci correndo as escada, o Maraca tava lá embaixo, com o revólver travado, ele não tinha fechado o tambor direito não. O revólver travou, nem gatilho nem cão, tirei as bala do revólver dele e coloquei no meu. Na época tava rodando as ROTAM, as Choque lá na Botuquara, lembra? Aquelas ROTAM e as Choque...

Aí assim que eu fui subir a escada de novo, eu coloquei duas bala do revólver assim no meu, fui subir as escada de novo, o cara gritou: ‘Aos homi!’. Eu já voltei correndo, já deixei a bicicleta pra trás e saí correndo. Eu com o Maraca já deu o balão e entrou pro meio do mato, os homi passou pertinho de nós e não viu nós. Aí nós não rodou não.

Aí depois eu fui, com esse mesmo revólver, o 32, o prata. Eu dei tiro no Eduardo lá na Botuquara. Eu dei dois aqui nele (região do tórax), porque ele tentou atropelar meu irmão uma vez na porta do baile, de moto. Aí ele foi lá, eu já dei a volta e peguei o trinta e dois carregadinho. Cheguei e já falei com ele: “Você lembra de mim?” Ele falou assim: ‘Eu to caçando o Sandro’. E já dei um pá.

Aí pegou aqui assim (apontando para o tórax), aí fui e dei mais um e começou a sair aquele tanto de sangue assim, ele acelerou a moto, ele saiu de moto e eu correndo atrás dele de bicicleta e ele de moto, cambaleando assim, com os tiro aqui. A bala parou a dois centímetros do coração dele, ele não morreu não. Ficou internado não sei quantos dias. Foi doidera!

Olha pra você ver que doidera, um dia eu meti uma fita lá na... meti uma fita lá na Drogaria... Drogaria Aragão, no Jordânia mesmo lá, fui de bicicletinha, meti a fita lá sozinho, peguei novecentos real. Fui guardei o dinheiro, guardei a bicicleta, guardei o revólver e tudo, fui e liguei pra umas menina, as menina veio, nós foi e

encontrou com as menina, aí pum e foi embora. Nós levou as menina embora. Na hora que nós tava voltando de madrugada, os homi enquadrado nós. Já mandou eu sentar: 'Não, ocê aí!'... Olhando chinelo, olhando roupa, olhando tudo e eu não tava com nada... as foto, eles olhando assim... 'Não, não é ele não, não é ele não. Tá liberado!' Liberou eu... (risos)

No outro dia, eu fui lá, peguei os novecentos real e falei: "O que? Vou comprar tudo em roupa!" Comprei tudo de roupa... Nó, foi a maior doidera esse dia mesmo. Falei: "Nossa Senhora, que sorte!" E eu tava, tipo assim... eu tava com uma bicicleta e depois eu tava com outra. Tava com um chinelo e depois tava com outro. Essa fita não foi de cara limpa, eu tava de toca ninja. Quando saí de toca ninja joguei não sei nem na onde, joguei fora, saí correndo... eu lembro; como é que é? Foi assim mesmo. Joguei fora, nem pá mais não.

Dessas tretas de tiro,tem um aqui da Barra, do Neguinho, que quando eu era de menor, eu dei tiro nele de 40 (pistola ponto 40). Não, acertou não, acertou na bicicleta dele, ele saiu quebrando. Isso foi porque ele fecha com os cara lá de São João, do Bonde 1, esses cara aí. Aí ele tava aí e os cara do Bonde 1 deu tiro no meu primo, o Cintra, deu tiro nele aqui, só que ele não fez BO. Nós não é igual os cara, ta ligado? Nós não faz BO pra correr atrás depois. É, tem que deixar, né. Porque tipo assim, eu penso assim, porque vamos supor, o problema aconteceu, se aconteceu do cara dar tiro e acontecer alguma coisa, então agora nós vai correr, por isso. Porque não, se o cara me deu tiro é porque eu cacei alguma coisa com o cara, então eu não vou correr agora e vamos supor, eu vou, tretô com o cara e depois o cara me dá tiro e eu vou achar ruim ainda? Nós tretou. É a mesma coisa que se eu fosse dar tiro nele.

E deu treta é tiro! Mano a mano é esporte né, mano a mano também rola, né. Mano a mano é esporte, brincar. Eu nunca tomei tiro não. Se der um tiro eu estico aqui que nem uma bala, pra trás. Se eu ver o bico do revólver eu falo procê sem zoeira, o polícia pra chegar me enquadrando, ele não vem com a peça não, o que é mais fácil é falar assim: 'Encosta Zé Pequeno!' Que aí eu encosto. Porque se chegar e arrancar a peça pra mim eu vou bicudar a perna dele... É pavor meu filho, é tipo assim... Já teve um monte de treta, um monte de guerra, as coisas assim, se eu ver o bico do revólver assim...

Não sei se tem alguém querendo me pegar hoje; acho que não né, tipo assim, a gente, você sabe como é que é né. Nós acha que morre né, mas do mesmo jeito

nóis leva o pensamento do jeito dos outros. Não pode achar não que tá tranquilo, tá tranquilo. Na hora que você acha que tá tranquilo, não tá. Por isso que eu falo com você, eu saio de boa mesmo, eu tô ficando mais na minha mesmo. Pra você ver, é difícil até me achar eu. Mas eu mesmo, sozinho mesmo, quando não to com a minha mulher, tô sozinho; só mesmo de vez em quando que é ruim a gente fica andando pro lado e pro outro. Eu tô caçando um barraco pra mim, pra ficar sossegado, porque ta ruim, ficar sem barraco é ruim pra caramba.

Falando dessas fitas e dos homicídios eu só fiquei preso por causa do diretor mesmo. Naquele dia uai, ele na hora do recreio, eu tava com a tesoura, que eu tinha levado pra aula de artes, na hora do recreio, ele foi e veio me tomar a caixinha de som. Ele virou e falou assim: 'Me dá isso aqui Zé Pequeno'. Ele gostava de gritar, ele gostava de pagar de cabulosinho. Aí ele foi e já disse: 'me dá isso aqui'. Na hora que ele esticou a mão, eu já tirei a tesoura do bolso. Aí foi muito rápido assim, eu era muito novinho também. Nossa Senhora foi a maior doideira.

Aí eu saí correndo, aquele tanto de sangue ni mim, que eu vi né. Falei assim: "Nossa Senhora, quê que eu fiz?" Já saí correndo e já entrei na secretaria, tem uma janelinha pequenininha já pulei pra fora da escola. Eu saí correndo dali, corri muito, sem parar. Uai, dali eu já sumi. Porque sério mesmo, eu sou um cara assim, também dou trabalho só quando bebo golo.

É, dou trabalho só quando bebo golo. Porque pro resto eu sou de boa na minha. Já passei por muita coisa, tá ligado? Já sei o que vai acontecer no final. Aí a gente tem mais cabeça de pensar. Mas quando você tá de golo, Nossa Senhora? você fica mais corajoso...Na hora que você, quer ver? Teve um dia que os homi postou uma foto minha no face aqui, de Barra. Eu na DTzinha velha, branquinha, eles colocando: 'procura-se moto não identificada'. Eu passando lá na praça, deitando na moto, eu com o cigarrinho na boca. Eu passei tipo: "ó Nossa Senhora!"

Teve um dia também que eles prendeu meu carro também. Eu tinha um Versailles 2.0. Aí eu tinha apanhado e fiquei com o carro três, duas semanas. O carro tirei da oficina o carro em um dia, no outro dia perdi o carro. Nesse dia eu corri... Eles vieram atrás de mim, Versalhão, já botei pra cantar de segunda, de terceira, o bichão já esticando... A viatura é 1.8 o Palio Weekend, aí o Versailles é 2.0, aí eu já deixei foi lá pra trás e o bichão esticando (risos). Fui fazer graça pros outros, quer fazer gracinha.

Taquei segunda e reduzi, tinha um morro, entrei lá pro lado do morro, já entrei. Aí subi pra cima, aí foi ele jogou a viatura na frente, no que ele jogou a viatura na frente, eu fui e já meti a ré no carro, o carro já virou pra baixo. A viatura tava assim e o meu assim. Só que o carro foi e ferveu o motor. Deu sorte que tava com o radiador furado, senão dali eu já ia pegar pra baixo até ele montar na viatura. Porque ele tinha descido 'Para! Para!.' E pra ele entrar no carro de novo, eu já tinha saído quebrando. Aí só que eu tava fazendo nada não, tá ligado? Tinha parado o carro e tava de boa. Aí porra...

Sobre o meu irmão, olha o quê que pega, o meu irmão ralava de boa. Um dia ele foi pra comprar uma bicicleta do irmão do Maraca lá na casa do Maraca. O Sandro, foi pra comprar uma bicicleta lá, uma verde que ele tinha. Assim que meu irmão chegou pra comprar a bicicleta eu tava por fora, eu e o Maraca tinha combinado de picar as drogas. Só que eu não tinha pegado pra eu ir picar. O Maraca foi picar umas, porque tinha acabado as dele. Ele picando na casa dele, o meu irmão chegou pra chamar o irmão dele. Os homi foi lá e pegou ele, pegou o Maraca na casa dele cheio de droga, meu irmão na casa do Maraca, entendeu? Ele lá na varandinha.

Aí, eu saí do fórum e fiquei sabendo: 'Seu irmão rodou!' Aí eu já corri atrás do advogado na hora, já fui lá na Angélica, já dei um dinheiro ela, já fui na Delegacia. Já dei tanto pro Habeas Corpus, já dei mais dinheiro dela. Ela foi e pediu o Habeas Corpus dele e foi aceito, com sete dias ele saiu. Aí ele tava respondendo na rua, mais sete dias na rua e morreu... Morreu por causa de treta nossa do Porto Vitória com Pedro Ivo, meu irmão morava na Pedro Ivo né, aí o Mauricio Gonçalves, o Grande e o Paulista, tava os três, eles foi e matou o meu irmão, porque ele falou que... porque eu era do Porto, que eu fechava com o Porto, que ele tava passando o caminho pra nós dar ataque lá, coisa nada a ver.

Meu irmão morreu de bobeira, sem zoeira, isso que é mais ruim. Se fosse eu, ficava de boa, que eu era o trabalhadeira. O meu irmão era aquele de boa e eu era o que dava trabalho, entendeu? O meu irmão teve uma época aí que ele mexeu com droga, mas ele era na dele. Morava ele, a mulher dele e a filha dele. E ele trabalhava, nesse dia ele tava indo ainda que ele ia pegar um bico de garçom ainda. Ele tava voltando pra arrumar, foi e aconteceu isso com ele.

Uai, na hora ainda eu tava no corre na pracinha da Botuquara ainda. Eu sentado e meu pai já me ligou, já me gritou: 'O Zé Pequeno, corre aqui'. Já vim

correndo e o meu pai falou: 'Corre lá que seu irmão tomou um tiro no peito lá na Pedro Ivo'. Na mesma hora eu já voltei correndo. Eu já ia buscar um vinte e dois que eu tinha, tá ligado? Na esquina assim, no meio do mato, pertinho. Eu ia buscar o vinte e dois e a viatura já apontou.

Aí eu já quebrando e falei: "Não Maraca, vamo embora, vamo embora..." Saiu eu, o Maraca... saiu um montão. Credo! Nós lá, assim que eu passei aponte, a viatura me enquadrô. 'Você que deu tiro lá?' Porque lá era... também.

Depois assim que eu cheguei na linha, as motinha me enquadrô, achando que eu tinha dado tiro lá na Pedro Ivo. Aí eles foi e liberou. Eu já cheguei assim que aponte que eu já vi... cheguei lá já e vi aquele tantão de gente, falei: "Nossa Senhora! Será que é meu irmão mesmo? Será? Tomara que não seja". Eu imaginava dele tá vivo. Na hora que eu cheguei lá, o bichão estiradão no chão mesmo, sem vida. Falei: "Nó, fudeu!"

Aí já olhei e falei: "Nó! Na hora que a minha mãe ver isso vai ficar doida". Chorei pra caralho. Aí foi, chegou minha mãe, meu pai, mulher dele. Aí Nossa Senhora, virou aquela confusão danada. E o Paulista, só o Paulista que rodou nesse dia aí. Aí o Paulista rodou na casa dele. Aí no dia tava tendo o velório do lado e o Paulista do outro, na Delegacia. E eu tava querendo tentar lá naquela Delegacia atrás dele, Nossa Senhora! Esse cara é doido demais.

Agora eles tá enfraquecido, a Pedro Ivo acabou, aquilo lá... Sempre foi acabado né? Só que teve uns que quis achar que era... Deu mole, se deram mal. Vou falar que... Sério mesmo, por ser menor no tráfico acho que já rodei umas dez vezes, eu com o Maraca. Eu rodava era quase toda semana, quase todo dia mesmo, eu com o Maraca, direto cada um. Mas eu só fiquei preso mesmo na tentativa contra o professor. A primeira vez eu fui e só fiquei quatorze dias e saí e a outra foi de mandato. E recente teve a Maria da Penha que eu fiquei quarenta e seis dias e essa Direção Perigosa agora que eu fiquei três mês e acho que oito dias. Um negócio assim, três mês e uns oito dias. Foi isso mesmo.

Na escola eu consegui passar porque foi lá no... lá em BH lá. Eu fiz o curso, o negócio lá é EJA. Acho que era dois ou três mês, rapidinho passava o ano, era assim. Aí eu fui e parei no segundo. Eu já passei no Espaço Criativo, no João de Deus, FAETEC, CIEP, tem mais. Aquela lá do Centro, o Maria Beralda... Na escola eu aprontava pra caralho, Nossa Senhora! Dava trabalho, só que antes era mais de

boa né, antes não tinha aquela maldade de dar trabalho desse jeito não, mas ficava com aquele medo ainda. Dava trabalho.

Era muita conversação, não copiava, era difícil, mas quando eu pegava pra fazer as coisa eu fazia. Quando eu pegava pra fazer eu fazia. Copiava, fazia trabalho. Depois que eu dei tesourada no cara da escola, nenhuma escola queria me aceitar mais não. Pro João de Deus (escola) me aceitar, minha mãe teve lá, no horário que eu fosse estudar. Aí minha mãe tava trabalhando pra mim estudar nos últimos tempo que eu tinha saído das últimas vezes lá, quando era de menor. Era assim, minha mãe tinha que trabalhar pra mim estudar, eu não podia estudar sem a minha mãe tá na escola não.

Na minha infância, meu pai e minha mãe sempre deu uma condição boa pra nós, nunca deixou faltar nada não. Sempre me deu tênis, roupa, tudo, comida do bom. Sempre nós teve as coisa, tablet, celular desde pequeno. Mas eu mesmo envolvi assim, igual te falei, meu pai rodou quando eu era pequenininho, eu vi aquilo lá. Aí depois dali pra frente eu já não era o mesmo. Antes meu pai mexia com as drogas dentro de casa...Eu era pequenininho, mas com oito anos já sabe como é que é e o quê que é o que. Sabia o que era.

Aí com nove anos também, eu vendo aquilo ali, meu pai foi preso, na hora que ele saiu eu era molequinho ainda. Depois que eu comecei a envolver mesmo. Aí já era, já fui embalado, aconteceu uma coisa atrás da outra. Comecei a me envolver foi pro lado de cá, em Juiz de Fora eu não envolvi em nada não. Lá pra Juiz de Fora, tipo assim, eu não arrumava porque só vou mesmo pra ficar de boa, tá ligado? Porque lá é um lugar que você não pode brincar, não pode caçar um caô, porque lá é muita morte. Aí se você der mole, você tá ligado né? Lá é fácil. Porque lá é muitas guerra. Aqui não, em Barra, São João del-Rei já é mais fuleragem, porque o crime não é daquele jeito não. Se você ver lugar pra fora aí, nego é isso, é isso. Todo mundo vai fechar. Olha isso aí pra você ver, é mal, mal uns dois e o resto sai correndo.

Depois da primeira vez eu fumei muito e viquei. Agora eu fumo mais razoável, mas antes era meio desembalado mesmo assim. Vamos supor, fumava era pra fazer graça mesmo. Acendia um baseado só pra nego ver que eu tava fumando o bagulho... Aí na rua, andando e fumando só pra curtir...

Foi, depois que eu... porque foi pelo bagulho, porque eu conheci os cara lá, assim da primeira vez os cara me colocaram no corre; comecei a colar todo dia pra

eu fumar um baseadinho com eles né. Pegar amizade primeiro. Pra fumar não faltava não, isso aí tinha toda hora. Eu saía pra vender pra ganhar dinheiro, gastar. Era só whisky caro, whisky de cento e tanto... Nossa Senhora ou época que zoei...

Eu sempre fui um cara mais tranquilão, eu sempre fui meio lento, tá ligado? Porque tipo assim eu sou muito, bom eu gosto de ficar na minha, eu brinco com um, com outro, mas eu brinco mais com quem eu tenho intimidade. Ainda mais agora, dessa vez que eu saí agora nem troco ideia muito com os cara não, eu saí do bolo. Os cara veio falando que é tira onda, não é não. Troco ideia assim, gosto de conversar é pouco, tranquilo, tranquilo, vamos chegar aí. É. Porque na hora que você tá lá, ninguém te dá uma bala, ninguém te dá nada... Na hora da putaria todo mundo é amigo, na hora do sofrimento quem fecha é só família.

O meu sonho? Nossa Senhora! Sério mesmo, um sonho mesmo, deixa eu te falar procê, depois que meu irmão morreu nunca mais eu pensei nisso, sonho de futuro assim. É sério mesmo, meu sonho mesmo é morar numa fazenda, é ter uma fazenda maneira, ficar tranquilão mesmo. Você todo dia acordar ali e ser, ali ser seu ganha pão. Tudo seu mesmo, você acorda todo dia e fuma um bagulho assim e você fuma um bagulho e vai lá tira um leite, ter bicho um tantão mesmo, cavalo e essas coisa. Ganhar dinheiro nos negócio, os negócio dá dinheiro.

Vendendo cavalo, comprando boi...Trocando um no outro e pegando volta. Aí sim é maneiro. Meu sonho é ter uma fazenda, ficar tranquilão eu, minha mulher, ter um filho assim, igual eu tenho a minha filha, quero ter mais filho. É deixar igual o "Mister Catra", uma família pra trás.

A minha menina. Vai fazer três anos. Eu nem sei pra onde ela tá morando com a mãe dela. A mãe dela sumiu com ela, tipo assim nós já tamo no Juiz. Eu tenho que pagar pensão, duzentos e pouco, tá ligado? Só que ela não me mandou o número de conta. Sumiu com a menina, aí não tem como eu mandar nem dinheiro nem nada não. Nem a menina eu vejo não. Deve ter um ano e pouco que eu não vejo minha filha.

Saudade você tá ligado né bate, mas aquele negócio um dia ou outro nós tromba. O mundo é pequeno, um dia ou outro... Ela no registro lá tem o meu nome, no nome dela, ela tem meu sobrenome, até do mesmo nome que eu, então Silva, vai tirar Silvada onde? Qual que é outro Silva?

Porque filho é foda, antes quando eu tive filho assim mesmo, eu era molecão. Tava nem aí não, queria saber só de zoar, agora que... criando um bocadinho de

cabeça, aos pouco né, mais ou menos também... começa já opa isso aqui não ta dando certo pra mim não, opa isso ta ruim. É ocê é doido.

A vida na cadeia é a mesma rotina. Eu acho que lá alimenta muita a neurose de muita gente, tipo você vê nêgo que tipo assim eu tenho muita gente que não vou falar não. Não é querendo passar pano não, tem nêgo que roda no tráfico mesmo. Aí tem nêgo que roda muito é gaiato, é muito, é nêgo pagando BO dos outros. Pra você ver é nêgo desembolado nó... e sabe quem é o cara que fez aquilo, agora como que eu chego lá no juiz e cagueto? O cara não cagueta, fica de boa. Enquanto tiver... cadeia dos outros. Vai lá e o cara paga pro camarada lá, rodou lá... Pá Pá, os homi jogou em cima de mim e falou que era eu, e já era o cara tá lá tem um ano e pouco, o cara ficou bolado.

Agora quem já ta lá pagando cadeia... já fala: 'Me dei mal, rodei. Dei mole'. Mas agora que eu saí, vou tentar ao menos um servicinho... ficar de boa, morar com a mulher, tentar algum barraquinho, sem confusão com a mulher.

Não sei o que eu fiz pra esses polícia me conhecer tanto. É que eu já rodei muito no tráfico quando eu era de menor. Eu tinha uma casa ali, não sei se eles já te falou, eu tinha uma casa ali em frente o campo ali. Uma vez eu rodei com noventa e sete pó. Uma vez eu rodei com cinquenta pó. Foi um montão de vez, direto, eles pulava ali.

Agora eu tenho mais pavor de rodar, cê é doido. Agora é, cê é doido, quando aparece um pó assim, um bagulho na sua frente, você fica assim: "Que? Cê é doido?" Sai andando assim... Sem zoeira se eles vão com baseado, eu falo assim: "Acende isso aí, acende isso aí, se os homi chegar aí, pelo menos já queimou". Porque senão é foda.

Pra conseguir arma, em qualquer lugar, isso aí em qualquer lugar que você perguntar, sair perguntando: "Tem arma pra vender não?" Qualquer um, quem você menos imagina te arruma um, um revólver. Qualquer lugar mesmo. Isso aí é igual bala mesmo... Você acha toda hora, até nos precinhos mais baratos. Um oitão ultimamente ta sendo dois e quinhentos, né. Uma arminha tá dois e quinhentos. A "Glockada" ta doze mil, com mira a laser. "Glock" é boa. A ".40" também, uns quatro a cinco mil você acha uma ".40" boa aí, boa mesmo. A "380" de última geração, aquela 2018, aquelas colorida, quatro ou cinco mil você pega...

No corre, eu com o Maraca nós pegava era os caroço (pedra maior de crack). Eu falava pra ele, se nós ficasse pegando muita droga eu com ele nós juntava

dinheiro. Porque vamos supor eu falava tenho cinco mil e ele três, nós vai dar o cara lá pra pegar mais ainda, o dobro e dois mil nós fica mil pra mim e mil procê. Aí chegava lá e pegava o dobro de droga e fazia dez mil e depois meitava...

Pra picar é só na gilete mesmo rapidinho, já pica os quadradinho e a gente coloca nos saquinho e dá os nozinho rapidão. Isso é coisa de quinze minutos, vinte minutos. Aí você vai e moca (esconde), aí você moca. Tem nego tipo assim, igual lá eu com o Maraca ficava só na beira do rio, porque se vim nós jogava tudo pra dentro do rio, pulava junto. E nós já ficava na beira do rio, tinha como não. Nós ia pro meio daquele morrinho, tinha uma cabaninha lá, nós entrava na cabaninha e enterrava o que era nosso, ai nós ficava picando na beira do rio e olhando e de noite observava se apontava algum farol da rua...

E noiado nesse mundo é o que mais tem, hoje em dia tá tendo mais traficante que noiado. É sem zoeira. Os cara hoje em dia não pensa em vender droga pra ter vida boa não. Os cara quer vender droga pra aparecer, pra aparecer... não sabe nem gastar um dinheiro. É pra ostentar.